

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**LOYDE ANNE CARREIRO SILVA VERAS**

**MEMÓRIAS DA TERRA DE BEULÁ:  
A CONSTRUÇÃO DE UMA VIDA E PRODUÇÃO DE UM LUGAR NAS  
AUTOBIOGRAFIAS DE EVA MILLS**

**Curitiba  
2017**

**LOYDE ANNE CARREIRO SILVA VERAS**

**MEMÓRIAS DA TERRA DE BEULÁ: A CONSTRUÇÃO DE UMA VIDA E  
PRODUÇÃO DE UM LUGAR NAS AUTOBIOGRAFIAS DE EVA MILLS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Evelyn de Almeida Orlando

**Curitiba  
2017**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema

V476m Veras, Loyde Anne Carreiro Silva  
2017 Memórias da terra de Beulá : a construção de uma vida e produção de um lugar nas autobiografias de Eva Mills / Loyde Anne Carreiro Silva Veras ; orientadora: Evelyn de Almeida Orlando. – 2017.  
192 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017  
Bibliografia: f. 184-192

1. Mills, Eva Yarwood, 1903-1987. 2. Educação protestante. 3. Memória. 4. Autobiografias. 5. Relações de gênero. I. Orlando, Evelyn de Almeida. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD. 20. ed. 377

Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 829**  
**DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

**Loyde Anne Carreiro Silva Veras**

Aos seis dias do mês de novembro do ano de dois mil e dezessete, reuniu-se às 14h, na Sala Pós - 3 (2.º Andar), da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Chrystina Venancio Mignot e Prof. Dr. Peri Mesquida para examinar a Dissertação da candidata **Loyde Anne Carreiro Silva Veras**, ano de ingresso 2016, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa "História e Políticas da Educação". A aluna apresentou a dissertação intitulada "MEMÓRIAS DA TERRA DE BEULÁ: A CONSTRUÇÃO DE UMA VIDA E PRODUÇÃO DE UM LUGAR NAS AUTOBIOGRAFIAS DE EVA MILLS", que, após a defesa foi aprovada pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 15:45h. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: A banca resalta a qualidade do texto, a riqueza documental, a contribuição para a historiografia da educação e sugere sua publicação sob a forma de livro

Presidente:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando

Convidado Externo:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Chrystina Venancio Mignot

Convidado Interno:

Prof. Dr. Peri Mesquida

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Lupion Torres**

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação



Aos meus pais,  
Hudson e Raimundinha.

## AO FIM DO DIA

*Ao fim do dia, podemos aguentar muito  
mais do que pensamos que podemos.*  
Frida Kahlo

*As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.  
Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.*  
Memória, Carlos Drumond de Andrade

*Ao fim do dia*, nestas últimas frases escritas  
É hora de agradecer, reconhecer, quase em oração  
Pelas memórias construídas, pela vida vivida  
Pelas *coisas findas*, [que] *muito mais que lindas, ficarão*.

A Deus, pela vida, pela família, pelo caminhar.  
Pela alegria de estudar, de pesquisar, de academiariar.  
Aprendi na História e nas histórias dessa vida,  
Que é mais que um privilégio participar desta vida.  
E é assim que me sinto, de fato rejubilada.  
É um sonho realizado. É uma etapa conquistada.  
Neste trajeto: familiares e amigos, novos e antigos  
Não estive só. Nunca de fato estive.  
Por eles agradeço. A todos reconheço. A vocês ofereço.

Aos meus pequenos, que em dois anos, como cresceram!  
Lídia Zahir, minha menina, já sabe ler e escrever!?  
Enquanto eu descobria o mundo da História da Educação,  
Ela conquistou o mundo das letras com extrema dedicação. Quanto orgulho de você!  
João Lucas, meu menino, era só um bebezinho e mal sabia falar,  
Agora, já é uma “criança grande” e temos um quatro a festejar.

A Rogério, meu amigo, meu marido. Você dividiu comigo este caminhar.  
Sua parceria, paciência e seus abraços me ajudaram a realizar.  
A meu pai e minha mãe, exemplos eternos e constantes,  
Quão bom é tê-los tão perto, ainda que tão distantes.

A Valdson e Alynne, em vocês a tradução da família.  
O maninho querido, a cunhada descolada. Os tios dedicados para nossa alegria.  
A Silêda, minha tia, extensão desse aconchego que vem lá do Maranhão  
Em sua casa o abraço apertado foi sempre certo e com paixão.  
Obrigada por suas histórias, pelo apoio e por tanta inspiração.

À Evelyn, querida, você me ensinou uma vida inteira!  
Não só sobre a História Cultural, Impresses ou Intelectuais,  
Ou mesmo a lidar com as táticas ou estratégias deste campo – sem iguais.  
Com você descobri que a academia pode ser uma amizade que emana

E que socorrer à meia noite é uma possibilidade bem humana.  
Professora, orientadora... é de fato uma educadora.

Às meninas do GEHED, nosso Grupo de Pesquisa.  
Comigo cá entraram a Joana e a Karina  
E estas mais que amigas, parceria nas conquistas.  
A Mara já estava, com a Henllynger, primogênitãs.  
Outras tantas têm entrado, outros tantos são bem-vindos  
Mas por ora só o Lucas é o piá investindo.  
Neste Grupo, não há dúvida, são as gurias que mandam:  
Por aqui ainda tem Camila, Neli, Bárbara, Laís,  
Também tem Carmem, Karol, Cassiana e Elisa.  
Sei que por tempos foram outros e que por ora somos nós  
Mas a lição aprendida é que no caminhar de uma pesquisa,  
Nunca, nunca estamos sós.

À Elizânia, pela amizade e parceria na pesquisa.  
À família de Eva Mills: George, Davina e James Doepp:  
Obrigada por partilhar os tesouros desta história.  
A D. Lenir, Zélia Reis, Seu Duca, Carlos Stoner, Carol Derstine,  
Ex-alunos e amigos de Eva Mills, por compartilharem (em) sua memória.

Peri, professor, não posso de você esquecer, que a tudo acompanhou,  
A mim e à pesquisa, foi um incentivador.  
Rosa Lydia, professora, obrigada pelo estímulo e pela aposta tão querida.  
Ana Chrystina, sua presença por certo é um prazer,  
Acho que fiquei menos ansiosa com a defesa que em lhe conhecer.

Às muitas outras pessoas que participaram desta caminhada  
Me ajudando a construir, nesta dura, mas mui feliz jornada.  
De longe, muito longe, lá estiveram:  
Raydson, Karyna e minhas meninas Letícia e Giulia; o GF e a ICE de São Luís;  
D. Celeste e S. Veras; Roxana, Caleb e Eloah (sobrinha que ainda nem conheci!).  
Thiago e Shis, Áurea, ... meu Deus, quantos amigos no coração,  
Naquele grande Maranhão.

A esta fria Curitiba, que tão calorosamente nos acolheu,  
Também a deixo registrada nestes malfeitos versos meus.  
Obrigada pelos novos amigos e por tanta aprendizagem  
Novas e ricas experiências nesta linda passagem.

E, finalmente, à CAPES, por sua participação.  
Que nosso país persista a investir em pesquisa e em Educação.

*Agora,  
do ponto de vista privilegiado da Terra de Beulá,  
eu olho para trás, para a trilha da selva da vida  
e vejo muito mais claramente todo o caminho  
pelo qual o Senhor me conduziu.*

Eva Mills

VERAS, Loyde Anne Carreiro Silva. *Memórias da Terra de Beulá: a construção de uma vida e produção de um lugar nas autobiografias de Eva Mills*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Escola de Educação e Humanidades. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba, 2017.

## RESUMO

Este trabalho é sobre a vida e as obras de Eva Yarwood Mills (1903-1987), uma inglesa que viveu e trabalhou no Norte e Nordeste do Brasil durante os anos de 1928 a 1959 como missionária e professora no contexto de difusão do protestantismo nestas regiões do país. Eva Mills registrou esse tempo no Brasil em três livros autobiográficos: o 8:28 (MILLS, 1976), *Em Lugar do Espinheiro* (MILLS, 1982[?]) e *Stories from Parakeet Country* (MILLS, 1986[?]). Interessou-me questionar o que as autobiografias de Eva Mills revelam sobre as vivências, práticas e sentidos de uma cultura educacional e religiosa vivenciadas no interior do Brasil do século XX. A partir das representações e autorrepresentações postuladas em seus livros, busquei identificar e compreender a personagem e o campo onde ela e seus livros se inserem, com uma proposta de análise que aborda as autobiografias como fonte e objeto para a historiografia da Educação. Neste percurso metodológico, os livros de Eva Mills foram confrontados com o acervo particular da autora, composto por outros escritos autobiográficos, com relatos orais de pessoas que conviveram à época das escolas de Eva Mills, assim como outras formas de registros memorialísticos, como livros e documentos institucionais. Eva Mills publicou três livros aparentemente distintos, com estilos de narrativas e públicos leitores diferenciados, conquanto, ao questionar o campo de escrita e publicação destes livros, bem como a construção identitária da autora-narradora-personagem, identifiquei elementos que se somaram na produção de um único projeto autobiográfico. A partir deste projeto autobiográfico, foi possível desvelar traços de uma organicidade cultural educacional e religiosa gestada, especialmente, no sertão maranhense da primeira metade do século XX. Também foi possível mergulhar nas representações sobre as relações de gênero e as táticas de ação feminina no processo de difusão do protestantismo nesta região do Brasil a partir dos escritos de Eva Mills.

**Palavras-chave:** Autobiografia. Educação Protestante. Identidade. Memória. Relações de gênero.

## ABSTRACT

This work is about the life and works of Eva Yarwood Mills (1903-1987), an Englishwoman who lived and worked in North and Northeast of Brazil during the years 1928 through 1959 as a missionary and teacher in the context of the spreading of Protestantism in these regions of the country. Eva Mills recorded this time in Brazil in three autobiographical books: 8:28 (MILLS, 1976), *Em Lugar do Espinheiro* (MILLS, 1982 [?]) and *Stories from Parakeet Country* (MILLS, 1986 [?]). The purpose is to question what Eva Mills' autobiographies reveal about the experiences, practices and meanings of an educational and religious culture experienced in the interior of Brazil of the twentieth century. From the representations and self-representations postulated in her books, seeking to understand the character and field where she and her books are inserted, with a proposal of analysis that approaches the autobiographies as a source and object for the historiography of Education. In this methodological path, Eva Mills' books were confronted with the author's private archive, oral reports and other forms of memorial records, institutional books and documents. Eva Mills has published three seemingly distinct books, with narrative styles and public readers differentiated. When questioning the field of writing and publication of these books, and the identity construction of the author-narrator-character, elements that produced a single autobiographical project were identified. From this autobiographical project, it was possible to unveil traces of an educational and religious cultural organicity in the Maranhão backlands of the first half of the twentieth century, as well as discuss representations about gender relations and women's action tactics in the process of expansion of Protestantism in Brazil from the writings of Eva Mills.

**Keywords:** Autobiography. Protestant Education. Identity. Memory. Gender relations.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Eva Yarwood Mills, no Calvary Fellowship Homes, Lancaster-PA, Estados Unidos. ....	28
Figura 2: Eva Mills e o pastor Abdoral Silva, seu ex-aluno, quando nos Estados Unidos em 1966.....	35
Figura 3: Imagem de capa do livro 8:28.....	42
Figura 4: Mapa-múndi com destaque para a circulação de Eva Mills entre continentes.....	51
Figura 5: Mapa que destaca as cidades e regiões por onde Eva Mills circulou no Brasil. ....	52
Figura 6: Cartão postal “Jangadas – Brasil”.....	53
Figura 7: A vida missionária entre os ribeirinhos.....	55
Figura 8: A vida sertaneja .....	56
Figura 9: “Experiências na selva”.....	57
Figura 10: Capa do livro <i>Em lugar do Espinheiro</i> .....	60
Figura 11: “Naquela noite dormimos numa palhoça tal como esta, onde achamos outros prontos pra dormir”.....	65
Figura 12: “Quem está pronto a levar as boas novas do evangelho ao povo de vilazinhas como esta?” .....	66
Figura 13: Missionários trabalhando junto a indígenas no Maranhão.....	69
Figura 14: “Perrin Smith e esposa Ana no ano de 1941”.....	71
Figura 15: Modelos de Embaixadores de Cristo 1.....	72
Figura 16: Modelos de Embaixadores de Cristo 2.....	73
Figura 17: Imagem de capa do livro <i>Stories from Parakeet Country</i> .....	76
Figura 18: “Bem longe de casa” .....	83
Figura 19: Construção do templo em Imperatriz-MA .....	105
Figura 20: “Dona Florgência (esquerda) + 3 crianças, Deuzinha (direita). Tirada em frente à sala de reuniões” .....	106
Figura 21: “Eva (Yarwood) Mills, Anna Davina (Mills) Doepp e David Mills”.....	114
Figura 22: Representação de aluna cozinhando em “grandes panelas de ferro, sustentadas por três rochas sobre madeiras em chama” .....	120
Figura 23: Tabernáculo no Sítio Maranata, antigas dependências do Instituto Bíblico do Maranhão.....	134
Figura 24: Fotografia de Eva Mills em álbum do arquivo familiar do Pastor Abdoral F. da Silva. ....	139
Figura 25: Representação da vovó Lã em <i>Stories from Parakeet Country</i> .....	168

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

ABHR –	Associação Brasileira de História da Religião
AICEB –	Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Brasil
AIE –	Aliança das Igrejas Evangélicas
ANPUH –	Associação Nacional de História
BFBS –	British and Foreign Bible Society Sociedade
Biograf –	Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica
CBHE –	Congressos de História da Educação
CEM –	Cruzada de Evangelização Mundial
CIPAs –	Congressos Internacionais de Pesquisas (Auto)biográficas
CNPQ –	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CTBCH –	Centro de Treinamento Bíblico Carlos Harrison
EMQ –	Evangelical Missions Quarterly
GMF –	German Mission Fellowship
HAM –	Heart of Amazonia Mission
MEIB –	Missão Evangélica aos Índios do Brasil
MICEB –	Missão Cristã Evangélica do Brasil
Miss. –	Missionário ou missionária
Pr. –	Pastor
SAM –	Swiss Alliance Mission
SAMS –	South American Missionary Society
UFM –	Unevangelized Fields Mission
WEC –	World Evangelization Crusade



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. REVISITANDO O PASSADO: TRÊS LIVROS, TRÊS PROPOSTAS, UMA ÚNICA VIDA NARRADA.....</b>	<b>27</b>
1.1. 8:28: UMA “NARRATIVA RETROSPECTIVA EM PROSA” .....	41
1.2. <i>EM LUGAR DO ESPINHEIRO</i> : UMA PRESENÇA ENTRE PIONEIROS .....	59
1.3. <i>HISTÓRIAS DO PAÍS DOS PERIQUITOS</i> : A VIDA COMO ELA É .....	74
<b>2. A HISTÓRIA NARRADA EM “TERRAS SELVAGENS E DESCONHECIDAS DO NORTE DO BRASIL” .....</b>	<b>88</b>
2.1. UMA VIDA CONSTRUÍDA NA EDUCAÇÃO .....	103
2.2. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UMA MEMÓRIA E DE UM LUGAR NO GRUPO .....	135
<b>3. AS MULHERES NA DIFUSÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL.....</b>	<b>145</b>
3.1. MULHERES EM FOCO: A PRODUÇÃO DE UM LUGAR NESSA HISTÓRIA A PARTIR DA PUBLICAÇÃO DE AUTOBIOGRAFIAS .....	157
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: MEMÓRIAS DA TERRA DE BEULÁ .....</b>	<b>178</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>185</b>

## INTRODUÇÃO

*Vale a pena, para compreender a razão das obras, expormo-nos a quebrar seu encanto? E, além do prazer, sempre um tanto lento, de saber do que se trata, o que ganhamos com essa análise histórica do que quer ser vivido como uma experiência absoluta, estranha às contingências de uma gênese histórica?*

Pierre Boudieu

Nesta dissertação, analiso a vida e as obras de Eva Yarwood Mills (1903-1987), uma inglesa que viveu e trabalhou no Norte e Nordeste do Brasil durante os anos de 1928 a 1959 como missionária e professora no contexto de difusão do protestantismo nestas regiões do país<sup>1</sup>. Eva Mills registrou este tempo no Brasil em três livros autobiográficos: o *8:28* (MILLS, 1976), *Em Lugar do Espinheiro* (MILLS, 1982[?]) e *Stories from Parakeet Country* (MILLS, 1986[?]).

Interessou-me questionar o que as autobiografias de Eva Mills revelam sobre as vivências, práticas e sentidos de uma cultura educacional e religiosa vivenciadas no interior do Brasil do século XX. A partir das representações e autorrepresentações postuladas em seus livros, busquei identificar e compreender a personagem e o campo onde ela e seus livros se inserem, com uma proposta de análise que aborda as autobiografias como fonte e objeto para a historiografia da Educação.

Meu primeiro contato com Eva Mills foi quando criança, nas rodas de conversa em torno da mesa. Era durante as refeições, em especial durante o cafezinho da tarde, que meus avós nos contavam suas próprias histórias, lembranças de uma juventude vivida no sertão maranhense do início do século XX. *Dona Iva*, como era chamada, teve lugar especial na memória desses dois sertanejos que a conheceram ainda na infância, como professora, missionária e mãe.

Foi na biblioteca familiar que manuseei pela primeira vez os livros *Em Lugar do Espinheiro* e *História do País dos Periquitos*<sup>2</sup>, ambos de autoria de Eva Mills. Lembro de tê-los lido com a perspicácia da infância em busca de conhecer um pouco mais dos avós e desses tempos aventureiros, pelo menos para mim. Neles fui conduzida no tempo e no espaço a conhecer ambientes rústicos, desprovidos das facilidades da vida moderna, e quase pude sentir

---

<sup>1</sup> Esta é uma pesquisa gestada no âmbito do projeto “Educação, Gênero e Cristianismo: circulação, representação, formação e práticas femininas em cenário religioso e educativo”, sob coordenação da profa. Dra. Evelyn de Almeida Orlando e financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ.

<sup>2</sup> Uma cópia em português traduzida sob encomenda de Lenir Lopes Bezerra do livro *Stories from Parakeet Country* (MILLS, 1986[?]).

o cheiro do tempo de antigamente. Também fui apresentada a algumas crianças e jovens que, a esta altura, eu procuraria reconhecer em faces já idosas, como meus próprios avós. Talvez estes livros tenham cumprido seu papel. O tempo, as pessoas, as representações, a memória... nada era por acaso.

Quase trinta anos depois reencontro estes livros em meio a um desmonte de arquivo familiar. Uma força-tarefa fora organizada para “dar um jeito” em um acervo tão bem-querido, construído e colecionado por toda uma vida. Meus avós não estavam mais ali e aquele momento foi, para todos os envolvidos, um reencontro com memórias que eram nossas também. Não consigo dizer que foi um tempo triste. Não foi. Foi um tempo de reencontro.

Entre fotografias desgastadas, documentos e papéis amarelados, estavam os livros de Eva Mills, ainda em bom estado. Reli-os. Confesso que a expectativa era reviver a mesma experiência outrora vivida, “mas lembrar não é reviver”, já disse Ecléa Bosi, “e sim refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências recentes ou remotas” (BOSI, 1994, p. 55). Aqueles livros, apesar de serem exatamente os mesmos, já eram outros.

Mas este trabalho não é sobre mim. Não é necessariamente sobre as minhas reminiscências que irei discorrer, nem sobre as descobertas e experiências em nosso arquivo familiar<sup>3</sup>. Mas sim, este ainda é um trabalho sobre memórias, sobre identidades, sobre uma vida construída, escrita e publicada na velhice: as *memórias da Terra de Beulá* de Eva Mills – uma mulher e suas autobiografias, as quais recebem um estatuto não apenas de fonte, mas também de objeto nesta pesquisa. Terra de Beulá é a metáfora que Eva Mills escolhe para representar o asilo que a recebe ao final da vida, espaço e tempo onde escreve seus livros. A referência é extraída do livro *O Peregrino*, de John Bunyan, e designa o último lugar de chegada do peregrino, no pórtico de entrada da Cidade Celestial, de onde era possível avistar o caminho percorrido até então.

Na historiografia, é cada vez mais frequente a ênfase nas narrativas culturais como uma forma de dar sentido ao local, ao modo como a história é vivida e vivenciada pelos sujeitos, em seus diferentes contextos. Este

[...] atual interesse histórico pela narrativa é, em parte, um interesse pelas práticas narrativas características de uma cultura em particular, as histórias que as pessoas naquela cultura ‘contam a si mesmas sobre si mesmas’. Tais ‘narrativas culturais’, como foram chamadas, oferecem pistas importantes para o mundo em que foram

---

<sup>3</sup> Entendo como Sérgio Villas Boas (2008) que qualquer processo biográfico extravasa e consagra o relacionamento sujeito-sujeito e que o relacionamento entre biógrafo e biografado está intrínseco em cada escolha, em cada caminho de pesquisa percorrido, em cada análise. Segundo Villas Boas, o biografismo envolve empatia pois, “tal qual a obra de arte, nós nos reconhecemos no que fazemos (*facere*) e no que perfazemos (*perficere*)” (2008, p. 29).

contadas. [...] A narrativa volta-se assim às ‘pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos’. (BURKE, 2005, p. 158)

Thais Nívia Fonseca, ao tratar sobre estes novos rumos tomados pela historiografia e a ampliação do leque de problematização no campo cultural, diz que o mesmo movimento atingiu também a História da Educação, “levando-a a considerar outros objetos e outros problemas para além das tradicionais histórias das ideias pedagógicas e história das políticas educacionais” (2008, p. 60).

As autobiografias se inserem neste contexto de novas possibilidades, demarcando assim o interesse também pelas literaturas produzidas por uma professora inglesa que viveu nos trópicos brasileiros. Eva Mills foi capaz de narrar tanto a si quanto também deu voz a outros e outras em sua memorialística, em especial mulheres desprivilegiadas de voz no contexto do sertão maranhense<sup>4</sup>. Suas produções autobiográficas, enquanto narrativas culturais, se constituem uma oportunidade ímpar de compreender os mundos fronteiriços de onde e para quem elas foram contadas.

Assim, objetivando compreender as produções culturais advindas da forma como uma determinada realidade social foi construída, pensada e dada a ler (CHARTIER, 1990)<sup>5</sup> nas e pelas narrativas de Eva Mills, procurei identificar as “representações”<sup>6</sup> e, na medida do possível, as “lutas de representações” do mundo social que envolveram o processo de escrita, publicação e apropriação destas memórias dentro de um determinado grupo. Neste sentido, entendo que

as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas [...] que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta

<sup>4</sup> Sobre estas mulheres que não tiveram a oportunidade de deixar registradas as suas memórias, Falci (2015) destaca “as pobres livres, as lavadeiras, as doceiras, as costureiras e rendeiras – tão conhecidas nas cantigas do nordeste – , as apanhadeiras de água nos riachos, as quebradeiras de coco e parteiras, todas essas temos mais dificuldade em conhecer: nenhum bem deixaram após a morte, e seus filhos não abriram inventário, nada escreveram ou falaram de seus anseios, medos, angústias, pois eram analfabetas e tiveram, no seu dia a dia de trabalho, de lutar pela sobrevivência. Se sonharam para poder sobreviver, não podemos saber.” (FALCI, 2015, p. 241, 242)

<sup>5</sup> Segundo Chartier, a história cultural “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 1990, p. 16, 17)

<sup>6</sup> Entendendo representações como “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17)

impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 2002, p. 17)

Deste modo, considero que as representações do mundo social são construídas pelos sujeitos e nunca em ambiente neutro ou por um sujeito isolado; “são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos de quem os utiliza” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Apesar de Eva Mills ter construído um sentido de trajetória de vida, uma unidade coerente<sup>7</sup>, capaz de dar sentido tanto a si como a outros em suas narrativas, “não podemos compreender o que ocorre a não ser que situemos cada agente ou cada instituição em suas relações objetivas com todos os outros” (BOURDIEU, 1996b, p.60). Assim, procurar entender Eva Mills e as representações presentes em suas obras significou questionar onde, quando e para quem ela produziu seus livros, enquanto “obras culturais” que fazem parte de um “campo de forças que é inseparavelmente um campo de lutas” (BOURDIEU, 1996b, p. 63). Doutra forma, “o estudo de trajetórias, individuais ou coletivas, não se faz sem a articulação às redes e lugares, cuja construção e ação devem ser analisadas para a compreensão das intenções e ações desses atores” (GOMES & HANSEN, 2016, p. 25).

Eva Mills foi uma mulher pública que liderou e influenciou uma geração, sendo rememorada por seus pares pelas marcas de suas ações, procurando ocupar os espaços possíveis por meio da educação e da religião. Ela veio da Inglaterra para o Brasil no ano de 1928 e, durante os trinta anos seguintes, entre idas e vindas no eixo Inglaterra, Brasil e Estados Unidos, trabalhou como professora, fundando e dirigindo escolas-internatos nos estados do Maranhão, Pará e Ceará, trabalhando no processo de mediação entre uma cultura reformada protestante inglesa e, posteriormente, estadunidense e os “nativos” brasileiros<sup>8</sup>. Também mediou saberes ao escrever cartas, artigos e livros sobre sua ação em campo e sobre uma determinada cultura brasileira, produzindo representações de si e do grupo, formatando um discurso e, assim, também agindo como produtora cultural.

Esta pesquisa se estabelece a partir das memórias desta mulher, escritas e publicadas em sua velhice como um projeto autobiográfico. Philippe Lejeune (2008) é referencial de base nesta análise ao proporcionar a leitura a partir de elementos do “pacto-autobiográfico”, onde a autora-narradora-personagem estabelece um compromisso em dizer a sua verdade ao leitor.

---

<sup>7</sup> Para Bourdieu (1996), o sujeito, ao construir sua história de vida, procura, por meio de uma “ilusão biográfica”, um sentido de trajetória uno, organizado, construindo uma realidade tão real em sentidos quanto a realidade que se pretende alcançar.

<sup>8</sup> Expressões como “nativos” e “primitivos” são termos recorrentes nas literaturas de Eva Mills como referência aos brasileiros e serão problematizados durante esta dissertação.

Ecléa Bosi (2004), por sua vez, proporcionou uma leitura sensibilizada sobre o tempo desta escrita/publicação, quando Eva Mills transforma o que poderia ser o fim de uma vida, seu tempo de aposentadoria e enfermidade, em um novo começo e transforma suas autobiografias em um “novo fazer”.

Contudo, vale a ressalva de que estas memórias publicizadas se traduzem em algo mais que um ato subjetivo ou introspectivo, dadas de si a outros. A memória é um ato que é também coletivo, que se constrói em ressonância com um outro, sofrendo flutuações no momento em que ela é articulada:

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. (POLLAK, 1992, p. 204)

Porquanto, estas memórias não são só de Eva Mills, ou não dizem só de si. A escrita autobiográfica ultrapassa a materialização da subjetividade de um sujeito e constitui obras capazes de revelar uma conjuntura de “representações”, “apropriações” e “práticas culturais”<sup>9</sup>, no caso de Eva Mills, religiosas e educacionais, experienciadas em cenário brasileiro. A história dos sujeitos é a história dos seus grupos e seus saberes, suas crenças, seus avanços e conquistas, seus recuos e fracassos, suas práticas, sua cultura e seus modos de ser e estar no mundo (ORLANDO, 2016).

As seleções sobre qual história narrar, como contar ou para quem escrever não são feitas ao acaso e revelam a posição em campo em que a autora procura ocupar. Desta forma, ao construir uma memorialística sobre si, Eva Mills também o fez sobre um outro, enquanto “elemento constituinte do sentimento de identidade” de grupo (POLLAK, 1992). Ao trazer à cena outras biografias – de homens, mulheres e crianças com os quais conviveu –, ela não só funda sua identidade na alteridade, quanto se torna parte fundante da identidade deste outro e, por conseguinte, de uma instituição religiosa que tomou para si estas representações e a biografia de Eva Mills como parte da identidade do próprio grupo diante de outros grupos religiosos. Memória e identidade, como disse Pollak (1992, p. 204), “podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo”, mas construídos.

---

<sup>9</sup> Categorias usadas e problematizadas por Roger Chartier (1990, 2001, 2002, 2010, 2014, 2014b), sobretudo para a análise de impressos.

Eva Mills se construiu na fronteira entre a educação e a religião, onde a educação constituiu-se uma “estratégia” (CERTEAU, 2011)<sup>10</sup> de ação para alcançar fins religiosos. Nesta perspectiva, entendo a religião como objeto cultural, carregada de sentidos e sensibilidades, fruto da experiência dos sujeitos como indícios dos modos como estes constroem a si mesmos e o mundo em que vivem (ORLANDO, 2016).

Um dos livros de Eva Mills, o 8:28, foi usado por Lyndon de Araújo Santos (2006, 2015) como fonte na historiografia protestante. Em análise sobre as relações entre protestantismo e cultura na primeira república brasileira, Santos (2006) apresentou Eva Mills como uma religiosa estrangeira no cenário de inserção do protestantismo no Maranhão do século XX. Sua biografia foi apresentada a partir de sua autobiografia (MILLS, 1976) e das representações nela encontradas, pois, segundo o autor, apesar do propósito religioso e devocional do livro, “seus relatos aproximam-se de uma observadora que analisa, com olhares antropológicos, as relações sociais e o ambiente” (SANTOS, 2006, p. 51). Santos serviu-se desta obra no conjunto de outras fontes para a compreensão do processo de difusão do protestantismo nesta região do país, no contexto de chegada de grupos independentes e das Missões estrangeiras entre os índios no interior do Maranhão.

Santos (2015) também utilizou a autobiografia de Eva Mills (1976) em comparação com outras narrativas para apreender os ritos protestantes nas décadas de 1930/1950 no Maranhão com o propósito de perceber as transformações ocorridas no campo religioso brasileiro. Para ele, “além do teor linear e harmônico da narrativa, a obra [de Eva Mills] revela traços marcantes da cultura maranhense, da geografia, dos tipos sociais, das concepções religiosas e da vida comum, a partir do olhar da autora, em seus conflitos com a adaptação cultural” (SANTOS, 2015, p.77).

Considerar o uso de autobiografias como fonte é crescente na historiografia da educação brasileira, prevalecendo as pesquisas que privilegiam os relatos de vida, em especial sobre o processo de formação de educadores, como analisam Elizeu Clementino de Souza e Maria da Conceição Passeggi:

---

<sup>10</sup> Uso os conceitos de “estratégias” e “táticas” na perspectiva de Michel de Certeau (2011), respeitando os diferentes lugares ocupados por Eva Mills. Enquanto uma missionária inglesa, Eva Mills utilizou-se de “estratégias” diante do processo de “civilização” empreendido entre os povos de uma cultura considerada civilizada (letrada e protestante) em relação a culturas consideradas por ela como primitivas. Sob outra perspectiva, Eva Mills utilizou-se de “táticas” diante das relações de poder vivenciadas nas relações de gênero no campo religioso protestante. O lugar da escrita, da memorialística e da produção do discurso, por exemplo, é um lugar eminentemente masculino neste campo e apropriar-se deste espaço exigiu ações “táticas” de enfrentamento neste lugar que é do outro.

A pesquisa (auto)biográfica em educação aposta na interpretação dos que constroem/vivem a história. Nesse sentido, ela tem um interesse particular por (auto)biografias de educadores e pelos processos de biografização de professores em formação, mas também de crianças, jovens e adultos. Admite que nessas narrativas se evidenciam as relações entre as ações educativas e as políticas educacionais, entre histórias individuais e história social. Seus princípios epistemológicos se inscrevem, portanto, em abordagens qualitativas, que reconhecem as margens de resistência do sujeito e admitem que no ato de narrar sua história as instabilidades e incertezas se tornam experiências refletidas. E são, justamente, essas experiências e margens de manobra que permitem propor um educar e formar diferenciados. (SOUZA & PASSEGGI, 2011, p. 328)

A maior parte desta produção historiográfica no campo das (auto)biografias<sup>11</sup> diz sobre a apropriação de narrativas de si como fontes e método de pesquisa na investigação de aspectos históricos, sociais, culturais e institucionais da formação humana, além de serem elas apropriadas como práticas de formação e autoformação do sujeito.

Em função disto, evidencio algumas publicações que se aproximam à proposta de pesquisa desta dissertação, com uso de autobiografias como fontes ou objeto para a história da educação, a exemplo de: *Práticas de memórias docentes*, uma coletânea organizada por Ana Chrystina Mignot e Maria Teresa Santos Cunha (2003), com o objetivo de apreender a cultura escolar pela prática docente a partir de textos autorreferenciais de mulheres docentes anônimas do período de difusão das ideias escolanovistas no Brasil.

Ednardo Monteiro Monti, em *Horizontes pedagógicos e pianísticos nas escritas autobiográficas de Magda Tagliaferro* (2015), aborda a trajetória pedagógica e musical da biografada usando como fonte principal sua autobiografia *Quase tudo... Memórias de Magdalena Tagliaferro*. Em *Un mundo imaginario: Rastros autobiográficos en la escritura de Kaurin*, Mignot e Silva (2015) desenvolvem análise sobre os traços autobiográficos de pequenos livros de ficção escritos por Edgar Sussekind de Mendonça em sua infância.

O capítulo de livro *Narrativas de vida de ex-escravos como fonte/objeto para a história da educação*, onde Alexandra de Lima Silva (2014) interroga os sentidos da educação na vida de ex-escravos a partir da coleção *North American Slave Narratives*, foi um estímulo e, por certo, um desafio a um novo olhar sobre as autobiografias. Para além do uso destas como fontes privilegiadas de pesquisa, Silva se propôs problematizá-las, inserindo-as no rol de objeto de pesquisa ao questionar a importância destas escritas para a vida de ex-escravos norte-americanos. Este capítulo faz parte da coletânea *(Auto)biografia, literatura e história* (VASCONCELOS, CORDEIRO & VICENTE, 2014), publicada como parte da Coleção

---

<sup>11</sup> O termo “(auto)biografia” se refere a um campo de pesquisa que privilegia as biografias e autobiografias em seus diversos modos, desde relatos orais a escritas de si em diários, cadernos, livros, cartas, etc, como fontes, metodologia de pesquisa, recurso formativo ou objeto de estudo acadêmico.



*Modos de viver, narrar e guardar*, organizada por Ana Chrystina Mignot e Elizeu Clementino de Souza e é representativa de um caminho de pesquisa que vem se consolidando enquanto campo de pesquisa<sup>12</sup>.

No Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPQ<sup>13</sup> há quarenta e cinco grupos registrados na área da Educação que se apresentam empreendedores de pesquisas (auto)biográficas, associados, em geral, ao campo da formação de professores ou profissão docente. Outro elemento que reforça este crescente interesse é a organização da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica – *BioGraph* no ano de 2008, responsável desde então pela organização dos Congressos Internacionais de Pesquisas (Auto)biográficas (CIPAs) – evento representativo de um importante movimento na formação de redes de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que se dedicam à pesquisa (auto)biográfica. Os CIPAs vêm se consolidando como um espaço de divulgação, compartilhamento e difusão dessa proposta de abordagem histórica, acolhendo vários campos de saberes como Educação, História, Antropologia, Literatura etc., e dialogando com associações congêneres internacionais.

Buscando compreender melhor como o tema da autobiografia vem se apresentando no âmbito das pesquisas em História da Educação, recorri a outro exercício para a revisão de literatura e cruzei as áreas que envolvem meu objeto-fonte de pesquisa a partir da tríade: educação-protestantismo-autobiografias. Procurando por pesquisas afins nos eventos acadêmicos científicos, fiz um levantamento nas comunicações orais de Grupos de Trabalhos (GTs) nos seguintes eventos: Congressos de História da Educação (CBHE), os simpósios da Associação Brasileira de História da Religião (ABHR) e da Associação Nacional de História (ANPUH), e ainda os CIPAs. Busquei os Congressos por darem uma visibilidade mais ampliada dos trabalhos, uma vez que o conjunto ali apresentado engloba pesquisas em andamento e concluídas, ao passo que nas revistas especializadas da área e no Banco de Teses e Dissertações da CAPES só aparecem pesquisas concluídas.

No CBHE, por já se tratar de um evento da área da História da Educação, procurei trabalhos a partir de (auto)biografias e protestantismo. Elenquei, do I CBHE/2000 ao VII

---

<sup>12</sup> A coleção *Modos de viver, narrar e guardar* é composta por sete livros: *Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões* (ABRAHÃO, BRAGANÇA & ARAÚJO, 2014); *Espaços formativos, memórias e narrativas* (FONTOURA, MONTEIRO & CHAVES, 2014); *Infância, aprendizagem e exercício da escrita* (MIGNOT, SAMPAIO & PASSEGGI, 2014); *Narrativas digitais, memórias e guarda* (BASTOS, COUTO JR & WORCMAN, 2014); *(Auto)biografia, literatura e história* (VASCONCELOS, CORDEIRO & VICENTINI, 2014); *Escrita de si, resistência e empoderamento* (SOUZA, BALASSIANO & OLIVEIRA, 2014); e *Histórias de vida, gênero e educação* (FARIA, LOBO, COELHO, 2014). Esta produção é apresentada como fruto da “reflexão que vem sendo desenvolvida no Brasil, Argentina, Colômbia, México, Espanha, Bélgica, Itália, Portugal e França sobre questões, metodologias e experiências sobre a (auto)biografia, que aproximam educadores, historiadores, filósofos, sociólogos, psicólogos e antropólogos” (MIGNOT & SOUZA, 2014, pré-textuais)

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>, acessado em 15/05/2016

CBHE/2013, vinte e um trabalhos desenvolvidos a partir de autobiografias, nenhum com personagens no campo do protestantismo.

Nos simpósios da ABHR, datados de 1999 a 2012 (XIII), foram contabilizados nove trabalhos com trajetórias, quatro com hagiografias, uma com biografia e nenhum trabalho a partir de autobiografia. Já na ANPUH, há uma mobilização em valorização deste campo de pesquisa, consolidado na presença de dois GTs no último Simpósio Nacional (2015): “Narrativas (auto)biográficas e historiografia didática: que articulações possíveis no currículo escolar face às demandas do tempo presente?” e “Trajetórias e biografias: modelos, limites, desafios e possibilidades”. Este último, presente no Encontro Nacional e no Encontro de São Paulo desde 2010. Nos eventos da ANPUH Nacional (1961-2011) foram encontrados quatro trabalhos utilizando o termo “educação protestante”, nenhum destes usando autobiografias.

Nos CIPAs, por sua vez, – realizados seis eventos entre 2004 a 2014 – procurei focar na educação protestante e encontrei apenas dois trabalhos, ambos de 2006: uma publicação de Ester Fraga Nascimento, com o trabalho *O Instituto Ponte Nova e a formação de suas professoras* (2006), uma trajetória da formação de professoras de uma escola fundada por missionários norte-americanos; e *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e a educação como missão* (2006), de Carla Simone Chamon, onde destaca as influências de missionários protestantes presbiterianos norte-americanos na vida da biografada<sup>14</sup>.

Esta revisão bibliográfica é indicativa dos poucos estudos sobre a temática proposta, tanto do ponto de vista da história da educação protestante, quanto suas imbricações a partir de autobiografias. Isso sinaliza para a necessidade de a História da Educação ampliar o olhar para outros personagens e práticas que ainda permanecem obscurecidos na historiografia.

Na historiografia da educação protestante há uma concentração em pesquisas sobre as missões denominacionais de origem norte-americana (EUA)<sup>15</sup> que investiram suas ações na região centro-sul brasileira, em especial a educação metodista e presbiteriana no Sudeste.

<sup>14</sup> Nos eventos da *BioGraph*, procurei nos títulos e resumos pelas palavras: protestante, protestantismo, evangélica(o), religião(oso), presbiteriana(nismo), metodismo.

<sup>15</sup> Segundo Duncan Reily (2003, p. 38), “a palavra ‘denominação’ sugere que o grupo referido é apenas membro de um grupo maior, chamado ou denominado por um nome particular. A afirmação básica da teoria denominacional da Igreja é que a Igreja verdadeira não deve ser identificada em nenhum senso exclusivo com qualquer instituição eclesiástica particular... Nenhuma denominação afirma representar toda a Igreja de Cristo”. Segundo este autor, a “estrutura denominacionalista” veio na “bagagem” para o Brasil, como uma característica das igrejas norte-americanas que “não ofereceram nenhum produto rotulado ‘denominacionalismo’ e nem ‘cristianismo norte-americano’, mas vieram como emissárias da Igreja Presbiteriana, Metodista, Batista ou outra denominação [...]. Seu propósito central era levar outros a compartilharem os benefícios da Bíblia, da Reforma e da civilização cristã; mas não puderam esquecer-se das ênfases peculiares e, como entendiam, das vantagens que a sua denominação particular oferecia” (REILY, 2003, p. 39)

Em *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil* (1994), Peri Mesquida aborda a educação metodista de origem estadunidense na região sudeste brasileira. Uma obra de relevância para compreensão dos fins da educação protestante num período de “implantação” do protestantismo no Brasil. Suas análises sobre as escolas metodistas e seus fins ajudaram a problematizar e a categorizar as escolas fundadas por Eva Mills no Maranhão. Mesquida (2005, 2015, 2016) também tem discutido a presença de mulheres missionárias no Brasil na virada do século XIX/XX.

Ester Fraga Nascimento traz à tona abordagens que vão desde as origens da educação protestante, a partir da instalação da denominação presbiteriana em Sergipe e a implantação nesta cidade da Escola Americana (NASCIMENTO, 2004), à publicização e problematização de fontes para a historiografia da educação a partir dos arquivos institucionais de uma Missão protestante presbiteriana que atuou no Nordeste brasileiro (NASCIMENTO, 2008). Em destaque a obra *Educar, Curar, Salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical* (NASCIMENTO, 2007) por problematizar a ação de uma escola religiosa implantada no meio rural nordestino, como parte das estratégias civilizacionais de uma missão protestante estrangeira. Nesta obra, Nascimento também faz usos de escritos autobiográficos como fonte, em especial um caderno escolar de uma aluna e professora do Instituto Ponte Nova, sobre o qual ela desenvolve sua pesquisa.

Carla Simone Chamon (2005, 2006) desenvolveu sua pesquisa a partir da trajetória profissional de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, uma brasileira, professora, que se converte ao protestantismo e, sob influência e intermédio de missionários presbiterianos, “entrou em contato com os métodos pedagógicos praticados nos Estados Unidos”, onde ela foi estudar, conquistando a “denominação, tantas vezes repetida na historiografia da educação, de avis rara” (CHAMON, 2005, p. 18).

Outros pesquisadores abordaram a educação protestante no Brasil, como Maria Lúcia Spedo Hilsdorf (1977, 1986, 2002), que analisa a importância das escolas protestantes para a formação de mulheres americanas imigradas ou brasileiras convertidas em São Paulo; Alderi Souza de Matos (1998) destaca o papel desempenhado pelas esposas de pastores, missionárias e educadoras que não receberam crédito (ou parcos) por seus trabalhos; Eneida Figueiredo (2001) traz à luz biografias de missionárias professoras em São Paulo, também pontuando seus exemplos e métodos inovadores. Todos estes com abordagens que revelam o protagonismo feminino em um projeto missionário que tinha na educação sua estratégia fundamental como implementação de um projeto civilizador.

Na análise dos livros de Eva Mills, recorri a outras fontes complementares, como indica Viñao Frago para análise de fontes autobiográficas, no sentido de “compreender melhor o autor ou o texto em questão. Além disso, é preciso conhecer o contexto, fatos e pessoas ali mencionadas, bem como as intenções ou propósitos que motivaram a escrita da memória” (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 5, tradução livre)<sup>16</sup>.

A biografia de Eva Mills é parte inerente neste trabalho, sobretudo porque seus textos são autobiográficos. Me limitei, portanto, ao recorte biográfico que permeou a escrita dos livros nas décadas de 1970 e 1980 e as representações por ela trazida em suas obras, referentes às décadas de 1920 a 1950. Nesta biografização, a partir sobretudo da análise dos livros/fontes, interessou-me atentar para os recortes, os destaques, as relações e as construções estabelecidas por esta autora entre estes dois tempos, o da escrita e o da vivência dos fatos narrados, tendo em vista que suas autobiografias

oferecem não só a dimensão das experiências pessoais de um sujeito em suas ações cotidianas, em um relato verídico, mas também se apresentam como uma representação do indivíduo e de seus contextos que devem ser entendidos para além do contraste verdade-mentira ou exatidão-inexatidão, mas como uma tipologia dos gêneros, uma perspectiva específica, reflexo de situações de construção das representações de si e do mundo, estratégias de autorrepresentação e autotificação, afirmação de identidades e de outras dimensões que se constroem na escrita de si. (SILVA, W., 2015, p. 110)

Desta forma, mais importante que o confronto de dados na análise dos livros autobiográficos de Eva Mills em busca por verdades, como se o principal se resumisse à postulação de fatos verídicos ou inverídicos, parto da análise de uma produção cultural a partir destes impressos por suas representações.

E foi em busca por outras fontes que viessem dialogar com os livros da Mills e ainda responder às perguntas externas a eles, que encontramos<sup>17</sup> o arquivo pessoal de Eva Mills, guardado pela família nos Estados Unidos e contendo registros pessoais, fotos e cartas que foram colecionados por ela e por familiares pós 1928. Um rico “baú de memórias” que me levou a buscar inspiração na pesquisa de Ana Chrystina Mignot (2002) e seu trabalho a partir do arquivo autobiográfico de Armanda Alvaro Alberto, sobretudo por sua sensibilidade no trato

<sup>16</sup> [comprender mejor al autor o el texto en cuestión. Además, hay que conocer el contexto, hechos y personas a las que se alude, así como las intenciones o propósitos que motivaron la redacción de la memoria]

<sup>17</sup> E aqui o verbo “encontramos” está no plural em uma clara menção a um trabalho de pesquisa que não é só meu, que não o fiz sozinha, mas contei com uma rede de relações, sobretudo amigos e familiares que, entre outras coisas, ajudaram-me a estabelecer contato com ex-alunos, funcionários e missionários contemporâneos à Eva Mills, inclusive a família de Eva Mills nos Estados Unidos – Anna Davina Mills Doepp (filha de Eva Mills), George Doepp, seu marido, e o filho James Doepp – que moram em *Lookout Mountain, GA* e *Chattanooga, TN*.

com as fontes enquanto fragmentos de uma vida materializados em cada fotografia, recortes de jornais ou pedaços de papel anotados – um “baú” que, por si, já é um registro autobiográfico.

O arquivo pessoal de Eva Mills estava composto por recortes de jornais e revistas, folders e cartas missionárias<sup>18</sup>, com conteúdos públicos, contendo notícias do trabalho missionário, mas também com registros de aspectos mais privados, como diários e cartas trocadas com os pais e outros familiares na Inglaterra, com a filha e até mesmo com o marido. Este material, tão rico quanto possa significar uma vida, revela paixões e não me deixou esquecer que Eva Mills era uma pessoa – de *carne e osso* e sentimentos. Mais que uma personagem que possa, por sua biografia, vir a ser “modal” (LEVI, 2005)<sup>19</sup> enquanto mulher, missionária ou professora, ou ainda ser colocada enquanto vítima em uma posição secundária no campo religioso, como tradicionalmente foram relegadas as mulheres<sup>20</sup>, Eva Mills foi um indivíduo singular e histórico, que tanto sofreu a influência de seu tempo, quanto agiu sobre ele, com um protagonismo que merece lugar na historiografia educacional, uma vez que foi este o seu principal campo de atuação ao longo de sua vida.

O arquivo pessoal de Eva Mills, que já estava agregado ao arquivo da família Doepp (família de sua filha Anna Davina), foi de grande relevância para o entendimento do processo de escrita e publicação de seus livros, ajudando na compreensão de seu lugar em campo enquanto missionária nos Estados Unidos, lugar onde ela escreve e publica suas obras. Também ajudou a problematizar as representações trazidas nos livros, ao passo que proporcionou acesso aos seus registros de época (diários e cartas escritos no período de vivência dos fatos narrados), usados como suas próprias fontes nas escritas de suas obras.

Ademais, foi possível enriquecer este trabalho com fontes orais, por meio de entrevistas com familiares, ex-alunos e pessoas que trabalharam com ela, outros que nem chegaram a conhecê-la tão de perto, mas que contribuíram com relatos de uma época, a vivência de uma realidade missionária ou mesmo de uma realidade sertaneja, da vida do campo e memórias sobre o que foi ser protestante na primeira metade do século XX no interior do Maranhão. Testemunhos que deram luz a detalhes antes despercebidos nas primeiras leituras destes livros, ou mesmo chegando a problematizar minhas leituras iniciais sobre eles.

---

<sup>18</sup> Cartas missionárias são cartas enviadas por missionários a igrejas ou outros parceiros com notícias do campo missionário e, às vezes, contendo informações pessoais que o missionário julgue poder ou dever ser publicizado.

<sup>19</sup> Segundo Levi (2005, p. 175), “a biografia não é, nesse caso, a de uma pessoa singular e sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo”.

<sup>20</sup> Para Perrot, “o status de vítima não resume o papel das mulheres na história, que sabem resistir, existir, construir seus poderes. A história não tende ou para a desgraça das mulheres ou para sua felicidade. As mulheres são atrizes da história” (2016, p. 166)

Um exemplo é o relato sobre a vida da “vovó Lã” e sua neta em uma das crônicas do livro *Stories from Parakeet Country* (MILLS, 1986[?]), abordado no capítulo três desta dissertação. Tive oportunidade de entrevistar Lenir Lopes Bezerra, a netinha desta narrativa, e, aos seus setenta e dois anos de idade, pude ouvir o seu lado da história. Este, a princípio, parece ter destoado um pouco da narrativa de Eva Mills; contudo, seu relato diferenciado provocou a um olhar mais atento sobre o como Eva Mills havia lembrado e narrado a “vovó Lã”, que não deixou de ser uma personagem real, mas que o foi ao seu modo. Este modo, em consonância com outras personagens, desenharam o perfil de uma mulher protestante, sertaneja, com traços muito semelhantes ao perfil biográfico da própria autora.

Outras obras, cujos autores relatam o contexto, o período e, por vezes, a própria convivência com a educadora inglesa no Brasil, também ajudaram na compreensão das representações contidas em seus livros e se fizeram também fontes para reflexão sobre o lugar da memória de Eva Mills dentro de um determinado grupo religioso. Destaque para o *Nossas Raízes* (1997), de autoria do pastor Abdoral Fernandes da Silva (1921-2015), livro histórico-institucional da Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Brasil – AICEB, cujo autor, ex-aluno de Eva Mills, também relata sua vivência com a educadora-missionária em sua própria autobiografia, *A Vida de um Servo* (2006[?]).

Além das obras e a biografia deste autor, o contato com seu arquivo pessoal oportunizou encontrar dois álbuns fotográficos organizados pela missionária Eva Mills e algumas cartas trocadas com o referido pastor. Através deste arquivo e da relação que este pastor mantinha com o grupo de missionários, foi possível também ter acesso a outras fontes, como livros produzidos por missionários e cartas institucionais, e poder entender mais sobre a Missão inglesa à qual Eva Mills se filiou em 1940, a *Unevangelized Fields Mission* – UFM.

Certa vez uma amiga, com quem partilho alguns caminhos de vida e de pesquisa, disse-me para tomar cuidado com o que escreveria sobre Eva Mills – que eu não era sua “senhora”! Não, isto não foi uma ameaça, mas uma advertência enciumada por uma memória a ser preservada, pela heroína que a inspirou e ainda a inspirava. Sua preocupação, apesar de ter chegado em tom de brincadeira e risadas, é representativa da preocupação do grupo religioso que a toma por respeito, assim como foi a preocupação manifestada por sua família: a preservação de sua memória.

Infelizmente não posso deixar de ser “senhora” da Eva Mills. Não porque eu queira, mas por admitir que fiz seleções, recortes, e de que se trata de uma leitura sobre suas obras e, desta forma, sobre sua vida também. E não, não é uma leitura só minha; devo a professores, orientadora, ao grupo de pesquisa que faço parte, às leituras de outros trabalhos com quem fui

aprendendo a apurar o olhar, a ser sensível às fontes e, sobretudo, a escutar à própria Eva Mills, a imaginar sua vida, recompondo seus passos, tentando compreender sua trajetória, suas escolhas, pensando no que foi ser autora, mulher, professora, missionária, estrangeira, solteira, casada, mãe e tantos outros aspectos e estereótipos que tentam nos definir (em vão), mas que revelam um pouco da posição social ocupada em determinado grupo e época.

Porquanto, parafraseando a provocação de Pierre Bourdieu na epígrafe deste texto, valerá a pena descortinar os escritos autobiográficos de Eva Mills, incorrendo o risco de suprimir sua beleza quase absoluta? Sim, valerá. E, se me permitem fazer um trocadilho com seu nome – Eva significa “dar vida”, “cheia de vida” –, a intenção desta pesquisa é que a biografia e os escritos autobiográficos de Eva Mills sejam capazes de *dar vida* às ações dessa mulher em seu tempo<sup>21</sup>. Uma mulher que empreendeu um projeto educacional no Norte do Brasil<sup>22</sup> entre os anos de 1928 a 1959, intervindo diretamente em sua cultura pela educação e pela religião e que soube se projetar e consolidar um lugar de referência no interior do campo religioso protestante. Desta forma, neste trabalho, esta *vida* está assim organizada:

No primeiro capítulo, *Revisitando o passado: três livros, três propostas, uma única vida narrada*, visando compreender como Eva Mills construiu sua identidade e movimentou-se de escritora a autora a partir da formação de um nome próprio, apresento a história de uma mulher em sua velhice e como ela veio a publicar um projeto autobiográfico sobre seus anos no Brasil. Discorro sobre os livros, um a um, discutindo a materialidade de suas produções, os destinatários de suas memórias e as intenções que guiaram a autora na publicação destas escritas de si.

No segundo capítulo, em *A vida narrada em “terras selvagens e desconhecidas do norte do Brasil”*, o objetivo foi compreender, a partir de seus escritos autobiográficos, como Eva Mills reinterpretou-se e construiu-se enquanto sujeito histórico por meio da educação a partir do contexto de difusão do protestantismo no interior do Norte/Nordeste brasileiro da primeira metade do século XX. E, a partir destas representações, compreender os caminhos de apropriação desta identidade por um determinado grupo religioso.

---

<sup>21</sup> Porque “nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento. [...] O provérbio árabe disse antes de nós: ‘Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais’” (BLOCH, 2001, p. 60)

<sup>22</sup> Os livros de Eva Mills fazem referência sempre ao “Norte” do Brasil, sendo justificado tanto porque, à época de sua estada no Brasil, o Maranhão (onde ela ficou maior parte do tempo e de onde ela traz a maior parte de suas experiências) realmente compreendia parte dessa Região, quanto por uma questão de representação a uma região tida por ela como a mais primitiva do Brasil.

Por fim, discuto o lugar ocupado por *As mulheres na difusão do protestantismo no Brasil*, evidenciando como Eva Mills se autorrepresenta ao biografar outras mulheres e ocupa um protagonismo na história com a publicação de suas autobiografias.



## 1. REVISITANDO O PASSADO: TRÊS LIVROS, TRÊS PROPOSTAS, UMA ÚNICA VIDA NARRADA

*Um escritor só escreve um único livro, embora esse livro  
apareça em muitos tomos, com títulos diversos.*  
Gabriel Garcia Marques

Desde sua chegada em terras brasileiras, Eva Mills procurou escrever de si, registrando suas impressões e experiências com a nova cultura em país estrangeiro. No acervo de suas memórias disponibilizado pela família, seu diário (1928/1929) impressiona pela descrição de fatos de forma pontual, data a data. A narrativa e os sentimentos vinham com mais afinco nas cartas, como a viagem da Inglaterra para o Brasil, suas primeiras impressões na chegada ao Maranhão e o detalhamento de seu casamento, em terra, língua e ritos estranhos à sua própria cultura, no mesmo dia em que ela aportou no Brasil. Prática de *escritas de si* que vai sendo mantida e aprimorada no decorrer dos anos, a cada novo desafio, a cada nova experiência, ampliando-se cada vez mais a rede de leitores para a qual ela compartilhava de si.

Contudo, é em sua velhice que Eva Mills vem a publicar suas autobiografias em forma de livros. As memórias e o escrever de si acolhem outros valores, vindo a denotar um outro fazer para uma anciã aposentada e enferma, e a dedicação memorialística ao tempo de sua jovem vida revela-se um empreendimento em tempos propícios, não só absorvendo um sentido subjetivo, uma realização pessoal que seja, quanto um sentido coletivo: havia uma predisposição do sujeito-autora e públicos leitores às suas obras.

Natural de Stretford, uma pequena cidade na região de Manchester, Inglaterra, Eva Mills trabalhou como missionária protestante e professora no Norte do Brasil entre os anos de 1928 a 1959. Em 1960, assumiu o ofício de *Church Visitor* da *Immanuel Baptist Church* em Richmond, nos Estados Unidos, dando assistência a idosos e enfermos em hospitais até março de 1974, quando, sob o diagnóstico de uma leucemia crônica, se aposenta no *Calvary Fellowship Homes*, um lar para idosos no estado da Pensilvânia.

Mas, o que poderia ser a expressão de um isolamento, o recolhimento de uma vida ativa e produtiva pelo afastamento de seu trabalho em sua velhice, ou mesmo por sua enfermidade, foi o celeiro para o (re)nascimento de uma *última* Eva. Sua vida no Brasil e seu trabalho foram publicados e sua memória evidenciou um “novo fazer” (BOSI, 2004).

Estas memórias não foram publicadas apenas em um único livro, mas em três, aparentemente distintos, com propostas, estilos de narrativas e públicos diversos: uma autobiografia, publicada nos Estados Unidos, um livro publicado em português e enviado para

o Brasil, contendo histórias e biografias de evangelistas no interior do Maranhão e um terceiro livro com histórias para crianças e adolescentes, também publicado nos Estados Unidos.

Neste capítulo, busco compreender como e por que Eva Mills optou em registrar e publicar suas reminiscências, indo de escritora à autora por meio da construção de uma identidade alinhavada à identidade de um grupo, percebendo os sentidos identificáveis na materialidade destes livros. Como estes livros vieram a se consolidar no projeto autobiográfico de uma vida?

Figura 1: Eva Yarwood Mills, no Calvary Fellowship Homes, Lancaster-PA, Estados Unidos.



Fonte: Arquivo de Immanuel Baptist Church em Richmond

Esta é uma fotografia de Eva Mills nos primeiros anos no *Calvary Fellowship Homes*<sup>23</sup> enviada a mim pela *Immanuel Baptist Church*, igreja que adotou Eva Mills como missionária no Norte do Brasil desde o ano de 1943. No prefácio do 8:28, um relato sobre esta igreja e de como chegou à organização de seus livros:

---

<sup>23</sup> Como não há registro de data, suponho que esta fotografia tenha sido tirada logo no início de sua estada no asilo, pelo seu aspecto saudável, ainda pouco comprometido pelos anos de leucemia acometidos, os quais ela mesma relata em seus escritos encontrados no arquivo pessoal da família.

Em abril de 1974, a Immanuel Baptist Church em Richmond, Virgínia, me deu uma despedida surpresa antes de partir para o Calvary Fellowship Homes em Lancaster, Pensilvânia, onde eu iria passar os meus anos de aposentadoria. Durante a primeira parte do culto naquela linda manhã de domingo de Páscoa, o Pastor Albert R. Fesmire me chamou ao microfone e deu-me alguns minutos para falar à minha amada ‘família Emanuel’. Ali, sob os perfumados lírios de Páscoa, estava o presente de despedida deles. O Sr. James H. Richie, Presidente do Conselho de Anciãos, trouxe-o para mim. O pacote embrulhado para presente, com sua grande fita dourada, não sugeria ser uma máquina de escrever. O fato de que eu não era datilógrafa, que eu não tinha tornado público qualquer desejo de envolver-me com a escrita e que, no momento, eu não estava tão certa quanto a aventurar-me a isso, fez do belo presente uma surpresa ainda maior. Era uma bela máquina de escrever portátil Smith Corona, elétrica. Com certeza ninguém em minha família Emanuel sabia – e nem eu – o quanto aquela máquina de escrever seria usada.

[...]

Assim, olhando da grande janela do meu quarto tranquilo, com vista para um belo jardim, no Calvary Fellowship Homes, eu escrevi a história da sábia e maravilhosa relação de Deus comigo. Muitas vezes, em minha fraqueza física, procurei e reivindiquei a promessa de Deus a Paulo: "Minha graça é suficiente para você: o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2 Coríntios 12: 9). Muitas vezes Ele restaurou meu discernimento em resposta à oração. Muitas vezes, quando estava pronta a desistir, fui encorajada a continuar e ajudada pela paciente e inspiradora confiança do Editor James W. Reapsome de East Petersburg, Pensilvânia. A ele, sou profundamente grata. (MILLS, 1976, prefácio, tradução livre)<sup>24</sup>

Esses detalhes – a despedida surpresa desta igreja, o presente oferecido pelo presidente do conselho de anciãos, a descrição do asilo onde ela iria passar os seus anos de aposentadoria – me fizeram querer entender um pouco mais sobre como esta inglesa se estabeleceu nos Estados Unidos e como ela construiu sua rede de sociabilidade neste país, ao ponto de se aposentar e publicar suas memórias ali.

Eva Mills, que trabalhava no Brasil desde o ano de 1928, havia retornado à Inglaterra duas vezes: a primeira quando do nascimento de sua filha, Anna Davina, entre os anos de 1931 e 1932, e a segunda quando foi acometida por febre tifoide em 1936. Em 1943, Eva Mills planejou retornar à Inglaterra pela terceira vez alegando problemas de saúde, o que não conseguiu, devido às dificuldades oriundas da Segunda Guerra Mundial. Os planos então foram

---

<sup>24</sup> [In April 1974, Immanuel Baptist Church in Richmond, Virginia, gave me a surprise farewell before I left for Calvary Fellowship Homes in Lancaster, Pennsylvania, where I was going to spend my retirement years. During the early part of the service on that lovely Easter Sunday morning, Pastor Albert R. Fesmire called me to the microphone and gave me a few minutes to speak to my beloved “Immanuel Family”. There, below the fragrant Easter lilies, was their parting gift. Mr. James H. Richie, Chairman of the Board of Elders, brought it to me. The gift-wrapped package, with its large gold ribbon, had not suggested a typewriter. The fact that I was no typist, that I hadn’t made public any desire to engage in writing and that I was not alert enough now to consider such a venture, made the lovely gift a bigger surprise. It was a beautiful, portable, Smith Corona electric typewriter. I’m sure none of my Immanuel Family knew – and neither did I – how the typewriter was to be used.[...]

So, by the large window of my peaceful room, overlooking a beautiful Garden, at Calvary Fellowship Homes, I have penned the story of God’s wise and wonderful dealings with me. Many times in my physical weakness I have sought and claimed God’s promise to Paul: “My grace is sufficient for thee: for my strength is made perfect in weakness” (2 Corinthians 12:9). Many times He has restored alertness of mind in answer to prayer. Many times, when ready to quit, I have been encouraged to continue, and helped by the patient, inspiring confidence of Editor James W. Reapsome of East Petersburg, Pa. To him I am deeply grateful.]

remanejados, a convite da *Unevangelized Fields Mission* (UFM), para um ano em sua base recém-aberta na Filadélfia, Estados Unidos, podendo, assim que possível, prosseguir ao destino requerido – a Inglaterra.

Chegou aos Estados Unidos em março de 1944. Fazia parte de seus objetivos com esta viagem também procurar por formações e informações, e ainda adquirir materiais para trabalhar em suas escolas no Brasil. Neste período específico, havia uma proposta para abertura de uma escola para filhos de missionários, conforme aparece em correspondência enviada por Eva Mills aos familiares (pais e irmã) na Inglaterra:

Minha viagem para os Estados Unidos agora assumirá outro aspecto ou perspectiva. Eu pretendo visitar as escolas modelo e coletar ideias e materiais, pois terei que ensinar uma escola internacional – para americanos e ingleses principalmente. Na Inglaterra, espero visitar as escolas modelo que visitei ao fazer meu curso de professora, para ser mais eficiente no trabalho que me foi destinado. E quem sabe quantos filhos de missionários terei a alegria de levar aos pés do Salvador? (MILLS, [correspondência] 12 fev. 1944, tradução livre)<sup>25</sup>

Sua estada nos Estados Unidos foi essencial para agregar ferramentas para esta nova proposta de escola para filhos de missionários, diferindo de tudo quanto ela já havia trabalhado antes, pois até então Eva Mills vinha atuando com escolas para brasileiros, tanto no estado do Maranhão, quanto em Pernambuco. Durante aquele ano, Eva Mills foi desaconselhada a prosseguir para a Inglaterra como havia planejado, optando por deixar sua filha Anna Davina, com treze anos de idade, naquele mesmo país, interna em *Hampden Dubose Academy*, uma escola para filhos de missionários na Flórida. Esta escola serviu como modelo para os novos planos no Brasil, conforme correspondência aos pais ao fim de sua estadia pelos Estados Unidos:

Eu fui para a Flórida porque já estava no Estado da Virgínia. Descobri que me deram toda oportunidade para ver seus métodos e planos, suas regras e ideais. Eles até me permitiram estar presente ao corrigirem e advertirem os alunos, e isso me deu uma visão mais clara de seus objetivos e propósitos ali. Todos estão felizes; a alegria é abundante, apesar de ainda faltar muito trabalho. Não há horas desocupadas, porque não há empregados e todas as crianças são ensinadas a fazer todo tipo de trabalho doméstico, jardinagem e trabalho manual prático e utilitário. (MILLS, [correspondência] 29 dez. 1944, tradução livre)<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup>[My journey to the States will now take on another aspect or prospect. I intend visiting model schools, collecting ideas and material for I shall have to teach an international school – Americans and English principally. In England I hope to visit the show schools I visited when doing my teacher's course so as to be more efficient in the work set for me. And who knows how many missionaries' children I shall have the joy of leading to the Saviour's feet?]

<sup>26</sup>[I went to Florida for I was already in S. Virginia. I found that every opportunity was given me to see their methods and plans, their rules and ideals. They even allowed me to be present when correcting and warning the students and this gave me a clearer insight into their aims and for what they stand. Everyone is happy; joy abounds]

Em outras cartas, Eva Mills descreve suas impressões sobre esta escola, sobre o sistema educacional e sobre as modernidades da vida nos Estados Unidos – foi uma viagem de aprendizado e ela se mostra empenhada em aproveitar tudo para suas atividades no Brasil. Seus modelos e referências, antes ingleses, começam a se mesclar aos norte-americanos a partir da circulação de ideias no eixo Inglaterra, Brasil e Estados Unidos, conforme novas necessidades iam se apresentando, tanto do ponto de vista religioso quanto educacional.

A realidade de um novo projeto escolar, não mais para brasileiros e sim para filhos de missionários que prosseguiriam seus estudos em outros países (Inglaterra ou Estados Unidos), exigia dela uma nova orientação, o que ela encontrou nos Estados Unidos por não conseguir retornar à Inglaterra durante a Guerra. Uma oportunidade e uma adversidade que se coadunaram em uma mudança de perspectiva para Eva Mills, representativa de uma transformação no panorama mundial, cujas bases e modelos pedagógicos e religiosos protestantes no Brasil também se deslocavam da Europa para o continente Norte-Americano.<sup>27</sup>

Esta viagem para os Estados Unidos, assim como as duas primeiras para a Inglaterra, havia sido motivada principalmente por problemas pessoais. Contudo, desde 1944 suas viagens assumiram um caráter mais próximo ao que era considerado por licença ou férias missionárias desde o século XIX, principalmente a partir de um processo de sistematização e racionalização do trabalho missionário pelas agências ou sociedades missionárias, denominacionais ou paraeclesiásticas. A exemplo da UFM, havia (e ainda há) um trabalho de coordenação e acompanhamento sistêmico destes missionários, com estrutura administrativa e regulamentos teológicos e regimentais que orientam as práticas missiológicas.

Na UFM, assim como em outras agências missionárias congêneres, considerava-se parte do ofício dos missionários em campo (trabalhando em outros países) que estes tirassem períodos de licença ou férias em seus países de origem, o que podia variar de um a dois anos. Este era considerado um período necessário para divulgação do trabalho, cumprindo propósitos pelo menos em três frentes: para o missionário, significava a oportunidade para manutenção e estabelecimento de novas redes de contato e obtenção de recursos financeiros a um determinado projeto e sustento próprio; para a sociedade missionária, a divulgação da própria instituição e o desafio a novos missionários; para as igrejas, era o momento da prestação de contas às que

---

and yet work is plentiful. There are no unoccupied hours, because there are no servants and all the children are taught to do every kind of housework, gardening and practical and useful manual work.]

<sup>27</sup> A circulação de saberes, tanto do ponto de vista do campo religioso, quanto educacional, a partir das práticas missionárias, em especial a partir da experiência de Eva Mills no Brasil, é um tema fecundo de análise, ao que foge aos limites desta pesquisa.

enviavam recursos para aquele missionário ou agência, com vistas à consolidação da causa missionária junto à comunidade e estimular os membros às contribuições.

A aproximação das viagens de Eva Mills a estes objetivos se justifica pelo fato de ela ter se vinculado institucionalmente a uma sociedade missionária no ano de 1940; e esta seria sua primeira viagem sob os cuidados da referida agência. Em suas cartas a familiares, é possível encontrar repetidas descrições da rotina destas viagens e a recepção das igrejas estadunidenses ao seu trabalho e às suas histórias:

Apenas alguns dias atrás eu voltei de um *tour* de palestras no estado de Virgínia. Lá tive oportunidades de testemunhar em muitas igrejas e grupos de oração. Houve interesse e eu senti que o amor e a confiança das pessoas era real e duradoura. Como falei dos meninos e meninas educados e ensinados em minha casa e de seus estudos posteriores no Instituto Bíblico, e que agora são evangelistas e pastores nativos, muitos foram levados a pedir seus nomes por escrito para que pudessem orar definitivamente por eles. Alguns perguntaram quanto custaria sustentar um obreiro nativo e então eu voltei com uma lista de obreiros nativos para quem fora prometido apoio. São todos meus velhos filhos brasileiros. Um pequeno grupo de mulheres que se reúnem todas as manhãs de quinta-feira para a oração prometeu apoiar um dos meus antigos meninos enquanto ele passa por dois anos de estudo, a fim de obter um diploma brasileiro que irá qualificá-lo para continuar a trabalhar como professor em nosso Instituto Bíblico. Há muito estímulo para ‘o Senhor, Ele é quem vai adiante de vós’. (MILLS, [correspondência] 9 out. 1944, tradução livre)<sup>28</sup>

Eu estou bem e ocupada com muitas reuniões. Amanhã tenho uma reunião em Nova Jersey; quinta-feira na Igreja Batista em Filadélfia; sexta-feira um jantar da comunidade em Abington, Pensilvânia; domingo, outro encontro em outra Igreja Batista da Filadélfia (na hora da Escola Dominical) e assim por diante durante fevereiro, março e abril em Institutos Bíblicos, Conferências Missionárias e grupos missionários em igrejas em todos os estados do Leste, e Canadá (parte oriental). (MILLS, [correspondência] 17 jan. 1955, tradução livre)<sup>29</sup>

A partir destes relatos, faço dois destaques. O primeiro é a forma como Eva Mills foi construindo sua rede de sociabilidade nesse país. O contato com as igrejas na Inglaterra não havia sido tão fecundo quanto foi nos Estados Unidos, se estendendo até o Canadá. No livro

<sup>28</sup> [Only a few days ago I returned from a speaking tour in Virginia State. While there I had opportunities of witnessing in many churches and prayer groups. Interest was aroused and I felt the love and confidence of the people was real and lasting. As I told of the boys and girls brought up and taught in my home and of their later studies in the Bible Institute and who now are evangelists and native pastors, many were moved to ask for their names in writing so that they could pray definitely for them. Some asked how much it would cost to support a native worker and finally I returned with a list of native workers for whom support had been promised. They are all my old Brazilian children. A small group of women who meet every Thursday morning for prayer have promised to support one of my old boys as he goes through two years of study in order to get a Brazilian diplomas which will qualify him to carry on work as a teacher in our Bible Institute. There is much encouragement for “the Lord, He it is that doth go before you”.]

<sup>29</sup> [I am well and kept busy with many meetings. Tomorrow I have a meeting in New Jersey; Thursday at a Baptist Church in Philadelphia; meeting in another Baptist Church in Philadelphia (Sunday School hour) and so on throughout February, March and April at Bible Institutes, Missionary Conferences and Missionary groups at churches all over the eastern States, and Canada (eastern part).]

8:28 Eva Mills faz algumas queixas por sua decepção com as igrejas na Inglaterra, em especial pela falta de apoio de sua própria comunidade de origem. Em suas palavras: “David e eu não tínhamos apoio de qualquer igreja. A igreja que tinha nossos nomes em seu rol [como membros] não teve nenhuma parte em nosso ministério, nem mesmo através de correspondências” (MILLS, 1976, p. 25, tradução livre)<sup>30</sup>.

Por outro lado, Eva Mills sentiu a receptividade das igrejas nos Estados Unidos que a procuravam por suas histórias e respondiam a elas. As igrejas protestantes nos Estados Unidos já enviavam e mantinham frentes missionárias no Brasil desde o século XIX. Data de 1836 a chegada do primeiro missionário metodista no Brasil, de 1855 de missionários congregacionais e de 1859 os de origem presbiteriana, todos de origem estadunidense (REILY, 2003). Segundo Mesquida, havia interesses políticos, econômicos e culturais que aproximaram as elites progressistas da região sudeste do Brasil ao “interesse norte-americano de exercer hegemonia cultural, política e econômica no Brasil” (1994, p. 22), facilitando e por vezes estimulando a circulação e atuação de missionários norte-americanos em solo brasileiro.

Algumas igrejas, com interesse em apoiar a prática missionária, procuravam em agências missionárias indicações de missionários que pudessem assumir como seus. Esta relação com o missionário em campo envolvia desde orações, trocas de cartas, ajuda financeira, envio de donativos e suprimentos ou outras formas de se tornarem partícipes do projeto que este missionário viveria na prática em outro país. É como se o missionário fosse o representante desta igreja em solo estrangeiro, a própria igreja ali representada.

Entre as correspondências da família Doepp, há um fragmento de uma narrativa que estava sendo construída por uma comissão da *Immanuel Baptist Church*, sob o assunto “História da *Immanuel*”:

O Pastor Sampson queria que seu povo se tornasse mais consciente da oportunidade que o mundo dá para a obra missionária. Em 1940 contatou várias comissões missionárias de fé pedindo que os missionários visitassem a Immanuel para apresentar seus ministérios. Os três que vieram para falar já estavam no campo sob os auspícios dessas missões independentes, mas precisavam de apoio adicional.

Impressionado como a senhorita Clifton realmente tomou a comissão do “ide” literalmente, Immanuel começou a fornecer apoio parcial para ela em 1940 e manteve-a até sua morte. O apoio da Immanuel incluía, então, um missionário sendo “assumido” por uma classe da Escola Dominical específica ou outro grupo na igreja, o que contribuiria para seu apoio financeiro e emocional. No entanto, todos os olhos e corações da Immanuel se concentraram no campo missionário da Miss. Clifton, por causa de sua disposição de servir ao Senhor com tanta fidelidade.

Um pouco mais tarde, a senhora Eva Mills veio falar. Ela estava então com a Unevangelized Fields Mission (UFM) no Norte do Brasil, na equipe do Instituto

<sup>30</sup> [David and I had no church backing. The Church that had our names on its roll had no part in our ministry, not even in correspondence.]

Bíblico da Barra do Corda. Apesar de ter aderido recentemente à UFM, serviu no Brasil como missionária independente desde 1928 quando, como senhorita Eva Yarwood, tinha chegado de sua Inglaterra natal para casar com seu noivo, David Mills, e se juntar a ele no campo missionário. (BILL & JEAN, [correspondência] 21 mar. 2001, tradução livre)<sup>31</sup>

Esta correspondência faz parte de um conjunto de e-mails trocados entre membros da igreja e o casal George e Davina Doepp, acertando os detalhes sobre a narrativa que envolvia a História da Igreja de Richmond com Eva Mills<sup>32</sup>. Neste relato, a descrição de como a igreja começou a se aproximar de alguns missionários: a partir de classes da Escola Dominical ou outros grupos da igreja. Quem especialmente assumiu Eva Mills foi um grupo de senhoras da igreja, por isso seu contato está associado ao conselho de anciãos da igreja, de cujo presidente ela recebeu o presente em sua despedida para o asilo.

A segunda questão que pode ser pontuada quando Eva Mills se refere às visitas às igrejas é sobre *o que* ela ia fazer: dar o seu testemunho, falar de si, de sua própria vida no Brasil. Havia interesse pelas histórias, pelos frutos de seu trabalho, pelos “meninos e meninas educados e ensinados” em sua casa e que agora eram “evangelistas e pastores nativos”<sup>33</sup> (MILLS, [correspondência] 9 out. 1944).

Estas igrejas, enquanto espaços para *falar de si*, foram dando legitimidade ao trabalho de Eva Mills no Brasil. A sua identidade construída naquele país, entre aquele grupo de igrejas, foi sendo construída a partir de sua relação com o Brasil. Era sobre si que ela falava. Era sobre o Brasil que ela relatava. Sua biografia esteve, a partir dali e durante os anos que se seguiram,

---

<sup>31</sup> [Pastor Sampson wanted his people to become more aware of the world-side opportunity for missionary service. In 1940 he contacted several faith mission boards requesting that missionaries visit Immanuel to present their ministries. The three who came to speak were already on the field under the auspices of those independent missions but needed additional support.

Impressed that Miss Clifton did indeed take the commission “Go ye” literally, Immanuel began supplying partial support for her in 1940 and maintained it until her death. Immanuel’s support then included a missionary’s being “taken on” by a specific Sunday School class or other group in the church, which would contribute to his financial and emotional support. However, all Immanuel eyes and hearts focused toward Miss Clifton’s mission field because of her willingness to serve the Lord so faithfully.

A little later Mrs. Eva Mills came to speak. She was then with Unevangelized Fields Mission (UFM) in North Brazil, on the staff of the Bible Institute at Barra do Corda. Although she had just recently joined UFM, she had been serving in Brazil as an independent missionary since 1928 when, as Miss Eva Yarwood, she had arrived from her native England to marry her fiancé, David Mills, and join him on the mission field.]

<sup>32</sup> Esta narrativa está organizada como um capítulo de livro contendo histórias de missionários da própria igreja, mas não encontrei qualquer publicação a respeito, podendo ser algo interno à própria comunidade.

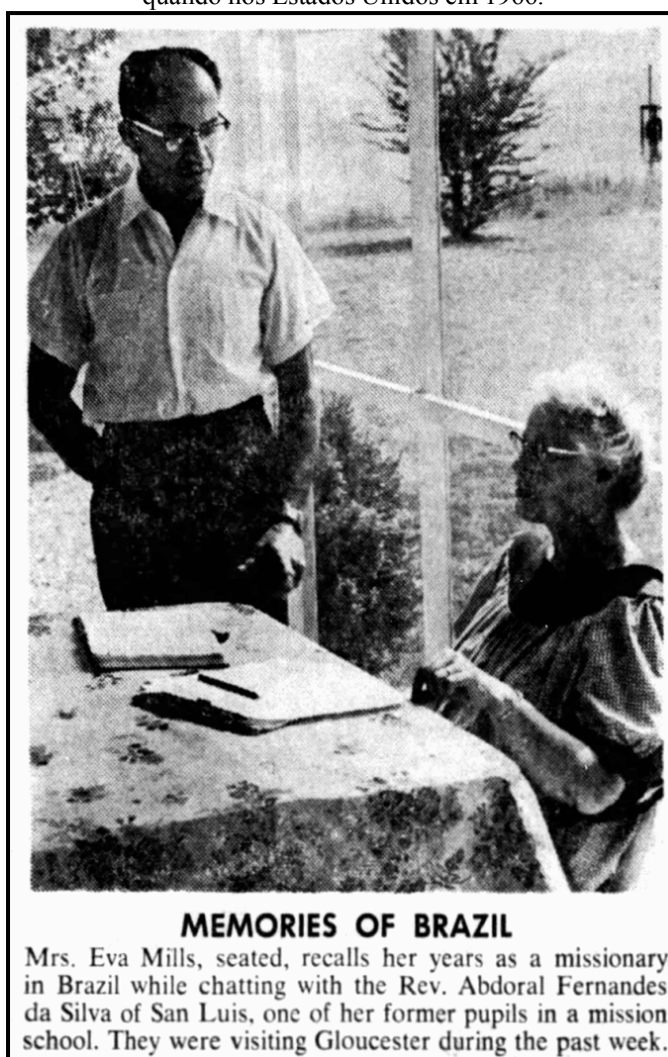
<sup>33</sup> Os termos “pastores” e “evangelistas” são aplicados a brasileiros, enquanto o termo “missionários” diz de pessoas que vieram de outros países para o Brasil, independente de suas funções. Na prática, o trabalho de ambos (brasileiros ou estrangeiros) se assemelhavam e as expressões serviram para categorizar e dar distinção hierárquica: missionários (os de fora), pastores (os brasileiros com formação teológica) e evangelistas (brasileiros sem formação). Estas categorias usadas pelos estrangeiros foram incorporadas pelos brasileiros e estão presentes, por exemplo, tanto nos livros de Eva Mills (1976, 1982[?]; 1986[?]), quanto nos livros do pr. Abdoral Silva (1997, 2005, 2006[?]).



ligada à memória daquelas escolas brasileiras e de seus alunos que se tornaram os “líderes nativos” da igreja que ali nasceu.

O grupo de senhoras da Igreja em Richmond que apoiava Eva Mills no Brasil desde 1943 custeou a ida do pastor Abdoral Fernandes da Silva aos Estados Unidos no ano de 1966, quando a missionária já trabalhava como *Church Visitor*. A presença do pastor brasileiro no país foi registrada nos jornais locais como um dos “*pupils*” de Eva Mills.

Figura 2: Eva Mills e o pastor Abdoral Silva, seu ex-aluno, quando nos Estados Unidos em 1966.



Fonte: por Mike Molloy em Daily Press, Newport News, Virginia, 14 ago, 1966, p. 12

No recorte da imagem em destaque, a inscrição:

MEMÓRIAS DO BRASIL: A Sra. Eva Mills, sentada, lembra seus anos como missionária no Brasil enquanto conversa com o Rev. Abdoral Fernandes da Silva, de São Luís, um dos seus ex-alunos em uma escola missionária. Eles estiveram visitando Gloucester durante a semana passada. (MOLLOY, 1966, p. 12, tradução livre)

O jornal *Daily Press*, de *Newport News*, no estado de Virgínia, assinalou a passagem da missionária e seu ex-aluno pelo estado através de uma entrevista com os dois, cujo título da matéria foi: “Mudanças acontecendo: Brasil é comparado a um gigante despertado do sono, sem saber para onde vai”<sup>34</sup>, publicada em 14 de agosto de 1966. A chamada fazia referência ao novo governo brasileiro assumido desde 1964 e as “ameaças comunistas” ao país, principalmente no Norte, entre os mais pobres: “O norte do Brasil, com agitação nas áreas atingidas pela pobreza, é a área onde o comunismo tem deixado sua marca, disse a Sra. Mills. No Sul, ela apontou, o país é moderno e mais avançado e, portanto, menos suscetível ao apelo do comunismo” (MOLLOY, 1966, p. 12, tradução livre)<sup>35.36</sup>

A professora missionária Eva Mills, com a experiência de quem viveu no Norte do país, numa das áreas, segundo relatado nesta matéria, “mais atingidas pela pobreza” e “onde o comunismo tem deixado sua marca”, fala das “incertezas sobre os rumos do Brasil”, lembrando do abismo que há entre os mais pobres e os mais ricos neste país. No *Daily Press*, Eva Mills é apresentada como uma professora que trabalhou com “crianças nativas” na “área mais pobre” do país, cuja biografia tomou mais da metade da reportagem publicada. O Reverendo Abdoral Silva estava ali como um de seus “ex-alunos nativos”, acumulando predicados como presidente de uma denominação evangélica brasileira, pastor de uma igreja em São Luís, professor e diretor de um seminário teológico e um pregador muito solicitado, representando o trabalho bem-sucedido da professora.

Eva Mills não só falava de si nas igrejas, mas também escrevia de si, a exemplo dos relatos epistolares que estou trazendo como fontes para construir essa narrativa. Havia uma

---

<sup>34</sup> [Changes taking place: Brazil Is Likened to giant arousing from sleep, unsure of direction]

<sup>35</sup> [The north of Brazil, with unrest in poverty stricken areas, is the area where Communism has made its mark, Mrs. Mills said. In the south, she pointed out, the country is modern and up-to-date, and therefore less susceptible to communism's appeal]

<sup>36</sup> É possível que esta imagem que Eva Mills constrói sobre o Norte/Nordeste brasileiro tenha a ver com a repercussão que se dá na imprensa norte-americana sobre as Ligas Camponesas, principalmente após a Revolução Cubana (1959-1961). O jornal *The New York Times* de 31 outubro de 1960 trouxe em destaque: “Camponeses se organizam no Brasil” e uma foto de trabalhadores rurais sob a placa da “Sociedade agrícola e pecuária dos plantadores de Pernambuco”. Segundo esta matéria de duas páginas, o Nordeste era considerado uma área com altos índices de pobreza, analfabetismo e desnutrição, e marcada por grandes conflitos de terras e organização de camponeses contra os latifundiários. Estas organizações camponesas foram consideradas no jornal como ameaças comunistas, que fariam com que a revolução cubana parecesse um “piquenique” comparado ao que poderia acontecer nesta região. Entretanto, segundo Boris Fausto (1995), estes conflitos agrários não teriam necessariamente alguma ligação com movimentos comunistas. Ele explica que “o pano de fundo dessa mobilização [camponesa] parece se encontrar nas grandes mudanças estruturais ocorridas no Brasil entre 1950 e 1964, caracterizadas pelo crescimento urbano e uma rápida industrialização. Essas mudanças ampliaram o mercado para os produtos agrícolas e a pecuária, levando a uma alteração nas formas de posse da terra e de sua utilização. A terra passou a ser mais rentável do que no passado, e os proprietários trataram de expulsar antigos posseiros ou agravar suas condições de trabalho, o que provocou forte descontentamento entre a população rural. Além disso, as migrações aproximaram campo e cidade, facilitando a tomada de consciência de uma situação de extrema submissão, por parte da gente do campo” (FAUSTO, 1995, p. 443, 444).

constância em suas cartas enviadas para familiares e também, especialmente a partir de seu vínculo com a UFM, de cartas circulares enviadas às igrejas ou a outros meios de comunicação desta sociedade missionária. Relatos que, escritos ou orais, apesar de se tornarem “histórias antigas” com o decorrer dos anos, tornavam-se “novas de novo” à medida que eram repetidas para si mesma e para novos ouvintes ou leitores:

Como eu contei sobre as minhas orientações de mais de vinte anos atrás, quando o Senhor colocou em meu coração a necessidade de consagrar minha vida a Seu serviço (através da mensagem de papai para nós quando ele leu sobre a consagração de Madame Guyon), alguns ficaram profundamente comovidos e falaram comigo depois sobre isto. As histórias que emocionaram a maioria dos ouvintes foram a viagem de Miami para a Filadélfia e a maravilhosa provisão do Senhor para nós por todo o caminho, e a história da provisão do Senhor para trazer minha mudança, através do tio Harold, em 1928. O cheque de 30 libras enviado pelo tio em 1935 para Balsas (o primeiro enviado em meu nome), que chegou em resposta à oração e para suprir uma necessidade muito real, tem sido causa de louvor e lágrimas de gratidão, pois nisso os ouvintes percebem que "Grande é a sua fidelidade". Não tenho nada mais a contar neste momento. *As histórias antigas tornam-se novas de novo quando falamos de Sua bondade através dos anos.* Deut. 2:7 <sup>37</sup>. (MILLS, [correspondência] 9 out. 1944, tradução livre e grifo nosso) <sup>38</sup>

Nesta carta enviada aos pais, apesar de ter ciência de que seus leitores conheciam sua história, Eva Mills retoma a ponta do Fio de Ariadne de sua biografia – o “chamado” através das histórias aprendidas em casa com o pai – e liga-as a outras narrativas de suas experiências como missionária no Brasil, destacando as que causaram mais comoção diante dos ouvintes. Interessante perceber que estes mesmos recortes autobiográficos foram trazidos às narrativas de seus livros a partir de 1976, evidenciando o quanto a memória é hermenêutica, construída, filtrada e (re)significada na relação com o outro.

Estas histórias estavam, aos poucos, sendo selecionadas, modeladas, renovadas e colecionadas a partir do *feedback* do público e apontam para uma das questões centrais nesta dissertação: as autobiografias de Eva Mills não foram produzidas apoiadas somente em uma ação subjetiva em busca de sua “ilusão biográfica”, por meio de uma memória que pertenceria apenas ao sujeito. Ao contrário, o projeto autobiográfico de Eva Mills foi publicado a partir de

<sup>37</sup> A referência bíblica de Deuteronômio 2:7 diz: “Pois o Senhor, o seu Deus, os tem abençoado em tudo o que vocês têm feito. Ele cuidou de vocês em sua jornada por este grande deserto. Nestes quarenta anos o Senhor, o seu Deus, tem estado com vocês, e não lhes tem faltado coisa alguma”. (Bíblia na Nova Versão Internacional – NVI)

<sup>38</sup> [As I told of my leadings of over twenty years ago when the Lord laid on my heart the need to consecrate my life to His service (through father's message to us when he read about Madam Guyon's consecration), some were deeply moved and spoke to me afterwards about it. The stories which thrilled most listeners were the journey from Miami to Philadelphia and the Lord's marvelous provision for us all the way, and the story of the Lord's provision for my equipment through Uncle Harold in 1928. The £30 cheque sent by Uncle in 1935 to Balsas (the first one sent in my name) which arrived in answer to prayer and to supply a very real need, has been the cause of praise and tears of thankfulness as listeners realize that “Great is His faithfulness”. I must not tell you any more just now. *Old stories become new again as we tell of His goodness through the years* Deut. 2:7.]

escolhas feitas numa dialética entre subjetividade e coletividade na construção de uma identidade autoral. A definição de quais histórias contar e como contar já vinha, de alguma forma, sendo testada na oralidade, nas leituras dos primeiros escritos, na reverberação constante com o outro. O discurso autobiográfico de Eva Mills foi construído na relação com o outro e na reação deste outro, cumprindo propósitos anteriores à publicação dos livros, como a escolha de qual grupo (público leitor) visava atingir e, principalmente, como atingir. Houve um caminho percorrido de escritora/narradora a autora.

A maior parte do acervo de cartas no arquivo de Eva Mills foi endereçada aos familiares, levando-me a inferir que a maioria das cartas produzidas por ela teria sido, de fato, para a família, especialmente para os pais ou irmãos. Estas foram guardadas pela família na Inglaterra, não havendo no arquivo as cartas enviadas para outros na Inglaterra, como o tio Harold, com quem ela trocava correspondências, ou mesmo com outros parentes e amigos, sendo estas mencionadas nas cartas aos pais, dizendo, por exemplo, que algumas informações já foram enviadas em cartas a tias, a uma irmã ou casais de amigos. Eva Mills sabia que muito das informações ali escritas eram divulgadas e circulavam entre demais familiares, amigos ou interessados em missões internacionais, a ponto de trechos das cartas serem publicadas em revistas missionárias na Inglaterra<sup>39</sup>. No prefácio do 8:28 ela diz que o cunhado

tinha guardado as minhas cartas pessoais para a família e cópias dos trechos publicados ao longo dos anos em revistas inglesas. Estes ele gentilmente me enviou. Os detalhes e datas, que eu não tinha guardado no meu diário pessoal, foram vividamente trazidos à mente pela preciosa coleção. A ele sou profundamente agradecida. (MILLS, 1976, prefácio, tradução livre)<sup>40</sup>

Pelo perfil do arquivo ao qual tive acesso junto ao casal George e Davina Doepp, presumo que boa parte do material se trate desta coleção enviada a Eva Mills pelo cunhado, sendo agregado às memórias colecionadas por ela mesma e, posteriormente, às de Anna Davina.

Neste acervo epistolar, Eva Mills por vezes menciona a escrita também em outras mídias no Brasil como parte de seu trabalho enquanto missionária neste país. Na citação seguinte de uma carta aos pais, ela fala de seus preparativos para ir aos Estados Unidos em 1944 e de sua esperança em poder continuar escrevendo histórias para crianças brasileiras:

<sup>39</sup> Apesar de encontrar em seu arquivo pessoal recortes de publicações (revistas) inglesas construídas com recortes de suas cartas, não há identificação de que mídias eram essas, além de algumas de circulação interna em determinadas igrejas, como “folhetos de grupos de oração”.

<sup>40</sup> [had kept my personal letters to the Family and the duplicated excerpts, published through the years in English magazines. These he graciously sent me. The details and dates, which I had not kept in my personal dairy, were vividly brought to mind by the treasured collection. To him I am deeply grateful.]

Com tanta costura a fazer em preparação para os meses pela frente, juntamente com as histórias infantis que escrevo para os jornais evangélicos brasileiros e as aulas da Escola Dominical, que também escrevo para publicação, meu tempo está bem preenchido. Às vezes me pergunto como vou dar conta de tudo isso. [...] Espero poder continuar publicando histórias evangélicas em português para as crianças brasileiras. (MILLS, [correspondência] 12 fev. 1944, tradução livre)<sup>41</sup>

Durante os anos que trabalhou no Brasil, além de professora de crianças, Eva Mills construiu uma representação de si também voltada para a publicação de impressos, como a escrita em jornais evangélicos, de lições para Escolas Bíblicas Dominicais ou em revistas do meio missionário. Nas mídias onde identifiquei algumas destas publicações, seu recorte esteve pautado em sua biografia, memórias ou experiências em campo missionário, tais quais os livros que viriam a ser publicados posteriormente.

Não localizei especificamente as publicações às quais Eva Mills se refere no trecho da carta acima mencionada, tendo tido acesso apenas aos impressos que circularam dentro do contexto da UFM, como a revista *Light and Life*, folhetos e outros de menor circulação, além de alguns rascunhos de histórias que não chegaram a ser publicadas nos livros e que possivelmente datem da década de 1940. Também encontrei algumas histórias em forma de crônicas sendo veiculadas por meio das cartas.

Contudo, não desconsidero que Eva Mills tenha publicado em outros meios tal qual afirma por dois motivos: primeiro porque havia no Brasil uma prática de publicação de impressos escritos por professoras missionárias usados nas escolas de origem protestante e nas Escolas Bíblicas Dominicais. Esta prática será abordada no capítulo três desta dissertação como uma das ações de mulheres missionárias no Brasil entre o século XIX e XX, sendo muito provável que Eva Mills tenha cooperado com estas publicações, especialmente após os anos de 1941/42, quando residiu na cidade de Garanhuns-PE e teve contato com uma rede de missionários presbiterianos naquela cidade.

O segundo motivo diz respeito às representações de si construídas através das correspondências. O fato de Eva Mills afirmar em suas cartas que publicava em jornais e revistas revela algo da identidade que ela estava construindo sobre si na Inglaterra, junto aos seus, e isto é uma questão importante a ser considerada. Para ela, a escrita e publicações de histórias para crianças fez parte igualmente de seu trabalho missionário no Brasil. Isto porque, não era apenas a escrita que era importante, mas o ato de escrever de si, de escrever sobre seu

---

<sup>41</sup> [With all my sewing in preparation for the months ahead together with the children's gospel stories which I write for the Brazilian evangelical papers and the Sunday School lessons, which I also write for publication, my time is well filled. Sometimes I wonder how I can get through it all. [...] I hope to be able also to carry on publishing gospel stories in Portuguese for the Brazilian children.]

trabalho e suas experiências e a plena divulgação daquilo que lhe era caro, sua ação como uma missionária professora no Brasil. Tão importante quanto o *fazer*, o *falar sobre* o que faz amplia as possibilidades de ação missionária e cumpre funções sociais importantes dentro do campo religioso protestante: a propagação de um estilo de vida e de virtudes que servirão de exemplo a outros.

Portanto, chegar à velhice, na aposentadoria, e publicar livros sobre si e especificamente sobre si no Brasil foi para Eva Mills o amadurecimento de uma vida. Rememorar e escrever sobre seu trabalho no Brasil foi o que lhe conferiu prestígio desde 1928, assegurando a Eva Mills um lugar de valor no grupo, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos. Foi contando suas histórias sobre o Brasil que a igreja de Richmond e outras comunidades estadunidenses conheceram-na, com uma identidade construída desde o início voltada para o Brasil. Sua filha Anna Davina estudou e casou ali, construiu laços, estabelecendo-se naquele país. A possibilidade de se aposentar em um asilo cujo mote era o público cristão nos Estados Unidos não pareceu algo ruim, pelo contrário, foi tido por bênção, parte da Providência da qual ela escreveu.

E mais, estar em um asilo, longe de familiares, afastada de suas atividades de trabalho, e ainda com um diagnóstico de leucemia, não foram razões para *silenciar* Eva Mills. “Sobre a inadaptação dos velhos, conviria meditar que nossas faculdades, para continuarem vivas, dependem de nossa atenção à vida, do nosso interesse pelas coisas, enfim, depende de um projeto. De que projeto o velho participa agora?” (BOSI, 2004, p. 80).

Ecléa Bosi, em “*Memória e sociedade*”, discute o lugar do “velho” em nossa sociedade industrial, que tende a empurrá-lo à margem, haja vista não ser produtivo como outrora. Segundo ela, é exatamente nesse momento, quando o trabalho manual, mecânico, intelectual, lhe é tirado que

a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade de encontrar ouvidos atentos, ressonância. (BOSI, 2004, p. 82)

Se antes, para Eva Mills, falar de si agregava legitimidade ao seu trabalho, agora, na terceira idade, o novo projeto autobiográfico a manteria viva e seu trabalho no Brasil lhe conferiria a legitimidade de uma vida. O “vínculo com outra época” e a “consciência de ter suportado” poderiam finalmente ser organizados e compreendidos e ela poderia, sem

constrangimentos, “ensinar aquilo que sabe e que custou toda uma vida para aprender” às futuras gerações (BOSI, 2004, p. 79).

“Na velhice, quando já não há mais lugar para aquele ‘fazer’, é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. Lembrar agora é fazer” (BOSI, 2004, p. 480). O acionamento da memória e a escrita de uma vida que exigiu uma ação era, em si, um trabalho: separar, seleccionar, juntar de novo, excluir, entender, imaginar, repensar, pensar mais um pouco, ordenar, reconstruir, registrar...

Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor. As ideias de memória e conselho são afins: *memini* e *moneo*, ‘eu me lembro’ e ‘eu advirto’, são verbos parentes próximos. A memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia. (BOSI, 2004, p. 481)

Eva Mills publicou livros em sua velhice, em um asilo, enferma, mas tomando o espaço da memória para consolidar sua posição em campo, indo do “eu me lembro” para o “eu advirto”, posicionando-se como alguém de referência para a prática missionária protestante de uma época. Desta vez sua escrita, diferente de suas cartas ou seus artigos de jornais ou revistas, que também foram escritas autobiográficas, Eva Mills abraçou os requintes clássicos do gênero: escreveu de si, sua história em retrospectiva, propondo-se a revelar toda a verdade em forma de livro sobre o trabalho que justificou sua vida, sobre o ser uma professora missionária protestante no Brasil.

Em cada um dos três livros, um capítulo de vida publicado e a materialização de um projeto autobiográfico. Em cada obra, uma Eva revelada. A seguir, uma análise livro a livro e a construção desta memória.

### 1.1. 8:28: UMA “NARRATIVA RETROSPECTIVA EM PROSA”

O primeiro livro de Eva Mills, publicado em 1976, foi o 8:28. Se trata de uma “narrativa retrospectiva em prosa” que Eva Mills “faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual” (LEJEUNE, 2008, p. 16)<sup>42</sup>. É neste livro onde Eva Mills, autora-narradora-personagem de sua obra, se propõe a narrar-se, escrevendo de si e sobre o início de sua ação no Brasil.

---

<sup>42</sup> Esta é uma autobiografia no sentido “clássico” do termo, segundo Phillipe Lejeune. Contudo, segundo o próprio autor, um conceito restritivo àquilo que pode entrar no rol autobiográfico, excluindo outras formas de autobiografias como diários, relatos orais, autorretratos, etc.





Um dos significados atribuídos ao título está na parte subscrita do quadro em marca d'água: uma imagem que lembra uma lauda de livro. Se trata de um pequeno fragmento de texto bíblico repetido inúmeras vezes – “Romanos 8:28. E nós sabemos que todas as coisas trabalham juntas para o bem daqueles que amam a Deus, para aqueles que são chamados de acordo com o seu propósito”. Na apresentação do livro, Eva Mills justifica sua escolha:

Não, esta não é uma resolução do Senado, n. 828, nem o início do meu CPF. Não é o meu código de área de telefone, nem mesmo meu número no rol da igreja. É a declaração de Paulo, o apóstolo de Jesus Cristo, aos Romanos, capítulo 8 e verso 28, uma declaração que se tornou cada vez mais preciosa para mim, porque eu tenho provado também ser verdadeira e absolutamente garantida também a todos os que amam o mesmo Senhor Jesus Cristo e estão caminhando em comunhão com Ele no dia a dia. Ele diz: “Porque sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, para aqueles que são chamados de acordo com o Seu propósito. (MILLS, 1976, apresentação, tradução livre)<sup>44</sup>

A Bíblia é elemento fundante nessa escrita de si, selecionada a partir do grupo de pertencimento da autora. É por meio das lentes bíblicas, ou melhor, através das lentes do grupo protestante, que tudo parece ganhar cor. Ela não está falando só, de si para si. Ela fala de um lugar, para outros e também de outros. Fez sentido para ela e para seu grupo pensar que “todas as coisas” – ou seja, tudo o que foi vivenciado por ela – foram capazes de trabalhar juntas e cooperar entre si para um determinado fim, como expresso em Romanos 8:28. Segundo esta perspectiva, nada estaria fora de eixo e as peças de sua vida se encaixariam como em um quebra-cabeça, coerente em suas unidades de encaixe, capazes de formar um todo com sentido: “O Brasil passaria a ser o país de minhas alegrias e tristezas, onde eu iria provar, por inúmeras vezes através dos anos, a grande e esmagadora verdade de Romanos, capítulo oito, verso vinte e oito” (MILLS, 1976, apresentação, tradução livre)<sup>45</sup>.

Eva Mills se constrói como parte de seu contexto, onde alegrias e tristezas advêm como expressões da Providência divina, ao que ela recorre para colar os pedaços de uma vida vivida em partes, pelo menos se depender dos acionamentos da memória, que são fragmentadas e desconexas, e traçar uma trajetória de vida com sentido, capaz de ser materializada em um livro. O texto bíblico foi capaz de lhe trazer uma *razão de ser*, um sentido de vida – o fim destas

---

<sup>44</sup> [No, it isn't a Senate Joint Resolution, No.828, nor the beginning of my Social Security number. It isn't my telephone area code, nor even my number on the church roll. It is the declaration of Paul, the apostle of Jesus Christ, to the Romans, chapter 8 and verse 28, a declaration that has become more and more precious to me, because I have proved it to be true and absolutely guaranteed to all those who love the same Lord Jesus Christ and are walking with Him in day by day communion. He declares: 'For we know that all things work together for good to them that love God, to them who are the called according to His purpose'.]

<sup>45</sup> [Brazil was to be the country of my joys and sorrows, where I would prove, over and over again through the years, the grand overwhelming truth of Romans, chapter eight, and verse twenty-eight]

coisas que cooperam entre si é o bem dos que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito. Eva Mills não é apresentada como mais uma na multidão, ela se representa e é representada para e pelo grupo como um modelo a ser seguido, chamada por Deus para uma missão, vocacionada segundo o plano divino.

Esta ideia de Providência divina postulada por Eva Mills a partir do texto de Romanos 8:28 assemelha-se à identificada por Max Weber entre os Calvinistas Puritanos do século XVII, como uma missão para todos e, mais que um destino sobre o qual o indivíduo deva se resignar, um chamado à ação e ao trabalho: “A todos, sem distinção, a Providência divina pôs à disposição uma vocação (*calling*) que cada qual deverá reconhecer e na qual deverá trabalhar, e essa vocação [é] [...] uma ordem dada por Deus ao indivíduo a fim de que seja operante por sua glória” (WEBER, 2004, p. 145).

A presença de um texto da Bíblia na capa do livro também se constitui um indício na definição ou priorização de um público leitor específico. A Bíblia é fundamento importante no campo religioso protestante; e sua utilização na capa, ou mesmo na justificação de uma escrita autobiográfica, diz sobre uma mulher que se pretende parte deste grupo e é legitimada por ele.

Para Chartier, as representações do mundo social “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (1990, p.17). Um livro é escrito, pensado e publicado para atender a objetivos tanto subjetivos quanto coletivos, porquanto é necessário que haja um público leitor interessado ou pretendido para aquela obra.

Na contracapa, há uma preocupação evidente com a definição dos propósitos deste livro e com qual grupo religioso em especial se pretende dialogar, pondo no mesmo círculo a autora, o leitor e o editor:

Este mundo está doente: a insegurança prevalece, pessoas enganam, drogas e luxúria fascina e cativam, casamentos desmoronam, medos e experiências assustadoras ameaçam dominar e o desânimo leva ao desespero. O propósito deste livro é encorajar os crentes companheiros de viagem ao longo da trilha da selva da vida, através de um testemunho de experiência pessoal. Deus, que chama Seus filhos para levarem Sua maravilhosa mensagem a este mundo doente, é completamente fiel: Ele irá fazer como disse. ‘Para aqueles que amam a Deus, que são chamados de acordo com Seu plano, tudo o que acontece se encaixa dentro de um padrão para o bem’, como diz a tradução de J. B. Phillips de Romanos 8:28. Ele é capaz de guardar Seus filhos da queda e apresentá-los sem culpa na presença de Sua glória com demasiada alegria (ver Judas 24). Eu me alegro em recomendar este relato da fidelidade de Deus para com uma de suas servas missionárias. Isto traz desafios inspiradores para todos os filhos de Deus.

– James W. Reapsome, Editor, *Evangelical Missions Quarterly* (MILLS, 1976, contracapa, tradução livre)<sup>46</sup>

O texto inicia falando de um mundo doente, das mazelas que se contrapõem à moral cristã: insegurança da vida, drogas, luxúria, pessoas que enganam, casamentos que desmoronam..., para então trazer o contraponto do livro que se pretende em um caminho oposto: encorajar crentes companheiros, filhos de Deus, a seguir pelas trilhas da selva da vida por um mundo melhor. A tônica do texto é quase uma conclamação a novos missionários a seguir o modelo ideal da autora-personagem, sendo chancelado pelo editor do livro – que faz ele mesmo a honra de referendar o livro, e não por acaso. James W. Reapsome, o editor, é um nome de referência no campo em questão e não sem propósito ele ainda assina seu lugar de pertença institucional, a *Evangelical Missions Quarterly* (EMQ).

A EMQ é uma revista missiológica publicada por *Billy Graham Center*, no *Wheaton College*, e se pretende academicamente voltada para professores e alunos universitários, com ênfase em missões evangélicas mundiais, ao mesmo tempo que visa atender ao público de missionários em campo nos diversos continentes, apresentando-se como o primeiro periódico para a comunidade missionária norte-americana. James Reapsome assina a edição destas revistas, que são trimestrais, desde o primeiro número, em 1964, até o ano de 1997, sendo não só editor, quanto autor de muitos artigos e livros, demonstrando ser alguém de relevância no cenário missiológico protestante norte-americano deste período.<sup>47</sup>

Reapsome apresenta a autora-personagem como uma heroína, um testemunho de experiência pessoal: Eva Mills é um padrão a ser seguido no meio protestante. Neste sentido, compreendo a identidade da biografada sendo construída de forma intimamente ligada à recepção do livro, àquilo que se quer despertar no leitor, ao mesmo tempo que relacionada à proposição identitária de um campo específico, quando a apresenta como padrão para este

---

<sup>46</sup> [This world is sick: insecurity prevails, people deceive, drugs and lust allure and captivate, marriages collapse, fear and frightening experiences threaten to overwhelm, and despondency leads to despair. The purpose of this book is to encourage fellow believers-traveling along life's jungle trail-by a testimony of personal experience. God, who calls His children to give out His amazing message to this sick world, is utterly faithful: He will do as He has said. "To those who love God, who are called according to His plan, everything that happens fits into a pattern for good" is J. B. Phillips translation of Romans 8:28. He is able to keep His children from falling and to present them without fault before the presence of His glory with exceeding joy (see Jude 24). I am happy to recommend this account of God's faithfulness to one of his missionary servants. It makes inspiring challenging to God's children everywhere. – James W. Reapsome, Editor, *Evangelical Missions Quarterly*.]

<sup>47</sup> Conforme os sites das instituições *Evangelical Missions Quarterly*: <<https://www.emqonline.com/about-us/mission>> (acessado em 19/08/2016), *Wheaton College*: <<http://www.wheaton.edu/BGCE/Evangelism-Resources/EMQ>> (acessado em 19/08/2016), e o vídeo comemorativo dos 50 anos de publicação da revista, disponível em <<https://vimeo.com/105870673>> (acessado em 20/08/2016)

grupo. Em um de seus livros, Reapsome descreveu seu encontro com Eva Mills em um lar para idosos, o mesmo onde vivia sua mãe:

A primeira vez que eu a encontrei reconheci ouro puro [...]. Independentemente da sua doença incurável, seus olhos brilhantes e seu sorriso me encantaram. Eu não pude dizer não quando ela me pediu para editar seu livro, que contava a história de sua vida no Brasil. Ela o chamou de ‘8:28’. (REAPSOME, 2013, p. 58, tradução livre)<sup>48</sup>

Pensando a partir de Certeau (2011) na construção memorialística de um santo, encontro a representação de uma mulher que passou pelo seu processo de martírio: Eva Mills “trilhou a selva da vida” (nas palavras de Reapsome na contracapa), durante “trinta anos de missão” (na capa); e não foi em qualquer lugar, mas no “interior primitivo do Brasil” (também na capa do livro). Mais adiante, na dedicatória do livro, a autora traz novamente a expressão “na trilha da selva da vida” como um caminho percorrido por ela. São referências ao suplício, às dificuldades enfrentadas entre os silvícolas, retomadas e reforçadas de diferentes formas no corpo do texto. Nesta mesma dedicatória, há uma referência à Terra de Beulá em alusão ao céu agora ansiado por ela – “onde mansões estão preparadas para mim” – em contraste às selvas por onde ela passou.

Elementos da autobiografia de Eva Mills podem ser relacionados à estrutura do “discurso hagiográfico” percebida por Certeau (2011): a vida de martírio na idade adulta; a evocação de sua infância, articuladora de uma “vocação/eleição” desde os primórdios; o relato dramático entre os tempos solitários de crise e centramento, e as “virtudes” de ordem pública.

A combinação dos atos, dos lugares e dos temas indica uma estrutura própria que se refere não essencialmente ‘àquilo que se passou’, como faz a história, mas ‘àquilo que é exemplar’. As *res gestae* não constituem senão um léxico. Cada vida de santo deve ser antes considerada como um sistema que organiza uma *manifestação* graças à combinação topológica de ‘virtudes’ e de ‘milagres’. (CERTEAU, 2011, p. 290, grifo do autor)

Estas “virtudes” identificadoras de um *modus* protestante não dizem respeito necessariamente aos milagres, normalmente requeridos, ou tolerados, nas hagiografias – definidas como “um gênero literário que [...] privilegia os atores do sagrado (os santos) e visa à edificação (uma ‘exemplaridade’)” (CERTEAU, 2011, p. 289). No caso da autobiografia de Eva Mills, referem-se às ações benevolentes e educacionais que carregam consigo os ideais

---

<sup>48</sup> [The first time I met her I recognized pure gold [...]. Regardless of her incurable illness, her eyes sparkled and her smile charmed me. I could not say No when she asked me to edit her book, which told the story of her life in Brazil. She called it ‘8:28’]

deste grupo religioso específico, fazendo de sua publicação um livro de edificação dos fiéis, tal qual uma hagiografia. As virtudes de um sujeito só são realmente virtudes se existir um *para quem* estas virtudes façam sentido. As virtudes de Eva Mills são expressões das virtudes requeridas pelo grupo religioso do qual ela fez parte e não por acaso Eva Mills tenha sido tomada por exemplo.

Dois anos antes da publicação do 8:28, em julho de 1974, foi realizado o I Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial, em Lausanne, Suíça. Este foi organizado pelo batista norte-americano Billy Graham, que se apresentava como uma liderança evangélica capaz de atrair o apoio e anuência de diversos ramos do protestantismo, de diversas partes do mundo. O documento gerado ao fim deste evento, com o objetivo de apresentar os distintivos teológicos para a Igreja em termos de evangelização mundial<sup>49</sup>, o Pacto de Lausanne pretendia lançar novas luzes sobre o tema da evangelização mundial e as prioridades missiológicas da igreja protestante sobre o mundo. As perspectivas missiológicas convergiam para os pobres e para o Terceiro Mundo, substanciando uma teologia voltada para as “práticas sociais”, em especial por meio da educação e assistências sociais, enquanto estratégia de transformação social.

Dentre os quinze artigos elencados no Pacto de Lausanne, destaco o intitulado “Educação e Liderança”, que diz:

Confessamos que às vezes temos nos empenhado em conseguir o crescimento numérico da igreja em detrimento do espiritual, divorciando a evangelização da edificação dos crentes. Também reconhecemos que algumas de nossas missões têm sido muito remissas em treinar e incentivar líderes nacionais a assumirem suas justas responsabilidades. Contudo, apoiamos integralmente os princípios que regem a formação de uma igreja de fato nacional, e ardentemente desejamos que toda a igreja tenha líderes nacionais que manifestem um estilo cristão de liderança não em termos de domínio, mas de serviço. Reconhecemos que há uma grande necessidade de desenvolver a educação teológica, especialmente para líderes eclesiais. Em toda nação e em toda cultura deve haver um eficiente programa de treinamento para pastores e leigos em doutrina, em discipulado, em evangelização, em edificação e em serviço. Este treinamento não deve depender de uma metodologia estereotipada, mas deve se desenvolver a partir de iniciativas locais criativas, de acordo com os padrões bíblicos. (THE LAUSANNE COVENANT, 1974, *on line*)<sup>50</sup>

Este trecho do Pacto é significativo para a compreensão do que possa representar a publicação da autobiografia de Eva Mills dentro desse contexto. Havia um interesse em mudança dentro do cenário protestante e as palavras “confessamos” e “reconhecemos” denotam

<sup>49</sup> O evento não absorveu caráter denominacional, havendo um interesse aglutinador e ecumênico por parte dos envolvidos. (TENNET, 2014)

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.lausanne.org/content/covenant/lausanne-covenant> (acessado em 5 de abril de 2017)

o caminho que não queria mais ser trilhado, como o divórcio entre evangelização e edificação dos crentes e a não preparação de “líderes nacionais a assumirem suas justas responsabilidades”, enquanto críticas a um modelo colonialista de fazer missões, no sentido tanto de propagar um modelo civilizacional, quanto de tornar os nativos dependentes em sua forma e recursos. Conceitos como “implantação” de igrejas ou mesmo da religião são questionados, inclusive no aspecto educacional como estratégias de um modelo imperialista que visava implantar os modelos civilizacionais em uma dada nação.

Contudo, as palavras de apoio que vem em sequência apontam para aquilo que se busca agregar como identidade para as Missões Protestantes, ressignificando o lugar da educação enquanto prática missionária na sociedade, devendo esta ser investida prioritariamente nas iniciativas locais e no preparo teológico de uma liderança local – “desejamos que toda a igreja tenha líderes nacionais que manifestem um estilo cristão de liderança não em termos de domínio, mas de serviço” (THE LAUSANNE COVENANT, 1974, *on line*). Importante destacar que, no Brasil, desde o início do século, já havia um movimento de nacionalização das igrejas que se fundaram a partir de investimentos denominacionais norte-americanos, como a igreja Presbiteriana em 1903, a igreja Batista em 1907 e a igreja Metodista em 1930 (REILY, 2003).

A memória de Eva Mills e sua vida no “Norte primitivo do Brasil” como professora está associada às representações de uma educação protestante preocupada com mudanças sociais, com a educação dos pobres e com interesse na preparação de uma liderança efetivamente nativa, preparada teologicamente para a formação de uma igreja de fato nacional, a partir do contexto de uma região desprovida de recursos na América Latina.

Seguindo Denys Cuche, ao analisar a obra “*Cultura Primitiva*” de Edward Burnett Tylor, o pensamento sobre a diferença cultural se articulou inicialmente na oposição primitivo *versus* civilizado:

a cultura dos povos primitivos contemporâneos representava globalmente a cultura original da humanidade: ele era uma sobrevivência das primeiras fases da evolução cultural, fases pelas quais a cultura dos povos civilizados teria passado necessariamente. (CUCHE, 2002, p. 37, 38)

Portanto, o interesse na publicação desta autobiografia, a princípio na figura do editor Reapsome, não é fruto só dos olhos brilhantes de Eva Mills em amizade com sua mãe, com quem compartilhava a vida no lar de idosos, mas a vida ali construída dava sentido a uma

identidade de grupo com forte apelo às práticas missionárias no Terceiro Mundo entre povos considerados menos favorecidos ou atrasados.

Não digo, no entanto, que as autobiografias de Eva Mills foram escritas ou construídas deliberadamente tomando por base toda essa conjuntura sócio-histórica que envolvia tanto o meio protestante quanto sua relação com outros campos – grupos religiosos ou políticos<sup>51</sup>. Pelo contrário, suas narrativas expõem tensões epistemológicas, revelando permanências e rupturas de um sujeito que vive e escreve a partir de um espaço entre culturas, expondo incoerências e “testemunhos involuntários” (BLOCH, 2001) entre o que a autora quer, polidamente, dizer, e aquilo que representaria um olhar imperialista sobre a experiência entre os brasileiros, ao mesmo tempo que negociando com representações construídas para o seu público leitor.

Para além do texto bíblico anunciado, outro elemento é apresentado como justificativa para a escolha do título:

Primeiramente, o título foi sugerido pela data: 28/08/1928. Foi em 28 de agosto de 1928 que eu parti de Liverpool, Inglaterra, para o Norte do Brasil, em obediência à orientação do meu Pai celestial. O Brasil seria o país de minhas alegrias e tristezas, onde eu iria provar, por inúmeras vezes através dos anos, a esmagadora verdade de Romanos, capítulo oito, versículo vinte e oito. Foi no Brasil que eu completei na prática a lição que eu havia aprendido anos anteriores, o país para o qual meu Pai celestial guiou meus caminhos e me preparou para seguir, confiando somente Nele, pelo cumprimento das ricas promessas de Sua Palavra, que vive e permanece para sempre. Foi em 28 de agosto de 1928 que eu disse adeus a entes queridos pela causa de Cristo. (MILLS, 1976, apresentação, tradução livre)<sup>52</sup>

Os seus 8:28's dizem, também, de uma data – o dia em que a autora começou a atravessar as águas do oceano da vida e, literalmente, da Inglaterra para o Brasil: “Foi em 28 de agosto de 1928 que eu disse adeus a entes queridos pela causa de Cristo”. Dois elementos, a data e o verso bíblico, se conjugaram na construção identitária da autora. 8:28 é a representação de Eva Mills. O livro é autobiográfico, diz sobre ela, fazendo referência tanto ao marco espaço-temporal de qual vida ela procurou dar destaque – sua vida no Brasil – quanto àquilo que ela usa para dar sentido e construir sua trajetória de vida, a Providência divina.

<sup>51</sup> O Movimento Lausanne não foi uma ação isolada do meio protestante, mas ocorre em um contexto de diálogo com a Igreja Católica a partir do Concílio do Vaticano II e, no contexto mais amplo, no interior das tensões políticas da Guerra Fria e do surgimento de governos ditatoriais no sul global. Na América Latina, em resposta à Teologia da Libertação, da Igreja Católica, as ideias de Lausanne ganham corpo na Teologia da Missão Integral.

<sup>52</sup> [Primarily, the title was suggested by the date: 8/28/1928. It was on August 28, 1928 that I set sail from Liverpool, England, for North Brazil, in obedience to my heavenly Father's guidance. Brazil was to be the country of my joys and sorrows, where I would prove, over and over again through the years, the grand overwhelming truth of Romans, chapter eight, and verse twenty-eight. Brazil was where I learned to put in practice the lessons I had been taught in earlier years, the country to which my heavenly Father guided my steps and prepared me to go, trusting Him alone, by the fulfillment of rich promises from His Word, which liveth and abideth for ever. It was on August 28, 1928 that I said “Goodbye” to loved ones for Christ's sake.]

Na capa do livro 8:28, em destaque está: “Eva Y. Mills relembra os 8:28’s de seus 30 anos de missão no interior primitivo do Brasil” (tradução livre)<sup>53</sup>. O vocábulo em inglês “*recount*” (traduzido para “relembra”) seria literalmente: recontar, narrar ou relatar de novo, trazer de novo à história. Atrai a atenção o prefixo “*re*”, que traz a conotação da repetição de algo que já aconteceu outras vezes, do “novamente”. Eva Mills está trazendo mais uma vez à memória, e agora em livro, aquilo que já foi vivido muitas outras vezes, não só no tempo da realidade dos acontecimentos, dos fatos propriamente ditos, mas também nos tempos em que ela se narrou em cartas, em outros textos ou através da oralidade.

No livro, há também uma preocupação em apresentar datas, a instituição à qual autora e editor são afiliados, o lugar onde ela morava, a igreja em que trabalhou, muitas referências que trazem à tona o que Lejeune (2008) denominou de “pacto de referência”. Para Lejeune, o “pacto de referência” é um elemento do “pacto-autobiográfico” onde o autor, que é também narrador e personagem, compromete-se a dizer a sua verdade ao leitor, sobre sua própria vida, e o leitor, supostamente, a acreditar. Contudo,

é claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estiliza-los ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel a minha verdade. (LEJEUNE, 2008, p. 121)

A questão em evidência não é a discussão sobre a verdade tal qual a História suscita. As histórias que Eva Mills narra se propõem reais, passíveis de verificação: ela apresentou-se, mostrou como chegou até ali, falou de seus diários, das cartas e materiais que recebeu da família na Inglaterra capazes de trazer as lembranças e sentimentos de tempos reais. Era sua história e a *sua* verdade, ao qual ela se empenhou em provar que não se tratava de um romance ficcional, mas de um livro que continha a realidade de uma vida, a sua, e o leitor poderia conferir – ela estava logo ali, no *Calvary Fellowship Homes*, cujo endereço constava no livro.

E, se sua vida e os fatos narrados não estão para serem questionados em sua verdade, vindo, desta forma, a ser exemplo para outros, questionar as representações construídas na obra autobiográfica se torna essencial, um meio para desvelar os valores e práticas atribuídos a partir de determinados modelos. Portanto, identificar os elementos do pacto-autobiográfico ajuda a problematizar e assim ampliar a perspectiva historiográfica sobre as possibilidades de análise de fontes autobiográficas para além da biografia do próprio autor, por meio de suas representações.

---

<sup>53</sup> [Eva Y. Mills recounts the 8:28’s of her thirty years’s mission in Brazil’s primitive interior]



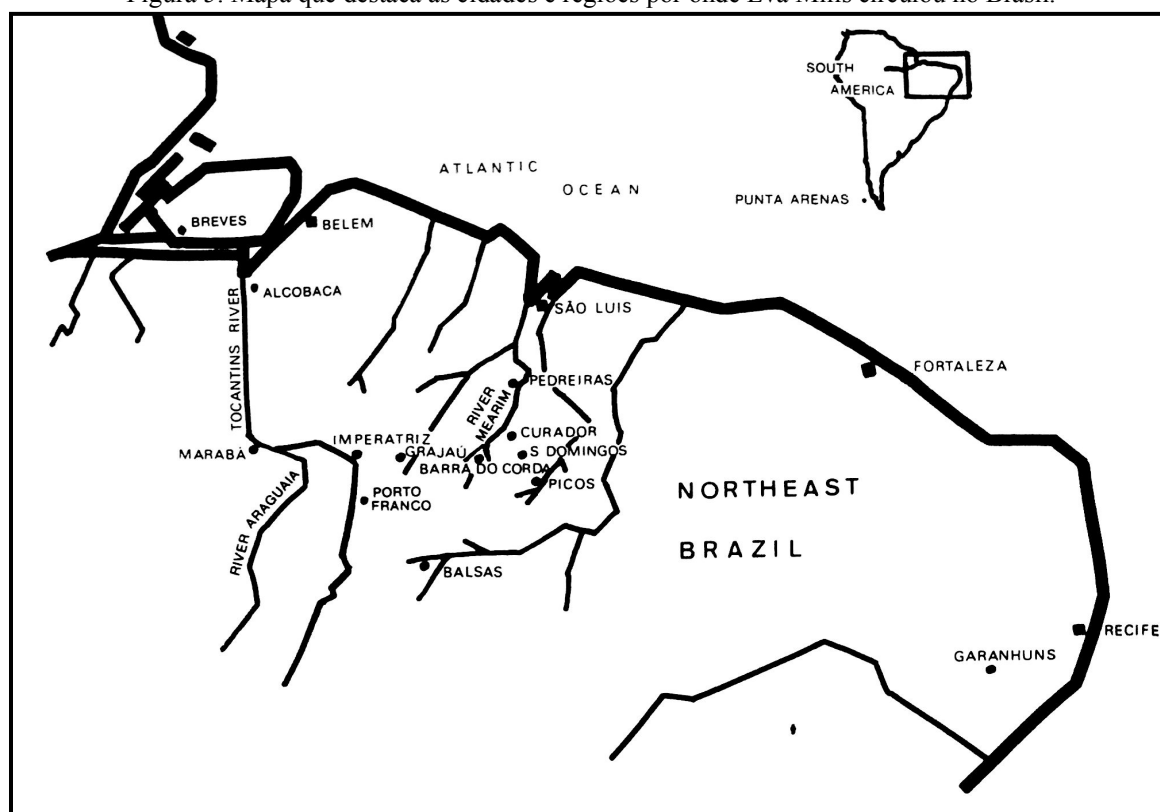
Corroborando com a promessa de verdade, o livro traz ainda dois mapas: um mapa-múndi (figura 4), com marcação dos caminhos trilhados por ela entre continentes, e um recorte do mapa do Brasil (figura 5), este presente também no livro *Em Lugar do Espinheiro* (MILLS, 1982[?]), marcando a região, cidades e outros pontos que representam sua passagem por este país, pelo seu trabalho.

Figura 4: Mapa-múndi com destaque para a circulação de Eva Mills entre continentes.



Fonte: Mills, 1976

Figura 5: Mapa que destaca as cidades e regiões por onde Eva Mills circulou no Brasil.



Fonte: Mills 1976; 1982[?]

No decorrer dos capítulos, mais imagens: desenhos assinados por Glover Shipp, um missionário norte-americano que também trabalhou no Brasil durante os anos de 1967 a 1985. São imagens do cotidiano que não só representam uma cena do capítulo onde se encontra, quanto trazem em si uma aura de verdade. Elas vão além da preocupação com a ilustração, pois, para quem tem ou teve a oportunidade de conhecer a região, a identificação é imediata, os detalhes são capazes de gerar um efeito de realidade, cumprindo o propósito pretendido.

Figura 6: Cartão postal “Jangadas – Brasil”



Fonte: arquivo particular, família Doepp

A figura 6 é a imagem de um cartão postal enviado por Anna Davina a Eva Mills um pouco antes da publicação do livro. A correspondência expõe esta intencionalidade em aproximar o texto à ilustração. No verso do cartão, as seguintes palavras:

Esta é uma amostra do trabalho do Senhor Shipp. Por favor, nos envie algumas fotos de cenas, pessoas e de 'coisas' mencionadas nos capítulos. Ele disse que poderia usar a foto de você entregando alguma coisa ao índio. O que você estava dando ao índio? Consegue decifrar? O Senhor Shipp disse que depois que estudar as expressões e as imagens, o trabalho mesmo não irá demorar muito. (DOEPP, [correspondência] 4 dez. 1975, tradução livre)<sup>54</sup>

Esta imagem também se encontra no livro 8:28 (MILLS, 1976, p. 126) e foi usada para preceder o último capítulo: “sua incansável fidelidade”. Interessante perceber como a tônica deste capítulo está impressa nesta imagem, que mostra o retorno de pescadores cansados de um dia de trabalho à praia, mas com os baldes cheios do fruto de seu trabalho. Neste, a autora se despede resumindo seus últimos quatorze anos no Brasil e a cena, por sua vez, é representativa de seu próprio retorno que, apesar de acumular as dificuldades enfrentadas na labuta de uma

<sup>54</sup> [This is a sample of Mr. Shipp's work. Please send us few picture of scenes and people and of 'things' mentioned in the chapters. He said the could use the picture of you handing something to the Indian. What were you giving the Indian? Could the read? Mr. Shipp said once the studies the look and pictures the actual work will not take long.]

vida, traz suas recompensas. Na narrativa, a descrição de uma das experiências vivenciadas quando na escola para filhos de missionários, em Fortaleza-CE:

Os pescadores moravam em pequenas cabanas na praia. As suas jangadas, construídas com cinco troncos grosseiramente amarrados uns aos outros e um mastro rústico com uma única vela, saíam ao amanhecer todas as manhãs. Dois homens empurravam para o oceano suas embarcações aparentemente frágeis com a ajuda de dois troncos, sobre os quais rolavam a jangada até a água. A comida para o dia, uma garrafa de água e um recipiente parecido com um balde para os peixes que eles esperavam pegar estavam amarrados ao mastro. Não havia proteção contra as ondas, que varria a embarcação conforme a sua vontade. Nós os observávamos ir. As jangadas navegavam na brisa da manhã, e tornavam-se cada vez menores até que se perdiam de vista no grande mundo oceânico. Ao pôr-do-sol, as mulheres nativas – mães, esposas, filhas, namoradas – vinham perscrutar o horizonte. De alguma forma, cada uma conseguia reconhecer a vela que lhe parecia mais familiar. À medida que cada jangada se tornava mais visível, a emoção crescia. Como era bom ver os pescadores de novo, com o trabalho do dia em seus baldes. [...] Às vezes, os homens falavam das dificuldades, como quando o vento pregava peças em suas velas e a jangada virava de cabeça para baixo. Era preciso coragem para endireitar a embarcação; os pescadores trabalhavam desesperadamente, agarrando-se aos troncos que não afundavam. Muitas vezes eles perdiam seus peixes na experiência de desvirar a jangada. Às vezes o vento soprava a embarcação para mais longe ainda no mar e as mulheres, preocupadas, esperavam em vão os seus amados, que não conseguiam retornar até o dia seguinte. (MILLS, 1976, p. 129, tradução livre)<sup>55</sup>

As imagens, que não estão ali por acaso, “assim como os textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular” (BURKE, 2005b, p. 17). É como se elas trouxessem em si um “testemunho preciso”, fossem uma “testemunha ocular” dos fatos tais quais são ou foram um dia. Não servem só como ilustrações do texto. Elas são o próprio texto, no sentido de trazerem, elas mesmas, uma mensagem sobre as representações dialogadas no conjunto da obra.

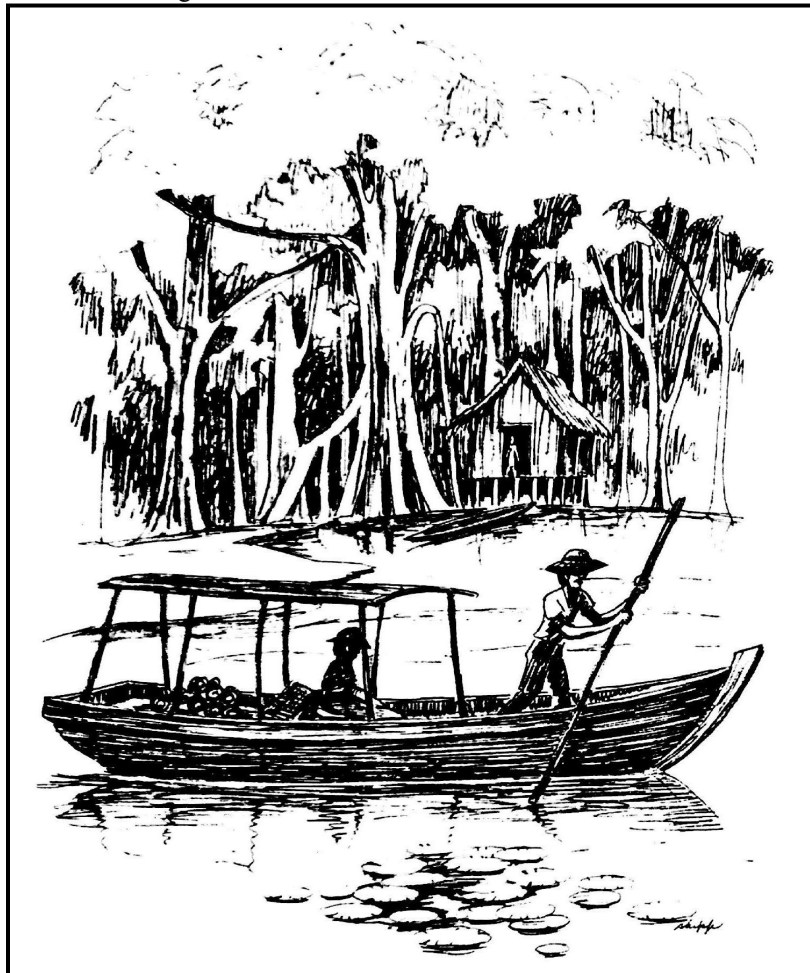
As imagens deste livro ilustram um país tropical e selvagem: desde os rios e árvores frondosas da região amazônica e ribeirinha, aos coqueiros e mares do litoral por onde Eva Mills passou. Esta mesma representação se perpetua nos demais livros, onde as pessoas são visibilizadas em estilo de vida primitivo e em contato com a natureza, fomentando uma

---

<sup>55</sup> [The fisherfolk lived in small shacks on the beach. Their ‘jangadas’, built of five roughly hewn logs fastened together and a crude mast with a single sail, left at dawn each morning. Two men pushed into the ocean their frail-looking craft with the help of two logs, over which they rolled the jangada into the water. The food for the day, a bottle of water and a bucket-like container for the fish they hoped to catch, were all tied on to the mast. There was no other protection from the waves, which swept over the floating craft at will. We watched them go. The jangadas sailed away in the morning breeze, became smaller and smaller, until, one by one, they were lost to view in their large ocean world. About sundown, the women folk – mothers, wives, daughters, sweethearts – came to scan the horizon. Somehow, each could recognize the sail that seemed to her the most familiar. As each jangada became more visible, the excitement grew. How good it was to see the fishermen again, with the day’s work in their bucket. [...] Sometimes the men told of difficulties, when the wind played tricks on their sails and the jangada turned upside down. It took courage to right the craft; the fishermen worked desperately, clinging to the unsinkable logs. They often lost their fish in the upturned experience. Sometimes the wind blew the craft further out to sea and worried women watched in vain for their loved ones, who failed to return until the next day.]

representação típica de um estereótipo nortista ribeirinho ou sertanejo nordestino, ao qual a própria autora reclama sua participação (ver figuras 7 e 8).

Figura 7: A vida missionária entre os ribeirinhos



Fonte: Mills, 1976, p. 48

Figura 8: A vida sertaneja

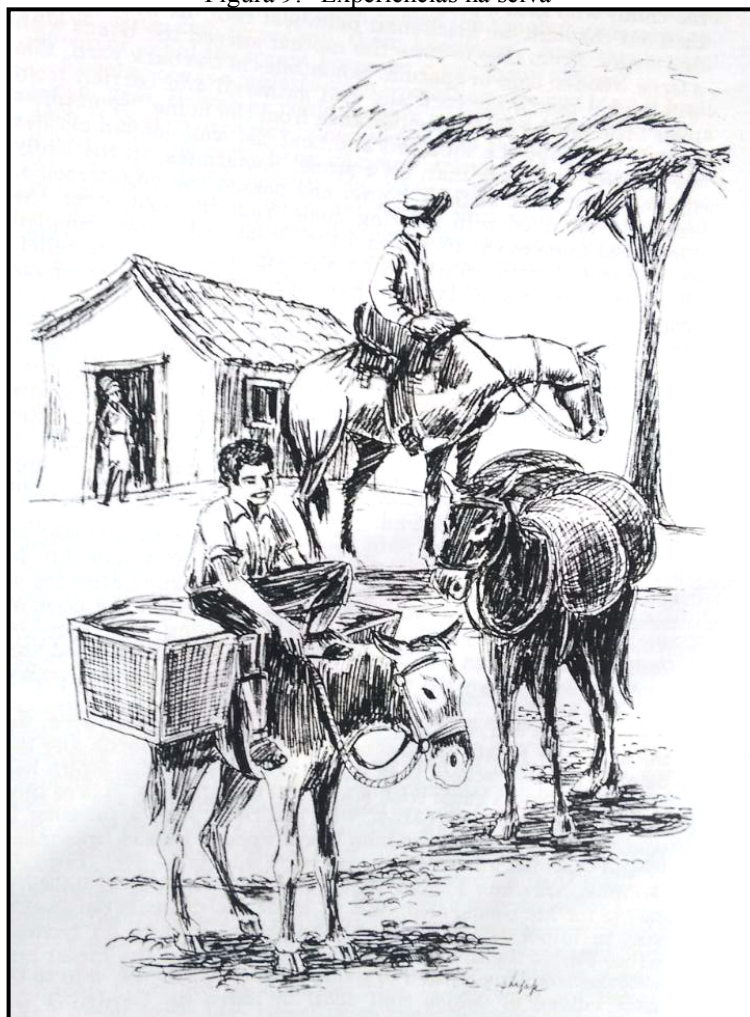


Fonte: Mills, 1976, p. 92

Contudo, para além do ambiente ilustrado sobre a vida no campo, algumas das imagens (a exemplo das figuras anteriores) trazem à cena a figura de personagens que estão sós, algumas delas mulheres, ou a própria missionária, sob um certo ar de solidão. Não sei precisar se por opção dela que enviou fotos ou imagens para o ilustrador, conforme a correspondência enviada por Anna Davina, ou se foram concebidas a partir de uma leitura sobre as narrativas autobiográficas de Eva Mills. O certo é que estas imagens não estão descoladas da configuração total da obra e não podem ser desprezadas na análise do livro, pelas representações por elas suscitadas. De alguma forma, apesar de Eva Mills não estar presente na maioria das imagens, é sobre a autora-personagem que elas falam.



Figura 9: “Experiências na selva”



Fonte: Mills, 1976, p. 80

Esta imagem se encontra no capítulo “Experiências na selva” – onde Eva Mills relata uma experiência entre as cidades de Imperatriz e Barra do Corda (cidades no Estado do Maranhão). Nesta história, ela e um guia perdem a trilha e ficam perdidos sob chuvas constantes, mosquitos e cobras no meio da floresta, quando viajavam sobre o lombo de jumentos. Anastácio, o guia tão experiente que a levava, adoece de varíola, impossibilitando a continuação da viagem. Eva Mills, que antes estava sob seu cuidado, vê-se em situação oposta: “Eu sorrio para mim mesma ao ver a menininha da cidade, que precisava ser cuidada para que nenhum mal a ferisse, agora cuidando do corajoso gigante das selvas, que ficou tão fraco e capenga” (MILLS, 1976, p. 87, tradução livre)<sup>56</sup>.

Sob uma choupana e as promessas de cuidados de uma família que os abrigou de malgrado, por medo do contágio da enfermidade de Anastácio, ela segue viagem com um outro

<sup>56</sup> [I smile to myself now as I see the city baby, who must be cared for lest any harm should come to her, now caring for the courageous giant of the jungles, grown so weak and limp]

guia, que era quase totalmente cego. Mais à frente encontram uma caravana enviada pelos seus: Dugal Smith (filho do missionário Perrin Smith) e um amigo que procuram por alguma notícia de uma missionária britânica que provavelmente foi morta pelo guia por aquela região. Era a salvação de Eva Mills e o sinal da Providência. Aqui ela retoma o verso de Romanos 8:28 e aplica lições de dependência e cuidados divinos, fala da sabedoria dos “homens da floresta” e da sabedoria dos animais (no retorno com Dugal Smith para casa, eles se perderam novamente, deixando que as mulas os guiassem, o que deu certo). A imagem ilustra esse encontro com os que a procuravam, mesmo achando que ela já estaria morta – o menino Dugal, seu amigo e a mula que a levaria para casa.

Outro elemento do pacto-autobiográfico aponta para a elaboração do projeto autobiográfico de Eva Mills. Para Lejeune, “o tema profundo da autobiografia é o nome próprio” (2008, p. 40) e não necessariamente diz respeito à pessoa que narra. O “nome próprio” é maior do que a simples assinatura da obra, ultrapassa os limites da materialidade do livro e mesmo do texto ali narrado: diz do campo de recepção do livro, do público leitor – que é quem vai consentir a credibilidade necessária e legitimar a vida narrada, assegurando o pacto-autobiográfico. Segundo ele,

Um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. O autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real socialmente responsável e o produtor de um discurso. Para o leitor, que não conhece a pessoa real, embora creia em sua existência, o autor se define como a pessoa capaz de produzir aquele discurso e vai imaginá-lo, então, a partir do que ele produz. (LEJEUNE, 2008, p. 27)

De acordo com Lejeune, como o autor se define pela “produção de um discurso”, um primeiro livro autobiográfico não seria suficiente para estabelecer uma relação de credibilidade com o leitor, indispensável ao “espaço autobiográfico”, ou seja, a estabelecer uma relação de proximidade entre autor-personagem e leitor, requerida em uma leitura autobiográfica. A problemática levantada por Lejeune é uma referência à “função autor” e está relacionada à produção de uma unidade e coerência nos discursos proferidos e a uma identidade estabelecida no conjunto de uma obra, que dará fidedignidade ao escrito autobiográfico, tratando-se, “portanto, de considerar o autor como uma função variável e complexa do discurso, e não a partir da evidência imediata de sua existência individual ou social” (CHARTIER, 2014, p. 27). A “função autor”

é produzida por operações complexas que se estabelecem no afastamento radical entre o nome do autor e o indivíduo real, entre uma categoria do discurso e o eu subjetivo. Podemos dizer que a ‘função autor’ não é somente uma função, mas também uma



ficção [...]. Disso decorre a ideia de uma função que conduz de uma pluralidade de posições de autores, de uma diversidade de vozes nos discursos, a uma individualidade autoral única. (CHARTIER, 2014, p. 29, 30)

Um único livro, e autobiográfico, não confere um discurso identificável. É necessário um distanciamento atribuído à “diversidade de vozes no discurso” capazes de distinguir o nome do autor e o indivíduo real e que possa, assim, justificar a escrita autobiográfica. As propriedades da “função autor” são discernidas “por suas singularidades de estilo, pelo esboço de suas biografias, por todos os elementos que permitem que se lhes reconhecesse, seja literalmente, seja na decodificação do jogo a partir do qual se apresentavam [...]” (CHARTIER, 2014, p. 66).

A construção do “nome próprio” de Eva Mills percorreu um conjunto de táticas empreendidas na direção de um registro memorialístico, de uma narrativa de experiências vividas. O livro vem a cancelar esta memória e publicizar a vida em outra escala. Além disso, o impresso, especialmente o livro, porque produz uma memória mais duradoura que outras mídias como jornais e revistas (consideradas mais efêmeras), pode servir não apenas como documento, mas como “monumento” ao erigir uma memória (LE GOFF, 1990), como é o caso do 8:28.

Contudo, intencionalmente ou não, Eva Mills caminhou no sentido de produzir mais que um único livro autobiográfico, mas uma tríade, onde foi possível não só construir um “nome próprio”, quanto proferir um discurso reconhecível, passível de recepção.

## 1.2. EM LUGAR DO ESPINHEIRO: UMA PRESENÇA ENTRE PIONEIROS

Por volta do ano de 1982, foi publicado o livro *Em Lugar do Espinheiro*, também com características marcadamente autobiográficas, apesar de apresentar-se sob uma segunda proposta: evocar os homens mais ou menos importantes que conheceu, acompanhou ou com quem conviveu, parafraseando Michelle Perrot<sup>57</sup>. O livro é um compêndio de biografias, apresentado no verso da capa como “um relato das experiências de homens de Deus, chamados a servi-lo em lugares difíceis”, de “homens que expuseram as suas vidas pelo nome de Cristo, que sofreram no trabalho do evangelho”.

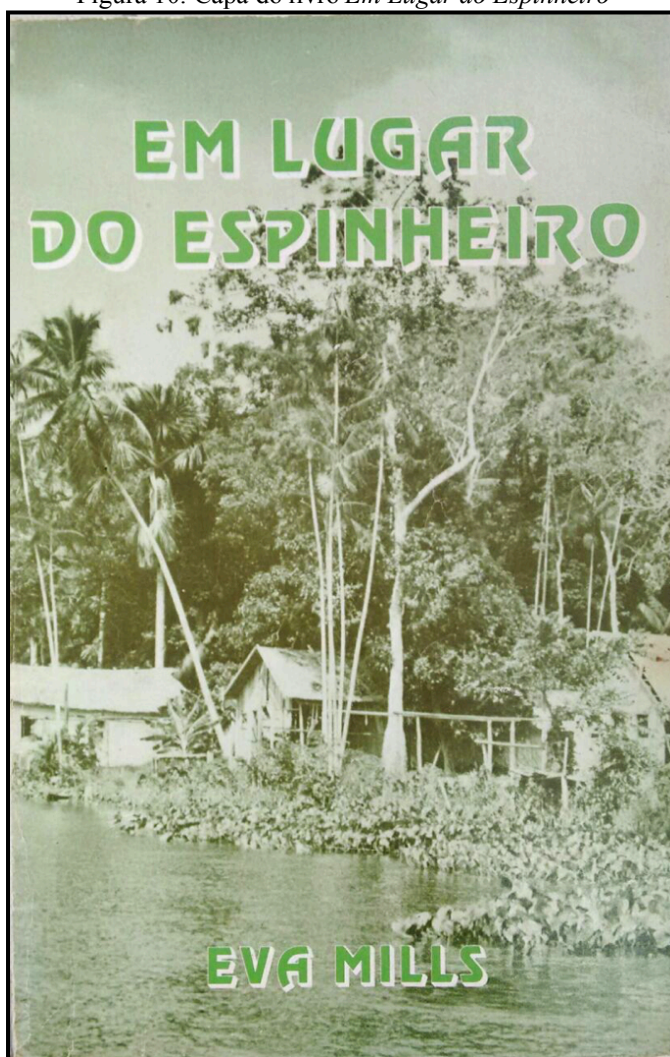
---

<sup>57</sup> “‘Minha vida não é nada’, diz a maioria das mulheres. Para que falar dela? *A não ser para evocar os homens, mais ou menos importantes, que conheceram, acompanharam ou com quem conviveram*” (PERROT, 2016, p. 28, grifo nosso).

Esta segunda fase do projeto autobiográfico de Eva Mills envolveu um livro especialmente para o Brasil, único publicado em português. A autora tinha outro público em mente e se dispôs a influenciar os jovens brasileiros:

Ela queria que esse livro tocasse no coração dos jovens para se entregar ao ministério. Ela queria que fosse um livro que ia ser usado para levantar mais obreiros. Esse era realmente o alvo dela para o livro. [...] Isso foi o sonho dela, escrever esse livro para que jovens se sentissem tocados. (DERSTINE, [entrevista] 5 jan. 2017)

Figura 10: Capa do livro *Em Lugar do Espinheiro*



Fonte: Mills, 1982[?]

Carol Sue Derstine, entrevistada acima, é uma missionária norte-americana que trabalha no Brasil junto à Missão Cristã Evangélica do Brasil (MICEB)<sup>58</sup>. Ela traz relatos do tempo de escrita deste livro e a expectativa da autora sobre esta obra, contando como conheceu Eva Mills no ano de 1978, no *Calvary Fellowship Homes*:

<sup>58</sup> Derstine é vinculada à *Crossword* – Estados Unidos.

Eu sei que foi realmente uma bênção do Senhor para eu conhece-la porque ela tava trabalhando na primeira *draft* do “no lugar do Espinheiro” lá. Aí, quando eu não tinha recursos suficientes para pagar os meus estudos, eu fui me empregar no *Calvary Homes* como assistente de internato, assim só ajudando as enfermeiras. E foi assim que eu conheci ela.

[...]

Eu resolvi cada vez que eu tinha a hora da merenda, um tempinho que eles davam, o *break*, eu ia com ela. Aí a gente conversava e ela mostrava esse primeiro *draft* que ela tava fazendo do “no lugar do espinheiro” (...). Ela me deu para ler, para ver o que eu achava, assim, só uma parte, uma história, um capítulo... (DERSTINE, [entrevista] 5 jan. 2017)

Durante a entrevista, a Miss. Carol Derstine narra sua impressão sobre Eva Mills como uma pessoa “muito tranquila, muito concentrada naquilo que ela sabia que era o plano de Deus para ela”, pontuando como tomou aquela experiência de acompanhar um pouco da escrita deste livro e de seu contato com a autora como parte de sua própria missão como missionária no Brasil: a divulgação do livro *Em Lugar do Espinheiro*:

Eu prometi pra ela que, “No lugar do Espinheiro”, eu ia fazer tudo para que chegasse nas mãos dos jovens brasileiros das Igrejas Cristãs e de outras igrejas. Então eu sinto que eu tenho uma certa missão para continuar com esse livro sendo publicado de novo. (DERSTINE, [entrevista] 5 jan. 2017)

No momento desta entrevista, uma nova impressão do livro estava no prelo para publicação na Convenção Nacional das Igrejas Cristãs Evangélicas do Brasil – AICEB, em julho de 2017, junto com a primeira tradução do livro 8:28 para o português. A segunda edição do *Em Lugar do Espinheiro*, assim como a tradução do 8:28, foram empreendidas com recursos canalizados pela MICEB para este fim e foram publicadas pela editora Literatura Cristã Evangélica, recém-aberta pela AICEB.

A data da primeira impressão de *Em lugar do Espinheiro* não está registrada no livro, mas indícios no próprio livro e o depoimento da Miss. Carol Derstine apontam sua impressão entre os anos de 1981/1982, nos Estados Unidos, quando foi enviado para o Brasil por Navio. Este livro foi publicado pela *Unevangelized Fields Mission* (UFM) nos Estados Unidos.

Segundo Derstine, Eva Mills pediu para a UFM publicar o livro para livre distribuição no Brasil, não cobrando por eles, a não ser se fosse para reverter o dinheiro para o trabalho missionário:

Ela disse que a Missão podia decidir se queria levantar recursos para o trabalho e, se vendido, o dinheiro deveria ser investido para o trabalho missionário. E a Missão não vendeu. Se vendeu, foi depois que saiu das dependências da Missão. Eu não me lembro, porque eu sei que nós distribuímos lá para os missionários, muitos missionários receberam, naquele tempo nós tínhamos muitos missionários... (DERSTINE, [entrevista] 5 jan. 2017)

Neste contexto, se faz necessário entender quem é a UFM e seu campo de atuação no Brasil, por seu papel e interesse na publicação deste livro, assim como o lugar da AICEB neste cenário.

A UFM, uma sociedade paraeclesiástica<sup>59</sup> de origem inglesa, iniciou oficialmente suas atividades em 1931 com a proposta de evangelizar os povos não alcançados, conforme indica o nome da instituição<sup>60</sup>. Logo em sua abertura, estabeleceu parceria com a *World Evangelization Crusade* (WEC), sociedade também inglesa que já atuava no Brasil há mais tempo, incorporando em seu quadro os missionários que estavam no Brasil com a finalidade de evangelizar os índios da Amazônia desde 1923 sob o nome de *Heart of Amazonia Mission* (HAM). Ao incorporar a HAM, a UFM assumiu o campo indígena amazônico como a sua área de ação no Brasil. (STONER, 1987)

Segundo Hommer Dowdy (1997), em “*Speak my words unto them: a history of UFM International (Unevangelized Fields Mission)*”, em 1909 chegou em São Luís o missionário inglês Ernest Wootten<sup>61</sup> que, junto com um pequeno grupo de outros missionários, formou a *Maranhão Christian Mission*, cujo trabalho centrou-se na cidade de São Luís e seus subúrbios: “Depois de seis anos, ele sentiu o mover insistente de Deus para que fosse para o interior. Em etapas, ele foi avançando para as regiões mais remotas até chegar ao rio Tocantins” (DOWDY, 1997, p. 28, tradução livre)<sup>62</sup>. A memória de Ernest Wootten é associada por Dowdy ao pioneirismo na evangelização indígena no interior do Maranhão, junto a quem a UFM somou esforços quando em sua chegada a estes povos.

No Brasil, a UFM foi registrada com o nome de Cruzada de Evangelização Mundial (CEM) ainda em 1931, como uma agência de *recepção* de missionários para atuarem entre os povos indígenas. A CEM era responsável pela administração e cuidado dos missionários que vinham da UFM (agência de *envio*) a partir de sua sede na Inglaterra e, posteriormente, do Canadá, Austrália e Estados Unidos para o Norte/Nordeste brasileiro, prioritariamente para trabalho junto a indígenas.<sup>63</sup>

<sup>59</sup> O termo “paraeclesiástica” vem de *Eclésia* (igreja) e se refere às sociedades sem vínculo institucional com alguma igreja ou denominação específica, mas que visam trabalhar em proximidade ou em cooperação com estas, em geral com a organização e participação de voluntários e leigos.

<sup>60</sup> *Unevangelized Fields Mission* [missão aos campos não evangelizados]

<sup>61</sup> O nome de Ernest Wootten aparece algumas vezes nesta pesquisa apresentando variações na nomenclatura conforme as fontes, como Ernest, Erneston, Ernesto, Wootten, Wooton, Wottom. O mesmo acontece com os nomes de Leni e Lenir, e Lydia e Lídia. Esta variação acontece nas “traduções” dos nomes, tanto do português para o inglês, como do inglês para o português.

<sup>62</sup> [After six years he felt God’s urging to move inland. In stages he moved deeper into the remote regions until reaching the Tocantins River]

<sup>63</sup> A partir de 1967 houve um processo de separação administrativa das sedes da UFM nos diferentes países. A sede de Londres passou a se chamar *UFM Worldwide*, a dos Estados Unidos e Canadá de *UFM International*, e a

Novos missionários chegaram ao Brasil. Alguns assumiram a evangelização dos assentamentos de civilizados ao longo da Amazônia e seus afluentes mais baixos, bem como as áreas interiores alcançadas por outros rios no Nordeste do Brasil. Ali começaram as igrejas e abriram as escolas. As oportunidades para o ministério pareciam ilimitadas nessa região em desenvolvimento. (DOWDY, 1997, p. 31, tradução livre)<sup>64</sup>

Posteriormente, a UFM também fez parcerias com a *German Mission Fellowship* (GMF), em 1954, e com a *Swiss Alliance Mission* (SAM), em 1963, quando a CEM passou a receber missionários também da Alemanha e Suíça, respectivamente, com outras frentes de ação no Brasil – ribeirinhos no Pará e Amazonas e sertanejos no Piauí. (STONER, 1987)

Devido a novas frentes abertas pela *World Evangelization Crusade* no Brasil, com o intuito de não haver confusões com os nomes, a Cruzada de Evangelização Mundial mudou o nome para Missão Cristã Evangélica do Brasil (MICEB) no ano de 1967 (STONER, 1987). Foi a MICEB a responsável pela distribuição do livro *Em Lugar do Espinheiro* no Brasil, conforme a experiência relatada pela missionária Derstine, e o nome identificado nos pré-textuais do livro em seus direitos autorais.

Já a Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Brasil – AICEB, por sua vez, foi organizada pelos missionários da CEM/MICEB. Estes trabalhavam com foco entre os indígenas da região amazônica

quando, no ano de 1945 houve uma decisão do governo brasileiro proibindo a morada de missionários estrangeiros nas aldeias indígenas. Por isso a missão precisou reconsiderar seus planos de trabalho e métodos para adequar suas atividades à nova situação, mudando-se para povoados e cidades mais próximas, onde pudessem continuar suas atividades entre os índios e desenvolver pequenas igrejas entre as comunidades de ‘civilizados’ em vários lugares pelos estados do Pará, Maranhão e Piauí. E para manter unidos estes pontos, resolveu criar uma organização com o nome de Aliança das Igrejas Evangélicas do Brasil – AIE. (SILVA, 2005, p. 12)

A Aliança das Igrejas Evangélicas (AIE), organizada em 1945, foi “reorganizada” em 1947 com o nome de Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Norte do Brasil (AICENB). Em 1970, com a expansão do número de igrejas pelos estados do Amazonas, Tocantins (à época Goiás) e Distrito Federal, extinguiu-se a palavra “Norte”, passando a denominar-se Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Brasil (AICEB). (SILVA, 2005)

---

da Austrália e Nova Zelândia de *Asia Pacific Christian Mission (APCM)*. Em 2004, a *UFM International* mudou novamente para *Crossworld*, nome que não será usado neste trabalho por não ser referência no tempo das fontes e da narrativa aqui proposta.

<sup>64</sup> [New missionaries arrived in Brazil. Some took up the evangelizing of domesticated settlements along the Amazon and its lower tributaries, as well as inland areas reached by other rivers in Northeast Brazil. There they started churches and opened schools. Opportunities for ministry appeared limitless in this developing region.]

A AICEB, desde 1947, é oficialmente uma instituição independente da MICEB, apesar de estarem associadas por meio de um *modus vivendi*. Na prática, a MICEB manteve uma parceria administrativa entre os missionários e a liderança brasileira até o ano de 1967 quando, segundo Silva (1997), a AICEB alcançou a sua maioria. Todavia, ambas continuaram trabalhando juntas e a MICEB manteve uma certa prioridade à AICEB (mas não exclusividade) em seus campos de atuação e parcerias no Brasil.

Diante deste quadro, é possível entender o campo em que o livro *Em Lugar do Espinheiro* foi produzido. Escrito por uma missionária da UFM<sup>65</sup>, seu livro foi publicado por esta instituição e distribuído pelos missionários da CEM/MICEB no Brasil, especialmente entre os que trabalhavam junto à AICEB. Segundo Derstine (2017), uma última remessa deste livro foi enviada diretamente ao Seminário Cristão Evangélico do Norte, em São Luís, que também foi fundado pela CEM/MICEB, e atualmente pertence à AICEB. Este Seminário é o principal centro de formação teológica desta denominação, responsável por boa parte da formação de seus pastores e líderes eclesiásticos.

Contudo, não há nenhum vínculo objetivo que associe a escrita deste livro à AICEB. Pelo contrário, há um esforço da autora e também da editoração em ampliar a área de abrangência e circulação do livro para além dos limites institucionais desta denominação e associá-lo ao pioneirismo evangélico em uma região remota do país, ao qual tanto a autora quanto a Missão se inserem. A proposta do livro foi evidenciar um grupo de pessoas “que sofreram no trabalho do evangelho”, como modelo a ser seguido por outros:

Este livro é um relato das experiências desses embaixadores de Cristo, chamados a servi-lo em seu próprio país, em sua região natal e em território indígena, chamados ao trabalho por outros embaixadores que os precederam, eles se tornaram testemunhas da graça e misericórdia do Pai Celestial.

Vai, pequeno livro, falar aos corações dos jovens cristãos desta terra e de outros países, para que eles também venham a ser Embaixadores de Cristo, chamando outros que ainda não ouviram as Boas Novas da salvação pela fé em Cristo... (MILLS, 1982[?], p. v)

Ao biografar a outros, Eva Mills o faz em relação a si, como testemunha das histórias ali narradas. Antes de começar a narrar estes “embaixadores de Cristo”, ela apresenta sua própria biografia:

Em 1928 vim a conhecer algumas pessoas das quais nunca poderia me esquecer. Foi quando cheguei a Barra do Corda, lugarejo situado às margens do Rio Mearim, na vasta região norte do Brasil. Comecei a estabelecer residência entre pessoas dessa parte do interior do Maranhão, cujas casas eram de paredes de adobe com tetos

---

<sup>65</sup> Eva Mills afiliou-se à UFM em 1940



toscamente cobertos por folhas de palmeira, abundantes na região. Dormiam em redes e sua jornada de trabalho começava bem antes de amanhecer o dia.

Achava-me no meio de um povo hospitaleiro. Viajantes passando por ali eram sempre bem-vindos a participar do arroz e feijão cozidos em panelas de ferro sobre fogo à lenha. Sabiam muito bem preparar suas refeições simples. Faziam também rendas delicadas, além de fiar e tecer suas próprias redes, primorosamente guarnecidas de belas franjas.

Essas eram pessoas peritas no manejo de canoas no rio estreito, porém cheio de meandros. Não temiam andar descalças pelos caminhos pedregosos da floresta, enfrentando cobras venenosas de muitas espécies, escorpiões e outros animais peçonhentos. Caminhavam sem cuidado pela floresta onde se ouvia o rugido ameaçador da onça e o ruflar das asas dos morcegos. Conduziam suas embarcações através de correntezas imprevisíveis, manejando-as destramente com o auxílio de longas varas. Enfrentando com coragem o desconhecido das matas, mostrando paciência e resignação, ficava eu abismada ao ver os sorrisos em suas faces; e jamais vi qualquer sinal de queixa. Em sua presença sentia-me completamente ignorante, mal sabendo me adaptar à maneira simples de viver desse povo, nessa vasta e primitiva região, onde a moderna tecnologia ainda não havia chegado. Embora seu estilo de vida me desconcertasse, determinei a vencer, mal sabendo por onde começar para me adaptar a viver entre eles e como eles... (MILLS, 1982[?], p. iv, v, prefácio)

Este texto autobiográfico no prefácio do livro cumpre dois propósitos. O primeiro é o de apresentar a autora com a autoridade de uma testemunha *in loco*, capaz de retratar um verdadeiro grupo de missionários e evangelistas pioneiros que viveu entre um povo que ela conhecia. Ela viveu entre eles, dormiu em suas redes, viajou em seus rios, andou em suas selvas – como é evidenciado na imagem seguinte e em sua legenda, tal como aparece no livro:

Figura 11: “Naquela noite dormimos numa palhoça tal como esta, onde achamos outros prontos pra dormir”.



Fonte: Mills, 1982[?], p. 54

Desta forma, Eva Mills cumpre ainda o segundo objetivo, que é o de incluir-se como partícipe deste grupo de “Embaixadores de Cristo” que atuou em uma “vasta e primitiva região, onde a moderna tecnologia ainda não havia chegado”. É dentre este povo e para este povo que

Eva Mills passa a elencar modelos de Embaixadores de Cristo, dentre os quais ela foi a primeira e chama outros a fazerem o mesmo, como na legenda desta imagem:

Figura 12: “Quem está pronto a levar as boas novas do evangelho ao povo de vilazinhas como esta?”



Fonte: Mills, 1982[?], p. 41

“Em lugar do espinheiro” é um termo que remete ao texto bíblico de Isaías 55:13 – “Em lugar do espinheiro crescerá o cipreste e em lugar da sarça, crescerá a murta; e será isto glória para o Senhor e memorial eterno, que jamais será extinto”<sup>66</sup>. O título do livro é justificado como uma referência à biografização destes “embaixadores” que, por serem em sua maioria *nativos*, foram requeridos como modelos de evangelistas entre uma igreja *nativa*, como ciprestes que cresceram em lugar de espinheiros, tornando-se assim um “memorial eterno, que jamais será extinto”, ou seja, fizeram-se dignos de memória diante do grupo.

Ao elencar homens e mulheres como modelos de virtude, a autora assumiu o “poder sobre a memória futura, o poder de perpetuação”, e construiu um “monumento” (LE GOFF, 1990, p. 111)<sup>67</sup> ao eternizar estes “embaixadores” em seus livros:

Fôra a mão de Deus que os formara. Ele próprio lhes havia dado uma nova natureza. Sua mão os transformara de espinheiros a belos ciprestes. Sua promessa, ‘em lugar do espinheiro crescerá o cipreste’ tem sido cumprida nas vidas de muita gente do vasto interior do norte do Brasil. Vidas transformadas por Deus em instrumento de sua justiça.

<sup>66</sup> Versão da Bíblia Almeida Revista e Atualizada

<sup>67</sup> Segundo Le Goff (1990, p. 111), “as estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder de perpetuação deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador. Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo o documento é um monumento”



Estes ciprestes são os personagens deste livro; demonstrando o poder transformador de Deus em suas vidas. Por meio da fê... praticaram a justiça, obtiveram promessas... da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos contra os poderes das trevas. Que o relato do seu andar pela fê seja instrumento nas mãos de Deus em chamar e preparar outros ciprestes a serem embaixadores para a sua glória. (MILLS, 1986[?], p. viii)

Dando início à relação destes dignos de memória, Eva Mills narrou João Batista Pinheiro, um “evangelista aleijado” que, ao fim de uma vida de martírio, presenciou a chegada do missionário Perrin Smith à região, quem organizou o grupo que precedeu a chegada dos Mills ao Brasil. Em sequência, Eva Mills traz as narrativas biográficas de discípulos de Perrin Smith: Patrício Cavalcante, Joaquim Bina, Chico e Miriã.

Importante destacar que este grupo elencado por Eva Mills não faz parte da rede dos missionários que vieram ou trabalharam sob a égide da UFM no Brasil, mas da que foi formada em torno do missionário independente<sup>68</sup> Perrin Smith, na qual ela mesma fez parte em sua chegada ao Brasil. Estes dois grupos acabaram se aliando em torno de interesses comuns na região, em especial em torno do Instituto Bíblico do Maranhão e na formação da AICEB.

Ainda que não seja reservado nenhum capítulo especial a Perrin Smith, sua memória é erigida a partir destas outras biografias, cuja trajetória funciona como uma roda motriz sobre a qual as outras narrativas se desenvolvem. É ele o modelo seguido pelos demais, que funciona como referência para o grupo, quem organiza e direciona suas ações. Perrin Smith está presente em quase todos os capítulos, como o de Patrício Cavalcante, que destaca como sua família veio a conhecer a Cristo através do missionário e como foi treinado por este, vindo a seguir seus passos, tornando-se um evangelista.

A biografia de Patrício Cavalcante, assim como as demais, evidencia a representação de um modo de vida simples e primitivo do homem do campo, com um forte apelo emocional às perdas sofridas. Patrício e Ana perderam doze dos dezesseis filhos que tiveram, servindo-lhes por provação ao mesmo tempo que por testemunho de fé a outros, em um tempo e região onde a mortalidade infantil era quase uma regra.

Joaquim Bina e Vitória, por sua vez, também têm uma trajetória marcada pela perda do filho Raimundo, de catorze anos de idade. Este foi o primeiro da família a se converter ao protestantismo pelo trabalho de Patrício Cavalcante. A narrativa de um menino que lia escondido o Novo Testamento com medo de ser castigado pelo pai e sua trágica morte pela picada de uma cascavel é interpretada como algo da Providência divina para a conversão de toda a família. Nos dois casos – tanto na história de Joaquim Bina, quanto na de Patrício

---

<sup>68</sup> Missionário sem vínculo institucional

Cavalcante –, as tragédias transformaram-se em virtudes dentro de uma representação que visibiliza o martírio, a abnegação e o suportar de situações adversas e primitivas por uma causa maior.

As famílias de João Batista Pinheiro, Patrício Cavalcante e Joaquim Bina foram para o Maranhão como retirantes da seca do Ceará no final do século XIX e início do XX. Todos construíram suas vidas na mesma região do Maranhão e têm suas memórias marcadas por histórias de mudanças, de (re)construções e (re)adaptações a novas terras, estruturas e condições climáticas, tidas como melhores – significativo em um processo que contribuiu para o povoamento desta parte do estado.

Contudo, importante atentar para o como este processo de imigração ganha novos contornos nas representações de Eva Mills, indo das necessidades por melhores condições físicas de vida, às mudanças no estilo de vida adquiridas através da nova religião. Até mesmo novas mudanças geográficas foram impulsionadas por este outro sentido de vida, a exemplo de Chico, outro biografado neste cenário e também configurado como um retirante, optando por seguir, junto a Antônia, sua esposa, a onda de imigração para mais ao norte do país.

Chico e Antônia, que residiam nas redondezas de Barra do Corda, nas palavras de Eva Mills, “resolveram seguir o exemplo de Perrin Smith” em seu princípio e método, o qual deixou sua terra no Canadá para apregoar as boas novas entre os brasileiros (MILLS, 1982[?], p.36). Segundo a autora, eles também deixaram o seu tudo e, “seguindo sempre o exemplo de Perrin Smith, indo de fazenda a fazenda, vila a vila, demorando um dia ou dois sempre que houvesse interesse” (MILLS, 1982[?], p.36), chegaram até à povoação de Serra Negra, fazendo-se garimpeiros como eles. E, apesar das ameaças da malária, Chico e Antônia optaram por permanecer entre os mineradores, “onde a perigosa moléstia levava a vida de tantos homens” até o tempo de Chico adquirir a tal febre e ser “levado para a mansão celestial” (MILLS, 1982[?], p. 37).

Chico e sua esposa Antônia podem ser contados entre aqueles sobre os quais Salomão escreveu: ‘Os lábios do justo apascentam a muitos’ (Provérbios 10:21). Há muitos outros que, como Chico, viveram obscuramente neste mundo que não os mereceu, e que sacrificaram suas vidas por amor a Cristo. Nós os encontraremos no céu, algum dia. (MILLS, 1982[?], p. 37)

Fechando este memorial de brasileiros que viveram obscuramente e que estariam relegados ao esquecimento caso Eva Mills não os tivesse imortalizado, está Miriã. Ela é a única mulher que ganhou destaque nesta relação de mártires/pioneiros de forma independente da figura masculina, ao contrário de Ana, Vitória ou Antônia. O perfil de Miriã e destas outras

mulheres esposas e sua relação com o perfil construído por Eva Mills de si é discutido na última etapa desta dissertação. Por hora, vale a identificação de que Miriã é neta de Joaquim Bina, foi aluna de Eva Mills e também tem sua trajetória marcada por mudanças, especialmente pela perda de sua mãe, reforçando o perfil de sofrimento, abnegação e superação requeridos entre estes embaixadores de Cristo.

Quanto às imagens, o livro traz fotografias como “testemunhas reais” (BURKE, 2005b) de personagens ou do estilo de vida ali narrado, todas com identificação ou alguma comparação à verossimilhança à cena descrita. Essa preocupação de identificar as pessoas, de provar os fatos e a verdade do que está ali narrado revela novamente os elementos do pacto-autobiográfico – esta não era uma obra de ficção. Também não era um livro biográfico, no sentido mais estrito do termo. Era um livro de memórias e as imagens cumpriam seus propósitos.

Contudo, não houve uma preocupação, como no livro anterior, de encomendar ilustrações adequadas ao texto do livro. Desta vez, as imagens utilizadas foram fotografias que nem sempre tinham relação direta com o texto escrito. Num olhar mais atento a estas imagens, é possível identificar que as representações postuladas pela autora no texto não são inteiramente compatíveis com as representações propostas pelas imagens e suas legendas, possivelmente montadas no processo de editoração do livro. Ao contrário do recorte abrigado proposto por Eva Mills, cuja escrita figura um evangelismo leigo e nativo, apesar de sua própria presença e de Perrin Smith neste contexto, as imagens figuram outros missionários que não são citados na narrativa, como as imagens abaixo (figura 13):

Figura 13: Missionários trabalhando junto a indígenas no Maranhão



Fonte: Mills, 1982[?], p. 27

No livro, a legenda da fotografia à esquerda é: “Carla, por assistência médica, mostra o amor de Cristo”; e à direita: “Carlos, ajudado por um índio crente, traduz as escrituras para a língua indígena” (MILLS, 1982[?], p. 27). Uma outra fotografia do casal em uma reunião com indígenas neste mesmo livro tem a seguinte legenda: “Carlos e sua esposa Carla, deixando tudo que este mundo oferece, ensinam as verdades da Bíblia aos Guajajaras” (MILLS, 1982[?], p. 38). Estes são os missionários Carl e Carole Harrison (conhecidos no Brasil como Carlos e Carla Harrison), que trabalharam no Brasil entre os anos de 1960 a 2002, e a quem é creditado o trabalho de tradução da Bíblia Guajajara (SILVA, [Brasil Presbiteriano] nov. 2007, p. 14). O período destes missionários no Brasil não coincide com o tempo de Eva Mills neste país, não fazendo, portanto, parte de seu círculo ou de suas memórias no tempo em que trabalhou no Brasil.

As imagens dos Harrison nestes capítulos, apesar de aparentemente desconexas, reforçam a construção da identidade da autora como uma missionária que tenha “deixado tudo que este mundo oferece” para estar entre os silvícolas, com um convite que seria estendido a outros, conforme objetivo do livro. Em um destes capítulos, a descrição de Eva Mills do que seria o fruto do trabalho de seu grupo em um primeiro contato numa aldeia indígena, precedendo a chegada de outros missionários, como Carl e Carole Harisson:

[...] por este primeiro passo, os índios ficaram prontos a receber outras visitas, e mais tarde missionários vieram a ensinar-lhes a Palavra de Deus na sua própria língua, deram remédios para aliviar suas febres, mostraram simpatia e amor, exibindo nas suas vidas a fragrância da presença de Cristo. (MILLS, 1982[?], p. 29)

Contudo, o nome de Carl Harrison não aparece só nas imagens (como Carlos), mas também nos pré-textuais recebendo parte dos créditos pelo processo de editoração do livro:

Sempre acompanhado de oração, este livro foi preparado, traduzido e aferido, auxiliado pelos servos de Deus, Dugal I. Smith e Dr. Carl H. Harrison, para que seja de estímulo tanto aos jovens crentes em Cristo, chamados a proclamar as boas novas de salvação [...] quanto para unir as forças da igreja de Cristo em suprir as necessidades dos evangelistas incansáveis. Dugal Smith é filho do pioneiro missionário canadense Perrin Smith, que foi grandemente usado por Deus durante mais de quarenta anos no vasto interior do norte do Brasil, e muitas vezes mencionado neste livro. Dr. Carl H. Harrison tem servido a Deus com entusiasmo e paixão entre os índios do Maranhão, especialmente em traduzir a Palavra de Deus na língua dos Guajajaras. Ambos me animaram apresentar este livro ao povo brasileiro. A Deus dou graças pelo auxílio oferecido em tempo oportuno. Que seja para a glória dele. (MILLS, 1982[?], p. ii)

*Em Lugar do Espinheiro* foi “preparado, traduzido e aferido” por Dugal Smith, filho de Perrin Smith, e por Carl Harrison, especialista em linguística. A ação destes dois missionários

no processo de editoração do livro explica a utilização de algumas fotos, como as do casal Harrison e de indígenas com os quais eles trabalhavam, e até mesmo a foto de Perrin Smith (figura 14) abrindo o primeiro capítulo do livro, na biografia de João Batista Pinheiro:

Figura 14: “Perrin Smith e esposa Ana no ano de 1941”



Fonte: Mills, 1982[?], p. 1

Em contato com o Dr. Carl Harrison, atualmente residindo nos Estados Unidos, em seus oitenta e três anos de idade, ele disse-me por meio de correspondência eletrônica que conheceram

a sra Eva Mills quando ela estava de cama, para morrer. Ela pediu que entrassem em contato com ela já que trabalhamos na mesma área do Brasil onde ela tinha trabalhado anos antes e ela queria conhecer o nosso trabalho. Ela estava numa casa de aposentados em Lancaster, Pennsylvania. [...]

Ela pediu informação sobre o nosso trabalho, que ela colocou no livro (capítulo 4) e usou retratos nossos, já que ela mesmo não tinha muitos. Mas foi ela mesma que fez o livro. Nós a ajudamos com informação e encorajamento. [...]

Providenciamos cópias dos retratos nossos mas foi ela que os escolheu. (HARRISON, [correspondência] 28 ago 2017)

Contudo, o que parece evidenciar escolhas ao acaso, ou escolhas por conveniência, por talvez representarem simplesmente as fotos cuja edição ou autora teriam acesso, ajudaram a construir ou reforçar uma outra representação para além da que foi anunciada inicialmente para o livro. A ênfase do livro em sua proposta está na participação dos brasileiros, inclusive pela escolha dos que foram considerados pela autora como dignos de memória nesse processo e justificando a escolha do título. Mas a presença das imagens dos missionários é capaz de

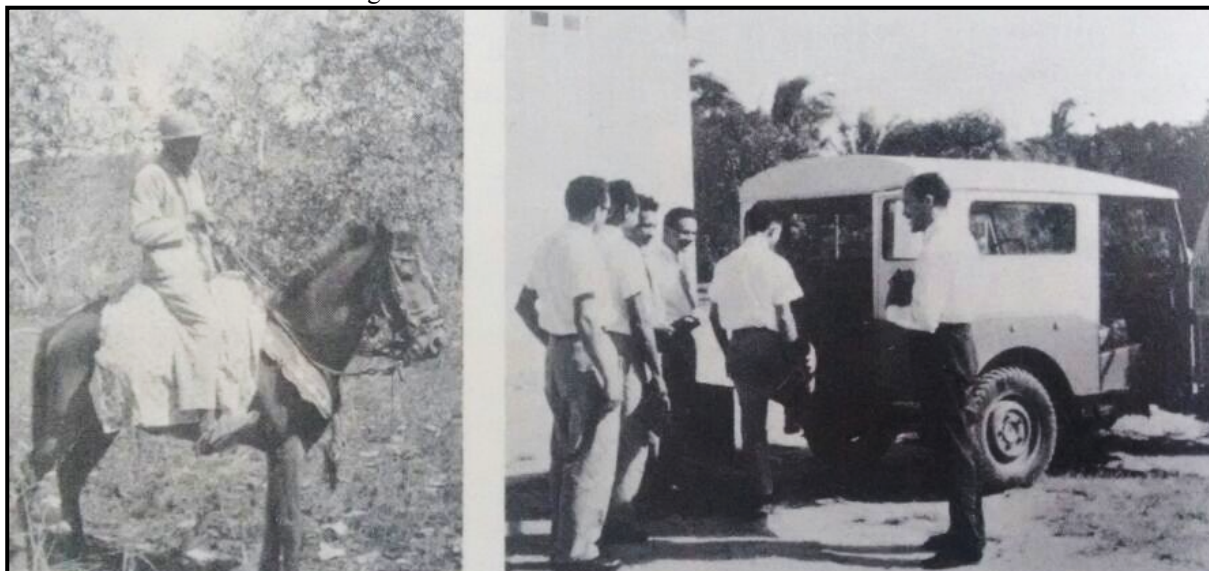


contrapor esta que seria uma representação sobre os evangelistas nativos, para uma representação que funde as duas ações e protagoniza a ação estrangeira que agiu conjuntamente ou até sobrepôs a participação brasileira.

Esta representação de uma igreja genuinamente brasileira, que nasceu no interior do Maranhão, mas que é fruto do trabalho de missionários estrangeiros é a representação de origem anunciada pela AICEB, a qual apropriou-se do discurso do livro *Em Lugar do Espinheiro*, conforme encontrado também no livro *Nossas Raízes* (SILVA, 1997). Este processo de apropriação de seus discursos, bem como da memória de Eva Mills, é desenvolvido na segunda parte do capítulo seguinte.

Reforçando esta ideia, em pelo menos duas outras imagens no livro aparecem alunos do Instituto Bíblico do Maranhão<sup>69</sup> representando o lugar legítimo (institucionalizado) de preparo destes “embaixadores”. A imagem a seguir é importante por suas representações:

Figura 15: Modelos de Embaixadores de Cristo 1



Fonte: Mills, 1982[?], p. 30

Ela é encontrada no capítulo que leva o nome de “Tomaz”, apresentado como um evangelista muito dedicado, com conhecimentos em medicina caseira que tratava os doentes no entorno de Pedreiras, no Maranhão. Na legenda da foto à esquerda (figura 15) está escrito: “Num burro tal como este Tomaz andava levando o evangelho ao povo de Pedreiras” (MILLS, 1982[?], p. 30).

A autora dá a entender em toda a narrativa, por sua descrição e pelo perfil apresentado, que se trata de um dos sertanejos evangelistas narrados no decorrer do livro. Atentando ao fato

<sup>69</sup> Que recebeu o nome de Seminário Cristão Evangélico do Norte em 1970.

de que o termo “evangelista” era usado para identificar os brasileiros<sup>70</sup>, apenas ao final do capítulo Eva Mills sutilmente identifica Myrddin Thomas, apresentando-o como um “colega da missão”, quando o conheceu no ano de 1940. Este é o único missionário estrangeiro (além de Eva Mills e de Perrin Smith) que de fato é destacado neste livro no corpo do texto, mesmo assim quase se passando por um brasileiro.

Na foto ao lado desta, à direita (figura 15), está a legenda: “Estudantes do Seminário Bíblico de Maranhão prontos a levar o evangelho às vilas fora da cidade” (MILLS, 1982[?], p. 30). Estas duas imagens justapostas sugerem um processo de evolução no trabalho missionário, de um evangelista sertanejo solitário, montado em lombo de burro, a um grupo de estudantes preparados academicamente, bem vestidos e polidamente apresentáveis, indo fazer o mesmo serviço de carro, sob a égide de uma instituição missionária.

Figura 16: Modelos de Embaixadores de Cristo 2



Fonte: Mills, 1982[?], p. 17

Nesta outra imagem, mais uma vez a foto de alunos e alunas do Seminário, com a legenda: “Embaixadores em preparação no Instituto Bíblico de Maranhão”<sup>71</sup>. Ao lado, a foto de “Abdoral Silva e esposa Lydia” (conforme legenda na foto), ex-alunos e professores no Seminário, filhos de Joaquim Bina e Patrício Cavalcante, respectivamente. O casal é apresentado na biografia dos pais como respostas de oração e sinal de bênção sobre suas descendências: “Abdoral, o caçula, [...] tem servido a Deus como professor por mais de 35 anos

<sup>70</sup> Ver nota 33

<sup>71</sup> Interessante como a maioria da turma é composta por mulheres. Eva Mills dá uma atenção especial às mulheres, especialmente em seu último livro, refletindo sobre o que a educação e a religião podiam vir a significar para elas no contexto do interior do Maranhão. Esta discussão está presente no terceiro capítulo desta dissertação.

e como diretor do Seminário Bíblico do Maranhão de 1972 até 1982” (MILLS, 1982[?], p. 26). “Em Lydia, sua filha mais velha, ele [Patrício] viu a primeira parte de sua oração cumprida: ela já estava lecionando no Instituto Bíblico quando ele morreu” (MILLS, 1982[?], p. 16). O destaque a estes alunos-mestres é uma referência importante ao trabalho de Eva Mills como professora missionária neste contexto; afinal de contas, Abdoral e Lydia foram *seus* alunos, assim como Miriã em outro capítulo.

Este livro, de fato, é sobre a autora, sobre sua experiência no Brasil, sobre aqueles que ela conheceu e do grupo do qual ela fez parte ou ajudou a formar, participando na formação de uma geração de “filhos de crentes pobres e analfabetos”, conforme ela descreve no 8:28, para uma geração de pastores, professores e professoras, tal qual vai apresentando em suas obras. As representações contidas aqui, quer escritas por ela, quer construídas ou reforçadas através das imagens, estão, de alguma forma, ligadas entre si e cumprem dois propósitos: tanto o de construir uma representação sobre estes “embaixadores” que (re)nasceram como “ciprestes em lugar de espinheiros”, quanto construir uma representação da autora enquanto uma missionária com papel importante nesse processo.

Ao definir, construir e se inserir em um grupo de pioneiros, instituindo suas memórias, Eva Mills proporcionou visibilidade a esta rede de missionários-evangelistas no sertão maranhense e legitimou seu próprio lugar nesse campo. A memória de outros personagens nesta história constituiu um novo fazer autobiográfico. Um novo capítulo de sua vida fora apresentado, uma Eva Mills missionária, engajada em um projeto civilizacional protestante num interior primitivo do Brasil, junto a estes “embaixadores”.

### 1.3. *HISTÓRIAS DO PAÍS DOS PERIQUITOS: A VIDA COMO ELA É*

Por volta de 1986, Eva Mills publica sua terceira obra: *Stories from Parakeet Country*<sup>72</sup>. São histórias quase reais de um “país de periquitos”, onde a autora traz tanto a si quanto a outros como personagens em crônicas do cotidiano. Sem mais o compromisso com o desenrolar de uma trajetória de vida linear, organizada e pautada na Providência divina; nem mais em assegurar seu campo de atuação entre os pioneiros de uma vida missionária no Norte do Brasil, Eva Mills continua escrevendo e publicando sobre si, sob uma terceira proposta, mas também sobre outros aspectos de sua própria vida.

---

<sup>72</sup> [Histórias do país dos periquitos]



*Stories from Parakeet Country* foi publicado nos Estados Unidos também pela UFM. No Brasil, consegui identificar poucas pessoas que tenham tido ciência deste livro dentro do círculo que conheceu Eva Mills, ou mesmo no grupo com interesse na história da AICEB, tendo em conta a íntima relação dos outros dois livros com a história desta denominação evangélica. Apenas um exemplar foi de fato encontrado, o do acervo particular do pastor Abdoral Fernandes da Silva, com registros de que foi emprestado algumas vezes e evidenciando alguma circulação dentro de um grupo restrito.

Diferente dos demais, este é um livro muito econômico em elementos pré-textuais, apresentações ou identificações, não havendo sequer texto na contracapa. Curtos agradecimentos são direcionados ao Rev. John W. Miesel, à época diretor executivo da UFM Internacional, Estados Unidos, e ao senhor Ron (Ronald) Horvath, pelas ilustrações. Não identifiquei qualquer relação da autora com o ilustrador, podendo seu contato ter sido diretamente com o diretor da UFM ou apenas por seus serviços profissionais, haja vista este ter se construído profissionalmente como artista através de pinturas de quadros ou réplica de fotos por encomendas<sup>73</sup>. As imagens de Ronald Horvath nas imagens do interior do livro têm traços simples, monocromáticos, e provavelmente a capa do livro também tenha sido uma ilustração sua.

---

<sup>73</sup> Conforme obituário de Ronald Michael Horvath (1930-2016), disponível em <http://www.legacy.com/obituaries/journaltimes/obituary.aspx?pid=181000945>, pesquisado em 23 ago. 2017

Figura 17: Imagem de capa do livro *Stories from Parakeet Country*



Fonte: Mills, 1986[?]

Apesar dos registros de publicação deste livro junto à UFM indicarem o ano de 1985, esta data não se encontra impressa no livro. Considero mais provável a data de 1986, ou pelo menos a transição de 1985 para 1986, dadas as evidências no arquivo particular da autora. Em carta enviada à filha, em maio de 1986, Eva Mills anuncia que o livro está pronto e que recebeu uma caixa com cem unidades de John Miesel, encaminhando-a a uma loja de presentes (MILLS, [correspondência] 13 mai. 1986). Em junho deste mesmo ano, ela escreve outra carta à igreja de Richmond, divulgando a publicação do livro:

[...] Ore também para que o livreto "Stories from Parakeet Country", uma cópia do qual eu enviei ao Pastor Fesmire, seja uma grande bênção. Há 2000 cópias que podem ser compradas da UFM internacional, caixa 306, 306 Bala Ave. Bala-Cynwyd, PA. 19004. Assim que estas cópias forem vendidas, um outro volume será impresso com outras 16 histórias. Cada história tem uma mensagem. E eu oro para que muitos sejam salvos através da leitura delas. O custo é de \$3 por cópia. (Minha força me diz que eu não devo escrever mais.) Por favor, diga ao Pastor Fesmire que leia esta carta e anuncie que 'Stories' está pronto.

Que o Senhor o abençoe no preparo do Jornal de Oração.

Eva Mills (MILLS, [correspondência] 14 jun. 1986, tradução livre)<sup>74</sup>

Além da informação de que haviam sido impressas duas mil cópias do livro e que estas seriam vendidas pela Missão a três dólares, devendo, portanto, haver uma divulgação da obra, Eva Mills ainda adianta o lançamento de um segundo volume, com outras dezesseis histórias. Este dado denuncia a elaboração de um projeto editorial, com a perspectiva de que outras histórias semelhantes às impressas neste primeiro volume seriam ainda publicadas. Na capa do livro (figura 17, na página anterior), é possível encontrar a identificação do “vol. 1”.

O segundo volume foi de fato organizado, mas não chegou a ser publicado. Quase um ano depois do lançamento do “*Stories*”, Eva Mills veio a falecer, em fevereiro de 1987. Quando tive acesso ao acervo de Eva Mills durante esta pesquisa em 2016, localizei entre seus escritos este conjunto de novas histórias, já datilografadas e ordenadas. A família assumiu não conhecer o novo projeto e este foi um dos motivos que me levou a não incluir estas histórias no escopo deste estudo, limitando-me às obras publicadas e respeitando o tempo da família em amadurecer uma possível publicação.

A capa e o título *Stories from Parakeet Country* estão relacionados à estratégia literária antropomórfica da autora, que atribui aos animais a capacidade de pensar e falar sobre as atitudes humanas, principalmente os periquitos, pois, segundo ela, “periquitos voam baixo; eles veem o que as pessoas fazem mais do que os abutres, falcões ou águias, porque estão sempre por perto no Norte do Brasil” (MILLS, 1986[?], p. 2, tradução livre)<sup>75</sup>. No primeiro capítulo, Eva Mills introduz justificando o estilo de narrativa do livro:

Alguma vez você já pôs palavras no bico dos pássaros? Quando um bando de periquitos pousava em uma mangueira, eu ouvia todos os tipos de histórias em seus chilros tagarelas, histórias que realmente aconteceram, histórias que eu poderia ter escrito, mas só escrevi agora, histórias que sempre me incluíam porque, claro, eu sempre estava lá participando delas. Eles me chamavam de Dona Iva. Era meu nome brasileiro. [...]

<sup>74</sup> [Pray also that the little book “*Stories from Parakeet Country*”, a copy of which I sent to Pastor Fesmire, be made a great blessing. There are 2000 copies which can be purchased from the UFM international, box 306, 306 Bala Ave. Bala-Cynwyd, PA. 19004. As soon as these copies are sold another volume with another 16 stories will be printed. Each story has a message. And I pray many will be saved through reading them. The cost is \$3 per copy. (My strength has told me that I must not write any more.) Please let Pastor Fesmire read this letter. He will make known the “*Stories*” are ready.

The Lord bless you as you prepare the Prayer Sheets.

Eva Mills]

<sup>75</sup> [parakeets fly low; they see more what people do than can buzzards, falcons or eagles, because they are always near and always around in North Brazil.]

É fácil imaginar o que eles dizem e é isso que eu fiz, só que eu sempre os fiz falarem o que realmente aconteceu. (MILLS, 1986[?], p.2, tradução livre)<sup>76</sup>

Nesta apresentação, Eva Mills deixa claros seus propósitos. Apesar da estratégia narrativa de pôr “palavras no bico dos pássaros”, esta não se tratava de uma obra ficcional, segundo sua intenção. Eva Mills os havia feito falar o que “realmente” aconteceu, pois ela – autora, narradora e personagem – estava lá e aquele era, novamente, um livro sobre si e sobre suas memórias. Desta forma, mesmo associando deliberadamente ficção e realidade, Eva Mills assume o compromisso de verdade com os leitores – se apresentando ora como interlocutora, partícipe nas histórias, ora como observadora, além de, pontualmente, apresentar cenas de sua própria infância para compor o contexto narrado.

Por outro lado, apresentar um livro com histórias de um “país de periquitos” também remete à representação sobre o país e a região sobre os quais Eva Mills iria discorrer: o norte brasileiro. É sobre ele que Eva Mills faz constantes alusões em suas narrativas, esclarecendo o que seria um dia tropical, por exemplo, com dias sempre quentes, que vão das seis da manhã às seis da tarde, as longas estações de seca (estiagem) que vão desde maio até outubro, e onde nem a neve nem a geada jamais tocaram suas árvores.

Conjuntamente à tropicalidade brasileira, há um apelo para a construção de um ambiente rural, com certa convivência entre homens e animais. Seus personagens e às vezes a própria autora são narrados em um cenário de experiências exóticas, em contato constante e às vezes desconcertantes com a natureza. Episódios envolvendo cascavéis, sucuris, onças ou piranhas como predadores que atacam outros animais ou mesmo os humanos, ambientam uma vida selvagem experienciada e representada pela autora. Em outros, animais menos hostis apenas observam a presença humana entre eles:

Deixe-me contar o que uma coruja viu uma noite dessas. Ela havia dormido o dia todo no galho de um pé de caju. Agora estava acordada e com vontade de comer ratos e camundongos. Nessa parte do Norte do Brasil, os ratos são maiores e mais abundantes que na América do Norte. Sem fazer nenhum barulho ela observava com seus olhos enormes. Eu ficava me perguntando como ela podia ver naquela escuridão. Não havia luz nas ruas e a lua ainda não estava brilhando. Ao longo da estrada áspera e escura,

---

<sup>76</sup> [Have you ever put words into the beaks of birds? When a flock of parakeets lighted on a mango tree, I heard all kinds of stories from their garrulous chatter, stories that really happened, stories that I could have written, but didn't 'til now, stories that always included me because, of course, I was always there and in their stories. They call me Dona Eva. That was my Brazilian name. [...]  
It is easy to imagine what they say and that is what I did, except that I always made them say what really happened.]

vinha o caminhão trazendo jovens da reunião noturna realizada na igreja da vila... (MILLS, 1986[?], p. 3, tradução livre) <sup>77</sup>

Além de tornar a descrição da natureza, vegetação e clima uma marca acentuada, de forma comparativa entre “essa parte do Norte do Brasil” e a América do Norte, Eva Mills também está construindo representações a partir de traços de uma cultura rural brasileira, onde as estradas são ásperas e escuras. Em suas descrições, as casas, os costumes, a rotina do dia a dia:

Algumas garotas da casa de Joana no morro estavam lavando roupas no rio. Elas tinham barras de sabão caseiro de um marrom escuro que era muito forte e deixava as roupas limpas e brancas bem rápido. Estavam agachadas sobre tábuas grandes colocadas por elas na margem do rio. Mergulhavam as roupas no rio, peça por peça, depois as esfregavam com o sabão escuro, batendo cada peça de roupa na tábua. Era necessária muita força para bater as roupas e cada uma trabalhava em sua tábua, batendo a pilha de roupas que lhe fora dada. Elas estavam se divertindo, rindo, cantando, conversando, enquanto esfregavam, batiam, ensaboavam e mergulhavam as roupas no rio. (MILLS, 1986[?], p. 25, tradução livre) <sup>78</sup>

Na imagem descrita, representações sobre parte da rotina das mulheres, ainda meninas (provavelmente alunas em uma de suas escolas), que se divertiam enquanto trabalhavam lavando no rio as próprias roupas e a dos homens do grupo. Neste sentido, importante destacar que a ação de lavar a roupa no rio não só era uma atividade naturalizada para as mulheres dentro das relações de gênero, costume de “sociedades mais ruralizadas”, conforme observa Vasconcelos (2017, p. 45), quanto também constituía um espaço de sociabilidade pública entre elas. Era espaço de trabalho, mas também de encontro, lazer, conversas e trocas. Nesta história, a partir de uma mancha que não saía em uma das roupas, uma das meninas descobriu as mentiras proferidas por seu irmão, o que desdobrou em outros assuntos dentro daquele grupo.

A exemplo desta história sobre as meninas no rio, outras personagens são referendadas neste livro sem terem seus nomes mencionados. Outras, contudo, ganham destaque e

<sup>77</sup> [I must tell you what an owl saw one evening. He had been sleeping all day on a branch of a cashew tree. Now he had finished his sleep and was feeling hungry for rats and mice. In that part of North Brazil the rats are larger and more plentiful than those in North America. Without making any noise he watched with his big eyes. I wonder how he could see in such darkness. There were no street lights and the moon was not expected to rise for another hour. Along the rough dark road came the truck bringing young people from the evening meeting held in the village church.]

<sup>78</sup> [Some girls from Joana's home on the hill were sashing clothes down by the river. They had some home-made dark brown soap that was very strong and could get the clothes clean and white in a hurry. The girls were squatting on a big board fixed for them at the river bank. They dipped the clothes in the river, piece by piece, then rubbed the dark soap all over them, beating each piece of clothing on the board. It took a lot of strength to beat the clothes and each worked on her part of the board where she could beat the pile of clothes given her. They were having a good time laughing, singing, talking, while rubbing, beating, soaping, and splashing the clothes in the river.]

protagonismo, como Linda, vovó Lã e Leni, além da própria autora que assume o papel de heroína em uma das narrativas, matando uma cascavel e salvando as crianças. Estas histórias serão abordadas no terceiro capítulo, dedicado especialmente às representações das mulheres nas relações de gênero postuladas pela autora.

Eva Mills se mostrou preocupada em traduzir culturalmente a experiência de uma realidade diferente da realidade daqueles a quem ela se propunha escrever. Nas palavras de Pallares-Burke, houve, por parte da autora,

uma decisão consciente de compreender e de decifrar [os] ‘textos’ estrangeiros. A recepção de uma cultura por outra exige, pois, que ela seja ‘traduzida’ por um intermediário, um intérprete que se esforça conscientemente em tornar seus caracteres e sua linguagem compreensíveis a ‘leitores’ habituados a outros ‘textos’.  
(PALLARES-BURKE, 1996, p. 14)

No caso de Eva Mills, a tradução textual a qual ela estava se propondo fazer dizia sobre um determinado povo e cultura e envolvia o esforço para proporcionar ao leitor a capacidade de “compreensão intercultural” (PALLARES-BURKE, 1996), construindo representações sobre uma realidade até então estranha/estrangeira ao leitor. Não era suficiente dizer que as meninas estavam lavando roupas no rio, por exemplo, mas foi-lhe necessário descrever em detalhes o evento que, para os “nativos”, era apenas parte do cotidiano, da vida como ela é.

Este mesmo empenho consciente da autora em traduzir um outro e torná-lo inteligível em outra cultura (PALLARES-BURQUE, 1996) é perceptível também nos demais livros de Eva Mills. Conquanto, neste, há uma preocupação também com a adaptação a uma linguagem juvenil, o que torna este esforço descritivo ainda mais perceptível. Não é só o ato de traduzir culturalmente um determinado contexto, mas traduzi-lo para um público jovem – é com crianças e adolescentes que Eva Mills dialoga em seus textos.

Localizada abaixo do índice está a seguinte dedicatória: “É o desejo sincero da escritora que estas histórias possam ser usadas pelo Senhor para encorajar jovens e crentes imaturos [ou recém-convertidos] a crescer na graça e no conhecimento de seu Salvador” (MILLS, 1986[?], p. ii, tradução livre)<sup>79</sup>. O público leitor pretendido com o livro, a saber, os jovens em idade ou em maturidade, assim como a linguagem e o estilo de narrativa do livro, põem em evidência uma Eva Mills professora.

Eram as crianças o público imediato de seu trabalho enquanto professora missionária no Brasil. Era diretamente com elas que Eva Mills trabalhava e também para elas e sobre elas

---

<sup>79</sup> [it is the writer’s earnest desire that the stories might be used of the Lord to encourage young and immature believers to grow in the grace and knowledge of their Savior.]

que Eva Mills escrevia. A produção de uma série de histórias adaptando suas memórias a lições para crianças e adolescentes marca o último estágio de um projeto autobiográfico.

A publicação desta série de histórias representou um retorno à prática docente e Eva Mills encontrou aqui um modo possível de viver novamente as lembranças de um trabalho que justificou sua vida. A Eva Mills professora aparece com destaque neste livro, não só pela intencionalidade destas histórias e pelo seu público leitor. A ambientação destas histórias é, em sua maioria, no contexto de suas escolas, ou sobre a vida das crianças, com uma especial reflexão sobre o papel social da educação escolar e religiosa para elas.

A vida na natureza sempre tem algo a ensinar a estas crianças, conforme suas narrativas vão sendo desenvolvidas. Algumas das histórias narradas versam sobre o perigo de separar-se do grupo, ou mesmo de estender os limites estabelecidos para proteção, como quando um porco foi atacado por uma sucuri por haver se afastado dos seus – ele estava só e não conseguiu perceber o bote certo da predadora quando o enlaçou. Ou como em outra, quando o carneirinho Beauty, que era cuidado pelas crianças na escola para filhos de missionários em Fortaleza, achou uma abertura na cerca. A brecha

não era grande o suficiente para ele passar, mas o suficiente para uma olhadela no outro lado. O outro lado não era cultivado; era diferente, interessante, convidativo e, afinal de contas, ele estava sozinho, sentia-se negligenciado, cercado.

Empurrando só um pouquinho, os galhos que o seguravam cederam um pouco, e mais um pouco, até que – veja! Ele estava do outro lado, um mundo maior que ele não conhecia. Agora ele estava sozinho, não estava controlado por cercas ou crianças ou pelo desejo dos outros. Podia fazer o que desejasse e estava começando a gostar da liberdade sem restrições.

Vagava por ali e acolá, beliscando delícias que não conhecia antes. Por que tinha de comer só grama fina, quando havia muitos outros sabores e ervas daninhas para provar? Então ele escolheu deliberadamente a erva daninha, que tinha um sabor tão sutil e diferente. Comeu cada vez mais, porque em todo lugar por onde andava a erva estava sempre presente diante de seus olhos. Depois de um certo tempo, começou a se sentir fraco, depois doente. Agora ele queria chegar em casa, deitar-se, sentir-se melhor, mas seu estômago inchava e inchava fora de controle. Estava em agonia – doente demais para se mover. (MILLS, 1986[?], p. 28, 29, tradução livre)<sup>80</sup>

---

<sup>80</sup> [not really large enough for him to pass through, but just enough for a glimpse of the 'beyond'. That 'beyond' was not cultivated; it was different, interesting, inviting, and after all – he was alone, and felt neglected, fenced in. Pushing just a little, the branches that held him in yielded just a little, then a little more, until – behold! He was on the other side, a larger world than he had ever known. Now he was on his own, not controlled by fences or children or the wishes of others. He could do as he wanted and he was beginning to enjoy that freedom without restraint. On and on he wandered, nibbling dainties he did not recognize. Why should he have to eat fine grass, when there was so much other tasty, weedy stuff to nibble? So, he deliberately chose the weedy stuff, that had such a subtle, different flavor. He ate more and more, because at every few steps that weed seemed to be right there in front of his eyes. After a while, he began to feel weak, then sick. Now he wanted to get home, to lie down, to feel better, but his stomach swelled and swelled out of control. He was in agony – too sick to move.]

Pagando com a própria vida por infringir a regra, a advertência proposta pela história de Beauty é clara, não apenas figurada – há normas a serem cumpridas pelo grupo e desobedecê-las tem seus riscos. Estas cenas com animais são complementadas por histórias de crianças e adolescentes que também se afastaram dos ensinamentos dos pais:

Porque os filhos sempre acham que seus pais são muito rigorosos e, conversando com seus colegas, descobrem que eles pensam da mesma maneira, este filho mais novo começou a procurar um lugar mais fraco na boa cerca que seus pais construíram de forma sábia e apropriada. A erva daninha com sabor diferente que causou dor a Beauty, o carneiro, fez a mesma coisa com ele. (MILLS, 1986[?], p. 29, tradução livre)<sup>81</sup>

Os periquitos que permeiam as narrativas deste livro também são usados nas lições, sendo apresentados como exemplo a ser seguido: estão sempre juntos, não se afastam do bando, se protegem, cada um tem seu companheiro que dura a vida toda:

Garotos e garotas muitas vezes se afastam muito de casa, envolvem-se com coisas erradas e se metem em problemas. Nós periquitos estamos sempre juntos, em bando. Fazemos nossos planos juntos e nos mantemos juntos no voo. Nós simplesmente não fazemos nada sem o bando. Dormimos na mesma árvore e temos consciência de que se ficarmos longe do bando arranjaremos problemas. [...] Em nossa comunidade cada periquito tem seu companheiro, cuja companhia dura para a vida toda. Nós sempre protegemos um ao outro, viajamos lado a lado e dormimos no mesmo galho toda noite. [...] Então, meninos e meninas, aprendam com a feliz e gregária família dos periquitos de Barra do Corda do Norte do Brasil e lembrem-se da história do porco. Ele pagou com a vida as consequências de se afastar de casa. (MILLS, 1986[?], p. 9, 10, tradução livre)<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> [Because children often think their parents are too strict, and talking to their peers find they think the same, this younger son started looking for a weak place in the good fence his parents thought wise and proper. The subtle, weedy stuff that tasted so different and caused pain to Beauty the lamb, did the same for him.]

<sup>82</sup> [Boys and girls wander sometimes too far from home, get entangled in wrong things and get into trouble. We parakeets keep together in a flock. We make all our plans together and keep together in flight. We just do nothing without the flock. We sleep in the same tree and know that if we stay away from the flock we would get into trouble, too. [...] In our tree community each parakeet has his mate, one mate for keeps as long as we live. We always protect her, travel with her at our side, and sleep on the same branch every night. [...] So, boys and girls, take a warning from the happy, gregarious family of parakeets from Barra do Corda of North Brazil, and remember the pig story. He paid with his life the consequences of wandering away from home. Goodbye.]



Figura 18: “Bem longe de casa”



Fonte: Mills, 1986[?], p. 8

Estas reprimendas denunciam uma autora/professora normativa, interessada em admoestar seus leitores a um certo padrão de práticas seguras, conforme preceitos religiosos. Similarmente, estes ensinamentos alegóricos a partir da natureza cumprem propósitos na conceituação de um evangelho para uma população que necessita ser educada, disciplinada, civilizada, garantindo a superação de um modo de vida primitivo, próximo ao que possa ser um considerado como um comportamento “natural”.

Os meninos podiam ver quando os periquitos mudavam de uma manga para outra. Eles nunca comiam uma manga toda, sempre querendo achar uma mais doce e mais suculenta. A tagarelice constante tirava a atenção dos garotos da lição. Como eles ficavam inquietos, com vontade de pegar pedras e perseguir aqueles periquitos! Assim que acabava a lição, cada garoto corria pela porta mais próxima. Retiravam dos seus bolsos estilingues que já estavam preparados para a luta. Os periquitos voaram, reclamando com muito barulho da grosseira interrupção. Eu não poderia relatar tudo o que eles diziam sobre o comportamento daqueles garotos. Aqueles periquitos eram iguais aos garotos que atiravam pedras. Eles julgavam a partir do seu próprio ponto de vista. (MILLS, 1986[?], p. 5, tradução livre)<sup>83</sup>

<sup>83</sup> [The boys could see when the parakeets moved from one mango to another. They never ate a whole mango, always wanting to find a sweeter, more juicy one. Their constant chatter kept the boys' attention from the lesson. How much they were itching to pick up stones to chase the parakeets away! As soon as the lesson ended, each boy ran for the door nearest to him. Out from their pockets came slings all prepared for the fight. The parakeets flew away, complaining noisily at the sudden rude interruption. I couldn't

O contexto desta narrativa se passa na Escola Maranata, em Barra do Corda. Em uma carta enviada por Eva Mills ao pai, no final do ano de 1952, a professora narra os preparativos para a recepção dos alunos desta escola em janeiro de 1953 e apresenta sua preocupação, motivo de oração: “Nós precisaremos de muita sabedoria, pois as crianças não estão acostumadas à disciplina” (MILLS, [correspondência] 14 dez. 1952)<sup>84</sup>.

Nesta correspondência, assim como nos livros, Eva Mills não se mostra preocupada com conteúdos, professores ou materiais didáticos. Mesmo considerando que ela não estivesse escrevendo para outros professores ou pessoas da área com quem ela pudesse dividir tais preocupações, o que Eva Mills deixa transparecer é sua inquietação com o que a educação viria a significar para estes alunos. Sua atividade docente estava pautada na transformação de hábitos e, neste caso, a indisciplina das crianças foi o problema antevisto que precisava ser enfrentado.

Suas escolas são narradas como uma ilha de disciplina e organização diante do caos e da desordem externa. O ambiente, representado por árvores, pássaros e serpentes, não só faz parte do entorno, quanto é acionado para representar a natureza pecaminosa das crianças, sendo a educação parte de uma engrenagem que trabalha em conjunto com a religião para mudar a forma como as crianças se comportam diante do que é tido como “natural”. O “novo nascimento” ou a “nova natureza” – a conversão do indivíduo à religião – é capaz de provocar mudança de atitude, de aparência e de perspectivas, por meio da educação.

Neste sentido, enquanto a educação cumpre o papel de afastar o homem de sua ignorância e indisciplina, a religião cumpre o papel de transformar sua natureza espiritual, dando um novo modo de ser e de agir. O termo “carnal” – aquilo que é da carne, da natureza física, natural ou animal do homem, portanto selvagem – é diretamente associado ao pecado, causa do distanciamento entre Deus e o homem. A religião (*religare*) vem para religar o homem a Deus e restituir sua natureza, por isso a expressão “nova natureza”. Desta forma, o intento de afastar o homem de uma “vida natural”, seja por meio da educação escolar, seja por meio da religião, fazem parte de um mesmo propósito redentor, ou de um mesmo projeto civilizador. “Pois só com uma transformação radical do sentido de toda a vida, a cada hora e a cada ação, o efeito da graça podia se comprovar como um arranque do *status naturae* ao *status gratiae*” (WEBER, 2004, p. 107).

Os homens são descritos na domesticação do ambiente selvagem: andam sempre com facão na cintura, conhecem as estações do ano, quando plantar, colher, reconhecem os frutos e

---

tell you all they said about the boys' behavior. Those parakeets were like the boys who threy the rocks; they judged from their own standpoint.]

<sup>84</sup> [Wes hall need much wisdom for the children are not accustomed to discipline.]

as árvores selvagens que não dão frutos. O trabalho, por sua vez, é associado ao pecado, um esforço necessário para sustento diário, diferentemente dos pássaros que não precisam trabalhar para sobreviver. O contraste entre o selvagem e o civilizado é associado à guerra travada entre a natureza do homem pecador e a “nova natureza” adquirida por aqueles que professam a fé evangélica.

A religião, associada à educação escolar (dentro do horizonte de Eva Mills),

tornara-se um método sistematicamente arquitetado de condução racional da vida com o fim de suplantar o *status naturae*, de subtrair o homem ao poder dos impulsos irracionais e à dependência em relação ao mundo e à natureza, de sujeitá-lo à supremacia de uma vontade orientada por um plano, de submeter permanentemente suas ações à auto-inspeção e à ponderação de sua envergadura ética, e dessa forma educar [...] como um operário a serviço do reino de Deus. (WEBER, 2004, p. 108)

Para Eva Mills professora, a ciência e a fé fizeram parte de um mesmo projeto educacional. Sua visão diz de uma nação para o céu, ao mesmo tempo que com total vínculo à vida neste mundo. Para ela, educação e religião fizeram parte de uma mesma missão: redimir a natureza humana, resultando em (ou por meio de) sinais visíveis no comportamento. A razão disso está nas representações de uma filosofia educacional e de uma filosofia de vida que se coadunam e quiçá sejam uma só.

Os modelos de virtude de Eva Mills, como igualmente vistos nos livros anteriores, são de pessoas que tiveram suas vidas transformadas, desde o vestir, até o caminhar, o falar, o pensar. Houve mudanças de comportamento, mas estas só seriam possíveis em sua plenitude, segundo a Mills, se educação e religião estivessem associadas. Em sua chegada ao Maranhão, Eva Mills se aliou a um grupo de missionários e de prosélitos que já manejavam com os fundamentos religiosos, mas lhes faltava uma escola. A falta de uma educação formal era um *atrape* para o desenrolar de uma vida religiosa digna, impedindo, entre outras, as práticas rudimentares da vida protestante, como a leitura da Bíblia e de livros de cânticos e doutrinais. É nessa ausência que Eva Mills construirá o seu sentido de missão.

\*

Olhar para trás e ver com clareza é dádiva. É terapêutico, mas também é estratégico. É arte de si e é arte do grupo.

Estes livros, apesar de características e concepções aparentemente distintas, alterando-se inclusive a destinação ao público leitor – adultos-crianças, estadunidenses-brasileiros –,

dizem de uma mesma obra, apresentando verossimilhanças identificáveis em um único discurso, sob representações que se completam. Como três capítulos de uma única história, respeitando as peculiaridades, os entendi como livros autobiográficos, fazendo parte de um projeto autobiográfico maior: três livros, três propostas e uma única vida narrada.

Para além da preocupação com o encaminhamento das formas de leitura, as representações produzidas entre autor, editor e público leitor nestas autobiografias suscitam uma cumplicidade de pertença a um mesmo campo – o religioso protestante – e a promoção desse espaço por meio da sacralização de uma vida e da tomada desta como modelo para o grupo.

Esta análise suscita a importância da análise de autobiografias para a construção de identidades de grupos. Eva Mills fazia parte de um grupo, de onde e para quem ela publicou seus livros. E foi para este grupo que Eva Mills construiu-se e construiu outros heróis, trazendo-os como um modelo a ser seguido, com relevância para a construção identitária do próprio grupo. Enquanto autora, definiu ideais e apontou caminhos, conclamando os “companheiros de viagem na trilha da selva da vida”, o público leitor, a seguir pelo mesmo caminho.

Apesar da Eva Mills ser uma professora, se identificar como tal e construir-se por meio da educação, é na relação com o grupo religioso que ela se reelabora enquanto missionária e legitima-se como educadora que esteve a serviço de uma missão protestante europeia-americana. Assim, o esforço *de narrar a si* em forma de autobiografia justifica não apenas a si, mas, conjuntamente, o grupo protestante americano em que estava inserida.

Neste âmbito, a educação acaba se tornando um elemento secundário nestes livros, embora tenha sido sua estratégia de disputa de poder no campo religioso no qual ela estava inserida no Brasil. A escrita sobre sua prática educacional é matizada pelas questões religiosas, pelos interesses do grupo no tempo da escrita/publicação dos livros, e precisa ser entendida sob estes aspectos.

Considerar que os interesses religiosos possam determinar sua ação educacional, posto ser ela uma missionária, parece um ponto evidente na autobiografia da Eva Mills, em razão dos fins de uma educação articulada pelo protestantismo. No entanto, esta análise chama atenção para se considerar os interesses do grupo religioso na publicação dos livros e para questionar até que ponto eles foram capazes de condicionar o olhar e a escrita da autora sobre a sua própria experiência educacional no Brasil.

Porquanto, para ler a educação a partir de Eva Mills, entender seus elementos e paradigmas, é importante compreender o lugar da educação tanto nas negociações de poder

vivenciados em sua prática como missionária e educadora no Brasil, quanto na rememoração de sua experiência ao tempo da escrita e produção do livro.

A partir de suas ações no meio protestante, especialmente como educadora nas décadas de 1930 à de 1950 no Brasil, Eva Mills foi uma mulher que mediou saberes, liderou e influenciou uma geração. Uma inglesa que deixou seu rastro pelo recôndito interior do Brasil do século XX, sendo rememorada por seus pares, por sua geração, pelas marcas de suas ações.

Professora engajada com a causa a que ela decidiu abraçar e cumprir, seria ela, nas palavras de Sirinelli, respeitando o devido ajuste de gênero na frase, “nem homem da sombra, nem figura de proa, mas inspirador de um grupo prosélito” (2003, p. 253). Uma intelectual que procurou atender a uma necessidade local, bem como as demandas de sua própria rede de sociabilidade, desenvolvendo um projeto educacional que é rememorado como base na formação e institucionalização de um grupo. “Tal engajamento resultou na construção de uma memória modelada por certos acontecimentos, assim como pela autoprocamação de pertencimento a um grupo com forte identidade diferencial” (XAVIER, 2016, p. 475).

Seguindo a provocação de Libânia Xavier (2016), duas perguntas chaves encaminham ao próximo capítulo: Qual “memória modelada” de si foi construída por Eva Mills em seus livros autobiográficos? E, como se deu sua ação no Brasil para que suas memórias fossem publicáveis e a memória de uma professora missionária protestante se tornasse passível de apropriação por um grupo?

Estas questões serão desenvolvidas seguindo o ritmo das “narrativas culturais” de Eva Mills, a partir das “histórias que as pessoas naquela cultura ‘contam a si mesmas sobre si mesmas’” (BURKE, 2005, p. 158).

## 2. A HISTÓRIA NARRADA EM “TERRAS SELVAGENS E DESCONHECIDAS DO NORTE DO BRASIL”

Eu estava em uma colina com vista para uma pequena cidade no Norte do Brasil. O desafio de iniciar um lar e escola para filhos de crentes pobres e analfabetos parecia demais para mim. Como eu poderia dizer “sim” para uma tarefa tão grande? Como ousar tentar isto? Quanto mais tempo eu passava ali, mais convicta ficava do real problema [...].

A cena ao meu redor era maçante. Não havia chuva desde maio e agora era outubro. O solo seco, as plantas murchas, ressequidas pela longa estação seca desta parte tropical do Brasil me lembrou de minha condição espiritual (MILLS, 1976, p. 11, tradução livre).<sup>85</sup>

Estas são as primeiras linhas do livro 8:28, a forma como Eva Mills escolheu começar a descortinar os sentidos atribuídos a uma vida, apresentando de início aquela que foi a marca de sua trajetória no Brasil: a educação. Foi como professora que ela marcou o tempo em que esteve neste país, que se destacou publicamente, que conquistou respeito e credibilidade, tanto da população local quanto de seus pares.

Na narrativa, a descrição é de um grande desafio em um momento de profunda introspecção. O ambiente, uma longa seca que castigava a região já há algum tempo, era representativa das dificuldades e do dilema de sua vida: a abertura de uma “escola para filhos de crentes pobres e analfabetos” do interior do Brasil, necessitados de um pouco de alento. “Como ousar tentar isso”? Esta foi a pergunta chave e o início do alinhavo que Eva Mills iria fazer em sua própria vida, costurando peça por peça, desde sua tenra infância até o reencontro com este que foi o estopim para a conquista de seu lugar em campo.

O refúgio pessoal e daqueles que dependiam dela no desafio de abrir uma escola foi encontrado na relação com o Sagrado em sua própria história, quando Eva Mills relembra sua infância e juventude no apego aos primeiros recortes: as sementes plantadas em seu coração pelas histórias de sua avó, na fazenda de *High Legh, Cheshire*, durante as férias; as idas para a Escola Dominical da *Strict and Particular Baptist Chapel*, em *Lancashire*; a experiência pessoal com Cristo através do cuidado de sua mãe, aos oito anos de idade; e ainda os desafios para a obra missionária vindos através da prática devocional de seu pai em família, em especial pelas histórias autobiográficas de Madame Guyon, escritas em francês no século XVII, quando

---

<sup>85</sup> [I stood on a hillside overlooking a little town in North Brazil. The challenge to start a home and school for children of poor, illiterate believers seemed too much for me. How could I say ‘yes’ to such an undertaking? How dare I attempt it? The longer I stood there the more convinced I was of the real problem [...]. The scene around me was dull. There had been no rain since May and it was now October. The dry ground, the withered plants, parched by the long dry season of this tropical part of Brazil reminded me of my spiritual condition.]

ela diz-se despertada a ler várias outras biografias de missionários. Uma trajetória capaz de dar sentido a seu caminhar. (MILLS, 1976)

Eva Mills fez faculdade na cidade de Manchester, onde formou-se professora, no mesmo período em que nutriu expectativas junto a David Mills, seu futuro marido, para irem ao Norte do Brasil, se juntarem ao trabalho do missionário canadense Perrin Smith, estabelecido no interior do Maranhão desde 1903, ano de seu próprio nascimento.

Alguns anos se passaram antes que a lamentável condição dos índios sul-americanos se tornasse um desafio pessoal. David Mills, o filho de meu pastor, participava dos encontros da Christian Union da Universidade de Liverpool. Um dia, Charlie Knight, um missionário em licença da missão na Amazônia, falou aos estudantes sobre a grande necessidade no Norte do Brasil. Eu ouvi atentamente quando David me contou sobre o impacto da mensagem sobre ele. A maior parte das conversas a partir daquele dia, quando David e eu estávamos juntos, envolvia a obra missionária e o que os missionários de licença nos contavam. Leonard Bland, outro missionário em licença, veio do Maranhão, Norte do Brasil, e estava com seus pais em uma parte de sua licença. Eles viviam em Sale, não muito longe para se ir numa visita de sábado. Len Bland nos contou sobre Perrin Smith, cuja vida e trabalho nos impressionaram grandemente. Este senhor canadense, que era um evangelista no Norte do Brasil desde 1903, gastava boa parte de seu tempo longe de sua pequena fazenda, viajando a cavalo de assentamento a assentamento em um grande raio no entorno de Grajaú e, mais tarde, Barra do Corda, pequenas cidades no vasto interior. Muitas das conversões eram sinceras, nascidos de novo como crentes, mas eram iletrados e sabiam muito pouco sobre a Palavra, exceto pelo que absorviam das visitas de Perrin Smith, cerca de uma por ano. Um desejo crescente de tornar Cristo conhecido para as pessoas do Maranhão, de ajudar Perrin Smith em seu trabalho, tornou-se nosso objetivo de vida. (MILLS, 1976, p. 19, tradução livre)<sup>86</sup>

O interesse pelas “grandes necessidades do Norte do Brasil” veio através das conversas com David, até então, segundo ela, só o filho do pastor de sua igreja, mas com quem Eva dividiu os sonhos missionários e se comprometeu a juntos irem para o Brasil quando participavam da *English Kewswick Convention*, um evento protestante com ênfase missionária, no ano de 1926. Sua formação para a docência e sua experiência em escolas decerto despertaram-na para o fato de estes “nascidos de novo” serem iletrados e conhecerem muito pouco sobre a Palavra (a

---

<sup>86</sup> [A few years passed before the lamentable condition of South American Indians became a personal challenge to me. David Mills, my pastor's son, attended the Christian Union meetings at Liverpool University. One day, Charlie Knight, a missionary on furlough from the Amazon area, spoke to the students on the great need of North Brazil. I listened intently as David told me about the effect of the message on him. Most of our talks from that day, when David and I were together, involved missionary service and what missionaries on furlough had said about conditions. Leonard Bland, another missionary on furlough, had come from Maranhão, North Brazil, and was staying with his parents for part of his furlough. They lived in Sale, not too far to go for a Saturday visit. Len Bland told us of Perrin Smith, whose life and work greatly impressed us. This elderly Canadian gentleman, who had been an evangelist in North Brazil since 1903, had spent most of his time away from his little farm, traveling by mule from settlement to settlement in a wide radius around Grajaú and later around Barra do Corda, small towns in the vast interior. Many of the converts were sincere, born-again believers, but illiterate and knew very little of the Word, except what they had gathered from Perrin Smith's visits, about once in six months, and what they learned from his messages at the annual conventions. A growing desire to make Christ known, to the people of Maranhão, to help Perrin Smith in his work, became our life goal.]

Bíblia), dependendo das visitas anuais de Perrin Smith para o aprendizado dos fundamentos da nova religião. Foi isto que justificou a presença de Eva Mills no Brasil, a formação deste grupo de prosélitos que nasciam no interior do Maranhão.

Contudo, a família de Eva Yarwood não foi amistosa às novas expectativas da moça, que envolvia o casamento com David e a ida para o Norte do Brasil. Quando enviou uma correspondência aos pais contando sobre o intento missionário, ela percebeu que:

a atitude de meu pai diante do chamado missionário não foi simpática. Ele enviou uma referência bíblica para o conforto no Senhor. A referência era Números 30:3-5: “Se uma mulher também fizer um voto ao Senhor... estando ainda na casa de seu pai na sua mocidade; e seu pai ouvir seu voto... se seu pai a desautorizar no dia que ele ouve; nenhum dos seus votos ... permanecerá; e o Senhor irá perdoá-la, porque seu pai desautorizou-a.” (MILLS, 1976, p. 21, tradução livre)<sup>87</sup>

David Mills, recém-formado como cirurgião veterinário, foi a *Punta Arenas*, no Chile<sup>88</sup>, para um trabalho temporário no início do ano de 1928. De lá, subiu a costa brasileira para encontrar o missionário Perrin Smith no Maranhão, onde providenciou os preparativos para receber sua noiva. Em julho de 1928, Eva Mills recebeu a mensagem de David com a confirmação de que ela poderia se encontrar com ele em terras brasileiras, pois já havia preparado tudo e ele a esperava.

A memória sobre a necessidade de enfrentamento da família de Eva Yarwood em sua decisão de ir ao Brasil é celebrada pelo aceite de seus pais, mesmo que de última hora. Seu pai confeccionou, ele mesmo, um baú onde ela pudesse levar suas coisas, como sinal de bênção à “sua menina”. De sua mãe, a justificativa de um *mito de origem* ainda mais profundo a consolou: a consagração de sua vida ainda na infância, revelada no momento em que recebeu o telegrama de David Mills chamando-a para o Brasil:

Calmamente, ela me contou sobre um incidente vinte e quatro anos atrás que lhe mostrou a vontade de Deus para minha vida. Tio Isaac, vindo de seu posto missionário na China para visitar a família, tomou-me, ainda um pequeno bebê, em seus braços e dedicou minha vida ao serviço missionário ao Senhor. Mamãe se lembrou de suas palavras e agora iria me enviar com sua bênção. (MILLS, 1976, p. 24, tradução livre)<sup>89</sup>

<sup>87</sup> [my father's attitude to my missionary calling was not sympathetic. He sent a Bible reference, which sent me to the Lord for comfort. The reference was Numbers 30:3-5, 'If a woman also vow a vow unto the Lord... being in her father's house in her youth; and her father hear her vow... if her father disallow her in the day that he heareth; not any of her vows... shall stand; and the Lord shall forgive her, because her father disallowed her.]

<sup>88</sup> Eva Mills identifica *Punta Arenas* como uma cidade argentina (Mills, 1975, p. 24).

<sup>89</sup> [Quietly she told me of an incident twenty-four years earlier, which had shown her God's will for my life. Uncle Isaac, visiting our home from his missionary post in China, had taken me in his arms as a tiny baby and dedicated



Eva Mills não construiu sua trajetória somente a partir de suas próprias escolhas, ou por suas experiências pessoais com o Sagrado. Sua vida havia sido dedicada previamente para isso por um tio, também missionário na China. Segundo sua narrativa (MILLS, 1976), o real entrave do não apoio familiar não eram as escolhas religiosas, pois isto ela havia aprendido em casa, em sua formação doméstica. O problema estava no *para onde* Eva tinha optado em ir: o Brasil:

Eu comecei a entender a resistência inicial de meu pai ao meu plano de ir ao Brasil quando ele me contou, um dia, que não teria se oposto se eu quisesse ir para a China, onde tio Isaac ainda trabalhava; mas ele não queria que sua filha fosse para *terras selvagens e desconhecidas do Norte do Brasil*. (MILLS, 1976, p. 25, tradução e grifo nosso) <sup>90</sup>

Decerto as preocupações em enviar a filha a “terras selvagens e desconhecidas” teriam assolado o sono de um pai. Mas seu descontentamento não foi só esse. No ano de 1953, vinte e cinco anos após o tempo desta narrativa, sua mãe já havia falecido e Eva Mills escreve uma carta ao pai para, segundo ela, “acertar pendências”. Entre agradecimentos e reconhecimentos, ela pede perdão por ter ficado tão chateada quando ele a reprovou. Não só por ter ido para o Brasil, como ela relata no livro, mas por ter casado com David.

[...] gostaria que o senhor me perdoasse por ter ficado chateada e quase com raiva quando me reprovou por ter casado com David. Eu tinha isso em meu coração algum tempo antes de deixar vocês da última vez, mas não tive coragem e não pude dizer tudo isso quando lhe disse ‘adeus’. Meu querido e amado pai, eu sei que lhe causei muitas lágrimas e dores de cabeça, e agradeço a Deus por suas orações diárias em meu nome, por aquelas horas de oração do início da manhã que você mantinha com o Senhor antes de nos levantarmos todas as manhãs. Eu lhe agradeço por ter carregado o fardo pela salvação de nossas almas muitos anos antes de chegarmos ao perdão dos pecados. [...] O Senhor o recompensará pelas bênçãos que o senhor nos concedeu quando éramos crianças e ainda depois de crescidos. (Mills, [correspondência] 1 fev. 1953) <sup>91</sup>

Ir para o Brasil e casar com David fazia parte de um mesmo plano e talvez Eva o entendesse como parte de um mesmo chamado missionário. De alguma forma, por algum

---

my life to serve the Lord as a missionary. Mother remembered his words and now she would send me away with her blessing.]

<sup>90</sup> [I began to understand Father’s earlier opposition to the Brazil plan when he told me, one day, that he would not have opposed my going to China, where Uncle Isaac still working, but to wild unknown lands of North Brazil he had not wanted his daughter to go.]

<sup>91</sup> [I want you to forgive me for being upset and almost angry when you reproved me for having married David. I had it in my heart to speak to you about this before I left home this last time but courage failed me and I could not say the thing when I said ‘goodbye’ to you. My dear, dear father, I know that I have caused you many tears and heartaches and I thank God for your daily prayers on my behalf, for those early morning prayer times you held with the Lord before we got up each morning. I thank you for carrying the burden of our souls’ salvation for years before we came to the knowledge of sins forgiven. [...] The Lord will reward you for these blessings you bestowed on us as children and since I grew up.]

motivo que não ficou claro nesta trajetória, as duas coisas, que para Eva Mills eram apenas uma, não foram aprovadas de imediato por sua família, pelo menos até o momento de sua partida.

No que diz respeito ao casamento, este de fato não ocorreu, pelo menos não na Inglaterra. Um mês após ter recebido a correspondência de David, Eva saiu sozinha de Liverpool no dia 28 de agosto de 1928 a bordo do navio S. S. Stephen, sendo despedida por duas famílias, a dela e a de David Mills, que a esperava no Maranhão.

Vinte e quatro dias depois, Eva Yawoord desembarcava no porto de São Luís. Tinha sido uma longa viagem, a primeira para longe de sua terra natal. Na viagem, sozinha, seus relatos detalham dias de medos e inseguranças, mas também de descobertas e novas experiências religiosas proporcionadas por um círculo de novos amigos com quem ela pôde compartilhar as “boas novas” e confirmar suas expectativas missionárias.<sup>92</sup>

Contudo, aportar no Brasil não lhes resguardou menos surpresas e apreensões do que o caminho em alto mar. À sua espera, no porto de São Luís-MA, seu noivo David e o cônsul britânico a esperavam, não apenas para as boas vindas, como costume do cônsul inglês em recepcionar seus compatriotas, mas também para encaminhá-la aos preparativos de seu casamento, que aconteceria naquele mesmo dia.

Eva não parecia esperar por isso, pelo menos não naquelas circunstâncias. No diário, nas cartas, no livro (MILLS, 1976), seu estranhamento ficou registrado. Ela não esconde o inesperado e, por vezes, sua decepção. Alguns meses antes, participara do casamento de uma de suas irmãs; e este agora, definitivamente, seria um casamento bem diferente de qualquer expectativa criada.

Após as 11:30h da manhã, quando conseguiu desembarcar, entre malas que não foram liberadas de imediato (algumas ela só receberia na semana seguinte), a corrida para providenciar um vestido adequado e uma cerimônia em língua e ritos desconhecidos, Eva e David Mills estavam casando às 17:30h no cartório da cidade. E, depois de bolos e refrescos, uma outra solenidade na igreja do senhor Zeca Pereira (José Gonçalves Pereira)<sup>93</sup>:

---

<sup>92</sup> “Fossem engajadas em missões católicas ou protestantes, em viagens de descoberta, de exploração, de aventura ou de conhecimento, as mulheres se movimentaram, saíram, migraram. Tal prática não representa a realidade da maioria das mulheres, mas marca de forma expressiva os modos pelos quais muitas mulheres foram ampliando seus caminhos, construindo suas trajetórias. Em todas elas, ‘converter, ajudar, ensinar, socorrer, cuidar... Descobrir os outros’, era o impulso e a justificativa que legitimava a saída do espaço doméstico, a mudança de cidade ou país, o encontro de um novo lugar no mundo.” (SILVA, ORLANDO & DANTAS, 2015, apresentação)

<sup>93</sup> De acordo com Vicente Themudo Lessa, no jornal *o Estandarte* (31 ago 1939), a igreja Ebenézer, situada à Rua da Paz, em São Luís-MA, fora fundada pelo inglês Rev. [Frederico W.] Miners em 1911 e, após a sua volta à Inglaterra, o industrial José Gonçalves Pereira assumiu a condução desta congregação. Ainda neste artigo, Lessa diz que o Missionário Erneston Wootton [Ernest Wootten] cooperava com o Rev. Miners antes de ir para o interior do Maranhão trabalhar entre os indígenas na cidade de Grajaú-MA. Wootton fez parte da rede de sociabilidade de

A igreja de Zeca Pereira, chamada Ebenézer, preparou outra cerimônia para as sete horas da noite. David e eu fomos conduzidos para nossos lugares, em cadeiras na frente do púlpito, de onde o pastor brasileiro falou para nós em inglês e, em seguida, em português para a congregação. Eu não entendi nenhuma das duas falas! A pequena igreja estava cheia, lotada. Tinha pessoas sentadas até no beiral das janelas. O culto terminou e nós fomos saudados e recebidos pela muito simpática congregação em verdadeiro estilo brasileiro. Tudo parecia um sonho. Eu entendia os gestos amigáveis, mas não entendia uma palavra do que eles diziam. (MILLS, 1976, p. 32, tradução livre)<sup>94</sup>

Embora boa parte do estranhamento expresso nos diários e cartas tenha sido trazida para o livro de forma às vezes até mais carregada de detalhes excêntricos, nem tudo do verdadeiro estilo brasileiro daquela época e lugar foi publicado. Possivelmente porque no tempo e no lugar da publicação dos livros, estes outros detalhes não tenham sido mais tão importantes na construção de uma narrativa recheada de exotismos. Alguns exemplos destes desconfortos com a cultura local manifestaram-se no fato de as pessoas que compareceram ao seu casamento não usarem chapéus, as senhoras usarem leques e de todos os presentes, cerca de trezentas pessoas, virem cumprimentá-los após a celebração. As refeições e horários também tiveram que ser descritos, dia a dia, como que em um exercício que a fazia se acostumar com a nova rotina, como tomar somente café com pão pela manhã; arroz, carne e farinha (e às vezes feijão), seguido de laranja e café ao meio dia; café com pão novamente à tarde, e sopa, arroz, carne e farinha à noite, seguido novamente de café. (MILLS, [diário] set. 1928)

No livro, à medida que Eva Mills vai discorrendo sobre sua chegada e suas primeiras impressões sobre o povo brasileiro – descritos como amigos, gentis e hospitaleiros –, a descrição de sua nova vida e as dúvidas se conseguiria viver em condições tão adversas a incomodavam:

Até que tudo pudesse ser arranjado para nossa viagem para o interior, nossa casa foi um quarto nos fundos de uma venda de frutas e vegetais. Nós tínhamos uma rede de dormir e uma cadeira de praia, as únicas coisas, fora uma mala que pudemos tirar da alfândega naquele primeiro dia. Havia baratas nas paredes e no chão. Mosquitos nos incomodavam a noite toda. Olhando para trás para as condições precárias, o banheiro externo, as inúmeras moscas e as incontáveis idas à alfândega que me assustavam, eu compreendo quão gracioso e misericordioso meu Pai celestial foi ao me preparar com Sua mensagem de João 11:40 “Se você crer, verá a glória de Deus”. Havia tantas ameaças desafiadoras para derrubar minha fé. Eu seria capaz de viver sob estas

---

Eva Mills naquela região. Provavelmente a igreja Ebenézer em São Luís tenha sido um ponto de apoio para missionários ingleses que vinham para o trabalho no Norte do País, em especial para trabalhar entre os indígenas nas primeiras décadas do século XX.

<sup>94</sup> [Zeca Pereira's church, called Ebenezer, had arranged for another ceremony that evening at seven o'clock. David and I were shown our places, on chairs in front of a table, from which the Brazilian preacher spoke to us in English and then to the congregation in Portuguese. I understood neither! The little church was full, overflowing. People were sitting in the open windowsills. The service ended, we greeted and welcomed by the very friendly congregation in true Brazilian style. It all seemed like a dream. I understood the friendly gestures, but not a word of all they said.]

condições? Mas eu não havia dito “sim” para o Senhor [...]? (MILLS, 1976, p. 32, tradução livre)<sup>95</sup>

O estilo de narrativa produzido no livro (MILLS, 1976), com fundo moral e forte apelo devocional a cada nova experiência vivenciada, traz a marca de uma vida sendo construída sob a ótica religiosa e de uma escrita direcionada ao público leitor protestante. Uma leitura do passado sob as lentes da Providência e com aplicação para o tempo presente, uma forma de revisar-se ou arrumar a própria vida para que outros a leiam.

Naquela ocasião, o destino do casal Mills era a cidade de Barra do Corda-MA, a duas semanas de barco de São Luís, onde o missionário Perrin Smith residia. A ida do casal da costa ao interior foi intitulada “Lições na vida primitiva”<sup>96</sup>, no capítulo cinco do 8:28 (MILLS, 1976, p. 35). Aqui Eva Mills narra a viagem pelo rio Mearim, destacando os exotismos da viagem pelos meandros da densa mata, sendo ela a única mulher a bordo, a preparação das refeições coletivas na popa da embarcação, os inúmeros mosquitos, os barulhos da floresta, a ausência de banheiro na embarcação, etc. Em suas palavras, ela “estava começando uma educação completamente nova, bem no meio de uma cultura completamente nova, em uma língua estranha” (MILLS, 1976, p. 36)<sup>97</sup>.

Eva Mills narra sua experiência na cidade de Pedreiras, ao meio do caminho até Barra do Corda, destacando a forma como as pessoas olhavam para ela:

Pessoas paravam diante de mim na estrada para me examinar mais de perto, rindo e sussurrando um para o outro à medida que eu passava; e quando eu parava porque havia muita gente no caminho, eles tocavam minhas roupas e meus sapatos. Eu podia apenas sorrir para eles e eles entendiam que eu era um ‘galego’. Apreendi essa palavra no início do meu estudo do português. Era a maneira deles me chamarem de estrangeira. (MILLS, 1976, p. 36, tradução livre)<sup>98</sup>

---

<sup>95</sup> [Until all could be arranged for the trip to the interior, our home was a room behind a fruit and vegetable shop. We had one hammock and a deckchair, the only things, except a suitcase, that we could get out of customs that first day. The walls and floor crawled with roaches. Mosquitoes gave us a restless night. Looking back now at the primitive conditions, the outside bathroom, the innumerable flies, and the many unmentionable customs that appalled me, I understand how graciously and in tender mercy my heavenly Father had prepared me with His timely message from John 11:40, ‘If thou wouldest believe, thou shouldest see the glory of God’. There were so many challenging threats to overthrow my faith. Would I be able to live under these conditions? But had I not said ‘yes’ to the Lord [...]?]

<sup>96</sup> [Lessons in primitive living]

<sup>97</sup> [...was beginning a completely new education right in the midst of a completely new culture in a strange language]

<sup>98</sup> [People stood in front of me in the little road to get a closer look, snickered and whispered to one another as I passed, and when I stopped because of so many blocking my path, they stroked my dress and felt my shoes. I could only smile at them and they understood that I was a ‘galego’. I learned that word early in my study of Portuguese. It was their way of calling me a foreigner.]

A preocupação em descrever os detalhes de uma vida e de uma paisagem primitiva e o estranhamento mútuo entre ela e o povo traduzem o impacto de Eva Mills frente à nova cultura, reconhecendo-se uma estrangeira (*foreigner*) em terra e língua estranhas (*strange*). Mas também, o cuidado em trazer à tona as particularidades pitorescas vivenciadas em terra selvagem desperta seus leitores para aquilo que ela foi capaz de enfrentar.

Chamo a atenção para dois deslocamentos nesta “tradução cultural” (PALLARES-BURKE, 1996): o espacial e o temporal. O espacial, posto que Eva Mills se encontrava nos Estados Unidos, um país que se pretende moderno e o ponto de referência política e econômica para o mundo, fortalecido no período pós-guerras, escrevendo sobre o Brasil, um país de terceiro mundo. E o deslocamento temporal, dada a distância entre o tempo de vivência dos fatos narrados – nas décadas de 1920 e 1930 – e o tempo de publicação dos livros, entre as décadas de 1970 e 1980 – meio século entre o tempo de escrita/publicação dos livros e o tempo na narrativa.

Ao descrever-se em uma relação mútua de não pertencimento àquele grupo, Eva Mills também se apresentou em uma experiência de transposição cultural: naquele momento ela era a estrangeira ou, nas palavras dos nativos, “o galego”. Tanto ela não se reconhecia naquele grupo, quanto não era igualmente reconhecida, marcando o início de uma aprendizagem cultural completamente nova para ela, segundo suas próprias palavras.

Muitos destes estranhamentos (mútuos) e daquilo que foi identificado por ela como um ambiente e cultura primitivos são encontrados em seus registros de época, como já mencionado anteriormente – em diários, cartas, rascunhos, bilhetes de anotações –, alguns simplesmente transplantados ao texto livresco. Contudo, Eva Mills não recorre à primitividade somente neste momento inicial de chegada ao Brasil, como reflexo do estranhamento cultural, quando ela se diz aprendendo sobre a nova cultura, mas durante toda a narrativa dos três livros de sua autoria, denotando também um recurso literário para atrair às condições de vida incompatíveis com a vida de seu público leitor, narrando um tempo pregresso, mas também construindo uma representação de um povo que vive deste modo e que requereu e ainda requer a intervenção de um *modus* de vida que aos poucos vai ser inserido na narrativa através da educação e da religião.

Eva Mills assume uma postura etnocêntrica<sup>99</sup> ao arrogar-se em uma cultura superior em relação a outra, e esta deve ser pontuada em seu tempo e contexto, a partir de seu lugar ocupado

---

<sup>99</sup> “O etnocentrismo é o termo técnico para esta visão das coisas segundo a qual nosso próprio grupo é o centro de todas as coisas e todos os outros grupos são medidos e avaliados em relação a ele [...]. Cada grupo alimenta seu próprio orgulho e vaidade, considera-se superior, exalta suas próprias divindades e olha com desprezo as estrangeiras. Cada grupo pensa que seus próprios costumes (*folkways*) são os únicos válidos e se ele observa que outros grupos têm outros costumes, encara-os com desdém.” (SUMMER apud CUCHE, 2002, p. 46)

em campo e dos critérios estabelecidos para isso. Ser uma professora, missionária protestante, de origem inglesa, diante de culturas iletradas e primitivas do Norte do Brasil, conferiram um grau de autoridade quase natural a Eva Mills, como explica Aníbal Quijano:

O êxito da Europa Ocidental em transformar-se no centro do moderno sistema-mundo [...] desenvolveu nos europeus um traço comum a todos os dominadores coloniais e imperiais da história, o etnocentrismo. Mas no caso europeu esse traço tinha um fundamento e uma justificação racial da população do mundo depois da América. A associação entre ambos os fenômenos, o etnocentrismo colonial e a classificação racial universal, ajudam a explicar por que os europeus foram levados a sentir-se não só superiores a todos os demais povos do mundo, mas, além disso, *naturalmente* superiores. (QUIJANO, 2005, p. 237, grifo do autor)

Aliados à origem anglo-saxã, os papéis desempenhados tanto pelo viés da religião, o *ser missionária* diante de povos não-alcançados, quanto pelo da educação, o *ser professora* diante de um povo analfabeto e sem escolas, foram prerrogativas de alguém que se colocou em uma posição de detentora de um saber diante de outros que não sabem, logo precisam aprender, através de “mudanças de comportamentos” e “sensibilidades” em um novo padrão oferecido no processo civilizacional (ELIAS, N., 1994).

Esta relação também é capaz de revelar uma episteme sobre o ser civilizado em contraponto com o selvagem que não diz só do ambiente (a selva, a floresta), mas também das pessoas, reproduzindo conceitos que já estavam presentes na região em que Eva Mills vivera no Brasil. Quem, para ela, entrava na categoria de primitivos, tinha seus próprios primitivos – os indígenas.

Neste sentido, buscando compreender um pouco mais sobre a história da região em que Eva Mills circulou, em especial o Maranhão, bem como as representações que permeavam o processo de civilização do Norte/Nordeste do Brasil naquele período, recorro ao livro *O sertão, subsídios para a História e a Geografia do Brasil*, publicado em 1924 (1ª edição) pela professora maranhense Carlota Carvalho.

Esta autora escreveu sobre o processo de colonização do interior do Brasil no século XIX e início do XX, com atenção especial à região do sertão maranhense, de onde ela é natural. Fazendo questão de assegurar seu lugar de pertença e autoridade no assunto, Carlota Carvalho não só escreve sobre a história e a geografia de uma região, quanto *escreve de si*, estabelecendo laços com este mesmo espaço como parte de uma competência de quem conhece *in loco* sobre o que fala, chegando a lamentar por outros autores da área não conhecerem o que ela conhece:

Nos tombadores, nas extensas lajes que superficiam planuras laterais das ribas do rio Farinha, nos fósseis aí existentes, e no rendilhado de serras do Canela, há escrita uma

história que só pode ser lida por geólogo. Infelizmente, nem um Gerber, Otto Claus, Lyell, Hartt, Wallace, Origny, Eugênio Hussak, Lund ou Derby visitou esta paragem (CARVALHO, 2001, p. 95).

Em um aparte especial no livro, denominado “refutação a Euclides da Cunha”, Carlota Carvalho contrapõe conceitos já clássicos sobre o que seja ou como seja o sertão brasileiro:

O que nos sertões do Maranhão, Goiás e Mato Grosso chamam caatingas – mato alto constituído por grandes espécies vegetais, como angico, aroeira, ipê e jatobá, árvores espaças, entremeadas de pastagens –, não têm semelhança com a raquítica e enfezada vegetação de uma pequenina e única parte do território da Bahia, magistralmente descrita por Euclides da Cunha no livro *Os Sertões*. [...] De tipo dos sertões brasileiros não pode servir o adusto daquele diminuto trato de terreno. (CARVALHO, 2001, p. 131).

Esta autora desenvolve aspectos de uma geografia natural (vegetação, hidrografia, formações rochosas...) e política, a partir da história dos novos municípios que estavam sendo formados por aventureiros boiadeiros e fazendeiros à procura de novos espaços de conquista, e consolidados, segundo ela, a partir de uma política progressista, elitista (letrada) e independente do império. Também associa a formação sertaneja à chegada de retirantes em busca de riquezas e melhores condições de vida no lado Norte do país e à grande quantidade de povos “autóctones” (ela recusa o termo *indígenas*) sendo conquistados e civilizados pelas frentes missionárias católicas.

Carlota Carvalho critica o papel da Igreja Católica nas, nem sempre, negociatas com os autóctones, através da evangelização, educação e civilização daqueles que ali habitavam. Para os autóctones, a autora não rejeita a necessidade do processo civilizacional, descrevendo-os como estando em um “período inicial – Idade da Pedra – portanto, em pleno ‘naturalismo’, estado mental em que não há explicação racional para os fenômenos meteóricos” (CARVALHO, 2011, p. 99). Contudo, faz duras críticas à relação fé-educação-civilização apregoados pela religião<sup>100</sup>: “fé religiosa não exige civilização. O mais ignorante analfabeto pode ser um crente fanático” (CARVALHO, 2011, p. 251).

Neste contexto, a autora estabelece os seguintes conceitos:

Classificando os povos, a geografia política define:

- Selvagens, os que não sabem representar pensamentos e vontade e registrar fatos e observações por meio de sinais convencionais, isto é, não sabem ler e escrever.
- Bárbaros os que, possuindo esse conhecimento, são propensos para a guerra e preferem a brutalidade da força ao poder da razão.

<sup>100</sup> Carlota Carvalho não faz referência à presença de outras religiões ou crenças na região além da Católica, pelo viés do processo colonizador.

– Civilizados, os que sabem ler e escrever, podem registrar fatos e conhecimentos adquiridos e têm inclinações contrárias à guerra por virtude da ilustração do espírito. Basta ler esta classificação para ter intuição do que é preciso para ser civilizado. (CARVALHO, 2001, p. 251)

Carlota Carvalho narra uma certa iniciativa dos autóctones – da etnia dos Gaviões – em serem civilizados, quando uma comitiva foi interceder por benfeitorias junto ao Estado no ano de 1896, à revelia da Igreja:

Autóctones deste país vêm pedir civilização. Carecem escolas e mestres que os ensinem a ler e escrever porque isto é o que constitui o estado moral e a classificação social do civilizado; que ensinem artes e ofícios mecânicos, que são práticas de civilizados. (CARVALHO, 2001, p. 249)

Havia um interesse político na conquista e povoamento do interior nortista do país, pelo domínio de suas riquezas, mas este interesse não era extensivo às negociações com os autóctones. Eles eram classificados como “muito selvagens” – aguerridos, que não aceitavam a penetração e a dominação de outros povos – e os “menos selvagens” – os mais pacíficos ou que aceitavam mais facilmente as trocas e favores dos que chegavam à região. Carlota Carvalho diz que estes últimos, por sua “ingenuidade”, foram rapidamente exterminados.

Os contatos e negociações com os autóctones no processo de povoamento da região ficavam a cargo dos frades que cuidavam de sua civilização de forma nem sempre amistosa, o que justifica o pedido acima, na realidade uma solicitação de intervenção estatal, o que lhes foi negado. Como resultado, a seguinte conclusão: “deviam continuar escondidos na floresta pra escapar às balas assassinas e à escravidão mortífera rotulada ‘catequese’ ou ‘conversão religiosa’, interessada em conservá-los brutos, obedientes, desprezíveis!” (CARVALHO, 2011, p. 250).

As representações de Carlota Carvalho sobre os civilizados e os selvagens, interessa não só em seus conceitos, mas a quem a autora os atribui. Carlota Carvalho tem sua biografia identificada como parte de uma elite intelectual e política<sup>101</sup> que, apesar de viver na mesma região e se identificar como uma sertaneja, ou seja, como alguém que vive no sertão, não pertencia ao mesmo ambiente primitivo dos nativos. O selvagem era o outro. O outro era os autóctones que viviam como se em uma era passada.

---

<sup>101</sup> “Consta que o pai de Carlota, Miguel Olímpio de Carvalho, foi membro da ‘roda de amigos’, famoso círculo literário do Grajaú liderado pelo juiz de Paz da Chapada, Militão Bandeira Barros, líder dos ‘independentes’, grupo político alinhado aos liberais que deram origem ao revolucionário partido *bem-te-vi* e apoiaram os balaaios, promotores da grande revolta popular entre 1834 e 1841.” (CARVALHO, 2011, p. LXVIII, perfil biográfico de Carlota Carvalho, por Adalberto Franklin)



A mesma projeção deste outro como selvagem ou primitivo foi estabelecida por Eva Mills, mas de forma extensiva a todos os que habitavam a região: os sertanejos maranhenses, posto serem desprovidos, usando os mesmos conceitos de Carvalho (2011), das “artes e ofícios mecânicos que são práticas de civilizados” em especial porque “não sabiam ler nem escrever”, características da maior parte da população local, mesmo os mais afortunados, na leitura da Mills.

Para Eva Mills não foi interessante representar as diferentes facetas sociais da região, talvez por considerá-las irrelevantes para seus objetivos, mas apenas aqueles que eram seu foco de atenção, objeto de seu trabalho, os que justificaram sua presença naquele contexto – os pobres analfabetos. As nuances sociais e as elites intelectuais e politizadas, foco de atenção da Carlota Carvalho, defensora de uma elite sertaneja, foram ignoradas nas representações de Eva Mills.

As duas professoras escolheram um outro para representar – uma, os autóctones; a outra, os brasileiros, que também envolviam os autóctones – dentro de seu próprio campo de atuação e projeção; e o acesso à educação seria o passaporte capaz de abrir o caminho necessário entre o mundo primitivo e o mundo civilizado, nas duas representações. Ser selvagem, em suas perspectivas históricas, não dizia de uma raça em um estágio mental inferior, mas de um estado que podia ser alterado, pelas vias da educação, à condição civilizacional.

Mas as escolas eram raras, reclamaram as duas. Mesmo que a São Luís do século XIX tenha sido marcada por um processo de modernização e pela construção ideológica da “Atenas Brasileira” pelas elites maranhenses (LACROIX, 2008; BORRALHO, 2010), a aura dos grandes poetas e intelectuais *à la* Gonçalves Dias, Humberto de Campos, Aluísio Azevedo e Artur Azevedo pouco repercutiu para o interior do estado. O acesso da capital São Luís ao interior do estado ficou restrito às vias fluviais até a segunda metade do século XX, quando foram construídos os acessos rodoviários e ferroviários (FRANKLIN, 2008), e este foi um dos argumentos para as irrisórias políticas de interiorização da educação neste estado.

Ainda que, por exemplo, os centros de formação de professores de São Luís datem desde o ano de 1840, segundo Sandra Maria Melo (2012),

Havia muita resistência por parte dos normalistas formados na capital – em grande parte, mulheres – em se deslocarem para o interior. No que se justificava por serem mulheres, e pelas precárias condições de acesso aos municípios, vilas e povoados, principalmente, no período chuvoso. Como tentativa de resolver essa questão, foi criado em 1907, pelo Governador Benedito Leite, um pensionato de alunos normalistas vindos do interior. Contudo, essa tentativa também não obteve o êxito esperado; permaneciam as cidades, vilas e povoados, e até a própria cidade de São

Luís (capital do Estado), carentes de professores habilitados para a educação primária. (MELO, 2012, p. 13)

De acordo com Mariléia dos Santos Cruz (2013), os primeiros trinta anos do século XX foram marcados pela quase ausência de investimentos na área por parte do Governo no interior do estado. As escolas existentes, além de poucas, se tratavam em sua maioria de escolas unitárias – uma única sala e professor(a). Nos anos subsequentes, apesar de um crescente esforço na interiorização da educação impulsionada por medidas federais e o aumento do número de grupos escolares sob incentivo da reforma educacional de 1946<sup>102</sup>, as escolas ainda eram incipientes, dado o número de municípios sem escolas de iniciativa pública. Mesmo sob a Campanha de Alfabetização de Adultos de 1949, o Relatório de Educação de 1958 ainda trouxe um índice de analfabetismo superior a 70% no Estado do Maranhão. (CRUZ, 2013)

Este era o contexto do Maranhão na chegada de Eva Mills ao Estado. Alto índice de analfabetos, municípios sem escolas e as escolas que tinham ou eram de iniciativas católicas, algumas delas voltadas especificamente para o público indígena, ou eram de iniciativas particulares e/ou familiares, como onde estudou a professora Carlota Carvalho, sendo considerada uma “autodidata” em sua formação (MOTTA, 2002).

Quanto à presença de outros credos além da Igreja Católica, mais especificamente sobre a difusão do protestantismo na região sertaneja maranhense, segundo Santos (2006), há registros de iniciativas proselitistas por grupos protestantes desde os fins do século XIX. Primeiro as igrejas Presbiterianas na década de 1880, com algumas incursões do Dr. Butler, pastor da igreja em São Luís, pelas regiões dos rios Itapecuru e Mearim, e cidades de Caxias e Alcântara. Igrejas Batistas e Assembleias de Deus também são identificadas nas primeiras décadas do XX, dividindo espaço com “igrejas livres independentes, também identificadas como Batistas livres, embora não filiadas a nenhuma instituição batista” (SANTOS, 2006, p. 44). Estas igrejas a que Santos se refere eram as oriundas de trabalhos de missionários independentes, como Perrin Smith e mesmo o casal Mills, ou com vínculos com agências missionárias paraeclesiásticas, como a UFM.

Além destas iniciativas oficiais, houve a formação de outros grupos de prosélitos protestantes, como o iniciado por João Batista Pinheiro em Barra do Corda, o primeiro biografado por Eva Mills no livro *Em Lugar do Espinheiro*<sup>103</sup> e já mencionado no capítulo

---

<sup>102</sup> Através do decreto-lei n. 8.529, que organizou o ensino primário público em nível federal.

<sup>103</sup> João Batista Pinheiro foi biografado por Eva Mills como o precursor de um grupo de crentes que nascera de forma independente, sem vínculo com alguma denominação evangélica. Contudo, registros históricos (jornais da época e atas de igrejas Presbiterianas) apontam para um certo acompanhamento da Primeira Igreja Presbiteriana

anterior. O encadeamento de sua história é essencial para o entendimento das representações em torno da presença de Eva Mills e suas escolas no Maranhão e também representativo do contexto de conflito religioso decorrente da difusão do protestantismo no interior desse estado.

A família de João Batista migrou para Barra do Corda, no Maranhão, pelos anos de 1877, fugindo da seca do sertão cearense. Acometido por framboésia, João Batista viaja para Recife, Pernambuco, em busca de tratamento onde, vivendo como mendigo, converte-se ao protestantismo em uma igreja Presbiteriana. Consegue voltar à Barra do Corda em torno do ano de 1897 para apregoar as *boas novas* da Salvação aos seus, período em que já lhe haviam amputado as duas pernas, além de outras mutilações no rosto devido a enfermidade (MILLS, 1982[?]). Eva Mills relata este retorno com detalhes de sua condição física precária e de suas dificuldades de locomoção e uma experiência de ódio e perseguição pelo povo desta cidade, nada receptivo à nova religião trazida por João Batista:

O ódio do povo foi aumentando. Certo dia tiraram-lhe sua Bíblia e a queimaram na praça pública. A multidão zombeteira pensou que assim poderia desencorajá-lo de seu propósito de propagar a mensagem da Palavra de Deus. Barra do Corda era território de Satanás há muito tempo; e o medo aterrorizante de ser punido pela feitiçaria, e por deuses falsos por dar ouvidos a esta nova religião, criou uma atmosfera de ódio e violência entre o povo contra o aleijado. (MILLS, 1982[?], p. 6)

Após o episódio emblemático da queima da Bíblia de João Batista na praça da cidade<sup>104</sup>, a Igreja Presbiteriana de São Luís enviou uma caixa com outras Bíblias, sendo isto considerado um marco de fortalecimento do grupo de fiéis que pouco a pouco cresceria. Primeiro sua família, depois outros foram se juntando a João Batista, resistindo às investidas católicas, culminando com a formação de um grupo recluso: o Centro dos Protestantes.

Esses crentes, um grupo então de doze famílias, se tornaram um exemplo de vida cristã para seus vizinhos curiosos e também hostis. A limpeza com que se vestiam e mantinham suas casas era um testemunho vivo daquilo que cantavam entusiasmamente em seus hinos de louvor. Aos poucos outros foram se entregando e

---

de São Luís e, posteriormente, pela Igreja Presbiteriana em Caxias-MA, da qual W. M. Thompson fazia incursões até Barra do Corda para acompanhamento deste grupo.

<sup>104</sup> No jornal presbiteriano “O Estandarte”, de 7 de novembro de 1918, em uma série de artigos intitulados “Algumas notas sobre a evangelização do Norte”, Vicente Themudo Lessa publica: “João Baptista era um pobre inválido, sem pernas. Foi para o sertão da Barra do Corda e lá fazia resplandecer a verdade evangélica. Não sabemos se ainda vive. (...) João Baptista, o aleijado recebido em profissão de fé pelo Dr. Butler, não deve ser deixado no olvido. Retirando-se da capital, procurou dar o seu testemunho de um crente remido por Jesus, o que lhe valeu a honra de uma perseguição, que é assim narrada em “O Norte”, antigo e criterioso periódico da Barra do Corda, em sua edição de 4 de fevereiro de 1894: ‘Hontem, pela manhã, um grupo de 50 pessoas, dirigiu-se ao outro lado do rio, em frente a esta villa, á casa de Manoel Pinheiro onde reside o aleijado Baptista, chegado há pouco tempo da capital, que, munido de uma Bíblia, faz propaganda do protestantismo, e tomando-lhe a referida Bíblia, trouxe-a, no meio de vivas á religião catholica apostólica romana, e queimou-a em frente á nova egreja sita á praça de Santa Philomena’. Lastimando o facto, ‘O Norte’ defende a liberdade de consciência e cita o artigo 72 da Constituição, §3º, que garante a tolerância das crenças religiosas no paiz”.

ajuntando-se a seus novos amigos em Cristo. Sua colônia de pequenas fazendas, situada a seis léguas de Barra do Corda, passou a ser conhecida como Centro dos Protestantes. A alegria do Senhor era a sua força. (Mills, 1982[?], p. 8)

Sobre o Centro dos Protestantes, Abdoral Fernandes da Silva, autor de *Nossas Raízes*, livro histórico institucional da Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Brasil (AICEB), escreve o seguinte:

Em 1901, as famílias Barros, Caetano, Pinheiro, Dodô e outras haviam abraçado a fé evangélica pelo testemunho daquele homem humilde e fiel. Como todos viviam da lavoura, resolveram comprar uma propriedade no lugar chamado Lagoa da União e formar ali uma pequena colônia, onde pudessem lavrar a terra e cultivar sua fé. Um pregador que visitou o lugar, anos depois, denominou-o ‘O Paraíso dos Crentes’, e diz: ‘era uma localidade no centro mais denso da mata, destinada ao abrigo de famílias crentes e pobres que se ocupavam de cultivar o solo. Era mata sem fim, sem medida, requerida pelo sistema antigo de posse, cujos limites não se conheciam. Naquele lugar não morava ninguém de outro credo’.

Os de fora chamavam-no de Centro dos Protestantes. Foi neste canteiro rústico que germinou a semente das Igrejas Cristãs Evangélicas da AICEB. (SILVA, 1997, p. 16)

Por que um lugar a seis léguas<sup>105</sup> de distância, onde não morava ninguém de outro credo, fora tido como o “paraíso dos crentes”, não só para as doze famílias que ali se erradicaram, como para os visitantes que por ali passavam? Não é difícil inferir a permanência de uma forte intolerância religiosa que persistiu após a chegada de João Batista, se estendendo sobre o novo agrupamento de crentes, a ponto de os adeptos da nova religião sentirem necessidade de um lugar isolado do contato com outros credos.

O missionário independente Perrin Smith, cuja história atraiu o casal Mills ainda na Inglaterra, e que os encaminhou em seus anos no Brasil, é introduzido nesta história quando do falecimento de João Batista, como uma resposta de oração por alguém que cuidaria de seu rebanho. Assim, Perrin Smith herdou de João Batista o grupo de convertidos, trabalhando na consolidação deste e na conquista de novos adeptos, estabelecendo-se na cidade de Barra do Corda no ano de 1912. Comprou terreno, construiu casa, adquiriu gado e manteve lavoura como sustento próprio, enquanto dedicava meses de viagens (maio a novembro) com fins evangelísticos por uma longa distância aos arredores de Barra do Corda e Grajaú. (MILLS, 1982[?])

Eva Mills logo percebeu a importância de Perrin Smith na região e a dimensão de sua influência quando em sua chegada em Barra do Corda no ano de 1928: a liderança de Smith

---

<sup>105</sup> Uma légua é uma unidade de medida em desuso que, oficialmente, equivale a mais ou menos 4,82 km. Entretanto, no nordeste brasileiro utilizava-se esta unidade com variações de 6 a 7 km. No Maranhão, 1 légua equivalia a 6 km, ou seja, o Centro dos Protestantes ficava a 36km de Barra do Corda, segundo esta narrativa.

envolvia tanto os locais, treinando evangelistas para trabalhos semelhantes ao seu, como também “missionários ingleses, australianos e canadenses ocasionalmente passavam, recebendo aconselhamento aqui e dando relatos do trabalho que estavam fazendo em lugares mais distantes” (MILLS, 1976, p. 42, tradução livre)<sup>106</sup>. Sua presença ali havia feito da cidade de Barra do Corda um centro de referência a outros missionários, que encontravam nele a mentoria necessária por sua experiência e conhecimentos da localidade, população e língua. Se tornou a figura de apoio a missionários indoutos na cultura daquela região do país.

## 2.1. UMA VIDA CONSTRUÍDA NA EDUCAÇÃO

Algumas semanas após a chegada de David e Eva Mills à Barra do Corda, eles logo foram encaminhados por Perrin Smith à Vila de Imperatriz-MA. Foram em companhia de Donald e Vera Monteith, missionários australianos que haviam chegado alguns meses antes que os Mills em Barra do Corda. Os atrativos para o novo sítio foram a ausência de igreja evangélica na cidade e sua localização estratégica que facilitava o acesso a comunidades ribeirinhas pelo fluxo do Rio Tocantins e a aldeias indígenas, abundantes na região, os três focos de trabalho investidos pelo quarteto – a cidade, os ribeirinhos e os indígenas.

David, um veterinário, logo assumiu a prática da medicina entre os locais e começou a ser procurado por isto, ficando conhecido como o “doutor dos necessitados”, normalmente comprometido com as viagens ribeirinhas, enquanto Eva se ocupava de visitas e atenção às mulheres, restringindo-se a contatos pessoais ou a espaços domésticos, na ausência dos homens. (MILLS, 1976)

Os missionários foram recebidos em Imperatriz por uma família de crentes com alguma influência na pequena cidade, que não só os acolheu, quanto ajudou-os durante os confrontos que vieram ocorrer naquela localidade:

Aqui encontramos um amigo, Francisco Sampaio, que nos levou para a sua casa, encontrou uma casa para alugarmos, negociou qualquer acordo que precisássemos fazer. Este homem era um crente e, mesmo que nunca o tivéssemos visto antes, Sampaio e sua esposa se tornaram preciosos pai e mãe brasileiros para nós quatro. Nós sempre recebíamos bons conselhos deles, íamos até eles em momentos de dúvida, especialmente quando envolviam frades, que governavam a vizinhança. Sampaio e Alexandrina geralmente nos surpreendiam presenteando-nos com refeições bem preparadas. Eles nos ajudavam a organizar encontros ao ar livre, classes de estudos bíblicos e nos mantinham em contato com o ‘juiz’ em exercício, que se tornou nosso amigo por causa do seu respeito por Sampaio. Certa vez, um encontro ao ar livre foi interrompido por alguns frades de barbas longas e hábitos marrom-escuros, nos

---

<sup>106</sup> [english, Australian and Canadian missionaries were occasionally passing through, receiving counsel here and giving reports of the work they were doing further afield.]

ordenando a voltar para casa. Sampaio falou por nós em claro e bom português, já que ele era um dos poucos homens com escolaridade na pequena cidade. (MILLS, 1976, p. 43, tradução livre)<sup>107</sup>

Estas dificuldades contra o grupo religioso católico eram uma constante. Enquanto Eva Mills narra a conquista do novo grupo de crentes que ia se convertendo naquela cidade, as aventuras nas empreitadas ribeirinhas, como quando a embarcação naufragou com os missionários, ou pela floresta em busca de tribos indígenas, ou suas próprias dificuldades em se comunicar e seus primeiros desafios e contatos com as mulheres, Eva Mills vai apresentando cada vez mais elementos que dão conta de um clima de conflitos e perseguições em Imperatriz:

Chegou o dia em que Maria Coelho fez sua confissão pública de fé em Cristo e foi batizada no rio. Ela permaneceu firme, mesmo que a perseguição contra ela fosse cruel. Aqueles que, por muitos anos, lhe davam suas roupas para passar e lavar se voltaram contra ela por causa de seu testemunho público por seu Senhor. Mesmo que ninguém em Imperatriz pudesse fazer um trabalho tão bom com o ferro, não traziam mais roupas de oficiais para ela. Muitas vezes ela passava fome. [...] Seu coração ficava preocupado, mas, em vez de dar lugar ao desânimo, Maria Coelho voltou suas mãos habilidosas para a produção de bolos. Os seus bolos de tapioca quente pela manhã bem cedo eram um grande sucesso e aqueles que desprezaram sua nova fé em Cristo não podiam ficar sem seus bolos depois de os terem provado. (MILLS, 1976, p. 46, 47, tradução livre)<sup>108</sup>

O relato sobre Maria Coelho, na cidade de Imperatriz-MA, é representativo do mesmo processo de exclusão social que acompanhou os novos professos na cidade de Barra do Corda-MA, quando da história de João Batista Pinheiro. Maria Coelho, uma mulher que tirava o seu sustento das roupas que lavava e passava, perdera todos os seus clientes, vindo a passar fome, por se juntar ao grupo protestante.

Sobre o desenvolvimento deste círculo e a construção daquele que seria o primeiro templo protestante na cidade de Imperatriz, Eva Mills escreve:

<sup>107</sup> [Here we found a friend, Francisco Sampaio, who took us to his home, found a house for us to rent, negotiated any deal we had to make. This man was a believer, and, although we had never seen him before, Sampaio and his wife became a precious Brazilian father and mother to the four of us. We always received good advice from them, went to them in doubtful situations, especially those involving the friars, who ruled the neighborhood. Sampaio and Alexandrina often surprised us with gifts of a meal well-prepared. They helped us organize open-air meetings, Bible study classes, and kept in touch with the resident 'judge', who became our friend because of his respect for Sampaio. At one open-air meeting, interrupted by several friars with their long beards and dark brown habits, who ordered us to go home, Sampaio spoke for us in cleverly worded Portuguese, as he was one of the few educated men in the little town.]

<sup>108</sup> [The day came when Maria Coelho made her public confession of faith in Christ and was baptized in the river. She remained firm, even though the persecution against her was cruel. Those who had given her their washing and ironing to do for many years turned against her because of her public stand for her Lord. Even though no one else in Imperatriz could do such good work with the iron, no more officials' clothes were brought to her. She often went hungry. [...] Her heart was heavy, but, instead of giving way to despondency, Maria Coelho turned her clever hands to 'bolo' making. Her hot tapioca cakes very early in the morning were a great success and those who despised her new faith in Christ, could not manage without her cakes, once they had tasted them.]

Nossa nova pequena sala de reuniões, em lugar tão central da cidade, causou inveja e muitos oponentes do Evangelho ficaram irritados. A perseguição espalhou-se e foi profundamente dolorosa para os crentes. Ensinados pela Palavra, os crentes permaneceram quietos, não retaliaram e começaram a cuidar uns dos outros, a cuidar das necessidades dos aflitos e a lembrar uns dos outros em constante oração. Eles foram crescendo em meio à perseguição. As vidas dos missionários foram ameaçadas várias vezes. A preocupação dos crentes com a nossa segurança causava uma devota vigilância sobre nós. Nessa atmosfera, desenvolvia-se amor fraternal e maturidade espiritual. Isso alegrava nossos corações durante os dias difíceis, especialmente quando víamos alguns dos crentes prontos a aceitar a responsabilidade na liderança espiritual. (MILLS, 1976, p.47, tradução livre) <sup>109</sup>

Figura 19: Construção do templo em Imperatriz-MA

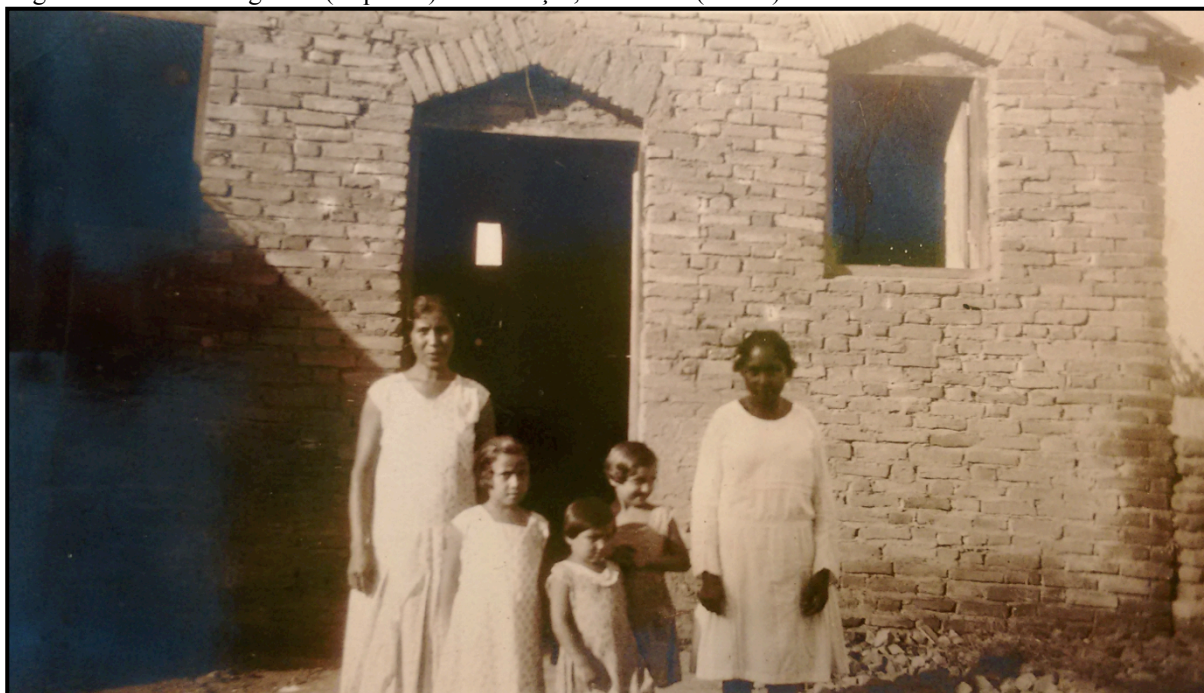


Fonte: Arquivo particular de Eva Mills

<sup>109</sup> [Our new little meeting room, in such a central location, had caused jealousy and many opponents of the Gospel were angry. Persecution spread and was keenly hurtful to the believers. Taught by the Word, the believers kept quiet, did not retaliate, began to watch for one another, to care for the needs of the distressed and to remember one another in constant prayer. They were growing spiritually through the persecution. The missionaries' lives were threatened several times. The believers' concern for our safety caused a prayerful watch over us. In such an atmosphere, brotherly love and spiritual maturity developed. This rejoiced our hearts during the difficult days, specially when we saw some of the believers ready to accept responsibility in spiritual leadership.]



Figura 20: “Dona Florgência (esquerda) + 3 crianças, Deuzinha (direita). Tirada em frente à sala de reuniões”<sup>110</sup>



Fonte: Arquivo particular de Eva Mills

A materialização da presença protestante por meio da construção de uma sala de reuniões no centro da cidade foi apresentada como um momento de fortalecimento do grupo, que forneceu o terreno, o material e a mão de obra necessários à construção do prédio. E, mesmo a perseguição sendo acentuada com a nova edificação, esta foi apresentada como fator de agregação, fortalecimento e surgimento de lideranças locais.

A identidade protestante estava sendo construída na relação com o outro, na luta de representações, construindo imaginários de *demonização* mútua nas lutas de campo. Enquanto aos crentes cabia a batalha por uma região dominada por feitiçarias, bruxarias e deuses falsos, eles também foram representados como sendo a própria encarnação do mal que assombrava e invadia a região. Sob a perspectiva protestante, os outros eram os católicos, intolerantes que atacavam e perseguiam; contudo, para muitos, os outros eram os missionários protestantes, forasteiros e estranhos e sua nova religião, que chegavam carregados de mistérios e encantamento:

A notícia de que um estrangeiro trazendo uma nova religião estava a caminho de Santa Luzia, uma vila do interior, espalhou-se rapidamente de casa em casa. Pequenos grupos e mulheres paravam de pilar seu arroz para conversar. ‘Que faremos?’ ‘Ele está vindo mesmo?’ ‘Tenho medo.’ Os homens sentados como sempre em precários bancos de madeira, chamados tamboretas, encostados às paredes de adobe, discutiam como seria o futuro da vila se realmente este estrangeiro viesse pregar em suas ruas. Em Santa Luzia imperava a superstição e as bruxarias. Havia muitos boatos sobre os

<sup>110</sup> [Dona Florgência (left) + 3 children, Deuzinha (right). Taken in front of meeting room] Conforme identificado no verso da foto.



‘galegos’, como eram chamados os estrangeiros. ‘Eles têm rabo como animais.’ ‘Eles têm parte com o Diabo.’ ‘Lançam mau-olhado em crianças.’ ‘Podem causar danos físicos àqueles que os olham.’ Cada vez que se repetiam os boatos, outros novos eram acrescentados à lista. ‘Não vou chegar perto dele’, disse alguém. ‘Se ele vier pregar aqui, ficaremos dentro de casa’, disse outro. Eles estavam prontos para se esconder quando ouviram dizer que Perrin Smith estava a caminho, montado em seu burro. (MILLS, 1982[?], p. 9)

Eva Mills é consciente da luta de representações pelo imaginário popular, trazendo isto em seu discurso. Enquanto ao grupo católico pertencia a imagem de quem atacava, os novos confessos aprendiam a naturalizar as afrontas, posto que a perseguição era comumente incluída nas experiências dos crentes e, por isso, não deveriam reagir, pelo menos não de igual modo, mas permanecerem quietos, mesmo que suas vidas fossem ameaçadas, como o caso da jovem Deusinha:

Ela começou a assistir a todas as reuniões. Seus pais ficaram zangados com isso e a avisaram que haveria problemas se ela desobedecesse. [...] Uma vez por semana, ela ia visitar seus pais, e desta vez lhes contou que a estávamos ensinando a ler, esperando que eles percebessem o quão feliz ela estava. Mas dificuldades vêm para a jovem discípula do Senhor Jesus. Seus pais descrentes deveriam ser avisados das mudanças na sua vida. A própria Deusinha contou para eles. Eles ficaram muito bravos e ela retornou com a ameaça de que, se ela voltasse mais vezes para as reuniões semanais, seria tirada de nossa casa.

[...]

Desta vez, ela foi atacada por um grupo raivoso, sua Bíblia e seu hinário lhe foram arrancados e ela foi levada para dentro da cabana de seus pais para ser castigada sem misericórdia, com a ideia de tirar algum espírito maligno dela. Um soldado que estava passando viu o que estava acontecendo e chamou o ‘juiz’ da vila. Este mandou soldados para levá-la dali para nossa casa. Aqui ela ficou por várias semanas sem ser incomodada, indo aos encontros da pequena igreja, se unindo a nós em nosso tempo de devoção familiar e lendo a Bíblia em seu tempo livre. (MILLS, 1976, p. 68, tradução livre)<sup>111</sup>

É neste cenário de conflitos que Eva Mills dá indícios de suas primeiras práticas como professora alfabetizadora, ainda que ela mesma estivesse aprendendo os rudimentos da língua portuguesa. Deusinha, dezoito anos de idade, viera morar com os missionários para trabalhar

---

<sup>111</sup> [She began to attend every meeting. Her parents were angry about this and warned her of trouble if she disobeyed [...]. Once a week she went to visit her parents, and this time told them we were teaching her to read, hoping they would see how happy she was. But difficulties awaited the young disciple of the Lord Jesus. Her unbelieving parents must be told of the change in her. Deusinha herself told them. They were very angry and she returned with a threat that, if she attended any more meetings, she would be taken from our home.

[...]

The day came for Ruth to visit her parents again. This time she was attacked by an angry mob, her Bible and hymn book were snatched from her, and she was taken into the little shack where her parents lived, and thrashed unmercifully, the idea being to drive out some evil spirit. A soldier, who was passing, saw what was happening and told the ‘judge’ of the village. He sent soldiers to take her away and bring her to our home. Here she stayed for several weeks without interference, attending the meeting at the little church, joining with us in family devotions and reading her Bible in her spare time.]

cuidando da menina Anna Davina. Nesta casa, Deuzinha se converte ao protestantismo e aprende a ler a partir do interesse despertado pela necessidade de leitura da Bíblia. Esta aprendizagem dos fiéis, impulsionada pela necessidade do grupo à leitura, é recorrente na historiografia protestante, considerada uma das principais bases de trabalho missionário e bandeira de projeção no processo de difusão do protestantismo no século XIX e início do XX.

Segundo Jeter Pereira Ramalho,

É sempre muito difícil, para os missionários que introduzem o protestantismo no Brasil no final do século passado [XIX], fazer uma delimitação clara entre a sua prática educativa consubstanciada nos seus colégios e a sua prática religiosa, inerente às suas funções específicas: de pregadores de uma nova ênfase cristã.

O programa educativo é uma das primeiras e mais importantes expressões da obra missionária. A natureza e a profundidade das mudanças que se quer introduzir na sociedade não condizem com o analfabetismo dos conversos, nem com a pouca instrução reinante. É necessário que o protestante seja capaz de, pelo menos, ler a Bíblia e certa literatura religiosa, e a comunidade global deve valorizar e expandir a educação, considerada a mola principal de ascensão social. (RAMALHO, 1976, p. 69)

O trabalho como alfabetizadora em caráter pontual e não oficial fez parte do primeiro momento de Eva Mills como missionária, em especial no papel de “esposa de missionário”<sup>112</sup>, a partir das necessidades das mulheres do grupo. Seu trabalho centrava-se na prática educativa dos fundamentos da religião através da instrução e acompanhamento de grupos de mulheres, e o ensino das letras foi uma prática requerida, dada a inabilidade de suas aprendizes para a leitura da Bíblia.

Contudo, a ação de forma mais veemente no campo educacional escolar só vem ocorrer em 1933, quase cinco anos depois da chegada de Eva Mills ao Brasil, na cidade de Balsas-MA, com o início do Colégio Cristão. O desafio de abrir uma escola para “filhos de crentes pobres e analfabetos” é o dilema apresentado por Eva Mills no início de sua autobiografia e também deste texto. É onde ela funda a identidade de seu trabalho: uma professora entre crentes pobres no Norte primitivo do Brasil.

A abertura do Colégio é justificada por ela de diferentes formas: primeiro por uma necessidade social, o ambiente primitivo e a carência de escolas na região, representado inicialmente pelo convite de um Oficial Militar de Balsas, Tenente Antonio Vitorino, pois,

---

<sup>112</sup> Na historiografia protestante, tenho percebido uma diferenciação entre a categoria “missionária”, atribuída a mulheres solteiras que desenvolveram seu trabalho independente da figura masculina – de um marido –, e a categoria “esposa de missionário” que, independente de suas funções fora do lar e apesar de também serem consideradas “missionárias”, têm sua biografia construída a partir da figura de seus maridos, sobre as representações de esposa, auxiliar do marido, dona de casa, mãe, cuidadora, educadora, sobre os referenciais de uma mulher burguesa do século XIX. Esta discussão é problematizada no capítulo seguinte, ao passo que Eva Mills assumiu as duas representações, de “esposa de missionário” e “missionária”; e esta diferenciação está presente e questionada em suas autobiografias.

segundo ele, Balsas precisava de um casal de missionários para ensinar e evangelizar mais do que Imperatriz precisava. O Tenente havia recebido cuidados médicos de David quando suas tropas estavam naquela cidade, o que o colocou em contato com o trabalho e as habilidades da Sra. Mills com a educação, convidando-os à abertura de uma escola em Balsas.

A segunda razão apontada por Eva Mills, e esta não é uma ordem de prioridade, é a necessidade pragmática em lidar com crentes sem habilidade com a leitura, aliada ao preparo de uma liderança brasileira. Desde sua chegada, ainda em Barra do Corda, Eva Mills havia se identificado como professora e narra seu primeiro contato com Patrício Cavalcante – um dos evangelistas treinados por Perrin Smith, também biografado por ela no livro *Em Lugar do Espinheiro* e já mencionado no capítulo anterior – e seu apelo para que ensinassem a seus filhos “tudo o que deveriam saber para o serviço do Senhor”:

A história de vida de Patrício causou grande impressão em mim, fortalecendo minha fé. Quando ouviu que eu era professora de escola, quis que eu pegasse suas crianças e lhes ensinasse tudo o que deveriam saber para o serviço de seu Senhor. Ele tinha seis filhos. A mais velha, Lydia, tinha oito anos e a mais nova tinha seis meses, uma pequena e adorável menina chamada Floripes. Joel, seu irmão, era um menino querido, gordinho e tinha grande olhos castanhos. Eu iria me tornar mais familiarizada com estes três nos próximos anos. (MILLS, 1976, p. 38, tradução livre)<sup>113</sup>

Perrin Smith corroborou na proposta de Patrício à Mills, haja vista essa ser uma necessidade já sentida pelos seus, inclusive pelos de sua própria família, assumindo ele mesmo o desafio para a abertura de uma escola cristã que atendesse aos interesses da comunidade protestante que se formava, alfabetizando os crentes a fim de serem capacitados para a leitura da Bíblia e atividades proselitistas (MILLS, 1976; SILVA, 1997). Perrin Smith é tido como o grande incentivador e mentor da abertura desta escola, da qual Eva Mills assumiu o interesse como seu “desejo mais sincero”:

O Sr. Perrin Smith já tinha conversado várias vezes com o casal Mills sobre a necessidade de um bom colégio, que pudesse oferecer aos filhos dos crentes uma educação cristã bastante sólida, tendo em vista prepara-los para a continuação da obra. A cidade de Balsas, com seu clima agradável e vida barata era, sem dúvida, o lugar ideal para começar. Assim, instalados em um casarão adequado, com apoio total da comunidade, iniciaram logo o sonhado Colégio Cristão. (SILVA, 1997, p. 35)

Perrin Smith nos enviava filhos de crentes que viviam em lugares onde não havia um sistema escolar adequado disponível. Os pais dessas crianças, em sua maioria

---

<sup>113</sup> [Patrício's life story made a deep impression on me, strengthening my faith. Hearing I was a school teacher, he wanted me to take his children and teach them all they would need to know for the service of their Lord. He had six children. The oldest, Lydia, was eight years old, the youngest a very lovely, six months old little girl, called Floripes. Joel, her little brother, was a sweet, chubby little fellow with big brown eyes. I was to become better acquainted with these three within the next few years.]

analfabetos e quase totalmente dependentes das visitas de Perrin Smith uma ou duas vezes ao ano para seu crescimento e alimento espiritual, estavam preocupados em preparar seus filhos para tornarem-se ministros do Evangelho para vilas mais ao interior. Preparar esses filhos de crentes para um futuro curso de Escola Bíblica, sobre o qual Perrin Smith e Patrício geralmente conversavam e planejavam, tornou-se meu desejo mais sincero. (MILLS, 1976, p. 75, tradução livre)<sup>114</sup>

Um terceiro motivo para a abertura da escola protestante, não apresentado por Eva Mills de forma contundente em seus livros, mas que permeia toda a sua narrativa e é corroborado por outras memórias da época, são os conflitos religiosos e a intolerância sentida pelo grupo protestante em se inserir ou ser aceito no espaço do grupo religioso já estabelecido, inclusive em suas escolas.

O interior do Maranhão é uma região muito vasta e, neste momento, sem um processo de integração aos bens e serviços desenvolvidos e oferecidos a partir da Capital, como políticas e recursos voltados para a abertura de escolas e ainda o suprimento de professores formados para o interior, resultara em um número irrisório de escolas de iniciativa pública, principalmente nas regiões mais afastadas do litoral/capital. Em muitos municípios e vilas, as únicas escolas eram privadas de iniciativa católica, junto às missões que iam para o trabalho frente aos indígenas, especialmente padres e freiras da ordem Capuchinha.

Sobre a presença de escolas na região deste período, Dugal Smith, filho do missionário Perrin Smith, desenvolve a seguinte narrativa em sua autobiografia:

Não havia nenhuma escola pública em Barra do Corda. O convento de freiras tinha uma escola para crianças católicas. Nós não podíamos estudar lá porque nossa religião era diferente. Papai e Mamãe se preocupavam com a educação dos filhos, no entanto não podiam fazer nada a respeito. (SMITH, 1986, p. 41)

A descrição de que só havia uma escola na cidade e esta não era pública, mas católica, e que eles, os filhos do missionário protestante, não poderiam estudar ali, revela o clima de indisposição e intolerância religiosa que reforça a necessidade de abertura de uma escola para os filhos dos crentes, haja vista estes serem impedidos de estudar nas escolas católicas.

Felizmente, quando eu tinha treze anos de idade, o governo abriu a primeira escola primária na Barra do Corda (Grupo Escolar Frederico Figueira), e quase nós nos matriculamos no primeiro ano. Eu fiquei muito encabulado por estar na mesma classe com minhas irmãs, mas o certo é que todos tínhamos que começar do princípio.

---

<sup>114</sup> [Perrin Smith would send us children of believers, living in places where no adequate school system was available. The parents of these children, being mostly illiterate and almost entirely dependent on Perrin Smith's visits once or twice a year for their spiritual food and growth, were concerned that their children be prepared to become ministers of the Gospel to the interior villages. To prepare these children of believers for a future Bible School course, of which Perrin Smith and Patrício had often talked and planned, became my sincere desire.]

[...] Ao terminar o curso primário com dezessete anos, eu e duas irmãs fomos internados em uma escola de missionários na cidade de Balsas ... (SMITH, 1986, p. 42)

O nome da escola denuncia tratar-se de um “Grupo Escolar”, ou seja, a união de várias escolas isoladas (unitárias) enquanto estratégias de reforma social e de difusão da educação popular, a partir de políticas públicas federais, pós proclamação da república brasileira (SOUZA, 1998). No Maranhão, as primeiras iniciativas de criação de Grupos Escolares datam de 1903, em São Luís, iniciando o processo de interiorização em 1906 – iniciativas frustradas, pois “tanto os Grupos Escolares da capital, quanto os implantados no interior, não conseguiram desenvolver o ensino graduado em virtude da falta de professores” além da falta de infraestrutura adequada, reiniciando-se uma nova fase de incentivos a partir da década de 1920 (CASTRO & SILVA, 2016, p. 304).

O Grupo Escolar Frederico Figueira é rememorado como a primeira escola pública primária de Barra do Corda, sem registro das escolas unitárias que teriam composto este Grupo. Por outro lado, este fora construído no mesmo terreno da Igreja Matriz da cidade, chegando a chamar-se Ginásio Nossa Senhora de Fátima, depois Colégio Pio XI, seu atual nome<sup>115</sup>. Dugal Smith entra como aluno nesta escola por volta do ano de 1929 quando pôde, finalmente, ele e suas irmãs, estudar formalmente. Em fins de 1928 Eva Mills chegava ao Brasil e se juntava a Perrin Smith. Em 1933 ela iniciava sua primeira escola, na cidade de Balsas-MA, a escola de missionários mencionada por Dugal Smith.

O Colégio Cristão, como fora chamado, era uma escola aos moldes de uma escola unitária (escola de primeiras letras formada por uma única turma e professor, independente de níveis escolares dos alunos), o que parece caminhar no sentido contrário às políticas voltadas para o ensino primário no país e no Estado, que visavam atender aos ideais de modernidade e civilidade propagados por meio da educação desde fins do século XIX, com a formação de Grupos Escolares e Escolas Modelos. Mas a necessidade de formação entre este grupo religioso

---

<sup>115</sup> Possivelmente tenha sido a mesma escola católica das memórias de Dugal Smith em que ele não podia estudar, fundada por Frei Adriano, onde só estudavam meninos, e que neste período tenha se tornado pública. Em uma foto da escola publicada na internet por Álvaro Braga, a seguinte legenda: “Grupo Escolar Frederico Figueira (atual Pio XI), em foto tirada após uma reforma em 1949. Ganhou o nome de Externato Frederico Figueira, em 1924, após a morte do mesmo. Antes dessa data chamava-se Externato de Osório Anchieta, professor ludovicense que foi seu Diretor e proprietário no início do século. Observe o muro no mesmo estilo do muro dos Vicentinos, da rua Geroncio Falcão.” Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=252319821539141&set=gm.251906974914493&type=3&theater>> (acessado em 7 jul. 2017)

e o preparo de uma liderança local, aliada à oportunidade oferecida pelo Oficial Vitorino, dada a ausência de escolas na região, justificaram sua abertura.

A primeira turma foi aberta com dez alunos em regime de internato e trinta em regime de externato (alunos da comunidade de Balsas). Os alunos internos foram enviados pelo missionário Perrin Smith, dentre os quais estavam seus próprios filhos – Dugal, Amy e Annie. Sobre a abertura do Colégio Cristão, Dugal Smith relata o seguinte:

Meu pai havia pedido a um casal de missionários ingleses, Dr. David Mills e sua esposa Eva, que abrissem uma escola bíblica para os filhos dos crentes da região onde morávamos. Eles aquiesceram e se mudaram de Imperatriz para a cidade de Santo Antônio de Balsas (seis dias de viagem a cavalo de Barra do Corda), onde estabeleceram a escola, denominada Colégio Cristão.

Assim que a escola abriu, eu e duas irmãs fomos mandados para lá. Outros filhos de crentes de povoados vizinhos afluíram ao mesmo tempo para a nova escola.

Os missionários, especialmente a distinta senhora Eva, eram muito bons para nós, e faziam tudo que podiam para nos ajudar. Como o Dr. David viajava frequentemente, sua esposa tinha que assumir quase todas as responsabilidades da escola. (SMITH, 1986, p. 130)

Eva Mills estava praticamente só como responsável pelas aulas e administração da casa e das crianças, haja vista David ter permanecido no trabalho entre os ribeirinhos a partir de Imperatriz e passar longos meses ausentes ou, mesmo quando na cidade, se dedicava a pequenas viagens evangelísticas às comunidades de boiadeiros próximas (MILLS, 1976). Em entrevista concedida a Charles Stoner no ano de 1985<sup>116</sup>, Eva Mills se identifica como alguém que acumulou as funções de *mãe*, diretora e professora no Colégio Cristão, tendo como companhia de trabalho apenas Dona Perpétua, sua ex-auxiliar nas visitas de Imperatriz. A ela cabia a contação de histórias para as crianças pequenas e atividades lúdicas. (MILLS, [entrevista] 1985)

O Colégio Cristão funcionava nos cômodos da residência da professora, onde os quartos eram compartilhados com as crianças internas e a sala da casa transformara-se em sala de aula.

A nova casa que conseguimos alugar era grande o suficiente para nossa família de estudantes hóspedes, no início, apenas alguns. A sala de entrada era nossa sala de aula e era usada também para os encontros à tarde. No total, tínhamos quarenta crianças em nossa escola, a maioria alunos diurnos. (MILLS, 1976, p.76, tradução livre)<sup>117</sup>

Eva Mills seguia dois currículos, de acordo com os objetivos da escola. O primeiro era destinado aos alunos internos, visando a formação de lideranças para as congregações que

<sup>116</sup> Entrevista realizada durante pesquisa de doutoramento em *Luther Rice Seminary* (STONER, 1986), em forma de questionário, cuja cópia foi gentilmente cedida pelo autor para esta pesquisa.

<sup>117</sup> [The new home we were able to rent was large enough for our family of boarding students, just a few at first. The hall by the street was our schoolroom and was used for meetings in the evenings. Altogether we had forty children in our school, most of them day scholars.]

estavam sendo constituídas no interior do Maranhão. A rotina era dividida entre os devocionais, trabalhos domésticos, aulas de conhecimentos gerais e religioso, estudos individuais, canto coral e as reuniões religiosas. A professora diz que seu objetivo era preparar cada aluno academicamente para o Instituto Bíblico, iniciado logo depois em Barra do Corda pelo missionário George Thomas, no ano de 1936 (MILLS, [entrevista] 1985).

Ela consolida estes objetivos, quando reafirma que já ensinava cada aluno devocionalmente todos os dias, além de prepará-los e oportunizar que eles dessem seus testemunhos em ambientes públicos, nos cultos promovidos ao ar livre na comunidade (MILLS, [entrevista] 1985). Eva Mills preparava estes alunos para falar em público e para ensinar a outros de forma prática através destes cultos. Os encontros à tarde, mencionados na citação anterior, referem-se às reuniões que mantinham com a comunidade, com fins religiosos, onde estes alunos, além de participar, também as dirigiam.

O segundo currículo também estava incluído na rotina dos alunos internos, mas era organizado de forma a atender a demanda dos alunos externos (os “alunos diurnos”), com objetivo de alfabetizar através de aulas de português e conhecimentos gerais (matemática, ciências, história e geografia). Eva Mills usava um método individual de ensino<sup>118</sup> adaptado, haja vista os alunos serem de diferentes idades e níveis de conhecimento. Segundo ela, era usado

um grande mapa do mundo, pintado na parede da escola, alguns livros de texto brasileiros cuidadosamente escolhidos para leitura e estudo, muitos cartões (feitos de um sistema de ensino individual inglês) numerados e classificados, com perguntas de ciências, história e geografia para cada aluno estudar. Eu ensinava a cada aluno individualmente, porque havia muitos níveis. (MILLS, [entrevista] 1985, tradução livre)<sup>119</sup>

---

<sup>118</sup> Segundo Pierre Lesage (1975), o método individual de ensino foi o mais divulgado e encontrado na França do século XIX, principalmente nas zonas rurais onde se tinha o privilégio de ter uma escola. Segundo este autor, o método consistia em chamar cada aluno individualmente e dedicar um tempo a ele a partir de algum material disponível, enquanto os demais alunos ficavam em seus lugares exercitando o que já fora explanado pelo professor. Semelhantemente, este foi o método utilizado nas escolas brasileiras, especialmente quando estas funcionavam na casa do professor, como no caso do Colégio Cristão de Eva Mills, ou na casa de alguma família, também conhecido como “método de instrução doméstica” (FARIA FILHO, 2003). Contudo, desde a década de 1820, conforme Inácio (2003), foi produzido no Brasil “um discurso articulado à necessidade de organizar a instrução elementar no qual o método individual de ensino passa a ser considerado dispendioso e ineficiente. Daquele momento em diante, o Império e as províncias empreenderam uma série de esforços no sentido de substituir o método individual pelo mútuo, simultâneo ou misto” (INÁCIO, 2003, p. 59).

<sup>119</sup> [A large world map, painted on the school wall, a few carefully chosen Brazilian text books for reading and study, many cards (made from an English individual-teaching system) numbered and graded, with questions and pages to study for each student for science, history and geography. I taught each student individually, because many grades.]

Figura 21: “Eva (Yarwood) Mills, Anna Davina (Mills) Doepp e David Mills”<sup>120</sup>



Fonte: Arquivo particular família Doepp.

Em 1936, Eva Mills foi acometida por febre tifoide e retirou-se com a família para alguns meses na Inglaterra, devido ao seu grave estado de enfermidade<sup>121</sup>. Em seu retorno, reabriu o Colégio Cristão na cidade de Picos-MA, no ano de 1937, mantendo a mesma estrutura funcional e fins pedagógicos anteriores. Dona Iva, como era conhecida, ensinava as matérias escolares e cuidava da administração do “Lar e Escola”; David Mills cuidava das disciplinas bíblicas. Assim, os propósitos e os métodos da primeira experiência em Balsas permaneceriam os mesmos na nova cidade, com uma ação educacional voltada para a moral cristã e

<sup>120</sup> Esta é a legenda da foto no arquivo particular da família Doepp. Provavelmente esta fotografia tenha sido tirada no ano de 1936, na Inglaterra.

<sup>121</sup> Esta é a segunda viagem do casal à Inglaterra; a primeira foi em 1932, quando do nascimento de Anna Davina. Os anos subsequentes a esta enfermidade são reclamados por constantes fraquezas, anemias crônicas e dores, justificando muito de suas viagens e mudanças.



instrumental e atendendo a uma demanda pragmática da localidade. A preocupação em dar acesso educacional ao grupo de crentes e formar uma liderança capaz de lidar com um elemento básico no ritual protestante – a leitura, bem como o enfrentamento de uma realidade social que se apresentava carente de espaços educativos e, consequentemente, com grande número de analfabetos na região.

Ao descrever sua chegada à nova cidade, Eva Mills manifesta seu embaraço com a cultura local e reclama das dificuldades em agregar em um único ambiente a casa e a escola.

Nossa mobília, como sempre, consistia de caixas e baús, nas quais mantínhamos roupas, livros e tudo que tivéssemos. Toras de cedro eram nossas cadeiras ao redor da mesa. Todos nós dormíamos em redes, ao estilo do interior. Mesmo que houvesse pouco para se ver, pessoas de todas as idades andavam pela nossa casa a todo momento. Eles eram curiosos e queriam tocar tudo que podiam ver. Eu os encontrava em todos os cômodos. Não havia privacidade. Eu comecei a me sentir frustrada, querendo começar logo o ano escolar, mas era quase o tempo todo atrapalhada pelo fluxo constante de pessoas que interferiam na rotina necessária em uma escola. Nossos estudantes eram em sua maioria novos para nós e de vários níveis de escolaridade diferentes. Ajudá-los no trabalho escolar ocupava todo o meu tempo e pensamentos. (MILLS, 1976, p. 104, tradução livre)<sup>122</sup>

A curiosidade e a liberdade dos vizinhos em Picos a incomodavam. É comum nesta região do Brasil, sobretudo em comunidades mais ruralizadas, que vizinhos e amigos cheguem sem qualquer agendamento de dia ou hora marcada, ou mesmo entrem nas casas uns dos outros, que muitas vezes costumam ficar com as portas abertas, apenas com o anúncio em voz alta de sua chegada (quando muito). Queixosa com a cultura local, pelo sentimento de falta de privacidade, Eva Mills justifica sua necessidade de organizar o ano letivo que se iniciaria aos moldes de uma “casa do interior”, inviabilizando os preparativos docentes para uma escola formada por uma única classe de alunos em diferentes níveis de ensino.

Abdoral Silva foi aluno neste tempo, quando da transferência da escola de Balsas para Picos, ou Colinas (novo nome da cidade após 1945). Em sua autobiografia, ele narra sua ida para o Colégio Cristão, descrevendo como funcionava a escola, sua organização e como era mantida:

Em 1937 eu fui mandado como aluno interno para o Colégio Cristão em Colinas. O colégio foi iniciado pelo casal de missionários ingleses, Dr. Davi Mills e sua esposa

<sup>122</sup> [Our furniture, as usual, consisted of boxes and trunks, in which we kept clothes, books, everything we had. Cedarwood stools were our chair around the table. We all slept in hammocks, interior style. Even though there was very little to see, people of all ages wandered through our new home at all hours. They were curious and wanted to handle all they could see. I found them in every room. There was no privacy. I began to feel frustrated, wanting to get on with school teaching, but found the almost constant stream of visitors interfered with the routine necessary in a school. Our students were mostly new thousand at various grade levels. To help them in school work would take all my time and thought.]

dona Eva. Eles já serviam como missionários no Brasil há mais de 8 anos, nas cidades de Imperatriz e Sto. Antônio de Balsas no sul do Maranhão de onde saíram por questão de saúde. Agora voltavam de seu período de férias na Inglaterra e pretendiam fundar uma escola com o fim de preparar jovens para ajudar no serviço de evangelização. Eu estudei como aluno interno naquele colégio nos anos de 1937 e 1938. O casal alugou um casarão de esquina no fim da rua São José que servia como morada deles, de refeitório e de internato para as moças. Os rapazes moravam em uma casa cedida por um membro da igreja, Sr. Jacinto Alves, que não cobrava aluguel. Dava isso como sua colaboração a favor da educação daqueles jovens. Éramos ao todo 10 rapazes e 7 moças, todos pertencentes a igrejas cristãs no estado do Maranhão: Antônio Lucena, Doca Bina, Abdoral, Raimundo Bina, João Moura, Zacarias Fernandes, João Teles e Zuca Sabino, Frutuoso Gomes e Carlito Gomes. E as moças eram: Elisa Pereira, Lúcia Cavalcante, Maria Carvalhêdo, Antônia Sabino, Maria Costa, Nair Carvalhêdo e Maroca Alves.

Dona Eva cuidava do internato das moças em sua casa. Na casa dos rapazes, havia um sistema de supervisão feita por um dos estudantes mais velhos que recebia o título de ‘prefeito’. Dr. Davi gastava a maior parte de seu tempo fora da casa atendendo a pessoas doentes e pobres na cidade. Ele era formado como veterinário na Inglaterra, mas desde que chegou no Brasil dedicou-se a cuidar de pessoas que o procuravam como médico.

O Colégio Cristão era uma obra de fé. O casal não tinha vindo ao Brasil ligado a nenhuma sociedade missionária; eram mantidos pelas contribuições de parentes e ofertas de pessoas interessados na obra missionária. Os pais dos alunos internos ajudavam com víveres, produto de sua lavoura: arroz, feijão, frutas, e ovos e outros gêneros. Eu mesmo, quando fui de casa, a 60 quilômetros de distância, levei uma vaca leiteira para ajudar suprir o internato. Os dois missionários se encarregavam de todas as matérias na escola. Ele ensinava as matérias religiosas e ela, as outras matérias, inclusive a língua portuguesa, cuja gramática conhecia em seus mínimos detalhes e ensinava com muita precisão. (SILVA, 2006[?], p. 14)

A escola era de iniciativa privada destinada a “alunos pobres”. Era mantida por doações de parentes dos missionários, em especial da família de Eva Mills, ou outros crentes locais, como investimento no trabalho missionário, mas também por contribuição dos alunos que, segundo o pastor Abdoral, ajudavam como podiam, com produtos de sua lavoura ou pecuária, como a vaca leiteira trazida por ele mesmo. Sobre este assunto, Eva Mills pontua:

Um outro ponto que eu gostaria de esclarecer. Meus alunos, enviados por Perrin Smith, sabiam das necessidades financeiras do Lar e Escola. Perrin Smith tinha explicado isso aos pais dos meninos e meninas que viriam. Os pais ficavam felizes por enviar ou trazer para nossa casa presentes como arroz, ervilhas ou galinhas vivas. Esta prática tornou-se popular através das explicações de Perrin Smith de como as convenções deveriam ser abastecidas. Apenas algumas vezes a minha casa ficou sem comida, mas o Senhor gentilmente fornecia e isso fortalecia a fé dos meninos e meninas. Uma das grandes bênçãos de que nós, na Escola Preparatória em Picos, fomos beneficiados por influência de P. Smith, que trabalhava duro e orava muito pelas convenções de cada verão. Nessas convenções, os jovens aprendiam muito e podiam dar testemunhos, especialmente depois que a Escola Bíblica começou em 1936, o que deu mais espaço para um grande número de frequentadores das convenções aprenderem e desfrutarem da comunhão. (MILLS, [entrevista] 1985, tradução livre)<sup>123</sup>

<sup>123</sup> [One other point I would like to make clear. My students, sent by P. Smith, knew the financial needs of the Home and School. P. S. had explained this to the parents of the boys and girl who were to come. The parents were

Eva Mills relaciona a questão dos mantimentos da escola com a prática já usada por Perrin Smith entre seu grupo de prosélitos. Era seu costume organizar reuniões anuais em Barra do Corda, chamadas de Convenções, durante o período de lua cheia no mês de junho ou julho. Para lá os crentes evangelizados por Perrin Smith convergiam de várias localidades para uma semana de estudos bíblicos, testemunhos, integração comunitária, além de se constituir o único espaço, segundo a Mills (1976, 1982[?], 1986[?]), para aprendizagem de passagens bíblicas por meio da memorização, visto se tratar de um público analfabeto e leigo. A Convenção era suprida por donativos que cada família trazia de sua própria lavoura ou pecuária familiares (de subsistência). Esta prática foi estendida também para o sustento do Colégio Cristão, quando os pais eram incentivados a enviar o que podiam para o ano escolar dos filhos.

Na entrevista a Charles Stoner, quando questionada sobre os alunos, Eva Mills diz que estes vinham de regiões onde havia alguma pequena congregação de crentes sem a presença de missionários e muita “*R. C. opposition*”, ou seja, oposição Católica Romana. Estes alunos estavam sendo preparados não só para a subsistência do grupo, suprimindo sua própria necessidade de uma liderança habilitada à prática da leitura, quanto para lidarem em frentes de batalha junto a um grupo rival.

Uma entrevista com Abdoral Silva em 2004 foi registrada por Rogério Veras (2005), com o objetivo de compreender os conflitos gerados pela expansão protestante no interior do Estado do Maranhão. Em seus relatos, o testemunho deste tempo de escola:

Sempre a gente se sentia perseguido pela Igreja que eu acho que no cumprimento mesmo da sua posição de Igreja da maioria não é, e uma tradição de não deixar que os evangélicos, cristãos evangélicos, o protestantismo crescesse, então desde menino eu sentia essa pressão, por exemplo: a primeira investida que eu senti pesado, foi quando, interno do Colégio Cristão em Colinas né, eu me lembro que fomos apedrejados em um culto ao ar livre, na praça pública, enquanto realizávamos o culto, em Colinas, quando era estudante do Colégio Cristão com 17 anos. Mas não houve vez que eu sofri agressão por causa do evangelho, como os outros, não é? (SILVA apud VERAS, 2005, p. 58)

Veras chama a atenção para o fato de que os apedrejamentos em cultos ao ar livre não eram lembrados como “tão terríveis, o que nos leva a inferir sobre a adequação protestante a

---

delighted to send or bring to the home gifts of rice, black-eye peas, live chickens. This practice had become popular through P. S's explanations of how the conventions should be provided for. Only a few times my home would have been without food but the Lord graciously supplied and this strengthened the Faith of the boys and girls. One of the great blessings from which we at the Preparatory School in Picos profited was the influence of P. Smith who worked hard and prayed much for the conventions each summer. At these conventions the young people learned much and could give testimonies, especially after the Bible School began in 1936 which gave more room for large numbers of convention-goers to learn and enjoy fellowship.]

essa realidade e a pressupor que apedrejamentos eram comuns” (VERAS, 2005, p. 58). Ainda da entrevista:

Ah... soube de uma... num culto dessa mesma espécie de trabalhos especiais, sobre uma grande procissão que eles fizeram, um dia pela manhã, plena chuva, se ajoelhando na lama pra Nossa Senhora expulsar da cidade a influência protestante. (SILVA apud VERAS, 2005, p. 58)

O protestantismo não foi encarado só como um estranhamento a uma nova religião, mas como uma influência nociva que merecia ser *exorcizada* da cidade. Citando Emílio Conde<sup>124</sup>, Santos apresenta um outro momento de embate católico em uma cidade da mesma região em tempo próximo:

Em maio de 1940, quando estavam reunidos no mesmo lugar os membros da Assembleia de Deus, em conjunto com os da Igreja Cristã dirigidos pelos irmãos Otoniel Alves de Alencar e o missionário Ernest Wootom (inglês), o frade italiano de nome Camilo de Lonati convocou grande ajuntamento contra os servos de Deus, e mandou apedrejar e esbordoar os mesmos. Os desordeiros quebraram a pauladas a mesa que servia de púlpito, o lampião que iluminava o culto, surraram de pau dois irmãos já velhos, membros da Igreja Cristã, que morreram, meses após, em consequência das pauladas recebidas; a esposa do irmão Otoniel Alencar em estado de gestação por pouco não sofreu sério acidente em consequências das pedradas e pancadas. Que providências tomaram as Autoridades? Nenhuma; a única coisa que aconteceu aos dois ‘frades fervorosos’ defensores da fé da maioria dos brasileiros foi serem removidos de Grajaú para continuarem a fazer distúrbios em outros lugares do Brasil! (CONDE apud SANTOS, 2006, p. 59, 60)

Os conflitos entre crentes e católicos “expressaram as lutas por posições, dentro do jogo de poder, no campo religioso e uma tentativa de cada uma das forças religiosas conquistar ou preservar a sua hegemonia neste campo” (SANTOS, 2006, p. 64). Estas lutas por posições estavam presentes nas várias camadas da sociedade e eram visibilizadas desde afrontas e ofensas em jornais a ataques de fato aos grupos de crentes em espaços públicos (VERAS, 2015). Pelo menos são estas as representações presentes na memória institucional dos grupos de crentes envolvidos, tanto pelas memórias de Abdoral Silva (1997; 2006[?]), historiador da AICEB, quanto de Emílio Conde (1960), historiador das Assembleias de Deus no Brasil.

Conflitos estes que fizeram parte da vivência do grupo escolar do Colégio Cristão em Picos (Colinas). A memória do pastor Abdoral sobre estas contendas diz do tempo em que ele era aluno nesta escola nos anos de 1937 e 1938, e como eles eram atacados em suas práticas litúrgicas nas ruas e praças da cidade.

---

<sup>124</sup> CONDE, Emilio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Belém, PA: s.e., 1960, p. 100

Quanto à convivência interna na escola, após a primeira experiência com as casas alugadas, uma nova estrutura fora construída para o Colégio Cristão, com espaço para as atividades escolares e à vida em comunidade, principalmente entre os internos, além de manter um certo distanciamento dos curiosos e das investidas rivais na cidade:

Havia uma colina no meio da cidade e aquele morro tinha sido escolhido para nossa casa. Era uma ampla e simples estrutura de tijolos secos ao sol, um telhado de palha e um chão de terra batido. Seus quatorze quartos, incluindo escola e salas de reuniões, estavam todos no mesmo nível. A forma da estrutura seguia o contorno da colina e era bastante atraente em seu design. Nós e os dez estudantes que moravam conosco, junto com cerca de vinte estudantes locais, ficamos muito felizes quando o sapé de folhas de palmeira foi concluído no fim de 1937 e nos mudamos para a casa sobre a colina, com seu clima mais fresco e sua bela vista por todos os lados. Pela frente, poderíamos ver o rio serpenteando, como uma linha de prata que flui de uma distância cada vez mais próxima da pequena cidade de Picos e além. Nós éramos uma família feliz. Programar e agendar foi tornando-se mais fácil e a vida era cheia para todos. Alguns carregavam água do rio em mulas de carga, alguns cuidavam de galinhas, jardins e árvores frutíferas. As garotas mais velhas se revezavam para cozinhar em bancadas de barro com grandes panelas de ferro apoiadas em três rochas sobre madeiras em chama. Todos tomavam banho no rio. Meninos e meninas tinham diferentes caminhos para seus locais de banho. As roupas eram levadas até o cais das meninas e lavadas em grandes tábuas de lavar apoiadas na margem do rio. Costurar e fazer consertos eram ocupações importantes e, por turnos, as garotas passavam o ferro sobre as roupas recém-lavadas da nossa grande família.

Raramente os alunos adoeciam. A comida era simples e adequada ao passo que poderíamos adquirir frutas e carne, e todos pareciam bem satisfeitos. Havia muitas ocasiões para brincar, depois de terminarem as tarefas e as aulas do dia. Muito raramente era necessário disciplinar alguém. (MILLS, 1976, p. 110, tradução livre)

125

David Mills e outros homens da igreja em Picos investiram tempo na construção desta escola, com estrutura mais adequada ao funcionamento de uma escola-internato, apropriada tanto para meninos quanto para meninas, cada um com seus respectivos papéis e espaços dentro do “lar e escola”. Enquanto Eva Mills se descreve nas ocupações administrativas, relativas à

---

<sup>125</sup> [There was a hill in the middle of the town and that hill site had been chosen for our home. It was a large, simple sun-dried brick structure with thatched roof and dirt floor. Its fourteen rooms, including school and meeting rooms, were all on one level. The shape of the structure matched the contour of the hill and was quite attractive in design. We and the ten students living with us, together with about twenty local day students, were very happy when the palm-leaf thatch was completed before the end of 1937 and we moved in to the hill-top home, with its cooler temperature and its lovely views from all sides. From the front we could see the serpentine river, like a silver thread flowing from a distance nearer and nearer to the little town of Picos and beyond. We are a happy family. Proper scheduling and programming became easier and life was full for everyone. Some carried water on muleback from the river, some cared for chickens, gardens and fruit trees. The older girls in turns did the cooking on mud platforms in large iron pots, supported by three rocks over open wood fires. All bathed in the river. Boys and girls had separate paths to their different bathing spots. Clothes were carried to the girls' dock and washed on large boards, secured at the river bank. Mending and dressmaking were important occupations, and, in turns, the girls passed the clumsy iron over newly washed heaps of clothing for our large family. There was very little sickness among the students. Food was simple and adequate while we could get fruits and meat, and everyone seemed well satisfied. There were many occasions for play, when chores and school were over for the day. Very seldom was discipline necessary.]

vida escolar, expõe as ocupações nas relações de gênero entre os alunos, destacando, em especial, a vida das meninas que cozinhavam, costuravam, lavavam e passavam para todos, comparando a escola a um ambiente doméstico e a distinção dos papéis associados à representação deste espaço.

Figura 22: Representação de aluna cozinhando em “grandes panelas de ferro, sustentadas por três rochas sobre madeiras em chama”<sup>126</sup>



Fonte: Mills, 1976, p. 106

Como a representação na imagem acima (figura 22) – possivelmente feita a partir de uma fotografia –, Eva Mills descreve o Monte Carmelo, nome do sítio onde ficava a escola, como um ambiente feliz e saudável, onde raramente as crianças adoeciam ou precisavam de disciplina.

<sup>126</sup> Mills, 1976, p. 110, tradução livre

O local recebeu o nome de Monte Carmelo. Nome bíblico muito sugestivo, já pela sua significação fértil, aprazível, já pela alusão ao lugar onde o profeta Elias travou sua batalha decisiva contra a idolatria de Israel e a influência dos deuses pagãos. A casa era também chamada ‘casa caramelo’. Tinha quatorze compartimentos, compreendendo salas de aula, dormitórios, cozinha e refeitório. Os alunos estudavam e faziam todo o serviço da casa e de conservação da propriedade. Havia união e muito entusiasmo da parte de todos. (SILVA, 2006[?], p. 15, 16)

As memórias de Abdoral Silva resgatam a mesma harmonia trazida por Eva Mills, lembrando que apelidaram o local de “casa caramelo”. Mas também associa a imagem da escola a uma “batalha decisiva contra a idolatria”, uma referência ao que aquela pequena escola significaria frente aos ideais de formação de líderes entre o grupo protestante – preparando-os para as “frentes de batalha”.

Perguntada sobre os pontos fortes ou fracos de seu projeto educacional (MILLS, [entrevista] 1985), Eva Mills avalia que houve êxito em seu empreendimento, percebido nos testemunhos dos alunos que conviveram naquela época, atribuindo o sucesso especialmente à simplicidade de suas escolas e à proximidade, segundo ela, com a cultura nativa, pois a escola era como uma de suas próprias casas, ao mesmo tempo que ao rigor do ensino, em especial ao ensino bíblico:

Muitos dos estudantes hoje maduros comentam sobre a atmosfera geral de nossa casa e escola, a simplicidade das instalações onde vivíamos como os nativos em comida e estilo, tanto que eles não ficavam envergonhados quando vinham para a escola. As simples lições bíblicas diárias, a memorização constante de porções da Bíblia – os alunos memorizavam 20 capítulos (escolhidos por mim) e recitavam todos os 20 capítulos em um dia especial para ganhar uma bela Bíblia nova. (MILLS, [entrevista] 1985, tradução livre)<sup>127</sup>

O Colégio Cristão do Monte Carmelo, entre os anos de 1938 e 1939, provavelmente tenha sido o período mais feliz vivenciado por Eva Mills, o auge de seu trabalho, sob o ponto de vista de suas próprias memórias. As condições materiais e logísticas eram favoráveis e ela contava com uma rede de apoio não vivenciada em Balsas. Eva Mills havia se estabelecido como professora em campo e era respeitada e referenciada enquanto tal diante de uma rede de missionários que se estabeleciam na região desde o início da década de 1920 e ao grupo de pequenas congregações e lideranças locais que se reuniam nas Convenções anuais organizadas por Perrin Smith.

---

<sup>127</sup> [Many of the now-matured students have remarked on the general atmosphere of our home and school, the simplicity of the set-up, that we lived like the natives in food and style, so much so that they were not embarrassed when they came to the school. The simple daily bible lessons, the constant memorization of Bible portion – the students memorized 20 chapters (chosen by me) recited all 20 chapters in on special day to gain a new beautiful Bible.]

Foi a liderança deste conjunto de igrejas que, na Convenção de 1936, decidiu pela mudança do Colégio Cristão de Balsas para Picos (Colinas), onde a professora poderia contar com o apoio destes líderes que estavam mais próximos, a partir das cidades daquela região, e de missionários estrangeiros que tinham como foco a ação entre os indígenas, mas mantinham relações e desenvolviam trabalho nos ambientes urbanos.

Mas, nas memórias desta professora, esta empreitada venturosa não se perpetuou. O colégio fechou em 1939 após a separação do casal Mills, como narrado em sua autobiografia:

No mesmo domingo, ao meio-dia, eu entrei repentinamente no vale escuro. Ao chegar em casa da igreja, David quis falar comigo enquanto as meninas colocavam a comida na mesa. Ele sabia que tinha chegado a um ponto onde não poderia ocultar sua infidelidade por mais tempo. Confessando com muita emoção, ele me contou tudo. Eu fiquei atordoada. O Senhor concedeu-me graça para perdoar e, embora profundamente magoada, fui confortada pelas ricas promessas da Palavra de Deus. (MILLS, 1976, p. 116, tradução livre)<sup>128</sup>

Era Janeiro de 1940 e David nos viu partir. Ele também partiu, para o Rio de Janeiro, para pegar seu diploma de médico veterinário britânico, reconhecido pelo governo brasileiro. Após vários problemas, anos infrutíferos e a crescente pobreza de sua saúde, ele sofreu um severo ataque do coração e o Senhor o levou para casa em 1962. (MILLS, 1976, p. 118, tradução livre)<sup>129</sup>

Este é o ponto nevrálgico desta autobiografia, onde Eva Mills expõe sua decepção pela infidelidade conjugal de seu marido, sua dor e a separação do casal. É onde ela acelera o tempo da narrativa, pontuando algumas experiências em tons devocionais e passa a descrever, em linhas gerais, o restante de sua trajetória no Brasil.

Sua prática enquanto professora desaparece da narrativa autobiográfica deste livro, só vindo a aparecer novamente nos demais livros, ainda que de forma pontuada. Ou seja, ainda que ela tenha continuado seu trabalho como missionária e professora após o desenlace matrimonial, sua memória minimizou suas ações pós separação, muito provavelmente pelas concepções ou ideários acerca dos papéis femininos dentro do grupo religioso do qual ela fez parte. Em suas cartas particulares, é possível perceber um desconforto com o assunto quando ela relata suas visitas às igrejas, um tema proibido em alguns círculos, algo que devesse ser explicado com certos cuidados em outros. Dificuldades e constrangimentos em justificar que

<sup>128</sup> [...] That same Sunday at noon, I entered the dark valley with a sudden start. Arriving home from church, David wanted to talk to me while the girls put the food on the table. He knew he had come to the place where he could not hide his unfaithfulness any longer. Confessing with much emotion, he told me all. I was stunned. The Lord gave grace to forgive, and even though deeply hurt, I was comforted by the rich promises of God's Word.]

<sup>129</sup> [...] It was January 1940, David saw us off. He also left for Rio de Janeiro to get his British Veterinary Medical diplomas recognized by the Brazilian government. After many problems, unfruitful years and increasingly poor health, he suffered a severe heart attack and the Lord took him home in 1962.]



uma “Mrs.” (senhora casada), com uma filha, estivesse em campo missionário sem a companhia do marido.

Em 1940, Eva Mills foi para Barra do Corda-MA com a filha de oito anos de idade, atendendo a um convite para participar de um projeto de formação de evangelistas na região – o Instituto Bíblico do Maranhão, onde permaneceu até o primeiro semestre de 1941:

Com o amável convite da equipe do Instituto Bíblico, eu me preparei para viajar de novo, desta vez para Barra do Corda, para ajudá-los no Curso Preparatório. Esta foi, na verdade, uma continuação do trabalho em Picos, cujo objetivo era preparar estudantes dignos, que precisavam de mais formação em estudos gerais, mais compreensão da linguagem usada na versão da Bíblia brasileira, escrita em um belo português, não facilmente entendido pelas pessoas do interior. (MILLS, 1976, p. 117, tradução livre)<sup>130</sup>

Em Barra do Corda, o trabalho de Eva Mills foi requerido como continuação de sua ação no Colégio Cristão – segundo ela, preparar bons alunos para o treinamento no Instituto Bíblico. A queixa era que os candidatos chegavam ao Instituto despreparados academicamente. Não lhes bastava saber ler, era necessária uma melhor preparação, uma vez que a versão da Bíblia brasileira não era facilmente compreendida pelas pessoas do interior.

Os alunos do Colégio Cristão eram desafiados a continuar seus estudos no Instituto Bíblico do Maranhão desde sua inauguração em 1936, alguns dos quais já tinham sido encaminhados ao Instituto, como Lydia Cavalcante (filha de Patrício Cavalcante); outros foram com Eva Mills quando em sua mudança para Barra do Corda. As aulas de português ministradas por Eva Mills no Instituto foram posteriormente assumidas por Lydia Cavalcante, sua ex-aluna.

Foi neste período que Eva Mills se filiou à UFM, a mesma sociedade que organizou o Instituto Bíblico do Maranhão, sob iniciativa do Missionário George Thomas. O Instituto Bíblico tinha como perspectiva inicial, a partir dos objetivos da UFM/CEM, a formação de brasileiros para trabalhar entre os povos indígenas, o que não logrou êxito, pois a maior parte dos formados priorizaram o suprimento das congregações que estavam sendo organizadas nas cidades (STONER, 1987). Contudo, sob o ponto de vista do grupo que foi organizado em torno de Perrin Smith, o sucesso do Instituto foi efetivo.

Os missionários da CEM atuavam na mesma região que Perrin Smith e o casal Mills, contabilizando duas redes que acabaram se unindo por interesses mútuos – a de Perrin Smith e

---

<sup>130</sup> [At the kind invitation of the Bible School staff, I prepared to travel again, this time to Barra do Corda, to help in their preparatory course. This was really a continuation of the Picos work, which had as its goal the preparation of worthy students, who needed more training in general studies, more understanding of the language of the Brazilian version of the Bible, which was written in beautiful Portuguese, not easily understood by the peoples of the interior.]

a dos missionários da CEM. As lideranças das congregações formadas em torno do trabalho de Perrin Smith e os alunos de Eva Mills foram encaminhados ao centro de formação bíblica organizado pelos missionários da CEM. Perrin Smith havia recebido os missionários e serviu de apoio para a propagação do trabalho da Missão na região, apoiando a criação do Instituto com o intuito de formar suas lideranças e estabelecer as suas pequenas congregações, não havendo conflito de interesses, mas a união de estruturas que se organizavam. Eva Mills fazia parte da rede de Perrin Smith, vinculando-se à UFM/CEM só no ano de 1940, depois de sua separação conjugal e quando aceitou o convite para trabalhar no Instituto Bíblico em Barra do Corda.

Segundo o relato de Eva Mills, o período em que esteve no Instituto foi um tempo difícil para sua saúde. Por esta razão ela foi convidada pela Missão para passar uns meses em Garanhuns, Pernambuco, onde, além do interesse no clima mais frio da cidade, útil para sua própria recuperação, havia uma escola de referência para os estudos de sua filha (MILLS, 1976). Ela encontrou no Colégio XV de Novembro, da Igreja Presbiteriana, a formação desejada, tanto para a filha quanto para outros “filhos” (ex-alunos do Colégio Cristão) que vieram com ela do Maranhão para estudar naquela escola.

Após período de licença nos Estados Unidos em 1944, onde deixou a filha Anna Davina estudando (como já abordado no capítulo anterior), Eva Mills foi escolhida pelos missionários da CEM para, junto com a missionária e enfermeira Dóris Haslan, iniciarem uma escola-internato para filhos de missionários em Fortaleza-CE, durante os anos de 1946 a 1949<sup>131</sup>.

Depois de outro tempo de férias missionárias, quando pôde ir à Inglaterra ver familiares e assistir à formatura da filha nos Estados Unidos, Eva Mills foi convidada a dirigir o Internato Amazônia, em Breves, na Ilha do Marajó, Pará, em 1951, cobrindo as férias de outros missionários. E, por fim, foi convidada a iniciar outra escola-internato na cidade de Barra do Corda no ano de 1952, mais uma vez em parceria com a enfermeira Dóris Haslam, onde também foi iniciada uma Escola Normal Regional com a vinda de sua filha Anna Davina, casada com George Doepp (ambos professores), em 1955.

Apesar de Eva Mills não despende muita atenção a suas práticas educativas pós 1940 no 8:28, nos demais livros há histórias que fazem alusão a estas outras práticas escolares, sendo

---

<sup>131</sup> A Casa Carmelo, na praia de Iracema em Fortaleza, veio atender a uma necessidade interna à Cruzada – formação dos filhos de missionários, com língua e currículo estadunidense. O projeto desta escola foi retomado no estado do Pará por ser mais próximo ao campo de trabalho dos missionários, no ano de 1957, sendo este o início da *Amazon Valley Academy* (AVA), em Ananideua-PA (STONER, 1987).

possível encontrar aspectos de uma cultura escolar<sup>132</sup> vivenciada também neste período ocultado, em especial no Internato Maranata, em Barra do Corda, pós 1953.

Tendo passado dez anos em outros estados (saiu em 1941 para o Pernambuco, depois para o Ceará e para o Pará, retornando ao Maranhão em 1952), Eva Mills regressa ao Maranhão para uma nova fase: a implantação de uma escola tal qual suas antigas escolas, mas agora sob o aparato de uma sociedade missionária de base. As experiências na cidade de Imperatriz, Balsas e Picos (Colinas) aconteceram de forma independente, sem vínculo institucional, apesar do casal Mills fazer parte de uma rede de missionários que trabalhava em conjunto na região. Agora, ela contaria com uma estrutura de apoio e prédios adequados, professores e recursos para este fim.

Privilegiada pelo novo contexto, a tônica do trabalho foi outra e, consequentemente, a cultura escolar manifestada ali: maior preocupação com a divisão do trabalho, organização da estrutura física, a racionalização do trabalho e do tempo, outros professores e funcionários para dividir as tarefas do sítio-escola, com ensino seriado, onde as crianças foram organizadas por idade, por níveis, sujeitas a provas e disciplinas, tal qual exigiam as leis vigentes para a escola primária no Brasil naquele período.

No *Stories from Parakeet Country*, é possível identificar o início dessa escola, seus fins e como ela foi organizada, visando atender tanto alunos externos quanto internos advindos de outras localidades próximas, a exemplo da pequena Leni descrita abaixo:

Agora vovó Lã tinha um plano. Leni fez aniversário no dia 29 de novembro e era agora mais velha. Quando esteve na convenção em julho, vovó Lã ouviu sobre a escola cristã que os missionários esperavam abrir em fevereiro. Seria ministrada especialmente para filhos de crentes que moravam nas vilas próximas a Barra do Corda.

As crianças ficavam na casa e escola missionária de fevereiro a novembro, o ano escolar brasileiro. Leni poderia aprender a ler e lucraria muito com a formação cristã dada no Maranata. Esse era o nome da escola. Geni Silva era uma das formadas na Escola Bíblica (Instituto Bíblico Maranata) que ajudava os missionários a ensinar às crianças. Quando ela visitou a casa de vovó Lã, muitas perguntas foram feitas sobre a escola e uma carta foi escrita por Geni, pedindo admissão de Leni.

Vovó Lã preparou roupas, trabalhando arduamente a fim de economizar alguns centavos para Leni levar com ela. Quando fevereiro chegou, vovó Lã ficou sozinha

---

<sup>132</sup> Entendo “cultura escolar” na perspectiva de Viñao Frago (2015) como um termo abrangente a toda a vida escolar, tudo que possa caracterizar ou definir um tempo e um espaço escolar, consubstanciando em “culturas escolares” manifestadas das mais diversas formas. A cultura escolar construída e vivida no e a partir do Colégio Cristão na década de 1930 não foi de modo algum a mesma cultura escolar vivenciada na Escola Maranata, ainda que as funções pretendidas pela autora-professora possam ter se aproximado.

novamente. Leni havia ido para a escola com Geni. (MILLS, 1986[?], p. 39, tradução livre)<sup>133</sup>

Leni, aluna na Escola Maranata, é apresentada a partir da história da vovó Lã, uma senhora que morava só em uma vila próxima à cidade de Barra do Corda. Elas ficaram sabendo da abertura da escola durante as Convenções. “Alguns que nunca haviam aprendido a ler tiravam bastante proveito das Convenções onde a Palavra de Deus era lida para eles todos os dias” (MILLS, 1986[?], p. 37, tradução livre)<sup>134</sup> – é o que faz questão de salientar a autora, justificando a implantação de um projeto educacional naquela região do Brasil, tendo em vista o grande número de crentes que não sabiam ler e que dependiam destes encontros anuais para aprendizado da Bíblia. Desta forma, Leni poderia não só aprender a ler, quanto beneficiar-se da educação cristã oferecida ali, ampliando-se os benefícios oferecidos pelas Convenções àquele grupo religioso.

A Escola Maranata tinha sido “criada especialmente para os filhos de crentes de todos os vilarejos e povoações do interior do Maranhão, onde Perrin Smith pregou o evangelho de 1905 até 1948”, pontua Eva Mills em outro livro (MILLS, 1982[?], p. 49). Em 1953, segundo dados pessoais da Eva Mills, cinquenta e sete crianças estavam matriculadas na Escola Maranata, muitas das quais eram filhos e filhas das primeiras crianças que estavam nas escolas de Balsas e Picos há pouco mais de uma década atrás (MILLS, [correspondência], fev. 1954).

Em janeiro de 2017, pude conversar com Jesuíno Ferreira Leite, mais conhecido como Seu Duca. Ele, com seus oitenta anos de idade, foi aluno na Escola Maranata, cursando lá o Ensino Primário. Desde então, nunca mais deixou o sítio, passando a trabalhar na escola como funcionário de serviços gerais, residindo ainda hoje em uma casa em terreno anexo ao lugar que ainda é considerado Sítio Maranata.

Conversamos sobre suas memórias deste tempo de aluno, do tempo em que ele chegou na escola, em setembro de 1953, à época com dezesseis anos de idade. O fato de ainda estar ali, tão perto dos prédios, por ora parecia que suas memórias estavam vivas e aquilo havia

---

<sup>133</sup> [Now Grandma Wool had a plan. Leni had a birthday on November 29<sup>th</sup> and was now years old. When she was at the July convention, Grandma Wool heard of the Christian school the missionaries were expecting to open the following February. Its ministry was especially to children of believers living in the villages around Barra do Corda.

The children would stay at the missionary home and school from February until November, the Brazilian school year. Leni would be able to learn to read and would profit much from the Christian training given at Maranatha. That was the name of the school. Geni Silva was one of the Bible School graduates who was asked about the school and letter was written for Geni to take with her, asking for Leni's admission.

Grandma Wool prepared clothing, working hard to save a few pennies for Leni to take with her. When February came, Grandma Wool was alone again. Leni had gone to school with Geni.]

<sup>134</sup> [Some of those who had never learned to read profited much from the conventions where the Word of God was read to them every day]

acontecido há pouco tempo atrás. Em outros momentos, sua memória o traía e o esforço para lembrar-se do acontecido era grande. Ele se justifica na falta de interlocutores interessados, “as pessoas não se interessam pelo passado, minha filha!” (LEITE, [entrevista] jan. 2017).

Seu Duca revisou assim sua história naquele lugar:

Naquela época era difícil, não tinha escola no interior de jeito nenhum, eu morava em São Domingos do Maranhão, o São Domingos do Zé Feio... Eu morava bem pertinho do Joaquim Bina. Foi lá onde eu me converti com 14 anos. Nesse tempo, a igreja tinha caído, derrubaram mesmo, aí a gente se reunia na casa do Joaquim Bina. Você conheceu a Raquel? Ela era a responsável... o João Bina, ele era muito esforçado também... e o velho Joaquim Bina e Ana Vitória, eles que dirigiam a igreja. O velho Sebastião, que a gente chamava O Bom, era irmão do Joaquim Bina. É um velhinho fiel, tinha uma mensagem boa. Ele era bem atrasadinho, ele lia só a Bíblia e muito ruinzinho, mas tinha uma mensagem, precisa ver, minha filha! Ele orava pela gente [...] com uma sinceridade que a gente sentia! Aí, aquilo me doeu assim, aí eu falei com Deus também: Deus, se é a verdade, eu quero!

[...]

Logo que a gente se converteu lá, eles informaram... o internato foi começando aqui, já tinha os meninos do João Bina no internato, não sei se era em Breves..., e ia mudar aqui pra Barra do Corda, aí eles informaram a gente pra vim. Nós éramos muitos irmãos, nós somos 16 irmãos, tudo pobrezim, sem condição nenhuma, aí Deus abriu essa porta. Veio primeiro o Valdeir pro Instituto, depois veio Jó, meu irmão, no primeiro semestre de 53, aí quando foi setembro de 53 eu vim, veio o Zé Lu, veio Domício, Maria Leite, Josélia, uma turma que veio... (LEITE, [entrevista] jan. 2017)

Seu Duca, assim como Leni, veio para a Escola Maranata vindo de regiões próximas a Barra do Corda, encaminhados pelas pequenas congregações dirigidas por leigos. Seu Duca havia se convertido na casa de Joaquim Bina e os que ele menciona acima são seus filhos (Raquel e João), esposa (Ana Vitória) e irmão (“O Bom”), as pessoas que, segundo sua memória, dirigiam a comunidade de crentes naquela casa. Ele relata a influência daquela família e como ele e seus irmãos foram encaminhados à Escola como consequência de seu processo de conversão. O privilégio de estudar, por viver em uma época e região sem escolas – “Naquela época era difícil, não tinha escola no interior de jeito nenhum!” – em especial no Sítio Maranata, foi tido como a oportunidade da vida, sinal da Graça de Deus em sua família.

O sítio destinado à nova escola e internato, a quatro quilômetros da cidade, era as dependências do Instituto Bíblico do Maranhão, onde Eva Mills já havia trabalhado anos atrás e que foi transferido para São Luís, capital do Maranhão. O local possuía nove prédios, com casas distintas para moradia de alunos internos e professores, cozinha, refeitório e uma capela, chamada Tabernáculo, onde também se encontravam as salas de aula e onde aconteciam as Bancas de Estudos (horário de estudo e realização de atividades das crianças, à noite).

Quando Eva Mills narra em *Stories from Parakeet Country* as dificuldades enfrentadas, tanto pela proximidade real das crianças com a natureza, haja vista morarem em um sítio,

quanto com a proximidade alegórica, a partir de uma natureza pecaminosa (MILLS, 1986[?], p.4), o esforço da professora em dar aulas, disputando a atenção das crianças com o barulho dos periquitos em uma mangueira em frente à sala de aula, é interrompido pelo toque do sino, trazido à cena como um importante instrumento na vida da escola, capaz de fragmentar e controlar o tempo, as atividades e mesmo as atitudes das crianças.

Às 11:30h da manhã, quando o grande sino chamava a todos para o refeitório para a nossa refeição do meio-dia, os periquitos pareciam entender que era hora de sua refeição também. O grande sino, anos atrás, pertencera a uma locomotiva gigante com doze rodas motrizes. O objetivo do toque do sino era alertar qualquer pessoa que quisesse atravessar o trilho, para esperar alguns minutos até que a pesada locomotiva, com seus quase cento e quarenta vagões, deslizesse lentamente, contornando a curva de uma das lindas colinas do Oeste da Virgínia.

Ouçam! Os periquitos estão falando novamente!

‘Sinto-me feliz por aquele cavalheiro ter enviado aquele sino enorme pelo caminho sobre o mar, sobre a floresta, atravessando a linha do equador até Barra do Corda, a fim de tocar oito ou nove vezes por dia, chamando as crianças para levantar, comer ou estudar. Isto significa que nós periquitos sabemos quando podemos vir saborear as mangas. Por que não deveríamos? As crianças estão comendo arroz e feijão. Elas não podem jogar pedras enquanto estão na escola ou no refeitório’. (MILLS, 1986[?], p. 5, 6, tradução livre)<sup>135</sup>

A rotina e o espaço foram organizados de forma a melhor atender a vida escolar, o eixo da vida comunitária. As casas receberam nomes – Bendita, Alegria, Felicidade, Júbilo, Saudade, Amizade, Esperança, Paz – e havia pessoas destacadas para a administração de cada casa e cuidado das crianças que ali moravam, a fim de otimizar o trabalho. Esta equipe foi formada por outros missionários, ex-alunas do Instituto Bíblico e, posteriormente, por alunos e alunas da Escola Normal Regional Maranata.

Sobre a rotina, Seu Duca faz um esforço nostálgico para rememorar a vida escolar, olhando e apontando para os ambientes do sítio. Interessante perceber como sua narrativa é marcada pelo ritmo do toque do sino mencionado por Eva Mills anteriormente:

Pela manhã, o sino batia, não me lembro bem a hora, se era às 6h... batia pra gente levantar e fazer o devocional, coisa assim. Todo mundo, todas as casas, cada qual fazia o seu lá. Aí depois batia de novo, você ia... cada um tinha trabalho, de limpar a calçada, de limpar a sala de aula, cada qual os que tinha serviço ia fazer. Quando era

<sup>135</sup> [At 11:30 a.m. when the big bell called everyone to the dining room for our mid-day meal, the parakeets seemed to understand it was for their meal, too. The big bell, years ago, had belonged to a giant locomotive with twelve driving wheels. The duty of the musical bell was to warn anyone who wanted to cross the railroad tracks, to please wait a few minutes until the heavy locomotive with its almost one hundred and forty loaded coal cars had slid slowly by, around the curve of one of the beautiful hills of West Virginia.

Listen! The parakeets are talking again!

‘I’m glad that gentleman sent the huge bell the way over the sea, over the forest, over the equator to Barra do Corda, to ring eight or nine times a day, calling the children to get up, to eat, or to study. It means we parakeets know when we can come to enjoy the mangos. Why shouldn’t we? The children are eating rice and black-eyed peas. While can’t throw rocks while they are in school or in the dining room.’]

7h, batia, entrava pro café. Todo mundo sentava pro café. Quando terminava o café, dona Iva já tava lá na porta com o apitozinho “fi-fi-fi-fi”... a gente ia tudo pro Tabernáculo, lá. Entrava pro salão, pra abertura. Lá ela lia um trecho da Palavra, cantava uns corinhos, naquele tempo tinha um hináriozinho, “Cântico de salvação”. Uns cânticos bons, música boa, ela ensinava. E às vezes tinha algumas palavras... [imitando Eva Mills] “vc sabe que palavra é essa? Pois não cante. Só cante se você souber que palavra é, o significado dessa palavra e cante explicado, não faça [fazendo gestos com a boca], não embole não pra ninguém não lhe compreender, cante pra todo mundo ouvir o que você tá cantando”. E ela tinha uma batuquinha de... uma varinha... quando terminava ali, todo mundo pras suas classes. Entrava, separava, ia todo mundo pras classes. Aí ficava lá ate 9:30h, o sino batia, saía pra merenda. Quando era (...) batia de novo pra voltar... Tinha alguém na Bendita [refeitório] que batia o sino, o sino grande... Aí voltava todo mundo pra aula de novo. Quando era 11:30h, saía pro almoço. Todo mundo tinha que tá na hora lá, pro almoço. Aí quando terminava o almoço, todo mundo pras suas casas, caladinho até 1h. Ninguém com barulho, todo mundo pras suas casas. A gente ficava lá, quando era 1h batia o sino de novo, todo mundo vinha pra... Os que estudaram de manhã, vinha pra receber serviço, trabalho: “vc vai fazer isso, vc vai fazer aquilo”. E os outros que trabalharam pela manhã, ia pra escola, assistir aula. Quando era a noite, depois do jantar, tinha um espaço, era mais ou menos... o jantar terminava 6h mais ou menos, 7h vamos preparar estudo, né? A banca! Aí todo mundo ia pro Tabernáculo. Até 8:30h, aí vinha pros dormitórios, aí ficava um tempinho nos dormitórios, aí a luz dava o sinal, a gente piscava, eu era o responsável em fazer isso, ir lá na chave, dava o sinal, aí todo mundo se ajeitava ligeirinho... aí daqui uns 5 minutinhos eu desligava o motor. (LEITE, [entrevista] jan. 2017)

A memória de Seu Duca sobre a Escola Maranata é marcada pelo rigor ao horário. Perguntei se ele lembrava se isso havia sido um problema para ele, se havia tido dificuldades com adaptação, principalmente nos primeiros anos. Ele disse que não, que havia muitos que não gostavam desses ingleses mandando neles, mas que para ele havia sido uma experiência muito boa. Em suas palavras: “pra mim foi bom e tem me servido até hoje. Eu me adaptei logo, e ainda hoje eu tenho o relógio velho que batia as horas pra nós aqui... eu tenho ele aqui em casa” (LEITE, [entrevista] jan. 2017).

A narrativa de Seu Duca mistura o tempo em que ele era aluno com o tempo em que trabalhou na Escola, com um sentimento de agradecimento quase devocional que tem sido elaborado ao longo da vida, haja vista tudo que diz ter conquistado e aprendido em termos de trabalho, tenha sido com estes missionários, permanecendo morando em uma de *suas* casas. Ele ainda preserva a plaquinha com o nome de sua casa (Casa Paz) no rol de entrada.

Seu Duca teve seu interesse despertado pelas máquinas, pelos carros, pelos assuntos da oficina. Conquistou seu espaço nesta área e justifica nisso o fato de não gostar de estudar. Por sua vontade, durante o tempo em que era aluno, aprendeu a operar as máquinas e a dirigir, o que foi narrado com muito orgulho, pois isto o destacou dos demais alunos, a ponto de ele ser convidado a permanecer no Sítio como funcionário. Parte do entusiasmo de Seu Duca diz sobre o que a Escola e o que o Sítio Maranata representou naquela região.

Aqui era um sítio mesmo! Era um sítio bem organizado, muitas fruteiras, uma riqueza mesmo! Naquela época era o ponto principal da Barra do Corda era o Sítio dos Ingleses. Tinha tudo aqui, em comparação com a cidade. A cidade não tinha nada. Tinha até médico, porque a dona Blanch era enfermeira, era igual uma médica, fazia trabalho de médico, naquela época, parto, essas coisas assim ela atendia. Seu George Tomás também. Esses missionários quase tudo sabiam de enfermagem... Eles atendiam as pessoas de fora, o pessoal vinha aqui e eles iam lá, as pessoas chamavam... Não tinha médico na cidade, minha filha, eram eles quem socorria esse povo. No interior, eu fui várias vezes, o Orvel mandava eu ir socorrer gente, porque nem carro tinha na Barra do Corda, eu ia com a caminhonete daqui, pegar gente pelo interior, passando mal e levar um enfermeiro, uma coisa assim. Serviram muito... (LEITE, [entrevista] jan. 2017)

O Sítio tinha um trator, que chegou em 1949 e uma caminhonete, que chegou alguns anos depois. Ambos do Canadá, vindos por navio até São Luís. Eram os únicos carros da cidade, segundo Seu Duca, e poder dirigi-los lhe serviu de prestígio. Era Seu Duca também quem passou a ligar e a desligar o gerador de energia, quando este ainda era o único lugar na cidade que possuía luz elétrica, símbolo de modernidade e civilização naquela comunidade.

Sob tantos encantamentos e a partir de seu envolvimento com o grupo que estabelecia as regras de convivência, o regime no internato foi descrito como legítimo, por sua própria natureza:

Era uma família muito bem organizada. Um regime duro! [...] tinha disciplina, porque não podia ser diferente não, porque a turminha era... se não fosse com regime duro pra intimidar, fazia bagunça, fazia coisa que não devia. Agora todo mundo tinha respeito. Respeitava as pessoas. Dona Iva, ela entrava numa sala, todo mundo [ficou em pé para demonstrar]. Todo mundo tinha respeito, e se desobedecesse, tinha o cipozinho de tamarinda lá no escritório dela. Ela tinha os olhinhos azuis e dizia [imitando a professora]: “senhor, você vai ter uma conversinha comigo” Ahhhh, aquele não escapava não! (risos) Ia pro cipó, minha filha! (risos) Eu, graças a Deus não peguei não. [...] Isso era para os alunos internos. Os externos tinham que seguir, obedecer as regras da escola, mas qualquer coisa, os pais é que eram... [...] Era muito bom o regime. Olha, tinha muitas frutas, vc não podia invadir, pegar qualquer fruta, não. Tinha que ter alguém pra tirar, colocar lá na despensa pra depois dividir com todos. (LEITE, [entrevista] jan. 2017)

O “cipozinho” foi uma prática comum naquele grupo de escolas-internatos sob a administração dos missionários da CEM (Breves, Barra do Corda e Cururupu). Era usado para disciplina, havendo um missionário (nunca um brasileiro) responsável pela aplicação do castigo, às vezes uma pessoa para os meninos e outra para as meninas.

O uso de castigos físicos nas escolas, apesar de ser uma prática recorrente registrada em algumas escolas no período, não era consenso nem na cultura popular. Em alguns dos relatos



registrados nesta pesquisa<sup>136</sup>, nem todos os pais aprovavam tais práticas, se submetendo aos deméritos pelo bem maior que era a oportunidade de estudar.

Sobre os castigos físicos aplicados nas escolas brasileiras, segundo Milena Aragão e Anamaria Gonçalves Freitas (2012), estes foram proibidos no Brasil desde a Lei Imperial de 15 de outubro de 1826. Contudo, os castigos subsistiram até o século XX como um direito do professor em exercer sua autoridade na escola, não sendo considerada uma prática passível de punição, apesar de queixas de setores da sociedade e algumas intervenções estatais no sentido de regular tal prática. Esta só começou de fato a esmaecer nos idos de 1900, vindo a ser criminalizada a partir da Constituição Federal de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990. (ARAGÃO & FREITAS, 2012)

No Internato Maranata, o castigo físico foi uma prática direcionada somente aos alunos internos, segundo a memória de Seu Duca e de outros ex-alunos contatados. Os externos, que vinham só para as aulas e residiam na cidade, não entravam no castigo, pelo menos não diretamente, pois

havia, ainda, o castigo físico indireto, ou seja, aquele a ser aplicado em casa por uma falta cometida na escola. No espaço escolar, o professor não poderia bater na criança, mas os pais poderiam exercer esse poder, assim, uma anotação na caderneta, uma suspensão ou até um castigo na escola poderia significar muitas surras em casa. (ARAGÃO & FREITAS, 2012, p. 29)

Não sei dizer, por falta de registros e mesmo de testemunhos orais, se esta foi uma prática recorrente desde os primeiros anos de escola da Eva Mills no Brasil, mas muito possivelmente sim, dado a cultura local e as leis brasileiras serem permissivas a tal prática.

Quanto às funções exercidas por Eva Mills na Escola Maranata, diferente da escola de uma sala única e ensino individual, agora a professora tinha outros com quem dividir os papéis de *mãe*, diretora, professora e missionária, apesar de ainda manter suas funções vinculadas a estes papéis. Zélia Reis, que trabalhou como diretora na Escola Normal Regional Maranata, deu o seguinte depoimento sobre Eva Mills:

Em 1958, fui trabalhar em Barra do Corda, na Escola Normal Regional Maranata; tinha 18 anos, hoje tenho 76, portanto há 58 anos iniciei minha carreira de magistério em Barra do Corda como Diretora da Escola Normal Regional Maranata e Professora de Português do Curso Normal Regional e depois também do Curso de Admissão.

---

<sup>136</sup> Conversei com alguns ex-alunos da Escola Maranata deste período, mas só Jesuíno Ferreira Leite (Seu Duca) e Lenir Lopes Bezerra aparecem no corpo desta pesquisa por terem oficializado suas entrevistas e autorizado sua publicação. Outros ainda são ex-alunos do Internato Betânia, em Cururupu-MA, também organizado pela CEM em 1939. Nas memórias sobre o Internato Betânia, os relatos sobre os castigos físicos envolvem principalmente o uso de palmatória, mas também ficar de joelho virado para a parede, às vezes em cima de “caroço de milho”.

De início, aliás, durante o ano letivo de 1958, residi na Casa Felicidade, com a Dona Eva Mills. Foi uma experiência gratificante. Ela era uma pessoa estudiosa, ficava na Escola ministrando aulas ou envolvida com assuntos afeitos à Diretoria da mesma. Só vinha em casa para dormir. Era uma trabalhadora incansável, administradora autêntica, muito enérgica, mas sabia conquistar a amizade e admiração dos alunos que a chamavam de Dona Iva. Estudiosa da Bíblia, pregava na Escola e ensinava Bíblia para os alunos, coordenava a Banca de Estudos dos alunos à noite (nas Bancas de Estudo ensinava com Devocional e contava histórias de missionários, em série, conforme livros que lia). Ao encerrar a Banca de Estudos diariamente, ela ficava à porta do Tabernáculo para despedir os alunos e os abraçava e beijava, especialmente as alunas. Quando foi embora em junho de 1959, deixou uma lacuna impreenchível. (REIS, [correspondência] abr. 2016)

Não só a administração da Escola, professores e funcionários eram de responsabilidade de Eva Mills, mas sua autoridade perpassava até mesmo a Escola Normal, fundada em 1957, cujos alunos internos também passaram a fazer parte da comunidade e rotina do mesmo sistema de internato no Sítio Maranata. Nesta etapa da Escola, em 1958, Dona Iva já vinha gradativamente dividindo as responsabilidades, mas manteve em si a figura da administradora geral e da professora missionária, ensinando as matérias de Bíblia e coordenando as Bancas de Estudo à noite e, ainda, era responsável pelas contações de histórias missionárias, biografias e outras experiências missionárias.

A memória sobre Eva Mills na Escola Maranata para os entrevistados desta pesquisa está associada à imagem de uma exímia contadora de histórias, alguém que conseguia prender a atenção de qualquer público quando no momento de suas narrativas. Empatia que se estendia ao trato com os alunos, quase maternal, segundo Reis (correspondência, abr. 2016), abraçando-os e beijando-os ao fim dos estudos.

Quando a imagem de Eva Mills como uma *mãe* encontrada em alguns relatos é cotejada a seus escritos fica claro que não se tratava apenas da descrição de uma característica pessoal no trato com os alunos, mas de uma concepção de ensino e daquilo que a professora buscou agregar ao ambiente de suas escolas. Em seus livros, na entrevista a Charles Stoner (1985) e nas cartas, Eva Mills em nenhum momento se refere a suas escolas como “internatos” (*boarding school*), o termo usado por ela é sempre “*home and school*”, ou seja, “lar e escola”. Houve uma preocupação da parte da Mills em enfatizar a compreensão de que ela não estava lidando apenas com escolas, ou seja, com a educação em seu aspecto formal pois, desde o início, suas escolas também eram, igualmente, um “lar” para estas crianças.

Em seu “lar e escola” havia espaço para as aulas, para a disciplina, para os trabalhos domésticos e de manutenção do Sítio, mas também para o lúdico como parte do tempo livre das crianças, conforme este fragmento no *Em Lugar do Espinheiro*:

As meninas de oito a dez anos de idade moravam na “Casa Alegria”, a poucos metros da escola. Elas plantavam pequenas hortas, e brincavam com bonecas, tratando-as como se fossem seus bebês. Geni, uma de nossas moças formadas pelo Instituto Bíblico, cuidava delas, e todas a amavam e obedeciam cegamente. Iam à escola pela manhã e brincavam à tarde. Aos sábados, brincavam durante todo o dia, após terem cumprido suas pequenas tarefas. (MILLS, 1982[?], p. 49)

Nas memórias de Seu Duca, talvez por causa da idade (chegou ao Maranata com dezesseis anos e foi aluno até mais ou menos completar seus vinte anos) estes momentos de brincar eram mais raros, e faziam parte da rotina dos finais de semana, principalmente no sábado, pois o domingo era dia de toda a comunidade ir à igreja. Contudo, há que considerar que este *tempo livre* também era planejado e vigiado, conforme consta em seus relatos. Seu Duca falava das conversas que costumava ter com D. Iva em seu escritório e de seus conselhos, quando mencionou sobre este tempo de lazer na escola:

[...] eu não sei se ela conversava essas coisas com outras pessoas, porque comigo, eu ficava muito perto dela, porque eu... eu fui uma pessoa muito esquisita, eu não gostava de brincadeira, gritaiada, ficar no salão[...] porque sexta-feira, sábado, tinha reunião de todos os alunos juntos, porque sempre era tudo separado, aí ficavam no salão da Bendita, com os responsáveis vigiando, e tinha aquelas brincadeiras e tudo, e eu não gostava. E ela sempre, toda noite ela tava no escritório dela lá no Tabernáculo, um escritorzinho lá, fazendo uns trabalho lá, tinha aquele mimeógrafo de tirar cópia assim, naquele tempo era nas lousa que a gente escrevia [...] aí eu ia pra lá, em vez de ficar aqui, eu ia pra lá. Aí ficava conversando com ela e ela me dando serviço, mandando eu tirar aquilo, limpar as lousas, aí eu ficava lá, conversando com ela, aí ela tinha liberdade de conversar e aconselhar, e dizer isso assim-assim[...] (LEITE, [entrevista] jan. 2017)

Apesar de, em toda as narrativas de Eva Mills, ela fazer referência a seus alunos como crianças, a faixa etária variava muito e não havia muito rigor quanto à idade em que estas adentravam na escola. No Colégio Cristão, suas idades variaram de doze a dezoito anos. Já na Escola Maranata, elas costumavam chegar por volta dos sete/oito anos de idade os mais novos, ou com mais de quinze, como o Seu Duca, que chegou com dezesseis para cursar o Primário. Seu Duca parece não ter se enturmado muito com os demais e optou por outras formas de divertimento, trabalhando no Sítio, assumindo responsabilidades e sentindo-se útil nas pequenas atividades do dia a dia, como juntando-se a Eva Mills enquanto as crianças brincavam no salão.

Na narrativa de Seu Duca acima, um destaque às duas casas principais do Sítio: a Casa Bendita e o Tabernáculo. A Casa Bendita fica bem no centro do Sítio, um dos prédios conservados até os dias atuais, considerando-se que muitos caíram, deteriorados com o tempo após o fim do internato. Na Bendita encontravam-se o refeitório, a cozinha e alguns dormitórios.

Também era lá que ficava o grande sino, responsável por ditar o ritmo ao Sítio. O salão do refeitório também era usado para as atividades lúdicas das crianças, sob a vigilância de seus tutores.

Em frente à Bendita fica o Tabernáculo, com visibilidade privilegiada no Sítio. Ele passou por algumas reformas e adaptações, conforme as necessidades de seu uso. A professora Zélia Reis explica sua estrutura e seus usos naqueles anos de escola:

Nesse prédio funcionavam as Aulas da Escola Normal Regional Maranata, em Barra do Corda - MA. Foi onde iniciei minha carreira de Magistério. Durante o Período letivo, o prédio era dividido em salas de aulas, separadas por paredes de madeira; havia espaços para Diretoria, Secretaria, Sala de Reuniões e de Cultos, etc.. Nas férias de julho, essas paredes de madeira eram desmontadas e ficava um enorme salão onde aconteciam as Convenções – era a grande festa dos crentes de muitos e muitos municípios maranhenses de onde os alunos eram oriundos. Vinham famílias inteiras participar das Convenções; meu avô Joaquim Bina vinha de São Domingos com grande Comitiva capitaneada por seu filho João Bina. Os pregadores eram seletos, em sua maior parte vinham dos Estados Unidos. Grandes bênçãos: Grandes coisas fez o Senhor por nós e por isso estamos alegres e saudosos. Em tempo, as instalações do Maranata hoje abrigam o Instituto Bíblico Indígena que forma pastores índios para pregarem nas aldeias. (REIS, 2015, *on line*)<sup>137</sup>

Figura 23: Tabernáculo no Sítio Maranata, antigas dependências do Instituto Bíblico do Maranhão.



Fonte: Arquivo particular de Abdoral Fernandes da Silva

<sup>137</sup> Texto de Zélia Reis disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1437022696608279&set=a.1399351313708751.1073741827.100009016884538&type=3&theater> (acessado em 7 set. 2017)

A Escola Maranata foi transferida para a AICEB e Igreja Cristã Evangélica do Centro de Barra do Corda em 1970, quando acabou o sistema de internato. O Sítio foi aproveitado para outros fins, alugado para outras instituições e muito do espaço construído foi deteriorado com o tempo. Atualmente ele foi cedido e revitalizado pela Missão Evangélica aos Índios do Brasil – MEIB, conforme relato de Zélia Reis acima; ali funciona hoje o Centro de Treinamento Bíblico Carlos Harrison – CTBCH, voltado para formação específica de indígenas.

Eva Mills permaneceu nesta Escola durante os anos de 1952 a 1959 e este foi seu último período como uma missionária professora no Brasil. Por motivo de saúde, em julho de 1959 Eva Mills retorna aos Estados Unidos e, culpabilizando uma anemia persistente que a deixou “muito fraca por muitos anos”, não retornou ao Brasil no ano seguinte como era previsto, passando a trabalhar em um programa de visitaçaõ da *Immanuel Baptist Church* em *Richmond*. (MILLS, 1976)

## 2.2. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UMA MEMÓRIA E DE UM LUGAR NO GRUPO

Eva Mills construiu sua identidade no Brasil por meio da educação. Seja através da prática entre as mulheres, seja como professora nos Estados do Maranhão, Pará, Ceará e Pernambuco. Contudo, sua memória está associada especialmente ao Colégio Cristão em Balsas e Picos, e à Escola Maranata, ambas experiências no interior do Maranhão. Estas são as *escolas da Mills*, que guardaram uma relevância subjetiva e também coletiva por estarem conectadas em suas funções, ou seja, àquilo que Eva Mills assumiu como sua ação privilegiada enquanto missionária no Norte do país e que justificou sua vinda ao Brasil.

Desta forma, a partir de como as escolas da Mills foram sendo mobilizadas, organizadas e estruturadas, identifiquei suas funções muito próximas ao que Mesquida (1994) definiu como funções das escolas paroquiais<sup>138</sup>. Primeiramente, elas visaram atender uma demanda latente: os novos conversos que, sob a alta taxa de analfabetismo, tinham dificuldade em lidar com os elementos básicos dos atos litúrgicos protestantes, como a leitura da Bíblia, de livros de cânticos, ou outras literaturas para o aprendizado da doutrina. No caso específico do contexto maranhense em que foi aberto o Colégio Cristão, a necessidade de criação de escolas também se apresentou como um espaço de formação possível para este grupo religioso, impossibilitado

---

<sup>138</sup> Apesar de haver uma aproximação com as funções atribuídas às escolas paroquiais identificadas por Mesquida (1994), o termo em si não se adequa ao caso de nenhuma das escolas em que Eva Mills trabalhou, haja vista estas não terem tido qualquer vínculo ou proximidade com alguma igreja ou comunidade local específica, principal característica das escolas paroquiais.

do estudo nas escolas católicas, servindo para fortalecimento do grupo e base para a futura institucionalização da religião e a formação de uma denominação evangélica.

Em segundo lugar, apesar de seu objetivo inicial vir atender preferencialmente às necessidades da comunidade religiosa, as escolas também eram abertas à comunidade local, oferecendo tanto o ensino primário quanto a doutrinação religiosa, logo funcionando como “centros de difusão do evangelho e, portanto, de recrutamento de membros para a denominação” (MESQUIDA, 1994, p. 140).

A terceira função era “servir como centros de formação e de seleção de pessoal para ‘a Igreja e para a nação’” (MESQUIDA, 1994, p. 140), através do incentivo (benefícios) “àqueles que se revelassem ‘inclinados para o ensino ou para a prática do Evangelho’” (MESQUIDA, 1994, p. 140). Esse movimento de seleção era feito em duas etapas, principalmente na década de 1930. Primeiro, a priorização de jovens que já se destacavam nas pequenas congregações com potenciais de liderança. Estes foram encaminhados para as escolas da Mills como alunos internos para já receberem um preparo mais direcionado para o desenvolvimento destas habilidades dentro do grupo religioso protestante.

Dos alunos que se destacavam na escola, estes receberam bolsas e foram encaminhados a colégios de referência, como o XV de Novembro, em Garanhuns-PE, pertencente à Igreja Presbiteriana do Brasil. Posteriormente, o caminho de ascensão nos estudos foi feito através dos próprios centros de formação, como a Escola Normal Regional Maranata e o Seminário Cristão Evangélico do Norte. É esta função, em especial, a partir deste processo de seleção e preparo especial de potenciais líderes, que conecta as escolas de Eva Mills e sua biografia no Brasil à trajetória de uma instituição.

Charles Stoner, um missionário estadunidense vinculado à UFM que trabalhou no Brasil por quase quarenta anos como professor no Seminário Cristão Evangélico do Norte (antigo Instituto Bíblico do Maranhão), dedica o quarto capítulo de sua tese de doutorado no *Luther Rice Seminary* à “Preparação para a educação teológica” no Norte do Brasil, onde evoca as escolas e internatos da Eva Mills como base para o que ele considerou como uma “educação teológica bem-sucedida no Norte do Brasil”:

Onde as escolas preparatórias da Eva Mills operaram, o empreendimento foi bem-sucedido, pois muitos jovens continuaram na escola bíblica depois de estarem preparados em seu programa. Isto demonstra claramente que, mesmo em um ambiente primitivo, Deus poderia fornecer a estrutura, o conteúdo e a motivação necessários



para o início do treinamento teológico bem-sucedido. (STONER, 1986, p. 72, tradução livre)<sup>139</sup>

Segundo ele, as escolas de Balsas e Colinas (Picos), mesmo de forma primitiva, período em que ela desenvolveu as escolas em sua própria casa e sem o apoio e estrutura da Missão, obtiveram sucesso, dados os resultados:

As escolas de Balsas e Colinas foram bem-sucedidas no cumprimento da sua finalidade durante o período relativamente pequeno de poucos anos de operação. Um grande número de trabalhadores cristãos brasileiros de hoje começou seus estudos nas casas e escolas de Eva Mills. Alguns já foram para casa, outros estão em denominações irmãs ou servem como trabalhadores de destaque na AICEB. (STONER, 1986, p. 71, tradução livre)<sup>140</sup>

O produto destas escolas primitivas, ainda que tenham funcionado por poucos anos, na perspectiva do Stoner, foi perceptível através dos alunos que por lá passaram, por terem se tornado trabalhadores bem-sucedidos, mas especialmente por terem se destacado na AICEB. Alguns dos alunos de Eva Mills se tornaram parte da liderança brasileira que veio a constituir esta denominação.

A memória de Eva Mills é associada à formação deste primeiro grupo de líderes brasileiros e base constituinte no processo de formação e institucionalização da AICEB. Sua memória e a memória de suas escolas é que conectam duas gerações: a geração de evangelistas leigos em uma região primitiva e selvagem do Norte do país, à geração de pastores e líderes formados e habilitados teologicamente e, portanto, legitimados para a continuação de uma obra iniciada pelos missionários estrangeiros.

O Instituto Bíblico do Maranhão cumpriu a função de graduar esta nova liderança, bem como de legitimar os brasileiros que por lá passaram, aptos a galgar o título de pastor para estarem à frente destas igrejas, que não mais seriam dirigidas por leigos. As escolas da Mills, neste contexto, serviram como estágio precursor, a “base primitiva”, nas palavras de Stoner (1986), e necessária, visto que os alunos não eram alfabetizados ou vinham despreparados para o ingresso no Instituto Bíblico – “celeiro de líderes” para a constituição da AICEB. Mesmo após a transferência do Instituto Bíblico para a capital, São Luís, em 1952, onde foi renomeado

<sup>139</sup> [Where Eva Mills's preparatory schools operated, the venture was quite successful, for many young people continued at the Bible school after being prepared in her program. This clearly demonstrated that even in a primitive setting, God could provide the structure, content and motivation necessary for the beginnings of successful theological training.]

<sup>140</sup> [The Balsas and Colinas Schools were successful in fulfilling their purpose during relatively few years of operation. Quite a number of Brazilian Christian workers of today began their studies in the homes and schools of Eva Mills. Some have already been called home, other are in sister denominations or serving as outstanding workers in AICEB.]

para Seminário Cristão Evangélico do Norte, continuou sendo o caminho ansiado e galgado por muitos concludentes da Escola Maranata de Barra do Corda.

O exemplo mais forte deste processo e de como a memória de Eva Mills foi sendo institucionalizada é a biografia do casal Abdoral Fernandes da Silva (1921-2015) e Lúcia Cavalcante Silva (1920-2008). Eles já foram bastante mencionados nesta pesquisa, mas vale retomar o caminho trilhado: filhos de personagens importantes na rede de Perrin Smith, a saber, Joaquim Bina e Patrício Cavalcante (biografados por Eva Mills), eles foram seus alunos desde o Colégio Cristão na década de 1930, nas cidades de Balsas e Colinas. Foram levados ao Colégio XV de Novembro em Pernambuco para dar prosseguimento aos estudos e depois a Fortaleza, sob seu cuidado particular, providenciando-lhes o sustento financeiro para isso junto às igrejas nos Estados Unidos. Voltaram para estudar no Instituto Bíblico do Maranhão, onde também foram professores.

Após casamento e ordenação do pastor Abdoral, ele foi o primeiro presidente brasileiro da AICEB e primeiro diretor brasileiro do Instituto Bíblico do Maranhão (depois Seminário Cristão Evangélico do Norte), onde já lecionava. A memória do casal, especialmente a do pastor Abdoral, se cola à de Eva Mills, tanto nos livros desta autora (MILLS, 1976; 1982[?]; 1986[?]) quanto nos dele (SILVA, 1997; 2005; 2006[?]), num exercício mútuo de legitimação um do outro e de uma consequente autolegitimação. O sucesso de um é testemunho do sucesso do outro.

Além da maternidade assumida por Eva Mills ao casal, acompanhando e tutelando todo o seu crescimento dentro de um grupo, essa legitimação mútua justifica, por exemplo, a reportagem apresentada no primeiro capítulo desta dissertação, junto ao *Daily Press*, nos Estados Unidos, quando Eva Mills levou o pastor Abdoral para a sua igreja mantenedora naquele país no ano de 1966. A presença do pastor reafirmava a identidade da Eva Mills construída naquele país, dizendo mais dela do que dele mesmo e funcionando como uma forma de prestação de contas junto à igreja, frente aos investimentos nela. O crescimento do pastor Abdoral e sua presença naquelas comunidades estadunidenses projetaram a memória da professora naquele país, entre aquele grupo.



Figura 24: Fotografia de Eva Mills em álbum do arquivo familiar do Pastor Abdoral F. da Silva.



Fonte: Arquivo particular de Abdoral Fernandes da Silva

O pastor Abdoral, por sua vez, guardou outras memórias desta professora. Esta imagem (figura 24), extraída de um álbum particular do casal Abdoral e Lídia, está seguida dos dizeres escritos por ele: “Santa mulher que a Cristo me levou, jamais esquecerei tua memória; Mostraste-me o caminho para a glória; Teu pio exemplo em mim se perpetua.” Esta fotografia faz parte de um álbum autobiográfico do casal, desenhado e narrado desde os progenitores, os estudos, o namoro, formatura, casamento, filhos, trabalho..., a construção de uma vida. Nesta trajetória, o espaço dedicado à professora, um pio exemplo que se perpetua em sua biografia.

Sob outra perspectiva, todo o cenário de carência educacional no “Norte primitivo do Brasil”, posições e reposicionamentos em campo pela professora, tanto geográfico, quanto de poder, bem como o vínculo de Eva Mills com o processo de institucionalização da AICEB não foram reconstituídos gratuitamente. A trajetória da Eva Mills no Brasil foi associada à história da AICEB e sua memória foi deliberadamente instituída. Esse processo aconteceu a partir de dois movimentos: de uma produção dela e da Missão UFM, com a publicação do livro *Em Lugar do Espinheiro*, e de uma iniciativa da AICEB, na figura de Abdoral Fernandes da Silva, com a publicação do livro *Nossas Raízes*. Os dois tornaram-se livros-referência para a história e a identidade da AICEB a partir de caminhos diferentes: *Nossas Raízes* fora escrito exatamente com este fim, enquanto o livro de Eva Mills foi apropriado para este fim. Também não é irrelevante, como visto anteriormente, o encontro destes dois autores.

*Nossas Raízes*, publicado em sua primeira edição em 1994, apesar de iniciativa particular, é um livro institucional, cujo objetivo é a história da AICEB. Nele o autor reserva a

primeira unidade do livro para construir o *mito de origem* da igreja, explicando que, antes da organização de uma denominação, ou até mesmo da presença de uma empresa missionária com trabalhos mais cadenciados na região, houve a ação de alguns precursores evangelistas e missionários independentes. Abdoral Silva destaca nomes como João Batista Pinheiro, Perrin Smith, Patrício Cavalcante, Antônio Resplandes, Ernesto Wooton, Donald e Vera Montieth e David e Eva Mills, investindo alguns parágrafos para a biografia e a relevância de cada um dos personagens, ou casal.

Não obstante, de todos, o destaque maior é à Eva Mills, que acaba ganhando proeminência na narrativa após a separação do casal, sendo dedicada a ela quase metade de toda a unidade sobre as “raízes” da AICEB. O autor legitima-a por seu legado educacional e formação de uma liderança nativa, para esta que também se tornou uma igreja “genuinamente brasileira”: “Faz parte muito destacada de nossas raízes o ministério de D. Eva Mills como missionária e educadora” (SILVA, 1997, p. 30). Como fontes para as narrativas sobre Eva Mills no Brasil, Silva utilizou-se do livro 8:28 e de sua própria relação e memória com a professora.

*Em Lugar do Espinheiro*, por sua vez, publicado doze anos antes de *Nossas Raízes*, não foi escrito especificamente *para* a AICEB, como já abordado no capítulo anterior. Ou seja, não era interesse da autora a memória especificamente desta igreja. É certo que sua escrita e publicação se deu a partir de uma rede que incluía a AICEB, mas não se restringia a ela. Sua escrita veio para visibilizar uma rede de pioneiros da qual ela fez parte, que chegaram e atuaram no Maranhão sem vínculos institucionais e sem bandeiras denominacionais.

Contudo, a AICEB tomou para si as histórias destes “Embaixadores de Cristo” visibilizados por Eva Mills, identificou-as como suas, as incorporou e as projetou. As narrativas de Eva Mills foram assimiladas aos fundamentos da igreja como referência histórica institucional e, com ela, as experiências da própria autora vieram no pacote. Tanto a sua biografia como professora missionária no interior do Brasil como seu trabalho de autora ajudaram a formatar e a sustentar um discurso que foi apropriado pela instituição. O *Em Lugar do Espinheiro* foi um livro instituído da mesma forma que a biografia de Eva Mills, corroborada pelo *Nossas Raízes*. Autora e obra absorvidos pela instituição como partes sua.

Mas, *Em Lugar do Espinheiro* também é um livro instituinte, pois foi e é capaz de estimular no grupo o interesse por sua própria memória. A primeira pessoa biografada por Eva Mills, por exemplo, João Batista Pinheiro é retomado como o *mito fundador* de um movimento que frutificaria a partir do interior do Maranhão e originaria a Primeira Igreja Cristã Evangélica da AICEB, em Barra do Corda, no ano de 1893 (SILVA, 1997). Esta é a história de origem

mais rememorada pela AICEB, a história de um “evangelista aleijado” (MILLS, 1982[?]; SILVA, 1997), reconstruído a partir das narrativas de Eva Mills.

A posição em campo que Eva Mills ocupou, ou seu papel desempenhado diante das relações de poder estabelecidas e negociadas em seu círculo, talvez não fossem suficientes para garantir seu lugar na memória institucional, haja vista tantas outras missionárias e professoras terem passado por esta história. Este espaço institucionalizado foi assegurado especialmente por sua “função de autora” (CHARTIER, 2014). Suas histórias foram capazes de acionar uma memória e uma identidade requerida para o grupo, de justificar uma prática e de construir uma trajetória com sentido.

Esta instituição religiosa, que escolheu personagens sem prestígio para lhes representar – um mendigo aleijado e uma mulher professora –, encontra nestes padrões suas autorrepresentações como faces de uma mesma moeda: uma igreja pequena, nascida no interior do Maranhão, sem vínculos formais com as tradicionais igrejas protestantes europeias ou americanas, ao mesmo tempo que com um forte legado educacional, materializado no Seminário Cristão Evangélico do Norte, em São Luís. Uma igreja marginal, que nasceu em uma região periférica, de forma primitiva e em ambiente selvagem, mas com uma história representada como igualmente digna de transformações de vidas e preparo intelectual-teológico.

Enquanto *Em Lugar do Espinheiro*<sup>141</sup> ofereceu à AICEB seus próprios mártires e uma trajetória religiosa de sucesso, *Nossas Raízes* deu à AICEB, por meio da biografia de Eva Mills, uma trajetória educacional de sucesso. Autorrepresentações que precisam ser consideradas de forma relacional.

A construção de uma identidade, de uma história de raiz, é capaz de agregar o grupo e torná-lo coeso, não só por serem possuidores de uma história, mas por trazerem distinção diante do outro. Este movimento de apropriação institucional, tanto da biografia de Eva Mills quanto de sua obra, é reflexo de um posicionamento que esta instituição procurou ocupar no campo

---

<sup>141</sup> *Em Lugar do Espinheiro*, em especial, porque foi o único livro publicado em português até então e por ter uma circulação razoável dentro desta instituição. O 8:28, publicado nos Estados Unidos, era conhecido apenas pela referência que o pastor Abdoral faz a ele em seus livros (SILVA, 1997; 2006[?]). Estes dois livros de Eva Mills (com tradução do 8:28) foram republicados na Convenção Nacional da AICEB em julho de 2017, juntamente com uma terceira edição do livro *Nossas Raízes*. Em maio deste mesmo ano já havia sido publicado o livro “*Indígenas, Instituições e Igrejas: uma história da Missão Cristã Evangélica do Brasil-MICEB*”, de Charles Stoner (um recorte de sua tese e já publicado nos Estados Unidos) e *50 anos alcançando os objetivos*, um livro comemorativo da MICEB. Este é um passo representativo de um novo momento histórico vivido por esta Igreja e pela Missão mãe, que parece terem sentido a necessidade de retomar sua memória e reafirmar sua identidade institucional frente a sua posição na sociedade. Curioso ver que os padrões uma vez assegurados foram retomados pela AICEB 23 anos depois da primeira publicação do livro *Nossas Raízes* e 35 anos depois da publicação do *Em Lugar do Espinheiro*, trazendo outros livros que corroboram nesta representação.

religioso brasileiro, principalmente após os anos de 1970, período de pluralização e início de intensas disputas de classificação entre as igrejas protestantes, pentecostais e neopentecostais.

As representações escolhidas para si dizem de que lado esta igreja pretende se posicionar: a educação escolar e o modo de vida civilizado, as mudanças de comportamento requeridas, a racionalização dos corpos e do tempo, a necessidade do estudo sistematizado da Bíblia – são alguns dos elementos encontrados nos livros de Eva Mills que foram selecionados e apropriados pela memória institucional a fim de identificar esta igreja com as igrejas que se vinculam a uma tradição reformada.

As autobiografias de Eva Mills, além de constituírem uma construção de si, acabaram sendo úteis para a institucionalização de uma memória, modelada dentro de um grupo protestante que se reconheceu nessas autobiografias e de uma trajetória que se funde à trajetória da própria instituição. Uma mulher que (re)construiu-se e (re)criou uma sociedade em suas escritas autobiográficas, que produziu e mediou saberes e que foi institucionalmente apropriada como parte da identidade deste grupo.

Sob as sensibilidades de uma missionária inglesa, estes livros autobiográficos trouxeram a descrição de conflitos e estranhamentos, de negociações entre culturas, vivenciados a partir do campo religioso e educacional, predominantemente no contexto centro-sul maranhense. Destaco o fato de que tratei neste capítulo de representações enquanto práticas culturais geradas dentro de um grupo protestante sobre suas escolas e como sofriam e enfrentavam suas adversidades. Estas representações são corroboradas por outras literaturas e testemunhos escritos e orais que também relatam o tempo, período e espaços vivenciados por Eva Mills.

A percepção de uma realidade de pobreza e analfabetismo e o projeto educacional frente à avaliação deste quadro são a marca da vida de Eva Mills. Em sua trajetória, diversos tipos de educação e culturas são acionados, desde as vivenciadas de maneira não escolar, sob a égide da educação de mulheres ao *modus* protestante, às vivenciadas em ambiente escolar, em esfera doméstica, na sala de casa, até a estruturação complexa de uma escola internato, sob um projeto educacional que buscou dialogar e atender uma determinada realidade e interesses de grupos religiosos.

Adversidades que a estimularam em direção a uma ação educacional e religiosa são acionadas nas representações de si enquanto professora e missionária em uma terra primitiva, desprovida dos aparatos modernos da civilização. A educação, sob a ótica de uma ação protestante, é demandada na preparação de fiéis e propagação da religião, meio de superação da realidade social.

Representativos de um certo número de missionários de origem evangélica protestante no século XIX e XX, Eva Mills e seu marido não vieram da Inglaterra para o Brasil enviados por alguma igreja, missão ou sociedade missionária e, por certo, estiveram excluídos dos registros e documentos estatísticos sobre a presença missionária no país. Enfrentaram a empreitada de forma independente, obtendo o sustento financeiro através de familiares ou de seu próprio trabalho para sobreviver em país estrangeiro.

Quase doze anos depois de chegarem ao Brasil, Eva Mills filia-se a uma sociedade missionária inglesa, adominacional, que já atuava na região desde 1929. A UFM enviou missionários em parceria com outras Missões estabelecendo-se no Brasil com uma atenção voltada especialmente para indígenas e ribeirinhos no Norte do país. Estes missionários fundaram escolas em um período e região em que o acesso à educação escolar era incipiente. Realço a presença de três escolas-internatos, uma na Ilha do Marajó, no Pará, uma em Barra do Corda e outra em Cururupu, no interior do Maranhão, uma Escola Normal Regional também em Barra do Corda-MA e ainda a escola *Amazon Valley Academy* – AVA<sup>142</sup> (Pará) – fundada, a princípio, para filhos de missionários, com língua e currículo estadunidenses. Também a criação de dois centros de formação teológica, o Instituto Bíblico da Amazônia e o Instituto Bíblico do Maranhão, que depois viria a ser chamado de Seminário Cristão Evangélico do Norte, em São Luís-MA. Estas instituições foram organizadas e mantidas por esta Missão protestante, depois entregues a lideranças brasileiras, ainda sem qualquer estudo acadêmico que pense a relevância destas escolas na região e seu impacto para a cultura local.

Eva Mills trabalhou com escolas consideradas primitivas e precursoras destas iniciativas educacionais da Missão, inicialmente organizando pequenas escolas em sua própria casa, depois trabalhando como diretora na escola-internato do Pará e fundando uma das escolas no Maranhão, o Internato Maranata, auxiliando na fundação, também, da Escola Normal Regional Maranata, ambas em Barra do Corda, Maranhão.

Separar, portanto, estas linhas que a conjugam – educação, cultura e religião – seria um caminho inviável a se percorrer. Não posso considerá-la apenas no âmbito da História das Religiões, por ser ela uma religiosa. Nem só no âmbito da História da Educação, por ter sido professora ou diretora de escolas. Mas foi necessário considerá-la sob ambas as perspectivas, sob o aporte de uma História Cultural que acolhe a história e as narrativas de “pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos” (BURKE, 2005, p. 158).

---

<sup>142</sup> Ver <<<http://www.amazonvalleyacademy.org/>>>

Nesta perspectiva, procuro identificar no capítulo seguinte os lugares sociais ocupados pelas mulheres e suas táticas de ação no processo de difusão do protestantismo no Brasil do final do século XIX e início do XX. Esta ampliação na escala de análise possibilitou um retorno para as narrativas da Eva Mills sob um novo olhar, desta vez ajustando o foco para o valor social promovido pela educação às mulheres dentro das relações de gênero no campo religioso protestante, percebidas e registradas pela autora. Esta relação estabelecida entre educação, religião e gênero se tornou essencial para a compreensão da identidade de Eva Mills construída em seu projeto autobiográfico.

### 3. AS MULHERES NA DIFUSÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

Mulher virtuosa quem a achará?  
 O seu valor muito excede ao de rubis.  
 O coração do seu marido está nela confiado; assim  
 ele não necessitará de despojo.  
 Ela só lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua  
 vida.  
 Busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com  
 suas mãos.  
 Como o navio mercante, ela traz de longe o seu pão.  
 Levanta-se, mesmo à noite, para dar de comer aos  
 da casa, e distribuir a tarefa das servas. [...] *[...]*  
 A força e a honra são seu vestido, e se alegrará com  
 o dia futuro.  
 Abre a sua boca com sabedoria, e a lei da  
 beneficência está na sua língua.  
 Está atenta ao andamento da casa, e não come o  
 pão da preguiça.  
 Levantam-se seus filhos e chamam-na bem-  
 aventurada; seu marido também, e ele a louva.  
 Provérbios de Salomão

Em seus três livros, Eva Mills despense uma atenção especial às mulheres e se mostra por vezes incomodada com uma questão que se apresenta nas relações de gênero: o lugar ocupado pelas mulheres e aquilo que significou a educação ou a religião para si mesma ou para elas, ou mesmo o que poderia vir a significar para outras tantas.

Ao escrever de si e dessas outras, Eva Mills desvenda nuances delicadas sobre o ser mulher no contexto religioso protestante sertanejo. Sua visão parte do lugar ocupado por ela mesma enquanto mulher, casada ou divorciada<sup>143</sup>, missionária, professora etc., pois “os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com o seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória” (PERROT, 1989, p. 15).

Considerando seu lugar em campo, como alguém que escreve enquanto missionária para um público leitor protestante, sobre e a partir de sensibilidades e experiências amadurecidas em lugares entre-culturas, interessa inicialmente questionar como eram as representações sobre o ser feminino dentro do ambiente missionário protestante no Brasil? O que era ser mulher e quais os papéis esperados para elas enquanto missionárias ou ainda para as mulheres convertidas ao protestantismo?

<sup>143</sup> O termo “divorciada” não é de todo adequado, primeiro porque ela nunca se separou oficialmente (judicialmente). Segundo porque, como abordado mais à frente, ela recusou esta representação para si.

De origem batista, de uma *Strict and Particular Baptist Chapel*, Eva Mills veio para o Brasil como uma missionária independente e acabou filiando-se a uma empresa missionária inglesa denominacional. Historicamente, o movimento de difusão do protestantismo no Brasil é associado ao chamado “protestantismo de missão” por meio de uma ação estadunidense através das igrejas denominacionais a partir da segunda metade do século XIX. Contudo, a ação de missionários vindos de forma autônoma e, principalmente, de missões tais quais aquela à qual Eva Mills veio a associar-se, não é uma exceção à regra. É possível identificar a ação de voluntários leigos ingleses, como colportores, por exemplo (REILY, 2003), e sociedades missionárias paraeclesiásticas inglesas com ação no Brasil desde o início do século XIX, ou mesmo antes disso:

O setor mais atuante da Igreja na Inglaterra, a Igreja dominante, era a ala evangélica, que muito devia ao movimento metodista. [...] Os evangélicos deram as mãos aos não-conformistas (protestantes que não faziam parte da igreja oficial, como Congregacionais, Presbiterianos e Batistas) para estabelecer uma rede de sociedades voluntárias, desde a Sociedade Missionária de Londres (interdenominacional, mas principalmente congregacional, 1795), a Sociedade Missionária da Igreja Anglicana, (da igreja ‘baixa’, 1799), a Sociedade Educacional Britânica e Estrangeira (para a promoção do sistema lancasteriano de educação)<sup>144</sup>, para mencionar apenas algumas, principalmente as que também atuaram no Brasil. (REILY, 2003, p.28)

Estas e outras sociedades vieram a atender uma demanda de setores específicos da sociedade, organizadas sob enfoque evangelístico, como a distribuição de Bíblias e literaturas protestantes, ou capelanias em portos, apesar do Tratado do Comércio de 1810 e da Constituição de 1824<sup>145</sup> regerem sobre a proibição de se fazerem prosélitos entre os brasileiros.

A partir da segunda metade do século XIX, outras formas missiológicas de atenção se voltaram de maneira mais intensa para o Brasil, sobretudo através dos Estados Unidos por via de suas “denominações históricas” – metodistas, congregacionais, presbiterianos e batistas (RAMALHO, 1976). Várias foram as causas que facilitaram a entrada e o estabelecimento de igrejas protestantes estadunidenses no Brasil, a saber:

Importantes transformações sócio-políticas e econômicas, devidas às relações econômicas e comerciais com a Inglaterra, à necessidade de mão-de-obra estrangeira para substituir a força de trabalho escrava [...] e ao crescimento da economia norte-

<sup>144</sup> Sistema desenvolvido por Joseph Lancaster, membro da Sociedade dos Amigos (Quakers). Também chamado de sistema de ensino mútuo, o Método Lancaster foi empregado na Inglaterra, na América do Norte, e em diversas partes da América do Sul. No Brasil, o decreto de 1º de março de 1823 cria uma escola de primeiras letras pelo método do ensino mútuo para instrução das corporações militares e a Lei de 15 de outubro de 1827 manda criar escolas de primeiras letras (sob ensino mútuo) em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império.

<sup>145</sup> Segundo artigo 5º da Primeira Constituição Brasileira, de 1924, “a religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”



americana, que começava a influenciar a economia brasileira. Ao mesmo tempo, as elites intelectuais e políticas nacionais sofriam a influência da onda de ‘modernidade’, embalada pelos ‘ideais e os valores da sociedade burguesa europeia e americana’. (MESQUIDA, 1994, p. 19)

Para os ideais republicanos e liberais de parte das elites brasileiras do século XIX, os Estados Unidos passaram a ser o ponto de referência, segundo seus “sistemas de valores”, ao mesmo tempo que “desenvolviam uma enérgica ação política-diplomática com a finalidade de estabelecer sua hegemonia cultural, econômica e política sobre o conjunto dos países do continente latino-americano”, segundo aponta Mesquida (1994, p. 20).

Pelas vias da religião e de suas representações, recorte privilegiado nesta dissertação, a educação se apresentou como uma estratégia no processo de evangelização e civilização – enquanto cristianização da sociedade brasileira (MENDONÇA, 1995). Antonio Gouvea Mendonça considera que, neste período, “os missionários desempenhavam sempre o duplo papel de evangelistas e professores, não se esquecendo, porém, as empresas missionárias de incluir no seu pessoal, *especialistas em educação, principalmente mulheres*” (MENDONÇA, 1995, p. 95, grifo nosso).

Esta afirmativa provoca a uma dupla problematização: à educação e seus fins dentro do contexto de difusão do protestantismo no Brasil e ao lugar ocupado pelas mulheres dentro desse processo.

A conversão dos católicos ao protestantismo tinha de partir de uma base sólida. O processo de conversão religiosa, individual e lento, exigia, para que alguns objetivos fossem mais rapidamente atingidos, uma estratégia global que influenciasse a sociedade como um todo. Que mudasse a sua fisionomia. A educação, então, constituiu-se num dos importantes níveis da estratégia missionária. [...] o esforço protestante de penetração na sociedade brasileira no nível educacional ocorreu em dois planos: o ideológico, quando procurou, através dos grandes colégios, atingir os altos escalões da sociedade, e o instrumental, auxiliar do proselitismo e da manutenção do culto na camada inferior da população. (MENDONÇA, 1985, p. 96)

Pensar o papel das mulheres no contexto de difusão do protestantismo no Brasil está intimamente relacionado à questão educacional. Quer elas tivessem formação para isso, ou não, quer trabalhassem diretamente em escolas, em grandes projetos, ou não, fossem missionárias estrangeiras ou brasileiras convertidas. A ação das mulheres neste contexto de missões protestantes, de alguma forma, visou e operou a partir da área educacional por ter sido considerado um papel inerente à sua natureza biológica maternal e aos papéis sociais que lhes foram requeridos neste período.

Paula Seiguer (2015) desenvolveu uma pesquisa sobre a participação feminina nas missões protestantes da América do Sul (1830-1930). Segundo ela, o trabalho das mulheres não foi nem marginal, nem insignificante, apesar da escassez de fontes e da ausência ou rara biografização destas mulheres junto a suas igrejas ou missões de origem. A reclamação de pesquisadores em não encontrar as mulheres protestantes nas fontes tem sido uma constante, e não uma prerrogativa só da Seiguer.

Este “silêncio das fontes” é abordado por Michelle Perrot, que aponta, entre outras coisas, para o fato de as mulheres, durante longo período histórico, terem sido “menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato” (2016, p. 17). Segundo essa autora, há também de ser considerado que “a destruição dos vestígios também ocorre, sendo social e sexualmente seletiva. Num casal cujo cônjuge masculino é célebre, serão conservados os papéis do marido, e não os da mulher” (PERROT, 2016, p. 21,22). No caso das mulheres missionárias protestantes, estes apontamentos podem ser duplamente verdadeiros. Tanto a elas cabia o ambiente doméstico e privado da família, negando-lhes o acesso aos poderes de decisão ou prédicas em público, quanto, diante dos maridos, se alguém viesse a ser lembrado seria ele, e não ela.

É o que acaba confirmando a pesquisa de Paula Seiguer (2015). Esta ressalta que, segundo estatística publicada por Harlan Beach *et al.*, em 1900<sup>146</sup>, quase 41% dos missionários na América do Sul eram mulheres<sup>147</sup>, o que não é uma presença irrisória, muito menos a ação exercida por elas. Observando as categorias na estatística apresentada por Beach (1900), que organiza as mulheres em “esposas” e “outras mulheres”, Seiguer (2015) traz à luz biografias de mulheres missionárias obtidas a partir de relatórios e cartas em arquivos de igrejas, a maioria em arquivos da *South American Missionary Society* – SAMS, na perspectiva de elucidar os espaços ocupados por mulheres nas missões protestantes.

Inicialmente, Seiguer destaca as condições com que os missionários eram enviados da Europa ou Estados Unidos ao continente Sul-americano. Financeiramente, dependiam de igrejas ou sociedades missionárias organizadas por laicos, como a SAMS e, “em quase todos os casos, eles recebiam um salário da sociedade para a sua subsistência, mas esperava-se que

---

<sup>146</sup> BEACH et al. Protestant Missions in South America. New York: Student volunteer movement for foreign missions, 1900. Disponível em < <https://archive.org/details/protestantmissi00pondgoog> >

<sup>147</sup> Segundo este manual, haviam 35 sociedades missionárias atuando na América do Sul no ano de 1900, nas quais trabalhavam 255 missionários ordenados, 199 leigos, 201 esposas, 117 outras mulheres e 6 médicos do sexo masculino. (BEACH et al., 1900, apêndice C, p. 226, 227)

uma vez estabelecidos, organizassem iniciativas que lhes permitissem sustentar a obra com o mínimo de esforço possível” (SEIGUER, 2015, p. 34, tradução livre)<sup>148</sup>.

Outra questão ponderada é a associação automática que se fazia na época entre civilização e evangelização:

Para as igrejas protestantes, a leitura é uma necessidade de todo crente, que deve ler a Bíblia por si mesmo e dar conta de sua fé cara a cara com Deus. No século XIX, era também uma verdade inquestionável que apenas missionários que aceitassem o estilo de vida das 'sociedades desenvolvidas' do capitalismo ocidental, claramente superior a todas as outras, poderiam ser um cristão convicto. Confrontado com índios com culturas nômades, ou com setores populares analfabetos, os missionários não se limitaram a pregar, mas também arriscaram-se a fundarem escolas, centros de assistência médica, ensinar a agricultura e formar cooperativas, compreendendo cada uma dessas atividades como claramente evangelizadoras. (SEIGUER, 2006; 2015, p. 34, tradução livre)<sup>149</sup>

A SAMS tinha como objetivo primeiro a evangelização entre os indígenas e seus missionários vinham para trabalhar em aldeias ou em vilas próximas em condições consideradas precárias. Segundo Seiguer, as fontes analisadas por ela revelavam que “se tratava de casais onde o marido era escolhido por sua habilidade manual [...] e a esposa por sua capacidade de trabalho duro e de manejo com crianças e enfermos” (2015, p. 40, tradução livre)<sup>150</sup>. Às mulheres esposas eram reservados prioritariamente os trabalhos domésticos e a “missão do lar” – o encaminhamento religioso e educacional dos filhos. Mas também lhes cabiam outras atividades externas ao ambiente familiar, geralmente as que também eram consideradas extensão dos serviços atribuídos à maternidade, como professoras, enfermeiras e o ensino dos princípios ocidentais de higiene a outras mulheres.

Em um contexto onde civilizar e evangelizar eram indissociáveis, as esposas dos missionários apareciam como modelos para acionar o “verdadeiro modelo cristão” (SEIGUER, 2015). Nas poucas biografias produzidas por suas igrejas, as “esposas de missionários” são representadas como exemplos de um ideal, como uma perfeita mulher cristã, leal, trabalhadora, espiritual, valente, sempre bem-humorada e cheia de doçura e, principalmente, cheia de instinto

<sup>148</sup> [en casi todos los casos recibían algún salario de la sociedad para su subsistencia, pero se esperaba que una vez *in situ* organizaran iniciativas que les permitieran sostener la obra con el menor desembolso posible]

<sup>149</sup> [Para las iglesias protestantes, la lectura es una necesidad de todo creyente, que debe leer la Biblia por sí mismo y dar cuenta acabadamente de su fe frente a frente con Dios. En el siglo XIX, además, era una verdad incuestionada para los misioneros que solo quien aceptaba la forma de vida de las ‘sociedades evolucionadas’ del capitalismo occidental, claramente superiores a todas las demás, podía ser un cristiano convencido. Confrontados con indígenas con culturas nômades, o con sectores populares analfabetos, los misioneros no se limitaron a predicar, sino que apostaron a fundar escuelas, centros de asistencia médica, a enseñar la agricultura y formar cooperativas, entendiendo a cada una de estas actividades como netamente evangelizadoras.]

<sup>150</sup> [se trataba de parejas en donde el marido era elegido por su habilidad manual [...] y la esposa por su capacidad de trabajo duro y de manejo de niños y enfermos]

maternal, mais próxima de uma reprodução de uma mulher burguesa do século XIX do que de fato descrevendo suas biografias, ou suas “*personalidades excepcionales*”. Estas desapareciam ante os nomes de seus maridos<sup>151</sup>. (SEIGUER, 2015)

As características atribuídas às esposas dos missionários identificadas por Paula Seiguer, associadas por ela à formação de um estereótipo da mulher do século XIX, são atributos identificáveis e reforçados por paradigmas cristãos a partir de trechos bíblicos como o da “mulher virtuosa” descrita no livro de Provérbios de Salomão, transcrito na epígrafe deste capítulo. O fato das biografias destas mulheres serem construídas a partir destes perfis diz sobre o olhar de quem as representou e, principalmente, sobre a intencionalidade dessas construções, fazendo-as modelos de um ideal requerido para as mulheres cristãs protestantes. Importante considerar que este arquétipo de mulher cristã não era um consenso, ainda que representasse o discurso da maioria. Movimentos feministas na segunda metade do século XIX questionaram o lugar ocupado pela mulher na sociedade e nas igrejas, e se dispuseram a uma nova leitura teológica sobre estes modelos já consagrados<sup>152</sup>.

As “outras mulheres”, solteiras, eram enviadas a zonas urbanas, sobretudo onde havia crianças para cuidar ou educar e, como acontecia com as esposas dos missionários, estas também desempenhavam as tarefas associadas à maternidade. Mesmo que tivessem alguma outra formação profissional, suas tarefas eram concebidas dentro do que seria considerado aceitável enquanto papel feminino, como a enfermagem (cuidado) ou a docência (ensino). Por outro lado, muitas jovens que saíam da Inglaterra para trabalhar como missionárias acabavam casando com outros missionários “e logo deixavam seu próprio trabalho, uma vez que começavam a ter seus próprios filhos. Estas ‘outras mulheres’ ingressavam, então, na categoria de ‘esposas’, trabalhando silenciosamente, mas sem remuneração” (SEIGUER, 2015, p. 47)<sup>153</sup>.

Quanto às mulheres convertidas ao protestantismo, Elizete da Silva (1998; 2015) situa-as no Brasil no final do século XIX e na primeira metade do XX de acordo com suas classes sociais. Segundo esta autora, o modelo que reservava o silêncio e a submissão aos homens prevalecia, mantendo muito bem definidos os papéis atribuídos aos homens e às mulheres. No

---

<sup>151</sup> Desconfio que, se Eva Mills não tivesse se separado de David Mills e este não tivesse se afastado do trabalho missionário, as memórias dele não teriam se apagado. Os arquivos guardados, as cartas enviadas, as memórias escritas e publicadas, possivelmente teriam muito mais dele e sobre ele, ainda que escritas por ela. Ele era o “médico dos pobres” que guardava a popularidade e possuía o apelo afamado. Ele era o missionário. Ela, a professora, esposa do missionário. Será que Eva Mills existiria como a conhecemos, se tivesse construído sua trajetória à sombra de David Mills? Possivelmente não. Mas estas são apenas conjecturas.

<sup>152</sup> Elizabeth Candy Stanton é uma referência neste movimento. Foi presidente da *National Woman Suffrage Association* de 1892 até 1900, e autora de “*The Woman’s Bible*” em 1895, uma publicação de grande repercussão que contrapôs a ortodoxia de subserviência da mulher.

<sup>153</sup> [y luego dejaban el trabajo oficial una vez que comenzaban a tener sus propios hijos. Estas “otras mujeres” ingresaban entonces en la categoría de “esposas”, colaborando de manera silenciosa, pero sin paga]

trabalho missionário havia uma “espécie de divisão sexual do trabalho, onde os missionários homens faziam a evangelização dirigida ao sexo masculino e as missionárias ocupavam-se em arrebanhar prosélitos entre as mulheres e a organizar sociedades femininas” (SILVA, E., 2015, p. 172), deixando aos homens as atividades de ordem pública.

Contudo, mais do que uma reprodução dos padrões europeus ou norte-americanos, as igrejas brasileiras tenderam a reproduzir as representações femininas e os papéis atribuídos às mulheres conforme os padrões vigentes no país.

Marcada pelo escravismo ou resquícios escravistas, a sociedade brasileira no período estendeu às relações homem/mulher, a dominação e o autoritarismo peculiares em intercursos sociais construídos em torno da desigualdade. O espaço público era preferencialmente o domínio masculino, enquanto o espaço privado da casa reservava-se exclusivamente às mulheres, concebidas como seres inferiores que precisavam sempre da tutela masculina. Condenadas à rotina de um ciclo biológico que incluía o casamento e a maternidade, viviam as mulheres brasileiras das classes altas, brancas ou embranquecidas, reclusas no interior de suas casas, vivendo a mesmice do cotidiano doméstico. Guardadas zelosamente, essas mulheres não podiam transitar nas ruas desacompanhadas e muito menos cuidar de interesses próprios, pois não os tinha. Reclusão e domesticidade eram sinônimos de honradez e toda mulher honesta deveria se preservar. (SILVA, E., 2015, p. 170)

Padrão este perpetuado como modelo, mas não desempenhado por mulheres nas camadas populares, pobres, analfabetas, mulatas, negras ex-escravas ou descendentes de escravos – o “*trabalho* definia a vivência das pertencentes às camadas mais baixas” (SILVA, E., 2015, p. 170). Assim, Silva reforça que o “modelo rainha do lar”, de uma mulher que “cuidava da casa e dos filhos com um marido provedor era um estereótipo das classes altas. Para as mulheres pobres, a chefia da família era inerente à sua pobreza” (SILVA, E., 2015, p. 171).

Estes modelos foram absorvidos às características das próprias igrejas, de acordo com seus públicos sociais.

As mulheres anglicanas pertenciam às camadas mais altas da população e transitavam nos espaços permitidos às mulheres da elite brasileira. As mulheres presbiterianas, congregacionais e metodistas pertenciam às camadas médias da estratificação social, em sua maioria escolarizadas, porém sem acesso aos cargos eclesiásticos. As mulheres batistas brasileiras, geralmente de origem afro-descendente, pertenciam às camadas trabalhadoras. No geral, os protestantes desenvolveram uma visão dignificante da mulher, apesar da submissão. (SILVA, E., 2015, p. 172)

Essa visão dignificante foi atribuída a fatores diversos, conforme o caso. Para as mulheres das classes mais altas, a igreja se tornou um espaço de sociabilidade digno fora do ambiente familiar, onde podiam participar de sociedades de mulheres, casadas ou não, e se

organizavam em torno da música, decoração do templo, ou ainda para ações de cunho social, como organização de bazares ou outras formas de arrecadar ofertas para a comunidade.

O ambiente eclesiástico foi semelhantemente dignificante para as mulheres das camadas populares. Mesmo que estas já transitassem em uma vida pública, trabalhando em comércio ou indústria, muitas como arrimo da família, o modelo de mulher honrada era o das classes altas e os espaços ocupados pelas populares revelavam sua inferioridade. Desta forma, a igreja também serviu como um espaço de produção de dignidade às mulheres pobres, um espaço digno possível.

Ao serem incentivadas à participação da vida eclesiástica, as mulheres pertencentes às camadas populares também usufruíam de outros benefícios. Para estas, a comunidade religiosa representava a “possibilidade de crescimento intelectual, pois as analfabetas, de imediato, eram incentivadas a participarem da escola anexa para aprender a ler a Bíblia” (SILVA, E., 2015, p. 173). Silva também alega que, para estas mulheres, normalmente com muitos filhos e com a precariedade da escola pública, a escola da igreja era a possibilidade vislumbrada para o acesso à educação dos filhos (SILVA, E., 2015).

Rute Salviano Almeida (2014), em *Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro*<sup>154</sup>, se propõe a uma revisão sobre a “contribuição das mulheres protestantes, estrangeiras ou brasileiras, que evangelizaram e civilizaram” o Brasil na segunda metade do século XIX e início do XX (ALMEIDA, 2014, p. 25). Ela escreve sobre as “vozes caladas e vozes que se fizeram ouvir” através da biografização de vinte e oito mulheres, vinte e sete delas protestantes<sup>155</sup>. Inglesas, norte-americanas e brasileiras. Batistas, congregacionais, presbiterianas e metodistas. Professoras, escritoras, pregadoras, musicistas, pesquisadoras, evangelistas, humanitárias, conselheiras. Destaca-as como “heroínas estrangeiras” ou como as “primeiras evangélicas brasileiras que fizeram diferença com seu trabalho”, não esquecendo de incluir “uma homenagem a vozes anônimas, mulheres que não escreveram livros, não foram diretoras de colégios, nem esposas de pastores” (ALMEIDA, 2014, p. 27, 28), através da biografização de uma mãe de pastores e missionários.

Almeida (2014) retoma a discussão de Silva (1998) sobre as reproduções das relações de gênero dentro da igreja, reafirmando a tese de que os modelos “puritanos e extremamente conservadores dos missionários pioneiros, em que os papéis masculinos e femininos eram bem distintos” foram reforçados por uma “filosofia patriarcal e machista nordestina, tornando ainda

---

<sup>154</sup> Publicação da editora Hagnos.

<sup>155</sup> A primeira foi a princesa Isabel, que “mereceu destaque por desempenhar muito bem seu papel não somente como regente do país, mas como esposa e mãe” (ALMEIDA, 2014, p.98)

mais forte a divisão entre papéis e a ‘considerada’ superioridade masculina” dentro da igreja (ALMEIDA, 2014, p. 182). Segundo ela, uma herança do período colonial brasileiro foi prolongada no século XX e reforçada pelo discurso cristão protestante como “mentalidade medieval”, o qual exigia da mulher a submissão e a completa e inquestionável obediência e, assim, o valor de “propriedade do marido” (ALMEIDA, 2014).

Nos perfis delineados por Almeida (2014), esta reproduz neles a tônica dualista percebida por Seiguer (2015), sempre identificando as esposas e as que não casaram ou não tiveram filhos. Ao mesmo tempo que trazendo uma acentuada queixa quanto ao silêncio delegado às mulheres no fórum público das igrejas, as representações contidas em sua obra dizem de uma mulher *para o lar*, com uma valoração à missão para a família, como boas donas de casa, esposas exemplares, mães devotadas e filhas abnegadas. Reconhece-as como líderes natas, ativas e independentes, cabendo-lhes negociar com suas condições de solteiras ou casadas. Apesar de as solteiras serem mais livres para o desempenho de sua missão, os frutos das casadas e com filhos são maiores pela multiplicação de sua vocação através dos descendentes:

As missionárias solteiras puderam dedicar-se integralmente a seu ministério e realizaram muito. As casadas precisaram cuidar da casa e dos filhos, e o tempo útil dedicado exclusivamente à vocação missionária foi menor; porém, essa vocação foi multiplicada com o trabalho dos filhos também missionários. Quantos frutos para o reino de Deus surgiram por causa das vidas comprometidas de seus descendentes! Aquelas que tiveram a bênção de uma boa parceria conjugal, com certeza. Realizaram ainda mais. [...] (ALMEIDA, 2014, p. 519)

As escolhas biográficas de Almeida (2014) buscaram abranger uma representatividade da ação das mulheres neste contexto entre as denominações, mas a autora também se justificou limitada pela ausência de fontes. Segundo ela, sua seleção se deu a partir de uma catalogação daquilo no qual, de alguma forma, já havia uma certa produção sobre elas a partir de suas igrejas.

Dentre as biografadas, foi possível identificar dezessete (62%) que exerceram suas missões através da docência diretamente em escolas. Através da educação escolar, formaram gerações e atuaram na concretização de projetos culturais civilizacionais em prol de uma nação que buscava se aproximar aos ideais progressistas e liberais de uma cultura imperialista anglo-saxã.

As mulheres que trabalharam pelas vias protestantes no Brasil no final do século XIX e início do XX atuaram principalmente através da educação escolar<sup>156</sup>, mas também da música e da saúde. Através destas áreas, seu público, aparentemente restrito a outras mulheres ou às crianças, também atingiu o público masculino através destes mesmos espaços. Nas igrejas, ao trabalharem como musicistas, ocuparam um lugar que podia ser mais eficaz pedagogicamente que a própria prédica (NASCIMENTO, 2002; CHAMON, 2005).

Continuamente repetidos, eles tinham caráter pedagógico, ao transmitir as doutrinas e os ensinamentos religiosos caros a esses grupos, e funcionavam como forte apelo emocional à conversão. Falando do plano de salvação, das esperanças dos cristãos, de seus deveres e de suas lutas, neles estava inscrito todo um código religioso de comportamento e de percepção de mundo. Ao serem repetidamente cantados nas cerimônias litúrgicas ou em qualquer lugar em que o fiel se encontrasse, esses cânticos – talvez até mais do que a Bíblia – estavam presentes no dia a dia do fiel e envolviam o seu cotidiano. Deles, os cristãos reformados não só retiravam o ensinamento das doutrinas, o “alimento espiritual”, mas também as ferramentas para pensar o mundo e nele agir. (CHAMON, 2005, p. 68)

Carla Simone Chamon (2005), que pesquisou sobre a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade – compositora de hinos, professora, escritora e tradutora na segunda metade do século XIX e início do século XX –, concebeu o período em questão como fruto de uma intensa “circulação internacional de um conjunto de saberes e práticas educacionais considerados modernos e inovadores” (CHAMON, 2005, p. 30). Apresentou Maria Guilhermina como uma mulher que exerceu “um papel relevante na divulgação e na circulação de saberes e práticas considerados ‘modernos’” neste período (CHAMON, 2005, p. 22).

Assim como Maria Guilhermina, outras mulheres atuaram através da circulação e mediação de saberes no campo religioso protestante através de impressos. Mulheres que escreveram não apenas para o seu próprio gênero, o que já é um valioso campo de ação, considerando o grande público alcançado e as capilaridades de ações envolvidas, mas que tiveram influência direta na reprodução, produção e mediação cultural em um universo amplo de atuação como as publicações, englobando também o público masculino.

Muitos dos livros publicados por mulheres protestantes foram comercializados dentro e fora das igrejas, alguns adotados por escolas outras para além de suas próprias. Elas compuseram músicas, prepararam materiais didáticos e produziram lições para as Escolas Bíblicas Dominicais e mensagens para pastores, já que na maior parte dos círculos religiosos

---

<sup>156</sup> Considerando, principalmente, as três formas de ensino sistematizado (escolar) oferecido pelas igrejas, a saber: os Colégios, as Escolas Paroquiais e as Escolas Bíblicas Dominicais.



protestantes da época o espaço da prédica ainda era reservado aos homens. Mas eles pregaram as mensagens preparadas por elas e ensinaram suas lições.

Algumas destas práticas foram registradas por Almeida (2014), como no caso de Sara Poulton Kalley, que chegou ao Brasil acompanhada de seu marido em maio de 1855. Ela foi líder de colportores<sup>157</sup>, escrevia as mensagens (prédicas) para os brasileiros que aqui ficavam quando em suas viagens ao exterior, e as lições de Escola Bíblica Dominical, além de preparar os professores para ensiná-las. Também publicou o livro *A alegria da casa*, com instruções domésticas às mulheres, quando “em 1880, aprovou-se a proposta de um membro do Conselho de Instrução Pública para que *A alegria da casa* fosse utilizado nas escolas” (ALMEIDA, 2014, p. 228).

Carlota Kemper, outra biografada por Almeida (2014), foi identificada como possuidora de uma bagagem literária extensa.

Durante vinte anos, ela foi responsável pela preparação das lições internacionais da Escola Dominical que eram utilizadas no Brasil, em Portugal, nas colônias portuguesas nos Estados Unidos e nas ilhas do Havaí. Traduziu o livro *O cego Bartimeu*, textos para utilização no colégio e sermões para a pregação de ingleses e norte-americanos. (ALMEIDA, 2014, p. 263)

Estas e outras mulheres também publicaram em jornais no Brasil e nos Estados Unidos, escreveram cartas, livros e periódicos, ensinando e liderando pela pena, ocupando um espaço que vai além do púlpito pastoral. Destaco a escrita de cartas como uma destas ações de relevância neste contexto. As correspondências constituíram-se um meio privilegiado de ensino no meio protestante.

As cartas missionárias foram usadas para divulgação do trabalho missionário. Muitas vezes chamadas de cartas circulares ou relatórios, elas funcionavam como uma forma de mediação cultural, cujo objetivo era informar e formar determinado grupo, normalmente quem financiava o trabalho, a respeito das ações desenvolvidas e conquistadas pelos missionários em outra cultura, a que recebia os benefícios financeiros e de trabalho do grupo dominante. Muitas das cartas de Eva Mills acolheram esta definição, sendo enviadas a igrejas ou familiares, cumprindo o propósito de construir uma imagem tanto sobre o seu trabalho missionário quando sobre a cultura na qual ela estava inserida.

---

<sup>157</sup> Colportores eram os vendedores e distribuidores de literatura evangélica, sobretudo Bíblias. Através da propagação destes impressos, os colportores assumiram a prática como uma missão na difusão do evangelho. Muitos missionários estrangeiros assumiram esta função no Brasil, sendo um trabalho para brasileiros também.

Outra forma de carta missionária diz sobre um método de acompanhamento pastoral e administrativo à distância do missionário para com o grupo de prosélitos, a exemplo das Cartas Paulinas (cartas enviadas pelo *apóstolo* Paulo às igrejas com doutrinas cristãs). Muitas destas cartas missionárias, tanto como meio de divulgação, quanto de administração, foram escritas por mulheres, ainda que estas fossem casadas, escrevendo por e sobre seus maridos.<sup>158</sup>

Voltando às mulheres visibilizadas por Almeida (2014), três foram identificadas como historiadoras, tendo sido pioneiras na pesquisa historiográfica de suas denominações. Henriqueta Rosa Fernandes Braga pesquisou e escreveu sobre a música evangélica brasileira, sendo autora de dez livros publicados, entre religiosos e educacionais na área da música, tendo publicações também em jornais e revistas.

Eula Kennedy Long, a “historiadora dos metodistas no Brasil” (ALMEIDA, 2014), publicou sete livros no Brasil e um nos Estados Unidos. Filha do missionário norte-americano que fundou a primeira igreja metodista para brasileiros, pelo menos dois de seus livros são biográficos: *O arauto de Deus: a vida de James L. Kennedy, missionário pioneiro do metodismo no Brasil* (1957), uma biografia de seu pai, e *Do meu velho baú metodista* (1968), que destaca o início da igreja metodista no Brasil, produzido substancialmente a partir de seu arquivo familiar. Estes dois livros se apresentam com características autobiográficas.

Bety Antunes de Oliveira, a “pesquisadora do início da história dos batistas no Brasil” (ALMEIDA, 2014), publicou três livros, um dos quais é biográfico, *Do arado ao cajado* (1991), também a biografia de seu pai e similarmente com características autobiográficas. Descendentes de personas importantes no grupo de pioneiros no processo de chegada e consolidação do protestantismo no Brasil, tanto Eula Kennedy Long quanto Bety Antunes de Oliveira não escreveram diretamente (ou preponderantemente) de si, mas procuraram evidenciar as trajetórias de vida e conquistas de seus pais. Nem sobre elas, nem sobre as mães. O que foi considerado relevante e honroso de ser registrado foi a história dos grandes feitos e das grandes conquistas públicas protagonizadas por seus progenitores masculinos.

Das fontes pesquisadas por Almeida (2014), além das duas autoras já mencionadas, só consegui identificar duas autobiografias de fato, onde a autora, narradora e personagem principal do texto são a mesma pessoa, apesar de ambas notabilizarem outros eventos, homens e relações construídas na trajetória: a de Layonna Glenn (1969), em *I remember, I remember*,

---

<sup>158</sup> Relevante destacar pesquisas como a de Castillo Gómez (2013, 2017) e Castillo Gómez e Sierra Blas (2014a, 2014b), que evidenciam pesquisas sobre a cultura escrita e a escrita epistolar, e publicações como as de Bastos, Cunha e Mignot (2002), Freire (2013), Dantas (2014a, 2014b, 2015, 2016a, 2016b), Peres e Alves (2009) entre outros que notabilizam as cartas como ferramenta pedagógica na historiografia da educação brasileira.

publicada nos Estados Unidos, e *Itinerários de uma vida*, memórias de Otilia de Oliveira Chaves (1977). Outras onze foram biografadas por seus descendentes ou guardiões(ãs) das memórias das “pioneiras”. A maior parte do material usado como fonte por Almeida são fragmentos a partir de compêndios biográficos produzidos por suas igrejas acerca de seus heróis, como Matos (2004), Ribeiro (2009) e Ichter (1967), nas biografias dos cônjuges ou em pequenas biografias publicadas em jornais, boletins ou revistas de circulação denominacional, normalmente em caráter comemorativo e vinculadas às sociedades femininas.

Trazer à cena a questão da ação das mulheres no meio educacional por meio da escrita, entendendo a “cultura escrita enquanto prática social” (CASTILLO GÓMEZ, 2003), implica compreendê-las nas relações de poder que emanam de um determinado grupo, considerando as relações de gênero, espaços ocupados, local de residência ou ainda as formas de resistência. O modo como estes escritos são elaborados, utilizados e apropriados revela um discurso que é fabricado e uma cultura que é produzida a partir desta ação. “Falo, naturalmente, do discurso como espaço e forma de poder, isto é, como o conjunto de textos que a classe dominante ou as pessoas socialmente autorizadas produzem com o objetivo de organizar as relações e práticas sociais” (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 109, tradução livre)<sup>159</sup>.

Assim, compreendendo a produção escrita como uma forma de poder que, para além do questionamento de quem detém o poder de ler ou produzir os textos a serem lidos, importa também questionar sobre os discursos produzidos pelas mulheres que têm acesso a este poder, suas apropriações e como elas atuaram como mediadoras e produtoras culturais. Suas produções revelam discursos de legitimação, de subversão de uma ordem, de reprodução do que já é estabelecido ou de produção de novas formas de construir-se enquanto sujeito que tem voz?

### 3.1. MULHERES EM FOCO: A PRODUÇÃO DE UM LUGAR NESSA HISTÓRIA A PARTIR DA PUBLICAÇÃO DE AUTOBIOGRAFIAS

Até o momento, venho construindo a ideia de que Eva Mills produziu um projeto autobiográfico em três livros. Estes, mesmo de forma distinta, foram marcados por uma escrita autobiográfica a partir de elementos de uma vida autoral construída no Brasil, se completando em múltiplos sentidos.

---

<sup>159</sup> [Hablo, claro está, del discurso en cuanto espacio y forma de poder, esto es, como el conjunto de textos que la clase dominante o las personas socialmente *autorizadas* producen con el objeto de ordenar las relaciones y prácticas sociales]

Nesta última etapa dissertativa, é possível retomar a tese sob o prisma da educação e os papéis negociados pela autora a partir das relações de gênero no ambiente religioso protestante: as representações sociais construídas de si e de outras mulheres em seus livros dizem de uma única construção identitária, a da autora, mas sob aspectos diferenciados. Em cada um dos livros, a esposa de missionário, a missionária e a professora são desvendadas.

O primeiro livro publicado – o 8:28 – apresenta a trajetória de uma Eva “esposa de missionário”. Agregando coerência à sua vida, Eva Mills discorre sobre sua chamada vocacional, justifica sua vinda para o Brasil, o casamento e perfaz sua “ilusão retórica” (BOURDIEU, 1996a) nos onze primeiros anos de trabalho nesse país. Contudo, a narrativa vai perdendo o fôlego quando chega no momento da separação do casal e a autora praticamente conclui o livro neste ponto. Essa quebra na narrativa é sintomática dos conflitos enfrentados entre os papéis sociais e religiosos aceitos, requeridos e os (não-)vividos por ela, enquanto mulher.

Durante a entrevista com Seu Duca (Jesuíno Ferreira Leite), ele fez uma rápida menção ao “problema” que Eva Mills teve com o marido. Sabendo que Seu Duca nunca lera o 8:28, perguntei o que ele conhecia sobre essa história e como soube. Eis a sua resposta:

Ela contava a história de que ela veio por Balsas, ou outro lugar por aí pelo sertão e, como missionária, e o marido dela, o dr. Davi, era médico. Então ele saía pra um lugar, ela saía pra outro muitas vezes. Aí isso ela aconselhava muito a gente: não se separem! Porque a vida dela foi atrapalhada, começou por isso. Porque ela não tinha tempo pra ele, nem ele tinha tempo pra ela. Ficavam separados. Ele lá no serviço dele e ela no outro serviço: escola, crianças, e ele como médico... De lá eles vieram pra Colinas, aí em Colinas ele teve um caso com uma senhora lá e se separaram. Quando aconteceu, que foi descoberto tudo, ele veio, conversaram, os dois, daí ele chorou e tudo, daí, muito envergonhado, porque naquele tempo era muito escândalo, né? Horrroso, assim. Aí ela se despediu dele e ele disse que ia embora, pra ela continuar o serviço dela, e ele ia embora. Foi embora parece que para o Rio, se mandou! Ela disse que ficou olhando na porta até a hora onde ele sumiu [...] foi a última vez que ela viu. Mas ela disse que orava por ele todo dia, não tinha nada de raiva dele, só tinha esse sentimento que ela errou em não ficar com ele certo. Ela era culpada. [...] LEITE, [entrevista] jan. 2017)

Seu Duca não soube responder se outros alunos na escola conheciam esta história ou se a professora conversava e aconselhava outras pessoas tal qual fazia com ele. Segundo sua narrativa, Eva Mills culpabilizou-se pelo desenlace, atribuindo-o ao fato dos dois trabalharem separados e ele ter, por fim, tido um “caso com uma senhora lá”. As descrições do choro e constrangimento de David, e de sua partida, assemelham-se às encontradas na narrativa do 8:28. O sentimento de que ela “não tinha nada de raiva dele”, nas palavras de Seu Duca, mas que orava por ele todos os dias, foi encontrado também em outras fontes, como no depoimento da

missionária Carol Derstine, na entrevista com seu genro George Doepp e mesmo em algumas das cartas de Eva Mills. Talvez isto se deva à apropriação de um discurso de que tenha sido realmente um erro seu. Mas, qual? Seu trabalho, sua independência e autonomia? Por “não ficar com ele *certo*” ou pela separação, que, ao que tudo indica, foi iniciativa dela?

Os conselhos dispensados ao Seu Duca, segundo ele, eram que o casal deveria permanecer unido, certamente a mulher devendo estar mais próxima ao marido. Eu poderia tensionar a narrativa de Seu Duca e atribuir a ele a versão de uma história que culpabiliza a Eva pelo pecado de Adão. Não duvido que assim seja, um olhar machista e moralizador sobre outrora. Mas não seria só o dele.

Não posso deixar de retomar uma narrativa de Eva Mills que já foi mencionada neste trabalho, a da família gregária dos periquitos, de *Stories from Parakeet Country*:

Garotos e garotas muitas vezes se afastam muito de casa, envolvem-se com coisas erradas e se metem em problemas. Nós periquitos estamos sempre juntos, em bando. Fazemos nossos planos juntos e nos mantemos juntos no voo. Nós simplesmente não fazemos nada sem o bando. Dormimos na mesma árvore e temos consciência de que se ficarmos longe do bando arranjaremos problemas. [...] Em nossa comunidade cada periquito tem seu companheiro, cuja companhia dura para a vida toda. Nós sempre protegemos um ao outro, viajamos lado a lado e dormimos no mesmo galho toda noite. [...] Então, meninos e meninas, aprendam com a feliz e gregária família dos periquitos de Barra do Corda do Norte do Brasil... (MILLS, 1986[?], p. 9, 10, tradução livre) <sup>160</sup>

Minha primeira leitura sobre esta passagem avaliou os aspectos de uma educação religiosa moralizadora direcionada a crianças e adolescentes no respectivo livro. Contudo, olhar para este extrato novamente, sob a ótica das relações de gênero experienciadas pela autora, possibilita identificar as qualidades normativas exigidas de si, sob as representações sociais e religiosas de seu grupo de pertença. Em uma “feliz e gregária família”, suas obrigações de esposa deveriam ser a de estar “sempre junto”, “viajar lado a lado”, dormir “no mesmo galho toda noite” e ser “companhia que dura a vida toda” – muito próximo aos conselhos recebidos por Seu Duca: “Não se separem!”.

Partir de um ideal não alcançado, sentindo-se e assumindo-se “culpada”, como indicaram as memórias de Seu Duca, por não ter atingido a expectativa pretendida, é o que justifica a Eva Mills “esposa de missionário” representada em sua autobiografia. O momento

---

<sup>160</sup> [Boys and girls wander sometimes too far from home, get entangled in wrong things and get into trouble. We parakeets keep together in a flock. We make all our plans together and keep together in flight. We just do nothing without the flock. We sleep in the same tree and know that if we stay away from the flock we would get into trouble, too. [...] In our tree community each parakeet has his mate, one mate for keeps as long as we live. We always protect her, travel with her at our side, and sleep on the same branch every night. [...] So, boys and girls, take a warning from the happy, gregarious family of parakeets from Barra do Corda of North Brazil]

em que ela não mais se figurou nesta posição foi decisivo para o abreviamento de uma narrativa que expôs as intimidades de uma desilusão e, provavelmente, de um recato social.

A rememoração autobiográfica do 8:28, sob o ponto de vista de uma “esposa de missionário”, possibilitou a construção de uma narrativa sob uma perspectiva singular: o ambiente doméstico e o acesso à intimidade dos lares. É aqui onde seu ofício como visitadora de lares aparece, trabalho que objetivava, por meio da conquista das mulheres, o acesso aos demais membros da família (homens) em ambiente público, papel atribuído aos homens do grupo.

Contudo, em suas narrativas, Eva Mills nunca esteve enclausurada em seu próprio ambiente privado. Ela sempre se figurou em ação no ambiente público a partir do acesso ao ambiente privado de outrem e da relação com outras mulheres nas ruas. Este acesso ao mundo privado das famílias trouxe às narrativas da Mills as percepções do cotidiano familiar, do trabalho doméstico e de suas expectativas e dilemas. E isto não é por acaso, principalmente quando considerado que ela mesma estava inserida nas relações de disputa de representações entre seus pares, em um espaço eminentemente masculino, como o campo religioso do qual ela fez parte.

Os “nossos homens”, como Eva Mills se referia a David Mills e Donald Monteith, falavam no espaço público, enquanto elas, Eva e Vera, as esposas, tentavam se comunicar com as mulheres da casa. “Tentavam”, pois nem sempre conseguiam, dados os entraves no processo de comunicação com a cultura local, não somente com a questão da diferença linguística:

Em Imperatriz, o trabalho estava crescendo e as visitas estavam ocupando muito tempo. Eu fiquei encantada quando, um dia, Perpétua Sampaio decidiu que gostaria de fazer visitação comigo. (...) Eu me senti muito em casa com ela, agradecida pela boa relação espiritual e pelo perfeito guiar dela sobre os costumes e etiquetas do interior. Ela sabia como se aproximar das mulheres e, é claro, sua linguagem era muito fluente e fácil de entender. Ao entrar na casa dos descrentes, Perpétua assumia a liderança, conversava sobre a família, seus interesses, trabalho, saúde e conduzia a uma conversa descontraída sobre as mulheres, que eram o objeto de nosso interesse específico. Quando a conversa já havia evoluído bastante, ela, de forma inteligente, me perguntava alguma questão ou fazia uma observação que me dava a oportunidade para adentrar em questões espirituais. O costume britânico de ser brusco e objetivo, indo diretamente ao ponto central da questão, não agradava os brasileiros, que consideravam isso uma grosseria. Aprendi muito nas visitas com Perpétua. (MILLS, 1976, p. 67, tradução livre)<sup>161</sup>

<sup>161</sup> [In Imperatriz, the work was growing and visitation was occupying much time. I was delighted, one day, when Perpetua Sampaio decided she would like to do visitation with me. (...) I felt so much at home with her, thankful for good spiritual relationship and at perfect ease in her guidance regarding interior customs and etiquette. She knew how to approach the women, and, of course, her language was so fluent and easy to understand. Entering the home of unbelievers, Perpetua took the lead, talked about the family, its interests, work and health and drew into easy conversation the women, who were the objects of our special interest. When the time was ripe, she would

Percebendo-se leiga nos costumes e etiquetas do interior nortista brasileiro, Eva Mills reconheceu que seus costumes britânicos não condiziam com a maleabilidade exigida por aquelas brasileiras, um empecilho para de fato *entrar* em suas casas. Aquilo que era considerado em sua cultura como uma boa etiqueta ao iniciar uma conversa com alguém, era tido como uma atitude grosseira entre aquelas mulheres e, sem a intervenção e ajuda de Perpétua, ela talvez sequer teria percebido sua rudeza. Mais uma vez ela era a estrangeira e apresentou-se em seu processo de aprendizagem e adaptação cultural, revelando suas negociações à nova cultura.

A iniciativa de Perpétua Sampaio em participar nos trabalhos de visitação deu um novo fôlego ao trabalho de Eva Mills pois, além de dominar a língua portuguesa, ela manejava bem o processo de sociabilização local entre as mulheres (porque também era uma delas, uma *nativa*), o que serviu de estratégia no estabelecimento dos contatos e adentramento nas casas e vidas locais. Perpétua foi uma parceira por muito tempo, inclusive quando Eva Mills mudou-se de Imperatriz para Balsas.

Neste capítulo de sua história, as mulheres com as quais Eva Mills trabalhava são identificadas como audazes, ativas, participando em todo o processo de consolidação do grupo protestante. Não só por enfrentarem a família, mas também tendo iniciativas na propagação da mensagem protestante a partir de seus eixos de sociabilidade, como Maria Piauí, que viajava sozinha de jumento para compartilhar as bem-aventuranças a familiares em outras vilas (viagens como esta demoravam semanas pela mata densa). Ou mesmo o envolvimento maciço das mulheres no trabalho prático de construção do templo em Imperatriz-MA, como Maria Mercêdes que se responsabilizou pela fabricação dos tijolos usados no novo prédio, e Maria Piauí, que se dispôs a carregá-los.

Os relatos de Eva Mills dão conta da ação destas mulheres e sua participação ativa na construção e consolidação de uma identidade de grupo, com atenção especial aos processos de conversão. As mulheres que assumiam a nova vida são representadas em suas mudanças de comportamentos e sensibilidades, através de cuidados como a higiene do próprio corpo, uso de roupas limpas e cabelos penteados. Estas mudanças condizem com as mudanças de comportamento consideradas típicas no “processo civilizador ocidental” analisadas por Norbert Elias (1994), através do qual o grupo protestante de Eva Mills estava construindo sua própria identidade de grupo, ou seja, identificando a imagem dos protestantes a uma perspectiva tida como padrão de civilidade ocidental, onde ela mesma, europeia, era o modelo. Mudanças

---

cleverly ask me a question or make a remark that gave me the lead in spiritual matters. The British custom of being blunt and outspoken, going straight to the point of our interest, does not please the Brazilian, who considers this rudeness. I learned much from visitation with Perpetua.]

requeridas como testemunho público, ou seja, como forma de visibilizar e distinguir uma identidade de grupo diante de outros grupos.

O interesse pela aprendizagem da leitura e da escrita também viriam como consequência da conversão ao protestantismo. Para Eva Mills, educação e religião faziam parte de uma mesma natureza que trabalha na transformação de um ambiente ou de uma realidade, e isto poderia ser visibilizado no corpo:

Maria Piauí pertencia a uma família pobre de agricultores e nunca aprendeu a ler. Ela tinha, então, mais de trinta anos, aleijada por causa de doença, mas era entusiasmada. Todos os dias ela vinha, aprendia rapidamente, memorizava várias partes da Escritura, sua alegria no Senhor apenas crescia e, ao mesmo tempo, nos dava grande alegria. Em vez da velha Maria, suja e despenteada, agora víamos Maria andando pela rua com um rosto radiante, roupas limpas e cabelo penteado, além de sua Bíblia embaixo do braço. Ela ia em direção aos seus antigos companheiros de pecado. Eles zombavam e a chamavam de hipócrita por carregar uma Bíblia quando eles sabiam que ela não sabia ler. Ela abria sua Bíblia e lia uma passagem que havia memorizado, indicando com o dedo cada palavra, lentamente. Eles ficavam maravilhados. (MILLS, 1976, p. 44, tradução livre)<sup>162</sup>

Eva Mills se mostra sensível a estas mulheres e impactada com o que o ato de aprender a ler, ou até mesmo *fingir* ler, mas carregar com orgulho um livro debaixo do braço, era capaz de fazer com sua autoestima – “agora víamos Maria andando pela rua com um rosto radiante, roupas limpas e cabelo penteado” – ao ponto de suportar com ousadia as investidas de um grupo zombeteiro.

O *modus* protestante de Eva Mills envolvia o ensinamento da moral cristã, cuja base está na leitura de um livro, e o ensinamento alfabetizador era quem iria dar as condições necessárias para uma mudança de vida efetiva. O livre acesso às Sagradas Escrituras, fundamento protestante que apregoa que todos possam ler a Bíblia, requeria, consequentemente, para Eva Mills, que todos tivessem acesso ao “poder de ler” (CASTILLO GOMÉZ, 2003), daí a simples esperança de acesso à educação já ser capaz de trazer alguma expectativa de transformação social:

[...] meu coração ia ao encontro daquelas mulheres escondidas e esquecidas, escravas, da manhã até a noite, de uma panela de ferro sobre um fogão feito no chão de barro. Esse fogo era mantido no lugar por três grandes pedras, sobre as quais a panela descansava, e a fumaça espiralada da lenha que queimava encontrava seu caminho até

<sup>162</sup> [Maria Piauí had belonged to a poor peasant family and had never learned to read. She was now over thirty, crippled with the effects of disease, but enthusiastic. Every day she came, learned quickly, memorized many portions of Scripture, her joy. Instead of the old Maria, dirty and unkempt, we now say the new Maria walking along the street with a radiant face, clean clothes and combed hair, her Bible under her arm. She was on her way to her former companions in sin. They jeered, called her a hypocrite for carrying a Bible when they knew she couldn't read. She opened her Bible and read to them a portion she had memorized, pointing with her finger to each word slowly. They were amazed.]



os olhos das crianças, que seguravam abanos de folhas de palmeira para manter a chama viva, e então seguia rumo ao teto de folhas já escurecidas, da melhor maneira que conseguia até escapar da cabana. De tempos em tempos, a mãe mexia o feijão com uma grande concha ou espátula de madeira. Às vezes, nos fundos da casa, esta mulher ia socar o milho que havia colhido e transportado de seu pequeno lote de terra a alguma distância de casa. Às vezes, na margem do rio, ela agachava-se e batia as roupas bem ensaboadas em uma tábua ou, se não, numa pedra. Às vezes, no quarto mal iluminado de sua casa, passava o pesado ferro fumegante, cheio de brasas brilhantes de fogo, sobre as roupas de algum funcionário da cidade, e o suor e a fumaça misturavam-se em seu desgastado vestido de algodão quando ela enxugava o rosto para aliviar o calor. As moscas, o calor, a pobreza e os outros desconfortos eram seus monótonos companheiros, que aumentavam em número pelas frequentes febres recorrentes da aldeia ribeirinha. Com uma casa cheia de crianças doentes, descansando em redes que há muito perderam sua brancura, como ela poderia manter todas penteadas e limpas? Como poderia ganhar dinheiro suficiente vendendo suas rendas para comprar peças de algodão e fazer roupas novas para sua família? Como poderia mandá-los para a escolinha da vila? Ela nunca tinha aprendido a ler, mas agora queria aprender. Talvez, se ela pudesse enviar seus filhos para aprender, eles poderiam ensinar-lhe algum dia, pois ela tinha apenas vinte e cinco anos, embora tivesse nove filhos. (MILLS, 1976, p. 82, 83, tradução livre)<sup>163</sup>

Esta descrição de uma rotina doméstica vivida por uma mulher jovem e com muitos filhos é uma história genérica que dá conta da representação de um estilo de vida da mulher pobre do interior, que planta, colhe e pila o que cozinha em fogão de pedra; que tece rendas para vender ou lava e passa roupas para ganhar algum dinheiro e comprar tecido para costurar as roupas das próprias crianças; mas, quando estas crianças adoecem, como manter a rotina para sustentá-las? Esta mulher também queria aprender e Eva Mills deixa a interrogação subtendida: o que seria diferente se esta mulher pudesse ir à escola?

Na maior parte das narrativas de Eva Mills sobre as mulheres, elas não são associadas à figura masculina, apesar de às vezes reclusas no ambiente doméstico, como na descrição anterior. Quando esta associação ao marido aparece, é para trazer a representação sobre o ser uma boa esposa e mãe, dentro dos padrões requeridos para a mulher protestante e burguesa dos séculos XIX e XX (SILVA, 1998, 2015).

---

<sup>163</sup> [...] my heart went out to these hidden-away womenfolk, slaving from morn till night over an iron pot on a fire made on the mud floor. This fire was kept in place by three large stones, on which the pot rested, and the curling smoke of the burning logs found its way into the eyes of the child, who held a palm-leaf fan to keep the flame alive, and then out through the blackened palm-leaf roof, as best it could find a way. From time to time the mother stirred the beans with a large wooden ladle or spatula. Sometimes in the back yard, this wife would pound the corn she had gathered and carried from their little plot of land some distance from the home. Sometimes at the river edge she squatted and beat the well-soaped clothes on a board, or, failing that, on a stone. Sometimes, in the badly lighted open room of their home, she passed the cumbersome, smoky iron, filled with glowing coals from the fire, over the clothes of some town official, and the sweat and smoke mingled on her worn, cotton dress, when she wiped her face for relief. Flies, heat, poverty and other discomforts were her monotonous companions, increased at times by the oft recurring fevers of the riverside village. With a houseful of sick children, lolling around in hammocks that had lost their whiteness, how could she keep them all combed and clean? How could she earn enough money, by her pillow-lace making, to buy cotton goods and make new clothes for her family? How could she send them to the little village school? She had never learned to read but she longed to know how. Maybe, if she could send her children to learn, they might teach her someday, for she was only twenty-five, even though she had nine children.]

É o caso do relato sobre uma visita feita à família de Joaquim Bina e Vitória, quando no início do Colégio Cristão, em 1932. A descrição do ambiente da casa é de companheirismo e alegria, quando se sentaram ao redor de uma grande mesa para uma refeição feita com fartura e sabor. O espaço da cozinha é o que ganha maior entonação neste traçado, pelo perfil de mulher apresentado:

O centro da casa, de onde irradiava amor, alegria e paz era a cozinha, com a mãe, Vitória, no fogão. A vitória estava em seu rosto, em sua voz e em suas atitudes. Isto vinha de sua gratidão a Deus pela salvação em Cristo, para si mesma, para seu marido Joaquim e seus filhos crescidos, que estavam refletindo a Ele, seu Senhor, que fez toda a mudança em sua casa. O que me atraiu para a cozinha, como um ímã, foi a atitude de todas as crianças para com sua mãe. Como eles a amavam e estavam prontos para fazer qualquer coisa à sua mais ínfima sugestão! Ela nunca levantava a voz, mas o olhar de amor em seus olhos me fez querer me aproximar para abraçar esta querida irmã em Cristo. As crianças percebiam também, no brilho daqueles grandes olhos marrons, que haveria uma surpresa para eles mais tarde. Era uma surpresa diária, mas que nunca perdia sua diversão, pois ela sempre mantinha sua palavra. Ela era mãe dos três jovens que iriam comigo para Balsas. Antes de partirmos da casa dos Bina, eu percebi um pouco do sacrifício que ela estava fazendo e o quanto eles sentiriam a falta da mãe, mesmo que não fossem mais crianças. Ela é que trouxera conforto para cada um deles quando o filho mais velho morreu tão repentinamente. E agora, ela os inspirava a continuar confiando no Senhor, de quem ela era uma seguidora devota. (MILLS, 1976, p. 96, tradução livre)<sup>164</sup>

Vitória é a grande representação do papel de mãe nos livros de Eva Mills: seu lugar era a cozinha, e para lá todos eram atraídos. Seu rosto, sua voz e suas atitudes expressavam as mudanças de comportamento requeridas para a mulher convertida ao protestantismo. Exemplo de amor aos filhos, abnegação, trato divertido e respeitoso com as crianças, além do companheirismo com o marido. Uma mãe que fez ainda o sacrifício de separar-se dos filhos para que estes fossem estudar na escola dos missionários.

No livro *Em Lugar do Espinheiro*, Eva Mills traz poucas mulheres para além de si mesma. Algumas aparecem figurando o papel de boas esposas, como Ana, a esposa brasileira de Perrin Smith. Mãe, corajosa, independente, administrava a casa, filhos e propriedades da

---

<sup>164</sup> [The center, from which radiated love, joy, peace, was the kitchen, the mother at the stove, Vitória. Victory was in her face, her speech, her attitude. It came from her gratitude to God for salvation in Christ, for herself, her husband Joaquim and her older children, who were showing about Him, their Lord, who had made such a change in their home. What drew me to the kitchen, like a magnet was attitude of all the children to their to their mother. How they loved her and were ready to do anything at her slightest suggestion! She never raised her voice, but the look of love in her eyes made me want to get near to embrace this dear sister in Christ. The children detected, also, in the twinkle of those big brown eyes, a surprise for them later on. It was a daily surprise, but it never lost its thrill, because she always kept her word. She was the mother of the three young people who were to go with me to Balsas. Before we left the Bina home I knew a little of the sacrifice she was making and how much they would miss her, even though they were no longer children. She was the one who had brought comfort to each one when the oldest boy had died so suddenly. She inspired them now to keep on trusting the Lord, of whom she was a devoted follower.]

família enquanto o marido passava de seis a sete meses ausente em viagens evangelísticas nas redondezas.

Outra Ana, esposa de Patrício Cavalcante, e mais uma vez a Vitória, esposa de Joaquim Bina, foram as mães abnegadas que choraram a morte dos filhos, que seguiram seus maridos na fé e mantiveram a harmonia de suas casas. Antônia foi a parceira missionária em companhia de Chico que desbravou terras estranhas em viagens evangelísticas. Hosana, uma aluna do Instituto Bíblico, assumiu o casamento com Natal e o cuidado do marido, que tinha framboésia, como a sua vocação de vida.

Miriã é a única mulher biografada no livro *Em Lugar do Espinheiro*, recebendo um capítulo para si. É a trajetória de uma das *filhas* de Eva Mills:

Miriã amava sua mãe profundamente e as duas se davam muito bem. Quando, após ter passado um ano de sua experiência de salvação, Margarida faleceu ao dar à luz, Miriã ficou tomada de dor. Como filha mais velha, ela ajudou muito, cuidando da casa e de seus cinco irmãos menores. Havia a água para ser carregada para o serviço doméstico, havia roupa para lavar, refeições para preparar... [...]

Quando eu estava substituindo alguns missionários em férias no internato de Breves – internato que existia para ensinar as crianças da área do Rio Amazonas onde não havia escola – olhei na direção do rio e vi chegar um barco com cinco crianças. Três eram filhos de Margarida. Miriã, que era um deles, se atirou em meus braços dizendo: ‘Nós somos seus agora. Antes de morrer mamãe disse para virmos para cá’. (MILLS, 1982[?], p. 47, 48)

A descrição de Miriã é de uma menina que sofreu com a perda da mãe e precisou amadurecer muito rápido. Assumiu seus irmãos menores, ensinando e cuidando como uma mãe durante o crescimento deles. A figura maternal de Miriã em relação a seus irmãos diz de um cuidado espiritual constante, com as devidas reprimendas, amor e paciência, como parte de seu novo papel, de sua “missão do lar” (SEIGUER, 2015).

Eva Mills assumiu o cuidado e educação destas crianças quando estava no internato em Breves, para onde elas foram enviadas. Quando voltou para o Maranhão trouxe-os consigo para a Escola Maranata, onde Miriã também estudou, depois indo trabalhar entre os indígenas como missionária. Eva Mills acompanhou o desenvolvimento de Miriã até ela tornar-se uma missionária reconhecida e respeitada entre os seus. A vida de sucesso postulada por Eva Mills à Miriã, posto ela ter se transformado em uma missionária, a integrou às narrativas dos “Embaixadores de Cristo”.

Eva Mills, por sua vez, tal qual Miriã, neste livro aparece como uma “missionária”, partícipe do rol de pioneiros embaixadores. Ela atravessou as selvas montada em cavalos ou jumentos, enfrentou carrapatos, espinhos etc., assim como os demais. Em seus relatos autobiográficos, ela se representa, não como acompanhante do seu marido, mas como integrante

no grupo de outros missionários durante as viagens, sem mencioná-los por nome. Pelo contexto narrado e pelo cruzamento entre as narrativas, é possível identificar alguns dos nomes das pessoas que compunham os grupos aos quais ela se refere; e, em alguns deles, David Mills estava. Mas o interessante é perceber que ela não o identifica, apenas refere-se ao grupo como “nós”: “Nós seguimos a viagem”, “nós acordamos e amarramos nossas redes”, “nós seguimos o guia”. “Nós”. Ela era uma “missionária” como qualquer um dos demais homens do grupo, sem distinções. Diferente do que acontece no livro anterior.

Já no terceiro livro, a Eva Mills “professora” aparece com mais força. Ela não precisava mais se preocupar em remontar a história da vida de uma missionária casada, nem de assegurar seu lugar no grupo como uma “missionária” (não de “esposa de missionário”). Apesar de já vir se identificando como educadora, narrando suas escolas, questionando o acesso das mulheres à educação escolar, é neste livro que sua pertença à educação é acentuada. Desde a forma da narrativa, de maneira didática e diretiva, voltada para o ensino de crianças e adolescentes, ao enredo de suas histórias, que se desenrolam no ambiente escolar. Mas também porque é aqui onde fica mais claro o poder libertador que Eva Mills atribui à educação, em especial para as mulheres.

Linda, uma das personagens<sup>165</sup> de Eva Mills, foi uma menina criada pela mãe e pela avó dentro dos padrões da religião. Elas

encorajavam-na a ler sua Bíblia para que ela crescesse para ser uma adolescente prestativa e bela, e fizesse sua confissão de fé em Jesus Cristo. Sua mãe acompanhou de perto e guiava seus passos de uma maneira tão amorosa que Linda apreciava o conselho de sua mãe – até que um dia... (MILLS, 1986[?], p. 30, tradução livre)<sup>166</sup>

Linda é descrita como que indecisa entre dois mundos: a oportunidade de ir à escola na cidade mais próxima, ou o namoro com o moço por quem tinha se enamorado. Linda optou por ir estudar na Escola Maranata a fim de se preparar para o treinamento do Instituto Bíblico, o que deixou sua mãe e a avó encantadas com a decisão. Seu pai, por outro lado, achava que seria bom se Linda pensasse seriamente em casamento e no bom partido que era o rapaz. Durante o ano letivo na escola, a saudade a fez titubear em sua decisão e mais uma vez ela volta a reconsiderar seu futuro.

<sup>165</sup> Nos rascunhos originais deste livro, é possível identificar os nomes reais dos personagens envolvidos nesta narrativa. Contudo, diferente de outras histórias, Eva Mills optou em mantê-los em sigilo, atribuindo nomes fictícios a eles. Respeitarei esta opção narrativa pois o que interessa nesta pesquisa são as representações construídas pela autora, não os fatos relatados como verdades maiores.

<sup>166</sup> [Encouraged her to read her Bible so that she grew to be a helpful, beautiful teenager, and made her confession of faith in Jesus Christ. Her mother kept a close watch and guided her steps in such a loving way that Linda appreciated her mother's advice – until one day...]

Toda essa história é narrada em suspense, provocando à expectativa do que Linda iria decidir, como uma verdadeira batalha entre dois tipos de vida que, naquele momento, eram destoantes: o casamento e a permanência na vila e, assim, a perpetuação de um estilo de vida; ou a possibilidade de galgar outros sonhos – ser professora e missionária –, a conquista de seu espaço público e a mudança de vida. Segundo Eva Mills, Linda “venceu a batalha”: concluiu seus estudos na Escola Maranata, foi para o Instituto Bíblico e tornou-se missionária, também ensinando outras crianças a ler e escrever. Um ciclo precisou ser interrompido e o “destino feminino” fora questionado.

As comodidades de um apoio viril são assaz tentadoras, comparadas com os riscos de uma carreira e a severidade que implica todo verdadeiro trabalho. O desejo de um destino feminino — marido, lar, filhos — e o encantamento do amor nem sempre se conciliam com a vontade de vencer. (BEAUVOIR, 1980, p. 472)

A utopia da realidade de Linda, naquele momento, era agregar o amor e a “vontade de vencer”. Escolha injusta? Linda escolheu vencer.

A vovó Lã é outra personagem nestas histórias. Eva Mills a descreve a partir de uma rotina diária da vida doméstica. Ela era trabalhadora, limpa e contemplativa:

Eu a chamava vovó Lã porque seu cabelo era como a lã de uma ovelha, da mesma cor. Ela era magra e velha. Não sabia quando era seu aniversário nem o ano em que havia nascido. Nunca havia tido um bolo de aniversário. Vovó Lã morava sozinha em uma barraca feita de folhas de palmeira. Do lado de fora da casa podia descansar e contemplar o por do sol por volta das seis horas toda noite [...]. Ela dormia numa confortável rede feita em casa, como todas as pessoas naquela parte do Norte do Brasil, onde o clima era sempre quente, noite e dia, o ano todo; ela nunca tinha visto neve e a geada nunca havia tocado suas árvores. [...] Todas as manhãs ela acordava logo que o primeiro raio do amanhecer entrava em seu quarto. Sua rede era enrolada e presa firmemente na corda que a prendia à viga. Ela fazia seu foguinho no chão de terra da cozinha e uma velha lata de água era colocada habilmente sobre as três pedras que formavam o fogo. Vovó Lã colocava alguns torrões de açúcar escuro na lata de água para adoçar o café que ela mesma torrava, batia e mantinha em uma lata fechada. Pendurada no teto de palha estava um saco de algodão, um pouco menor que a lata que estava no fogo. Era nele que ela passava seu café toda manhã. No saco tinha um aro de arame costurado em volta do topo e uma alça torcida feita do mesmo pedaço de arame forte. Quando a água estava quase fervendo, vovó Lã colocava um pouco do café torrado no saco e o mergulhava na água fervente, deixando o aro de arame em volta da lata. Depois de alguns minutos, retirava o saco, comprimia-o e desfrutava do seu café da manhã. Vovó Lã era uma senhora muito ocupada. Não podia ficar sentada por muito tempo. Ela conseguia varrer o chão de sua casa e o quintal ao redor dela todas as manhãs antes do sol subir acima das bananeiras no fundo de seu quintal. Não havia lugar para cobras se esconderem na casa da vovó Lã. [...]

Foi quando seus vizinhos, vendo sua casa e sua vida limpa, decidiram acompanhá-la para ver como era a reunião de que ela tanto falava. (MILLS, 1986[?], p. 35, 36) <sup>167</sup>

Figura 25: Representação da vovó Lã em *Stories from Parakeet Country*



Fonte: Mills, 1986[?], p. 350

<sup>167</sup> [I called her Grandma Wool because her hair was just like the wool on a lamb's back, even the color. She was thin and old. She did not know when her birthday was, nor the year she was born. She had never had a birthday cake.

Grandma Wool lived alone in a tiny shack made of palm leaves. On the outside of her home where she could rest and watch the sunset about six o'clock each evening (...). She slept in a comfortable homespun hammock, as did all the people of that part of North Brazil, where the weather was always warm, day and night, all the year round; she had never seen snow and the frost had never touched her trees. (...)

Every morning she was up when the first streak of dawn made a little shadow in her room. Her hammock was soon rolled up and fastened securely under the rope which held it to the beam. She made her little fire on the dirt floor of the kitchen and an old can of water was set deftly on the three rocks that made her fireplace. Into the can of water she dropped a few lumps of dark brown sugar. That was to sweeten her coffee, which she roasted and pounded herself and kept in a tightly closed can. Hanging on her palm leaf was a cotton bag, a little shorter than the can she had put on the fire. In it she strained her coffee every morning. The bag had a wire hoop sewn round the top and a twisted handle made of the same piece of heavy wire. When the water on the fire was about to boil, Grandma Wool put some of her home roasted coffee in the bag and let it sink to the bottom of the boiling water, leaving the wire hoop around the top of the can. After a few minutes of brewing, she took the bag out, squeezed it and enjoyed her early morning coffee.

But Grandma Wool was a busy lady. She could not sit around very long. she managed to sweep the floor of her home and the yard all around it every morning before the sun rose above the banana plants at the bottom of her yard. there was nowhere for snakes to hide in Grandma Wool's home.

[...]

That was where her neighbors, seeing her clean home and clean life, had decided to accompany her to see what the meeting she had talked so much about were like.]

Vovó Lã é rememorada por suas atitudes e exemplo no espaço doméstico, sempre ativa, prezando por um ambiente limpo, longe das cobras, a ponto de ser influência na localidade, levando outros aos encontros religiosos. A imagem da serpente tem um duplo sentido neste contexto: o perigo real – o veneno da cascavel é mortal, uma ameaça constante para quem vive perto das matas – e o sentido religioso-cristão: a serpente é associada também à morte no sentido espiritual, ao pecado e à inimizade com Deus. Na narrativa bíblica, a serpente representa a figura do mal entre os fiéis. Ou seja, a associação do ambiente limpo com as pessoas convertidas, ao mesmo tempo que figura o modelo higienizado e civilizado dos convertidos, também diz sobre a identidade de um grupo que demoniza um outro e o mantém a certa distância como a um mal ou perigo.

Apesar de estar no ambiente doméstico, vovó Lã não é exaltada no ambiente familiar, em sua relação com o marido, como esposa ou mãe. Eva Mills não diz que se tratava de uma senhora solteira, viúva ou divorciada. Apenas a relata só, quando recebeu sua neta Leni com sete anos de idade, que veio morar com ela depois do falecimento de sua mãe.

Dona Lenir Lopes Bezerra, a “pequena Leni” desta história, diz que quando soube que havia um livro de D. Iva que contava sua história, providenciou uma tradução a partir do exemplar do pastor Abdoral Fernandes da Silva. Foi com esta tradução que tive o primeiro contato com o livro *Stories from Parakeet Country* no Brasil, até encontrar o exemplar *original* nos arquivos pessoais do pastor Abdoral.

Segundo D. Lenir, Antônio Costa Silva era a Mãe Antônio para ela e os demais filhos e netos, e Antônio Lã, ou Dona Lã, para os demais. Quando a mãe de D. Lenir morreu, ela e mais dois irmãos foram morar na casa da Mãe Antônio, pois ela era a mãe de sua mãe. À época, ela estava casada com o terceiro marido, pois tinha enviuvado dos outros. Nas memórias de D. Lenir, Mãe Antônio conheceu a Cristo ainda nova, no primeiro casamento, levada pela irmã para as Convenções em Barra do Corda e “assim que se converteu aprendeu a ler na Bíblia [...] ela disse que aprendeu a ler na Bíblia, e lia e pregava...” (BEZERRA, [entrevista] jan. 2017).

Eles moravam no povoado de Bom Princípio, em Esperantinópolis-MA. Lá

o salão de cultos ficava na casa da minha avó, ela era quem dirigia os cultos. [...] Mãe Antônio evangelizava muito, ia nas casas das pessoas no domingo à tarde [...]; nas férias do Instituto, enchia de alunos lá em casa [...] foi lá que conheci a Geni, que me levou pra escola. (BEZERRA, [entrevista] jan. 2017)

D. Lenir conta que, recentemente, na comemoração de aniversário de uma igreja no município de Tuntum-MA, D. Antônio Lã fora rememorada como uma precursora daquela congregação. “Eu nem sabia disso!”, lembra com entusiasmo. D. Lenir ressalta que, nesta

cidade, ela também era conhecida como “mão santa”, pois sabia preparar muitos remédios de “cascas de pau”, óleo de buriti e etc., e era sempre chamada quando alguém estava doente – “ela ajudava muito as pessoas” (BEZERRA, [entrevista] jan. 2017).

O relato de experiências de mulheres como Antônio Lã denuncia o anonimato sobre a participação feminina em sociedades rurais e suas posições de liderança ocupadas na formação de um protestantismo sertanejo, distante dos padrões protestantes europeus ou norte-americanos. Por certo uma mulher como Antônio Lã não fora única e é representativa de uma geração de mulheres que procurou se alfabetizar para ler a Bíblia, visitava para evangelizar construindo outras formas de sociabilidade, pregava em cultos e não se ocultou por trás de figuras masculinas em seu grupo. Dona Antônio Lã “vivía da roça” de suas próprias quintas, era independente e casou três vezes depois que se converteu. Foi procurada pelos enfermos de uma região para seus remédios, cuidados e orações. Manteve uma congregação em sua casa, ponto de apoio para os estagiários do Instituto Bíblico do Maranhão, além de ter iniciado outras congregações em outros lugares.

Contudo, o impacto pelas narrativas destoantes entre Eva Mills e D. Lenir sobre a vovó Lã me instigaram a novos questionamentos. Vovó Lã e Mãe Antônio são a mesma pessoa, mas sob memórias e representações diferentes. Se meu interesse fosse confrontar dados, sobre a verdade dos fatos, talvez o caminho fosse procurar pela *verdadeira* história da vovó Lã. Mas a versão de D. Lenir me despertou para o conjunto das representações sobre as mulheres trazidas nos livros de Eva Mills.

Todas as personagens de suas histórias se pretendem reais a partir do olhar da autora. São muitas mulheres narradas, idosas, jovens, crianças e há algo em comum em todas elas. Os recortes dessas mulheres neste contexto chamam a atenção para a representação e a construção identitária da própria autora. A entrevista com D. Lenir suscitou muitos questionamentos e foi inspiradora para a construção desta etapa da pesquisa.

Voltando à narrativa do livro, após a chegada da pequena Leni à casa da vovó Lã, a descrição novamente segue sobre a rotina da casa, das coisas que a avó procurou ensinar à neta. Além de consolar a pequena em sua perda materna, buscando conforto na relação com o Sagrado, a vovó Lã também se preocupou em ensinar à menina as tarefas diárias de uma dona de casa:

Ela achou que era um grande desafio e Leni era boa companhia, esperta e animada, ansiosa para aprender e a vovó Lã tinha muitas coisas para ensinar a sua nova companheira. Ela mostrou a Leni como cozinhar arroz e feijão, como torrar café, conservar a casa limpa e o quintal em ordem, livre das cobras venenosas. Havia potes d'água para encher no riacho e Leni devia aprender como equilibrar uma cabaça de



água na cabeça enquanto caminhava no retorno até a casa. Ela deve ter mostrado como abaixar a cabaça cheia de água sem derramar nada e, cuidadosamente, derramar o seu conteúdo nos potes de água arrumados em um banco especial. Havia galinhas para alimentar, a cabra para ordenhar, plantas para molhar, roupas para lavar no riacho e muitas outras coisas para fazer, como fazer sabão ou fazer rendas para almofadas, quando as outras tarefas estavam prontas. (MILLS, 1986[?], p. 37, 38, tradução livre)

168

Mas, a exemplo da história de Linda, Leni também teve a chance de mudar o ciclo de sua vida e não perpetuar a rotina de sua avó ou mãe, através da oportunidade de estudar na escola cristã aberta pelos missionários, a mesma Escola Maranata onde Linda estudou. Percebamos qual é o papel da escola protestante na vida destas crianças que, para além de cumprir um papel religioso, dando acesso à leitura da Bíblia, ou mesmo cumprir uma função na mudança de comportamento social, também se configurava uma oportunidade de mudança e da quebra do ciclo de uma vida, em especial para as meninas. O fato de ir à escola era a conquista de um outro mundo possível: elas poderiam ser professoras ou missionárias. Ou as duas coisas. Elas não precisavam, necessariamente, casar ou ter uma vida reclusa. Poderiam, sim, legitimar-se em um espaço público digno, aceitável para as mulheres da época.

A história que Eva Mills narra sobre a menina Leni é estendida por mais um capítulo para além da história da vovó Lã, onde a autora apresenta um pouco da rotina na escola para as meninas:

Dez garotinhas, todas entre oito e dez anos de idade, moravam na Casa Felicidade no terreno da Escola Maranata, no Norte do Brasil. Elas plantavam um pequeno jardim de flores, brincavam com suas bonecas feitas em casa, faziam roupinhas de boneca e vestiam-se como mães cuidando de seus bebês; e ninguém gostava mais dessa brincadeira do que Leni. Geni era a mãe da casa e todas as garotinhas a amavam e faziam o que ela mandava. Elas iam para a escola todas as manhãs e brincavam à tarde. Aos sábados, brincavam o dia todo depois que suas pequenas tarefas eram realizadas. Frequentemente brincavam de igreja. Uma das garotas sentava no órgão de faz de conta e muitos hinos eram cantados ao som de sua música de faz de conta. O pregador era escolhido por turnos, mas na maioria das vezes era Leni quem pregava. Ela frequentemente repetia o que ouvia o pregador dizer no culto de domingo no prédio escolar. (MILLS, 1986[?], p. 40, 41, tradução livre)<sup>169</sup>

<sup>168</sup> [She found it to be quite a challenge and Leni was good company, bright and cheerful, eager to learn and Grandma Wool had many things to teach her new companion. She must show Leni How to cook rice and beans, how to roast coffee, to keep the little home clean and the yard tidy, free from the poisonous snakes. There were water pots to fill from the stream and Leni must learn how to balance a gourd of water on her head as she walked up the path to the home. She must be shown how to lower the gourd full of water and not to spill any as she carefully poured its contents into the water pots arranged on their special bench. There were chickens to feed, the goat to milk, plants to water, clothes to wash in the stream, and so many other things to attend to, like soap making and pillow lace, when the other chores were done.]

<sup>169</sup> [Ten little girls, all between eight and ten years old, lived in the House of Happiness on the grounds of the Maranatha School in North Brazil. They planted a little garden of flowers, played with their home-made dolls, made little doll clothes, dressed up as mothers caring for their babies, and no one enjoyed this better than Leni.

Essa dubiedade e até incongruência entre o que parece próprio às mulheres, a rotina da vida doméstica e as possibilidades da vida pública, proporcionada pelos ambientes religioso e escolar, é uma constante nas representações de mulheres trazidas pela autora. As brincadeiras das meninas na Escola Maranata revelam o espaço cativo da maternidade, do cuidado do lar, mas também suas expectativas em relação à vida pública. A música e a oratória na igreja significam a tomada de um espaço público com direito a voz, destaque e respeito no e pelo grupo. Era isso que as crianças almejavam e talvez já fosse essa a experiência vivenciada em suas igrejas nos vilarejos, sob a liderança de mulheres como a D. Antônio Lã, mas que não era uma prática oficial. Ao construírem-se como professoras ou preletoras em ambiente lúdico, dirigindo e cantando à frente de cultos de faz de conta, estas meninas estavam assumindo para si representações que iam muito além do ambiente restrito ao espaço doméstico, de esposas ou mães, sem, contudo, negá-lo. Pelo menos este era o estilo de vida desejado pelas meninas-mulheres, sob o discurso de Eva Mills.

Essas narrativas de mulheres, crianças, adolescentes, idosas, podem ser concluídas com o texto de “eu matei uma cascavel” (MILLS, 1986[?], p. 49), onde Eva Mills traz a si como protagonista nas páginas finais de *Stories from Parakeet Country*. O ambiente era do Sítio Maranata, onde funcionava o internato do mesmo nome:

As cascavéis pensam? Será que aquela estava esperando que as crianças viessem do rio? Eu a vi pelas rótulas da minha janela. No início ela estava deslizando suavemente; eu podia ver todos os cinco pés [mais ou menos um metro e meio] de seu comprimento através da grama fina perto do caminho. O que eu deveria fazer? A casa que chamávamos de Saudade era o lar de cerca de dez meninos de sete a nove anos de idade. Era a hora do banho. Eu podia ouvir suas vozes enquanto eles riam na água cintilante do rio Corda, logo na descida do morro. O banho estava quase chegando ao fim e eles logo subiriam o morro tomando o caminho de casa.

A cascavel continuava lá, muito perto do caminho onde as crianças pisariam. Eu estava sozinha. Não havia ninguém a quem eu pudesse pedir ajuda. Bendita, a casa mais próxima, onde viviam as meninas mais velhas, ficava ainda mais acima da colina e a uma certa distância da Saudade. Não havia tempo para correr atrás de alguém que tivesse mais experiência em lidar com cobras. Só havia uma coisa a fazer. Mas, onde encontrar uma arma apropriada e ainda manter meu inimigo à vista? Essa machadinha? Curta demais! Eu ficaria muito perto para estar segura! Eu tinha ouvido que as cascavéis não se enrolam antes de atacar. Elas nunca atacam enquanto ainda estão deslizando, já me haviam dito. Eu rastejei lentamente segurando a machadinha

---

Geni was their house mother and all the little girls loved her and did what she told them. They went to school each morning and played in the afternoons. On Saturdays the children played all day after their little duties were done. They often played at church. One of the girls sat by a make-believe organ and to her make-believe music many hymns were sung. The preacher was chosen by turns, but more often than not Leni was the one who preached. She often repeated what she had heard the preacher say at the Sunday service in the school house.]

em posição. Já podia ouvir as crianças voltando do rio. Não havia tempo a perder. Cravei a machadinha!!!! (MILLS, 1986[?], p. 49, 50, tradução livre)<sup>170</sup>

As crianças estavam sendo ameaçadas pelas armadilhas da natureza: havia uma cascavel em seu caminho. Perigo mortal. Eva Mills diz que estava só, não via ninguém mais experiente que pudesse salvar as crianças, então resolve interferir, assumindo ela mesma o risco sobre si e enfrentando a víbora. Calculou o problema, planejou, atacou: “cravou a machadinha!”

Esta cena me lembra uma outra imagem, a primeira narrada no livro 8:28, quando Eva Mills se vê também em conflito, igualmente só em uma colina e o desafio em suas mãos de abrir ou não uma escola para “filhos de crentes pobres e analfabetos” (MILLS, 1976, p. 2).

Em ambas as situações Eva Mills se narra sozinha diante de um problema que precisa ser enfrentado, de algo que a inquieta e que exige atitude imediata, quase a contragosto. Em uma, uma serpente ameaçava liquidar a alegria das crianças – uma única picada seria fatal. Na outra, a realidade nefasta da pobreza e do analfabetismo e a necessidade de escolas para aquele grupo de crentes brasileiros. Adversidades que mobilizaram sua ação, questionando suas próprias representações sociais sobre o espaço da mulher no campo religioso e na sociedade. Para a abertura de uma escola, seria o momento de fazer uso de sua formação de maneira mais incisiva, assumindo-se como professora e diretora de uma escola – uma posição pública que independia da figura do marido ao seu lado. Diante da cobra, mais uma vez a hora de pôr em prática os conhecimentos adquiridos e assumir aquela que deveria ser uma ação de pessoa mais experiente, não dela.

Até o ano em que Eva Mills decide iniciar uma escola, ela se descreve no Brasil enquanto esposa, mãe, ajudadora do marido, à sua sombra – é isso que marca o 8:28. Nas cartas e depoimentos, e mesmo nas narrativas dos livros, é possível perceber uma mulher que sempre evitou a preleção dos cultos públicos por apoiar tal cultura. Este espaço era para os homens. Ainda assim, Eva Mills nunca esteve reclusa no privado e seu trabalho frente às mulheres já

<sup>170</sup> [Do rattlesnakes think? Was this one waiting for the children to come from the river? I saw it through the open shutters of my window. It was sliding along slowly at first; I could see all five feet of its length through the thin grass near the path. What should I do? The house we called “Saudade” was the home of about ten boys from seven to nine years of age. It was bathing time. I could hear their voices as they laughed in the sparkling water of the River Corda, just down the hill. The splashing would soon be over now because bathing time was almost gone and soon they would be climbing the hilly path homewards.

The rattler was still there, too close to the path where children’s feet would tread. I was alone. There was no one I could send for help. “Bendita” the nearest children’s home, where the older girls lived, was still further up the hill and was hardly within calling distance from Saudades. There would not be time to run for some-one more experienced in tackling rattlers. There was only one thing to do. But where could I find a suitable weapon and still keep my enemy in view? That hatchet? Too short! I’d get too close to be safe! I had heard that rattlesnakes don’t curl up before they strike. They never strike while they are still sliding along, I had been told. I crept slowly behind it holding the hatchet in position. Now I could hear the children on their way up the path from the river. There was no time to lose. Chop!!!]

era, em si, uma conquista<sup>171</sup>. Seu espaço sempre foi o público, nas ruas, conversando com as mulheres, observando, registrando, planejando, agindo, ... mesmo que *evitasse* o púlpito.

Contudo, é quando ela se assume professora que essa relevância pública ganha proeminência, independência e autonomia, destacando-se do trabalho do marido que se dedicava a atendimentos médicos e a viagens ribeirinhas. Com a escola, Eva Mills tornou-se “a professora”, sua identidade mudou e com ela sua posição no campo e nas relações de poder vivenciadas pelo grupo também.

Nas duas situações identificadas anteriormente, parece ter sido posto à prova o seu papel social assumido até então enquanto mulher; tanto a indecisão da escola quanto o caso da cascavel exigiram dela uma (re)ação ou uma *nova ação*, diante de uma nova realidade. Nas duas condições, o ideário religioso sob um modelo salvacionista, de heroína, é acionado e ela assume um espaço de ação negado.

Contudo, não houve, necessariamente, mudanças de perspectivas a partir destas novas ações e enfrentamentos, em termos de ruptura ou descontinuidade, pelo menos não de um novo que nasceu sem precedentes, mas negociações a partir de modelos já vivenciados anteriormente. Para a cascavel, não seria a primeira vez que Eva Mills enfrentaria seus próprios medos. Para a escola, também não.

Estas representações de si remetem às dialéticas culturais dos espaços do feminino nas cidades por onde Eva Mills circulou e como ela precisou negociar a partir de seus anseios religiosos. Por exemplo, o que era ser mulher em Manchester, durante seus cursos para a docência, cidade que foi palco do movimento pioneiro das sufragistas no início do século XX, mesmo período de formação de Eva Mills naquela cidade? Ou, como era ser mulher no interior sertanejo do Brasil entre aquelas que ela descreve como líderes, trabalhadoras, sempre independentes da figura masculina, apesar de confinadas no ambiente doméstico por causa da inacessibilidade à educação? Ou mesmo nos Estados Unidos da modernidade, onde suas cartas relatam o encantamento com as facilidades e as praticidades proporcionadas às mulheres, que sempre saem para o trabalho, lugar onde ela cria vínculos e onde acaba se aposentando, e para quem ela escreve estes livros?

---

<sup>171</sup> Considerando um momento histórico em que era negado às mulheres o acesso ao espaço público e as ruas não serem tidas como um espaço digno para elas, o trabalho missionário frente a outras mulheres poderia ser considerado uma conquista. Michele Perrot pontua que, “entre as duas guerras, período que marca uma expansão real do espaço feminino, muitas jovens foram seduzidas pela nova disciplina da etnografia, logo, acessível às mulheres [...]. Por serem mulheres, podiam falar com as mulheres nativas: assim como Denise Griaule na África, Gemarmaine Tillion no Magreb” (PERROT, 2016, p. 140).

Eva Mills foi uma mulher que efetivamente circulou por várias cidades, países e culturas. E a grande maior parte destas viagens ela o fez sozinha, ou acompanhada por sua filha Davina. A (re)leitura de si e do outro se deu a partir destas múltiplas relações, dessas negociações identitárias entre-culturas, onde acabam sendo reveladas as incoerências da vida gestadas por diferentes *Evas*, de acordo com os campos e momentos em que ela se circunscreve. Há a Eva da infância, de descendência nobre<sup>172</sup>, criada entre a cidade industrial de Manchester e as férias nos campos ingleses da região de *High Legh*, no Norte da Inglaterra. Há a Eva da juventude, que enfrenta os pais, alimentando o desejo de (v)ir a “terras selvagens e desconhecidas do Norte do Brasil”. Há a Eva que casa em terra estrangeira, longe da família, com o também inglês e cúmplice nos sonhos missionários, David Mills. Há a senhora Eva Mills, esposa de David Mills, a Eva Mills missionária e há a D. Iva professora e diretora que vive em uma região primitiva do Brasil. Há uma Eva contadora de histórias para crianças e adultos, no Brasil e nos Estados Unidos. Há a Eva aposentada, enferma e escritora de livros. Há uma Eva autora.

Eva Mills escreve de si em sua velhice, se (re)construindo no texto em um momento de revisão da vida, de olhar para trás, mas numa constante ressonância entre três tempos: 1. O tempo presente – quem era no momento da escrita dos livros, a síntese de tudo quanto já havia vivido, assim como as relações com as problemáticas e prioridades daquele período e contexto social; 2. O tempo passado – o que ela viveu, o que conseguiu guardar na memória, nas anotações, cartas, impressos e diários capazes de rememorar não só os fatos mas os sentimentos envolvidos; e, 3. O tempo futuro – a expectativa sobre qual história e qual Eva Mills ficaria eternizada nos livros, a preocupação com a recepção de suas obras, sobre o como outros vão receber os relatos ali registrados. E esta dialética entre tempos também é um espaço entre-culturas. As culturas de agora, ainda que em uma mesma localidade, não traduzem as culturas de, por exemplo, cinquenta anos atrás, menor tempo entre os fatos vividos e a publicação das histórias da Mills em livros.

---

<sup>172</sup> Na memória de pessoas mais íntimas à Eva Mills no Brasil, ela era representada como de família e tradição (costumes) nobres da Inglaterra, sob histórias que ela mesma contava. No arquivo do pastor Abdoral há alguns rascunhos da narrativa construída sobre Eva Mills para o livro *Nossas Raízes*, onde ele a identifica como uma mulher de descendência nobre que abandonara sua cultura pelo evangelho – parte da narrativa que não foi incluída no livro. Nesta pesquisa, não encontrei documentos que comprovem qualquer relação direta com alguma descendência ou tradição da nobreza inglesa, apenas indícios a partir da região onde se encontrava a fazenda de seus avós, nos campos ingleses da região de *High Legh*. Mas apenas indícios. Contudo, entre os brasileiros, há esta representação que foi reforçada por seus modos de agir *civilizados*: “andava sempre penteada e arrumada”, “nunca estava com cabelos soltos”, “modo de vestir impecável”, sua “forma de andar”, sua “educação” (forma de tratar e agir com as outras pessoas), sua “disciplina e pontualidade” são alguns exemplos.

A (re)leitura de si e do outro se dá a partir dessas múltiplas relações, dessas negociações identitárias, dos espaços de sobrevivência e disputas no campo das relações interpessoais – o modelo do grupo e aquilo que o sujeito representa dentro do grupo –, quanto da relação intrapessoal – as disputas entre a aspiração e o real. Mesmo depois de o marido ter abandonado os sonhos missionários que eram para serem vividos juntos, segundo suas próprias expectativas e também do grupo, Eva Mills continuou seu trabalho como missionária e professora, apesar de viver sem o marido e em companhia de uma filha, uma configuração fora dos padrões religiosos da época.

Independente da figura masculina, ela assegurou um espaço legítimo e de respeito dentro do campo missionário protestante, ensinando e dirigindo escolas, coordenando outros missionários, professores e professoras, ensinando alunos e alunas (suas escolas sempre foram mistas), até o momento em que, em 1960, sua saúde não mais permitiu voltar ao Brasil, mas com uma trajetória que pôde ser retomada, dentro do campo protestante, como modelo a ser seguido por outros, o que justifica sua memorialística. Uma história de autoria da própria vida, materializada na autoria dos livros.

Nesta trajetória, é possível identificar um contraste identitário entre a “esposa” e a “professora”, categorias que não se anulam, mas são capazes de definir identidades e posições sociais contrastantes. Ao identificar-se e assumir-se como professora, Eva Mills altera sua área de atuação e circulação destinada à esposa, bem como suas representações sociais, muito antes do desenlace matrimonial. Não foi este, portanto, o divisor de águas entre estas representações, como se houvesse um antes e um depois da separação de David Mills: esposa *versus* professora ou espaço privado *versus* espaço público.

Mas, decerto, a separação foi um ponto crítico em sua vida, um luto vivido até seus últimos dias. Seja por razões sociais ou subjetivas, que também são frutos das relações culturais, considero a biografia de uma mulher que nutriu expectativas e sentimentos e, por isso, chorou as circunstâncias adversas de sua trajetória. Contingências de uma vida privada que, tal qual todos os sujeitos, são refletidas e muitas vezes determinantes na vida pública. A vida pública de um sujeito e a vida privada não são vidas dissociáveis.

A forma como ela assina seu nome, por exemplo, – a maior expressão da identidade de um sujeito – traduz a dor de alguém que talvez não tenha aceitado sua própria trajetória, ou tenha tido resistência em aceitar sua nova condição. No Brasil ela era a D. Iva, mas sempre

assinou “Mrs. Eva Mills”<sup>173</sup>, mantendo o “Mills”, sobrenome da família de David<sup>174</sup>, como seu próprio nome, sendo esta a assinatura em seus livros – e, portanto, o nome que eu a identifiquei neste trabalho, o nome que ela assumiu como seu, seu nome de casada.

Quanto à profissão docente, no Brasil da primeira metade do século XX, a exemplo do que já vinha ocorrendo na Europa e Estados Unidos, a escola estava sendo vista como um espaço público digno da mulher e a docência das primeiras letras uma profissão feminina – fala-se em feminização do magistério – cada vez mais associada à figura materna<sup>175</sup>. Uma associação conveniente quando se pensa nas escolas da Mills como “lar e escola”, quando as crianças/adolescentes vinham de outras cidades e moravam *com* ela. Ela era a professora, a diretora, a mãe e a missionária. Ser professora e missionária lhe conferiu uma autoridade pública e um espaço de legitimidade possível, a ponto de ela requerer estas expectativas de vida para suas personagens. Sua própria vida foi padrão e lente para representar outras mulheres.

As representações trazidas em seus livros, de si e das demais mulheres que Eva Mills trouxe à cena, presumem uma mesma mulher. Em seus recortes: mulheres que desejam mudanças, e mudam; mulheres que são mães, mas sem precisar perder o direito ao estudo e à vida pública por conta disso; mulheres independentes e com ações no espaço público; mulheres trabalhadoras, de ação e de escolhas. Sua autobiografia é de uma mulher que conquistou um lugar de liderança e visibilidade por meio da educação no campo religioso protestante. E esta representação de si também esteve presente nas representações das outras mulheres, na configuração que escolheu trazer delas, mesmo que algumas delas não tivessem tido suas mesmas oportunidades.

Quando Eva Mills constrói sua identidade a partir de outras biografias, pondo outros em perspectiva, não o faz apenas para construir-se na relação com este outro, mas também para construir duas identidades em uma: a sua e a do outro. E, ao construir a identidade deste outro, corrobora em sua própria identidade, agregando elementos para a produção de um discurso de grupo, a partir do qual ela constrói seu “nome próprio” e uma identidade para este mesmo grupo, por meio de uma memória que não é só sua, mas de uma coletividade.

---

<sup>173</sup> “Mrs.” é um termo usado para senhoras casadas, no inglês.

<sup>174</sup> A mudança do nome da mulher casada são resquícios de uma cultura ocidental europeia não só atribuída a um código civil, mas representativo do lugar da mulher dentro de uma sociedade patriarcalista. “Dependente juridicamente, ela perde seu sobrenome. Está submetida a regras de direito que têm por objetivo civil eminentemente proteger a família: costumes do Antigo Regime; Código civil eminentemente e patriarcal, dado por Napoleão à França e mesmo à Europa, que, de algum modo, o adota e que praticamente deixa as mulheres sem nenhum direito”. (PERROT, 2016, p. 47)

<sup>175</sup> “De um lado sobressai o apelo à natureza feminina voltada para o cuidado e a guarda natural da criança; assim, o instinto maternal da mulher é o argumento para justificar a sua incorporação nesse campo de trabalho; por outro [...] a necessidade de suprir trabalhadores em larga escala para uma atividade pouco atrativa”. (SOUZA, 1998)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: MEMÓRIAS DA TERRA DE BEULÁ

Iniciei o primeiro capítulo desta dissertação apresentando Eva Mills como uma mulher idosa, enferma e aposentada em um asilo. Questionei e ponderei sua decisão de “olhar para trás”, revisitar sua vida e reconstruir-se pela escrita. Depois de percorrer suas publicações, contemplar suas narrativas e apreender um pouco mais sobre a construção de sua trajetória como uma professora missionária no Brasil, opto por concluir esta *minha* jornada voltando ali, ao tempo e espaço compreendidos por ela como sua Terra de Beulá:

Eu vim para esta bela casa de aposentados para cristãos em abril de 1974. A bela quietude que me cerca, o carinho da equipe cristã, a amizade entre os residentes da casa, fez minha visão para escrever um livro de louvor tornar-se realidade. Pelo Calvary Fellowship Homes e por todos os que tem sido usados por Deus para fazer deste lugar um lar de descanso, conforto e comunhão cristã amorosa, eu agradeço-O, cujas ternas misericórdias estão sobre todas as Suas obras.

Para mim, esta é a Terra de Beulá da jornada do peregrino de John Bunyan, onde crentes idosos, de diferentes caminhadas da vida, vem para se retirar e descansar um pouco enquanto esperam o chamado do Rei da Cidade Celestial. Alguns são chamados repentinamente para sua casa lá em cima; outros aguardam, as vezes por vários anos, a antecipação da vinda do Rei para os seus.

Agora, do ponto de vista privilegiado da Terra de Beulá, eu olho para trás, para a trilha da selva da vida e vejo muito mais claramente todo o caminho que o Senhor me levou através de veredas espinhosas, lugares difíceis e desafios tempestuosos. Seu método foi sublime, Seus pensamentos extremamente amáveis. Cada mudança no caminho, cada mudança nas circunstâncias foi projetada por Ele em amor, para me ensinar algumas lições preciosas, que poderiam ser aprendidas apenas por tais experiências. Que estas partes selecionadas da minha jornada peregrina, nas quais eu aprendi lições muito difíceis, mas preciosas, ajudem os jovens peregrinos nas viagens em alta velocidade de hoje a seguirem o Senhor de perto, alimentados por Sua Palavra e provando que suas promessas são verdadeiras e fieis até o fim. (MILLS, 1976, p. 132, tradução livre)<sup>176</sup>

Para Eva Mills, o *Calvary Fellowship Homes* é sua Terra de Beulá por representar o fim de uma caminhada, ao mesmo tempo que o momento de vislumbrar todo o caminho percorrido

---

<sup>176</sup> [I came to this beautiful retirement home for Christians in April 1974. The quiet beauty surrounding me, the kindness of the Christian staff, the fellowship of kindred minds among the residents, made the vision of writing a book of praise become a reality. For Calvary Fellowship Homes and all who have been used of God to make it a home of rest, comfort and loving Christian fellowship, I thank Him, whose tender mercies are over all His works. To me, this is the Beulah Land of John Bunyan's Pilgrim's Progress, where elderly believers from many walks of life come to retire and rest awhile, awaiting the call of the King of the Celestial City. Some are called suddenly to their home above; others wait, sometimes several years, in anticipation of the coming of the King for His own. Now, from the vantage point of Beulah Land, I look back along the jungle trail of life and see much more clearly all the way the Lord has led me through thorny paths, difficult places and stormy challenges. His method was sublime, His thoughts supremely kind. Every turn in the path, every change in circumstances was designed by Him in loving kindness, to teach me some precious lesson, that could be learned only through such experiences. May these selected portions of my pilgrimage journey, in which I learned hard but precious lessons, help the young pilgrims of today's high-speed traveling to follow the Lord closely, feed on His Word and prove His promises to be true and faithful to the end.]



até ali, através da escrita dos livros. Eva Mills se apropria destas relações a partir das representações encontradas no livro *O Peregrino*, de John Bunyan, publicado entre os anos de 1678 a 1684 na Inglaterra. Neste livro, a Terra de Beulá<sup>177</sup> é um lugar aprazível que antecede o pórtico da entrada da Cidade (céu), sendo preciso ainda atravessar o mar para completar a jornada. É a última etapa do peregrino, que, tendo deixado para trás seus familiares e amigos, e carregando uma pesada carga, opta por entrar pela porta estreita e atravessa vários obstáculos e tentações até chegar à glória ansiada.

Só compreendi a relevância da Terra de Beulá na autorrepresentação de Eva Mills como uma peregrina, após uma das muitas conversas que tive com Silêda Silva Steuernagel. Ela conheceu a D. Iva quando era uma menina de seis anos de idade e ainda morava na cidade de Barra do Corda, no Maranhão. Conviveu pouco tempo com D. Iva, estudou um ano na Escola Maranata e outros tantos no Internato Betânia, em Cururupu-MA, mas guarda muitas lembranças desta professora que lhe ensinou a ler, que era firme ao mesmo tempo que atenciosa e amorosa.

Muito das descobertas sobre Eva Mills, dos alinhavos de suas representações e significações costuradas durante esta pesquisa, devo a estas boas *prosas* com a Silêda. Foi ela quem me despertou para a relevância da Terra de Beulá nestes escritos:

Eu lembro de Dona Iva cantando um hino sobre a Terra de Beulá, que mamãe também cantava pra gente: ‘Pra a terra abençoada vou/ Ansioso peregrino sou/ Em busca do feliz lugar/ No qual eu hei de descansar. Oh, bela terra de primor/ Querida herança do Senhor/ Olhando vejo além do mar/ Que em breve eu hei de atravessar/ A praia áurea, perenal/ Do eterno lar celestial. (STEUERNAGEL, [entrevista] set. 2017). [cf. Hinário Adventistas – nr. 547]

Ainda intrigada com as lembranças de um hino sobre Beulá, voltei aos livros de Eva Mills para uma *última* olhada antes de colocar um *ponto* nesta pesquisa, e eis que percebo que o hino aprendido com D. Iva estava ali o tempo todo, nas páginas iniciais do 8:28: a versão em

---

<sup>177</sup> A Terra de Beulá tem base em duas fontes importantes. A primeira é a Bíblia, do livro de Isaías 62:4, onde diz o seguinte: “Não mais a chamarão abandonada, nem desamparada à sua terra. Você, porém, será chamada Hefizibá, e a sua terra, Beulá, pois o Senhor terá prazer em você, e a sua terra estará casada” (Nova Versão Internacional). Neste caso, Beulá é um termo transliterado do hebraico em algumas traduções da Bíblia e significa “casado(a)”. O vocábulo é usado em contraste com as qualidades de “abandonada” e “desamparada” e, no contexto, é uma referência à promessa de retorno dos judeus que estavam exilados na Babilônia e que, por isso, deixariam de ser um povo “abandonado” para ser um povo “que causa prazer” (hefizibá), uma terra “casada” (Beulá). A tradição bíblica cristã, por sua vez, relaciona este texto ao fim apocalíptico, quando da promessa de reencontro do “povo de Deus” como uma noiva com Cristo, o noivo, associando Beulá a este casamento, para o céu. (Pesquisado em *International Standard Bible Encyclopedia Online* <<http://www.internationalstandardbible.com/>> (acessado em 15 set. 2017), em <<http://www.dictionary.com>> (acessado em 15 set. 2017), e em <<http://biblehub.com/lexicon/>> (acessado em 15 set. 2017))

inglês de uma parte da música de Edgar Page Stites. Quanta coisa não consegui ler nestes livros?!<sup>178</sup>

Meu Salvador vem e caminha comigo  
E doce comunhão temos aqui,  
Ele gentilmente me conduz por Sua mão,  
Pois esta é a terra da fronteira do céu.

Ó Terra de Beulá, doce Terra de Beulá  
Quando na montanha mais alta eu fico  
Olho lá longe, além do mar  
Onde mansões estão preparadas para mim  
E vejo a brilhante costa da glória  
Meu céu, meu lar, para sempre.

(STITES *apud* MILLS, 1976, pré-textuais, tradução livre).<sup>179</sup>

A obra de John Bunyan se encontra entre os clássicos religiosos mais lidos do mundo ainda na atualidade e foi inspiração para outras apropriações dentro do cristianismo, como o quadro *Os dois caminhos*, de Charlotte Reihlen, onde “a autora reproduziu no quadro as imagens do pietismo em suas preocupações puritanas, missionárias e assistencialistas”, influenciada pelo protestantismo pietista da literatura de John Bunyan, segundo analisa Santos (2006, p. 246). Outra forma de disseminação da obra foram as adaptações em hinos protestantes, como a letra da música de Edgar Page Stites, reproduzidas por Eva Mills.

Eva Mills se entendeu e construiu sua imagem como uma peregrina do início ao fim de suas narrativas. Conforme o texto citado anteriormente, ao fim do 8:28, é do “ponto de vista privilegiado da Terra de Beulá”, “quando na montanha mais alta eu fico” (conforme a música de Stites), durante a expectativa da *travessia*, que Eva Mills reelabora o caminho percorrido até ali e identifica-se como uma peregrina – só, mas disposta a incentivar outros a percorrer a grande e difícil caminhada pela “trilha da selva da vida”.

Umas das importantes marcas nas memórias das pessoas que conheceram Eva Mills durante este tempo, no *Calvary Fellowship Homes*, é seu estado de saúde deficitário e o grande esforço físico despendido no processo de criação dos livros. Nos escritos particulares de Eva Mills, é possível perceber sua fraqueza gradativa, as dores intensas reclamadas, o isolamento do convívio com os demais cada vez mais necessário pelo risco das doenças oportunistas, as

<sup>178</sup> Sou confortada com a ideia de que “o documento em si não é história, não faz história. São as perguntas que o pesquisador tem a fazer ao material que lhe conferem sentido. Enquanto houver perguntas, o material não estará suficientemente explorado. Nesse sentido é que se diz que uma fonte nunca está esgotada e que a história é sempre reescrita” (LOPES & GALVÃO, 2011, p.69).

<sup>179</sup> [My Savior comes and walks with me, / And sweet communion here have we, / He Gently leads me by His hand, / For this is Heaven’s border land. / O Beulah Land, sweet Beulah Land, / As on thy highest mount I stand, / I look away across the sea, / Where mansions are prepared for me, / And view the shining glory shore, / My Heaven, my home, for evermore]

dificuldades em andar, em sentar, a audição e a visão que vão aos poucos sendo perdidas a ponto de ela depender de algumas poucas visitas de voluntários para digitar aquilo que não conseguia mais, inclusive as cartas remetidas.

Por meio destas cartas e daquilo que ela deixou publicado nos livros, compreendi o quanto o esforço de escrever e publicar de si naquele momento constituiu-se um “novo fazer” memorialístico (BOSI, 2004), resultando em um “novo fazer-se”. Eva Mills tinha objetivos claros em suas escritas, ela queria continuar trabalhando, ensinando, educando, vivendo. Publicar livros sobre suas experiências foi o caminho que pareceu mais propício, mais digno, talvez o caminho de fato aprendido, revelando facetas táticas de sobrevivência e de subversão em um outro tempo e diante de relações de gênero não favoráveis, consolidando um projeto autobiográfico que não só projetou sua memória, quanto projetou a memória de um grupo no campo religioso protestante.

Eva Mills leu muitas biografias e autobiografias e ensinou sobre elas. As histórias de outros heróis, como as dos missionários Madame Guyon e Hudson Taylor, marcaram e influenciaram sua caminhada. Sua estadia na Terra de Beulá foi o momento propício para reproduzir o que havia aprendido nos livros e na vida, passando a narrar-se também, legitimando seu espaço e *desinvisibilizando-se*<sup>180</sup> na História.

Os elementos para esta releitura de si vieram de práticas e referenciais que já faziam parte de sua trajetória. O ato de narrar-se foi um exercício que fez parte de seu trabalho como uma missionária em terra estrangeira. A história de *O Peregrino* já era sua conhecida e seus hinos, há muito ela cantava. Agora Eva Mills se compreendia no alto da Terra de Beulá e foi de lá que ela reviu as ações que deram sentido à peregrinação de uma vida, assumiu o poder da escrita e deixou as marcas de suas ações perpetuada em impressos.

Ao escrever sobre si, Eva Mills viu no espelho sua história ali refletida. Seus diários, suas cartas, que, à época da escrita, já significavam uma revisita histórica em momento quase presente, deram a ela a oportunidade de um novo reencontro com sentimentos de um passado agora mais distante. O problema? Seus olhos não eram mais os mesmos. Suas lentes não estavam desgastadas, mas refinadas pelo tempo, e ela podia “ver muito mais claramente todo o caminho percorrido”. De alguma forma, já era outro o modo como ela se via refletida, porque ela também já era outra.

---

<sup>180</sup> Uma referência ao processo social sexista que *invisibiliza* as mulheres na História, discutido por Michelle Perrot (2016). Ao produzir livros autobiográficos, Eva Mills estrategicamente assegura seu lugar na História, saindo da *invisibilidade* e ocupando um lugar legítimo a partir de sua própria autoria, no duplo sentido do termo: uma autoria na vida, enquanto sujeito de ação na História, e na autoria dos livros, produzindo e reproduzindo as representações de um grupo religioso.

Contudo, a expressão de uma autobiografia ultrapassa a subjetividade de um sujeito e é capaz de dizer sobre uma coletividade, sem perder a sutileza de um olhar individual. A autobiografia é produzida a partir de um tripé: 1) é escrita de si; 2) é escrita sobre um outro e também para outros; e 3) é escrita a partir da história e da cultura em que tanto o “eu” quanto este “outro” estão inseridos. Primeiro Eva Mills contou essa história para si mesma para depois apresentar-se a outros, “em estreita relação com a história e a cultura”:

As ideias de biografia, trabalho biográfico, biografização e aprendizagem biográfica emergem e enraízam-se no curso da vida, como uma maneira que representamos a nossa existência e como contamos para nós mesmos e para os outros, em estreita relação com a história e a cultura. (SOUZA, 2008, p. 39).

Diante do espelho, Eva Mills precisou arrumar-se de forma apresentável, legível, compreensível e agradável a quem ela iria pronunciar-se. Qual roupa vestir? Como apresentar-se? Foram as escolhas feitas em cada livro publicado. Eva Mills produziu um projeto autobiográfico porque ela julgou que um único livro, e estilo, não seria capaz de desvelar toda a “superfície social” de sua existência, ou seja, sua “capacidade de existir em diferentes campos” (BOURDIEU, 1996A, p. 82) e formas.

Uma mulher que foi filha, irmã, mãe, professora, diretora, esposa de missionário, missionária, visitadora, evangelista, contadora de histórias, escritora... talvez não coubesse em uma única autobiografia. Eva Mills teve consciência dos espaços ocupados por ela e dos limites de suas representações diante das exigências sociais, dos caminhos percorridos entre cada estação conquistada. Suas negociações não se deram só enquanto professora ou missionária, nas relações de gênero nos campos religioso, educacional e cultural, mas também nas representações que seriam (e foram) construídas de si através dos livros. Foi-lhe necessário fazer escolhas, e ela as fez.

A produção de uma autoria foi o último espaço ocupado, evidenciando-se na tentativa de reconstituição destas diversas “capacidades de existir” de um sujeito em um projeto autobiográfico. Pelas evidências, fez parte de seus planos a continuação de sua escrita e a publicação de outros livros. Fico a imaginar quais outras *Evas* seriam ainda reveladas. Quantas *Evas* mais seriam remontadas, recriadas, reinventadas? Como ela contaria essas outras histórias? E para quem?

Essa pergunta do “para quem” é importante porque essas reconstruções não foram e continuariam não sendo gratuitas com a continuação do projeto. Outros a leriam e Eva Mills

tinha plena ciência disso. Quem a leria? Como leria? Como a conheceriam? São preocupações e expectativas criadas em torno do coletivo que recepcionaria suas produções.

Entre as boas trocas que tivemos com a família de Eva Mills nos Estados Unidos, especialmente em torno da escrita do 8:28, foi possível identificar as negociações da autora, as idas e vindas do texto, a triagem nas palavras, preocupada com aquilo que seria *eternizado* naquelas obras e pudesse atingir a outros, porque a vida ali, afinal, não era só sua. Ela se importou com a família de David Mills na Inglaterra e lembrou-se também de sua igreja nos Estados Unidos, daqueles que não conheciam *toda* a história de sua vida. Ela se preocupou em não constranger, não ofender... A sensibilidade da escrita autobiográfica é também com o outro, não só com a recepção, mas também com os que estiveram perto, com os que fizeram parte desta história. A autobiografia não se resume à narrativa de uma história individual, é uma narrativa de uma história coletiva e relacional.

Eva Mills também se pôs como modelo formativo para outros jovens peregrinos, ainda que ela mesma, por alguns momentos, tenha julgado que algo não pudesse servir como exemplo. Ela precisou selecionar partes de sua jornada peregrina, omitindo ou arrumando fatos e sentimentos no processo de escrita destes livros. Essas negociações, consigo e com o outro, dizem sobre o espaço cultural em que ambos estão inseridos: autora-personagem e público leitor. Muitos de seus atos precisaram ser reconstruídos, reinterpretados e reapropriados como forma de sobrevivência social, tanto no tempo da vivência dos fatos como também no tempo da publicação dessas memórias.

As exigências para uma mulher no início do século XX a encaminharam à normatividade de um padrão que Eva Mills assumiu para si: trabalhadora, mãe, educadora e cuidadora, ao mesmo tempo que submissa e abnegada, cujo trabalho não poderia de forma alguma ofuscar o trabalho do marido, privando-a, por conta disso, do falar em público nos ambientes religiosos. Contudo, sua ação burlou as normas. A prática da docência, considerada uma de suas muitas funções se mostrou subversiva, ainda que tantas vezes impulsionada pelas intempéries da vida, levando-a a sair da sombra e a protagonizar uma vida que era sua. Entendo que a última etapa desta *subversão* foi justamente o ato de *desinvisibilizar*-se através de seu projeto autobiográfico, pela organização de sua memória e da legitimação de seu próprio lugar de pertença na História.

No Brasil, Eva Mills assumiu o campo educacional como seu lugar de ação, possibilitando um olhar privilegiado para as vivências e práticas gestadas em escolas no Norte do país. Escolas que, apesar de pequenas e distantes dos grandes centros urbanos, são capazes de explicitar a organicidade de culturas escolares operadas por missionários protestantes no

Brasil e de evidenciar a ação de sujeitos a partir da mobilização de pequenos grupos na organização de suas escolas, conforme suas necessidades.

A presença destes missionários na região amazônica e sertaneja brasileira e sua ação por meio da educação estimulam muitos outros caminhos de análises. Várias questões foram provocadas durante esta pesquisa e ficaram em aberto. Como se deram as ações de agências missionárias paraeclesiásticas, como a UFM, que se estruturaram sob uma completa administração estrangeira no Brasil e sem interferência de igrejas brasileiras? Quais foram seus projetos? Como se organizaram e até que ponto alcançaram as capilaridades de suas ações em solo brasileiro por meio destas escolas, especialmente em culturas indígenas, ribeirinhas e sertanejas?

Outras biografias e autobiografias surgiram ao longo da pesquisa em paralelo às de Eva Mills. Como se concretizou a produção cultural através das biografias e autobiografias dos missionários que participaram destas ações de organicidade cultural? Como se deu a circulação de saberes sobre o Brasil através das cartas destes missionários? Quais os espaços diversos ocupados pelas mulheres nestas agências missionárias, no processo de implantação destas escolas, agindo diretamente sobre a formação de novas culturas no interior do Brasil? Como elas se apropriaram dos espaços possíveis de ação neste processo de circulação de saberes? Quais outras mulheres no campo religioso protestante escreveram e publicaram de si no período de difusão do protestantismo no Brasil? Quais as representações sobre o *ser mulher* foram construídas nestas outras publicações e como elas contribuíram para uma (re)produção cultural religiosa? Como elas construíram o seu lugar na história? Novas perguntas que surgem quando apenas acabamos de pacificar nossas antigas inquietações.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M.H.M.B.; BRAGANÇA, I. F.S.; ARAUJO, M.S. (Org.) *Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.
- ALMEIDA, Jane Soares de. E nos foi prometida a terra da paz: as missões protestantes no Brasil no século XIX. In: VIEIRA C. R. A., NASCIMENTO, E. F. V. C. (orgs). *Contribuições do Protestantismo para a história da educação no Brasil e em Portugal*. Piracicaba: Editora Unimep, 2016
- ARAGÃO, Milena. FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno. Práticas de castigos escolares: enlaces históricos entre normas e cotidiano. *Conjectura*, v. 17, n. 2, p. 17-36, maio/ago. 2012
- BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.,
- BEACH et al. *Protestant Missions in South America*. New York: Student volunteer movement for foreign missions, 1900. Disponível em: <<https://archive.org/details/protestantmissi00pondgoog>> (acessado em 25/05/2017)
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo – a experiência vivida*; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história* ou o ofício de historiador. Trad. André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001
- BORRALHO, José Henrique de Paula. *A Athenas equinocial: a literatura e a fundação de um Maranhão no Império brasileiro*. São Luís, Edfunc, 2010.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004
- BOUDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad.: Maria Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad.: Maria Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996b
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad.: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: EDUSC, 2005b
- CARVALHO, Carlota. *O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil*. 3ed. rev e ampl. Teresina: EDUFPI: 2011
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA BLAS, Verónica. *Cartas-Lettres-Lettere. Discursos, prácticas y representaciones epistolares (siglos XIV-XX)*. 1ª ed. Alcalá de Henares: UTE Universidad Alcalá, 2014.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA BLAS, Verónica. *Cinco siglos de cartas. Historia y prácticas epistolares en las épocas moderna y contemporánea*. 1ª ed. Huelva: Universidad de Huelva, 2014.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. *Grafitas do cotidiano: escrita e sociedade na história (séculos XVI-XX)*. Rio de Janeiro(Brasil): Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2017.

- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. *Revista brasileira de história da educação*, nº 5 jan./jun 2003
- CASTRO, Cesar Augusto; SILVA, Diana Rocha da. A institucionalização dos grupos escolares no Maranhão. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 284-308, jan./abr. 2016.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 3ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- CHAMON, Carla Simone. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e a educação como missão. *II Congresso Internacional sobre Pesquisa (auto)biográfica*, 2006, Salvador. Anais II Cipa - tempos, narrativas e ficções: a invenção de si, 2006.
- CHAMON, Carla Simone. *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869/1913)*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte: FaE, 2005.
- CHARTIER, Roger (org). *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGS, 2002
- CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representações*; tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1990
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Trad. Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CHARTIER, Roger. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. Trad. Luzmara Curcino; Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. 1 ed. (2012) São Paulo: EdUFSCar, 2014b
- CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Roger Chartier – a força das representações: história e ficção*. Chapecó, SC: Argos, 2011.
- CRUZ, Mariléia dos Santos. Ampliação e Modernização do sistema de ensino primário no interior do Maranhão. *VII Congresso Brasileiro de História da Educação [anais]*, 2013
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. Viviane Ribeiro, 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002
- DANTAS, Maria José. ‘Não imaginas quem te escreve...’ O epistolário de Chiara Lubich e suas estratégias de formação. *XI Congresso Luso-brasileiro de história da educação*, 2016, Porto-Portugal. Investigar, intervir e preservar: caminhos da história da educação luso-brasileira. Porto: Norprint, 2016. V.1
- DANTAS, Maria José. A pedagogia do catolicismo: as cartas como mecanismo de formação. *X Colóquio internacional educação e contemporaneidade [anais]*, 2016, São Cristóvão/SE.
- DANTAS, Maria José. Literatura de viajante: Chiara Lubich, uma professora italiana no Brasil. In: Alexandra Lima da Silva; Evelyn de Almeida Orlando; Maria José Dantas. (Org.). *Mulheres em Trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas*. 1ed.Curitiba: CRV, 2015
- DANTAS, Maria José. Os olhos veem, o coração sente e a mão escreve: a escrita (auto) biográfica na prática docente - um olhar sobre o epistolário de Chiara Lubich. In: VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; VICENTINI,



Paula Perin. (Org.). *(Auto) Biografia, Literatura e História*. 1ed. Curitiba: CRV, 2014, v. Unico, p. 175-190.

DANTAS, Maria José. Percorrendo trilhas em busca dos arquivos italianos. In: Eva Maria Siqueira Alves; Edmilson Menezes. (Org.). *Estágio doutoral no exterior: A vivência de pesquisadoras da Universidade Federal de Sergipe em Portugal e na Itália*. 1ed. Curitiba: Appris, 2014.

DOWDY, Homer E., *Speak my words unto them: a history of UFM International (Unevangelized Fields Mission)*. Pennsylvania: UFM Internacional, 1997

ELIAS, Beatriz Vicentini. *Memória, encantamento e beleza: Colégio Piracicabano, 125 anos*. Piracicaba: Unimep, 2006.

ELIAS, Beatriz Vicentini. *Vieram e ensinaram: Colégio Piracicabano, 120 anos*. Piracicaba: Unimep, 2001

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador* (vol 1). Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. 3a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane M. Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003, p. 135-150.

FARIA, L.; LOBO, Y.L.; COELHO, P. (Orgs) *Histórias de vida, gênero e educação*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.

FIGUEIREDO, Eneida. *As escolas paroquiais protestantes em Brotas no final do século XIX*. Dissertação de Mestrado em Educação. Araraquara: FLC-UNESP, 2001.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. História da educação e história cultural. In: FONSECA, Thais Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive. *História e historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

FONTOURA, H.A.; LELIS, I.A. O.M.; CHAVES, I.M. (Orgs) *Espaços formativos, memória e narrativas*, Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.

FRANKLIN, Adalberto. *Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz*. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Cartas a Cristina*, notas de Ana Maria Araujo Freire. 1. ed. PAZ E TERRA, 2013.

GLENN, Layonna. *I remember, I remember*. With Charlott Hale Smith. Old Tappan, N. J., F. H. Revell Co, 1969

GOMES, Angela Maria de Castro. HANSEN, Patrícia Santos (orgs). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Apresentação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

HARISON, Helen Bagby. *Os Bagby do Brasil: uma contribuição para o estudo dos primórdios batistas em terras brasileiras*. Rio de Janeiro: Juerp, 1987

- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. Educadoras metodistas no século XIX: uma abordagem do ponto de vista da História da educação. *Revista do Cogeime*, São Paulo, ano 2, p. 93-98, jun. 2002.
- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo, um estudo de suas origens*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1977.
- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Francisco Rangel Pestana, jornalista, político, educador*. São Paulo: Feusp, 1986. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ICHTER, Bill H. *Vultos da música evangélica no Brasil*. Rio de Janeiro: Juerp, 1967
- INÁCIO, Marcilaine Soares. *O processo de escolarização e o ensino de primeiras letras em Minas Gerais (1825-1852)*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.
- LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. *A fundação francesa de São Luís e seus mitos*. São Luís: Editora UEMA, 2008. 3ª edição revisada e ampliada.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão ... [et al.] – Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2008
- LESAGE, Pierre. La pedagogie dans les écoles mutuelles au XIX e. *Revue Française De Pédagogie*, no. 31, 1975, pp. 62–70. Disponível em JSTOR: <[www.jstor.org/stable/41161505](http://www.jstor.org/stable/41161505)> acessado em 19 set. 2017.
- LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, J.; FERREIRA, M (Org.) *Usos e abusos da história oral*. 7 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista*. São Paulo: Junta Geral de Educação cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1968.
- LONG, Eula Kennedy. *O arauto de Deus: a vida de James L. Kennedy, missionário pioneiro do metodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1957.
- LOPES, Eliane Marta S. T., GALVÃO, Ana Maria de O.. *Território plural: a pesquisa em história da educação*. 1 ed. – São Paulo: Ática, 2011
- MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900): missionários, pastores e leigos do século 19*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- MATOS, Alderi Souza de. Para memória sua: a participação da mulher nos primórdios do Presbiterianismo no Brasil. *Fides Reformata*. V. III, no 2, jul/dez 1998. São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, p. 95-112.
- MELO, Sandra Maria Barros Alves. Percurso histórico da formação de professores para a escola primária no Maranhão: Império e República Velha. *IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, sociedade e educação no Brasil"* [anais], Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, 2012
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995
- MESQUIDA, Peri; FERREIRA, J. B. M. Uma escola norte-americana de língua alemã em Curitiba: Ellen White e o Colégio Internacional, 1896-1904. In: Maria Elisabeth Blanck

Miguel e Jacques de Lima Ferreira. (Org.). *Formação de Professores: História, políticas educacionais e práticas pedagógicas*. 1ed. Curitiba: Appris, 2015, p. 93-107.

MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil: um estudo de caso*. Trad. Celso Rodrigues Filho. Juiz de Fora: EDUJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994

MESQUIDA, Peri. Mulheres missionárias metodistas e educação no Brasil, de 1880 a 1920: A educação da elite republicana. *Revista Diálogo Educacional* (PUCPR), Curitiba, p. 65-78, 2005.

MESQUIDA, Peri. Um destino manifesto: a presença de mulheres missionárias metodistas na educação brasileira. VIEIRA C. R. A., NASCIMENTO, E. F. V. C. (orgs), *Contribuições do Protestantismo para a história da educação no Brasil e em Portugal*. Piracicaba: Editora Unimep, 2016

MIGNOT, A. C. V. ; SILVA, A. Lima. Un mundo imaginario: Rastros autobiográficos en la escritura de Kaurin. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, v. 20, p. 153-169, 2015.

MIGNOT, A. C. V. ; SOUZA, E.. Modos de viver, narrar e guardar: diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica. *Revista Linhas* (Florianópolis. Online) , v. 16, p. 10-33, 2015.

MIGNOT, A.C.; SANCHES, C.; PASSEGGI, M.C. (Orgs) *Infância, aprendizagem e exercício da escrita*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.

MIGNOT, Ana Chrystina Cignot, SOUZA, Elizeu Clementino. Sobre a coleção. VASCONCELOS, M. C. C., CORDEIRO, V. M. R., VICENTE, P. P. (orgs). *(Auto)biografia, literatura e história*. Curitiba, PR: CVR, 2014

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto*. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2002.

MIGNOT, Ana Cristina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Org). *Práticas de Memória Docente*. São Paulo: Cortez, 2003.

MILLS, Eva. 8:28. Lancaster: Brookshire Publications, 1976

MILLS, Eva. *Em lugar do espinheiro*. Belém: Missão Cristã Evangélica do Brasil [1982?]

MILLS, Eva. *Stories from parakeet country*. Lancaster: ufm internacional [1986?]

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. Horizontes pedagógicos e pianísticos nas escritas autobiográficas de Magda Tagliaferro. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 150 – 171, set./dez. 2015.

MOTTA, Diomar das Graças. Uma mulher professora nos sertões maranhenses. *II Congresso Brasileiro de História da Educação* [anais], 2002.

NASCIMENTO, Ester Fraga Carvalho, A influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia: reflexões iniciais. *Revista da SBHE*, São Paulo, n. 2, p. 9-38, 2002.

NASCIMENTO, Ester Fraga Carvalho. *A Escola Americana: Origens da Educação Protestante em Sergipe (1886-1913)*. Sergipe: UFS, 2004

NASCIMENTO, Ester Fraga Carvalho. A escola normal no instituto ponte nova. *Congresso Brasileiro de História da Educação V*. Anais, 2008.

NASCIMENTO, Ester Fraga Carvalho. *Educar, Curar, Salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical*. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2007

NASCIMENTO, Ester Fraga Carvalho. *Fontes para a História da Educação: documentos da Missão Presbiteriana dos Estados Unidos no Brasil*. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2008

NASCIMENTO, Ester Fraga. O Instituto Ponte Nova e a Formação de suas Professoras. *II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica*. Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si, 2006, Salvador-BA.

OLIVEIRA, Bety Antunes de. *Do arado ao cajado*. Livro disponível em <[https://issuu.com/hinologiacrista/docs/do\\_arado\\_ao\\_cajado\\_-\\_betty\\_antunes\\_](https://issuu.com/hinologiacrista/docs/do_arado_ao_cajado_-_betty_antunes_)> (acessado em 20/06/2017)

ORLANDO, Evelyn de Almeida. *Educação, Gênero e Cristianismo: circulação, representação, formação e práticas femininas em cenário religioso e educativo*. Projeto de pesquisa Edital Universal 2016

OSWALD, M.L.M; COUTO JUNIOR, D.R.; WORCMAN, K. (Orgs) *Narrativas digitais, memórias e guarda*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996

PERES, Eliane Teresinha; ALVES, Antônio Mauricio Medeiros (Org.). *Cartas de professor@s, cartas a professor@s: escrita epistolar e educação*. Porto Alegre: Redes, 2009. v. 1. 197p.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M. S. Côrrea. 2 ed. 3a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8, n. 18, ago/set.1989

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol 5, n. 10, 1992

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.) *A colonialidade do saber*. Eurocentrismo e Ciências Sociais. CLACSO livros, 2005.

RAMALHO, Jether P. *Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

REAPSOME, Janes. *The imitation of Saint Paul: examining our lives in light of his example*. Eugene, Oregon: Cascade Books, 2013

REILY, Ducas Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1984

RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas*. São Leopoldo: Oikos, 2009

SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república do Brasil*. São Luís: EDUFMA, 2006

- SANTOS, Lyndon de Araújo. Identidades evangélicas no Brasil: um ensaio histórico cultural dos seus ritos e subjetividades. In: PORTELA, C. S., SILVA, Joelma S., SANTOS, L. A., SANTOS, T. L., (orgs). *Leituras sobre religião: cultura política e identidade*. São Luís: EDUFMA, 2015.
- SILVA, A. L., ORLANDO, E. A.; DANTAS, M. J. (org.) *Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas*. Curitiba, PR: CVR, 2015
- SILVA, Abdoral Fernandes da. *A vida de um servo: biografia*, 2006[?]
- SILVA, Abdoral Fernandes da. *Nossas raízes: a história da Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Norte do Brasil (AICENB)*. 2 ed. São Luís, 1997
- SILVA, Abdoral Fernandes da. *Valorize sua identidade: AICEB 1905-2005*. São Luís, 2005
- SILVA, Alexandra Lima da. Narrativas de vida de ex-escravos como fonte/objeto para a história da educação. In: VASCONCELOS, M. C. C., CORDEIRO, V. M. R., VICENTE, P. P. (orgs). *(Auto)biografia, literatura e história*. Curitiba, PR: CVR, 2014
- SILVA, Elizete da. As mulheres protestantes: educação e sociabilidades. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano VII, n. 21, Jan/Abr de 2015
- SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia*. (tese de doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998
- SILVA, Wilton C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 103 - 136. maio/ago. 2015.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003
- SMITH, Dugal. *Fazendo progresso*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1986
- SOARES, Thais Gonsales Soares, VIEIRA, Cesar Romero Amaral. Educação protestante em Piracicaba: debates e representações no final do século XIX. In: VIEIRA C. R. A., NASCIMENTO, E. F. V. C. (orgs), *Contribuições do Protestantismo para a história da educação no Brasil e em Portugal*. Piracicaba: Editora Unimep, 2016
- SOUZA, E.C.; BALSSIANO, A.L.; OLIVEIRA, A.-M. (Orgs) *Escrita de si, resistência e empoderamento*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.
- SOUZA, Elizeu Clementino. PASSEGGI, Maria da Conceição. Apresentação. Dossiê (Auto)biografia e educação: pesquisa e práticas de formação. *Educação em Revista*. Vol. 27, n. 1 Belo Horizonte, 2011
- SOUZA, Rosa de Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1998
- STONER, Charles G. *A perspective on Theological education in north Brazil*. A major writing project submitted to the graduate council of the Luther Rice Seminary. In Partial Fulfillment of the requirements for the degree doctor of ministry. Georgia, USA, 1986
- STONER, Charles G. *Indians, Institutions and churches: A history of the Evangelical Christian Mission of Brasil – MICEB*. 1987
- TENNENT, Timothy C. *The Lausanne Movement: a range of perspectives*. Oxford: Regnum Books, 2014. Disponível em <<https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/o->

movimento-de-lausana-e-o-evangelicalismo-global-distintivos-teologicos-e-impacto-missiológico> (acessado em 5/04/2017)

VASCONCELOS, M. C. C., CORDEIRO, V. M. R., VICENTE, P. P. (orgs). *(Auto)biografia, literatura e história*. Curitiba, PR: CVR, 2014

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. “*É um romance minha vida*”: Dona Farailda, uma “casamenteira” no sertão baiano. Salvador: EDUFBA, 2017

VERAS, Rogério de Carvalho. *Entre bodes e embatinados*: representações de um conflito religioso no Maranhão. [monografia] Curso de História da Universidade Federal do Maranhão. – São Luís, 2005

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. Colégio Piracicabano: trajetória histórica e representação social (1881-1935). *Caderno de Pesquisa em Educação*, Vitória, v. 17, n. 33, p. 275-297, 2011

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. Notícias da educação metodista no Oeste Paulista: o Colégio Piracicabano. In: VIEIRA C. R. A., NASCIMENTO, E. F. V. C. (orgs), *Contribuições do Protestantismo para a história da educação no Brasil e em Portugal*. Piracicaba: Editora Unimep, 2016

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. *Protestantismo e educação*: a presença liberal norte-americana na Reforma Caetano de Campos – 1890. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo.

VILLAS BOAS, Sergio. *Biografismo*: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

VIÑAO FRAGO, Antônio. Historia de la educación e historia cultural. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, p. 63-82, set./dez. 1995.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. *Teias* – Revista da Faculdade de Educação da UERJ, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 82-97, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/20/22>> (acessado em 30/03/2016)

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. 4ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

XAVIER, Libânia Nacif. Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações. In: GOMES, Angela Maria de Castro. HANSEN, Patrícia Santos (orgs). *Intelectuais mediadores*: práticas culturais e ação política. Apresentação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016

ZIMMERMANN, Tânia Regina. MEDEIROS, Márcia Maria de. Biografia e Gênero: repensando o feminino in: *Revista de História Regional* 9(1): 31-44, Verão 2004

## FONTES DOCUMENTAIS CITADAS

### ARQUIVO PESSOAL EVA MILLS E FAMÍLIA DOEPP

Diário de Eva Mills (1928, 1929)

Correspondência enviada por Eva Mills aos pais em 12 de fevereiro de 1944.

Correspondência enviada por Eva Mills aos pais em 9 de outubro de 1944

Correspondência enviada por Eva Mills aos pais em 29 de dezembro de 1944.

Correspondência enviada por Eva Mills ao pai em 14 de dezembro de 1952.

Correspondência enviada por Eva Mills a David Mills em fevereiro de 1954.

Correspondência enviada por Eva Mills ao pai em 17 de janeiro de 1955.

Cartão postal enviado por Anna Davina Mills à Eva Mills em 4 de dezembro de 1975.

Correspondência enviada por Eva Mills a Anna Davina e George Doepp em 13 de maio de 1986.

Correspondência enviada por Eva Mills à Susan (Immanuel Baptist Church) em 14 de junho de 1986.

Correspondência eletrônica enviada por Bill & Jean à George Doepp em 21 de março de 2001.

#### JORNAIS E REVISTAS

LESSA, Vicente Themudo. Algumas notas sobre a evangelização do norte. *O Estandarte*, São Paulo, 7 nov. 1918, p. 3

LESSA, Vicente Themudo. Do Tietê à Bahia de São Marcos. *O Estandarte*. São Paulo, 31 ago. 1939, p. 2

MOLLOY, Mike. Changes taking place: Brazil is likened to giant arousing from sleep, unsure of direction. *Daily Press*, Newport News, Va., Sun., Aug. 14, 1966, p.12D

SILVA, Norval Oliveira. Lançada Bíblia na língua indígena Guajajara. *Brasil Presbiteriano*. ano 50, n. 638, nov. 2007

Brazil's poverty breeding unrest. *The New York Times*. Oct. 31, 1960

#### ENTREVISTAS

BEZERRA, Lenir Lopes. Entrevista concedida à pesquisadora em 21 de janeiro de 2017.

DERSTINE, Carol Sue. Entrevista concedida à pesquisadora em 5 de janeiro de 2017

DOEPP, George. Entrevista concedida à pesquisadora em forma de correspondência eletrônica [e-mail] em 23 de novembro de 2016

DREILING, Paul (Immanuel Baptist Church). Entrevista concedida à pesquisadora em forma de correspondência eletrônica [e-mail] em 3 de agosto de 2016

HARRISON, Carl. Entrevista concedida à pesquisadora em forma de correspondência eletrônica [e-mail] em 28 de agosto de 2017

LEITE, Jesuíno Ferreira. Entrevista concedida à pesquisadora em 7 de janeiro de 2017

MILLS, Eva Yarwood. Entrevista concedida a Charles Stoner em 25 de março de 1985.

REIS, Zélia. Entrevista concedida à pesquisadora em forma de correspondência em 2 de abril de 2016.